

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CIDADE GRIS
HETEROTOPIAS PEDESTRES



Figura 1 – Le témoin

Doutorando: Marcio Tascheto da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARCIO TASCHE TO DA SILVA

CIDADE GRIS
HETEROTOPIAS PEDESTRES

Porto Alegre

2016

MARCIO TASCHE TO DA SILVA

CIDADE GRIS
HETEROTOPIAS PEDESTRES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, linha de pesquisa Filosofias da Diferença e Educação, como requisito para o título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Zordan

Linha de Pesquisa: Filosofias da Diferença e Educação.

Porto Alegre

2016

MARCIO TASCHE TO DA SILVA

CIDADE GRIS

HETEROTOPIAS PEDESTRES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, linha de pesquisa Filosofias da Diferença e Educação, como requisito para o título de Doutor em Educação.

Aprovado em 25 de novembro. 2016.

Profa. Dra. Paola Zordan – UFRGS - Orientadora

Profa. Dra. Sandra Mara Corazza – UFRGS

Profa. Dra. Malvina do Amaral Dornelles – UFRGS

Prof. Dr. Eduardo Rocha – UFPEL

Prof. Dr. Giuseppe Mário Cocco – UFRJ

Não podemos nos movimentar o tempo todo. Movimentar e descansar, de repente, surge um espaço minúsculo. Um espaço onde descansamos e a partir do qual, pouco a pouco, ascendemos. Há um espaço de liberdade para descansar. Não precisamos nos mover o tempo todo, há esse cantinho. Nos movimentamos, mexemos, mas quando temos esse lugar para descansar, sentimos alívio. Depois, partirmos para outra. E descansamos de novo. Não crescemos quando estamos em movimento, sabiam? Mas quando paramos, descansamos e sonhamos – será que não é nessa hora que nosso espírito cresce?

(OHNO, 2016, p. 36)

Na cidade existem carros, pessoas e monstros.

(Bernardo Tasheto, 4 anos)

RESUMO

Esta tese investiga as relações entre cidade e subjetividade no contexto do bio-capitalismo cognitivo. Parte de quatro figuras subjetivas da crise econômica-antropológica (o endividado, o mediatizado, o securitizado e o representado), apontadas por Antonio Negri e Michael Hardt. A partir delas, fabula o tipo psicossocial do velocizado, figura transversal a todas as outras, elaborada junto a esta pesquisa para melhor mostrar o problema das dinâmicas urbanas e da circulação acelerada no mundo contemporâneo. Utiliza-se do método da dramatização deleuziana como estratégia de enfrentamento da velocidade molar, buscando construir perspectivas criativas aos modos de subjetivação contemporâneo na cidade. Entende-se, aqui, a cidade como uma mega-máquina onde coabitam ritmos e movimentos de controle, processos de normalização e distopias catastrofistas, e, ao mesmo tempo, dispersão de práticas de resistências, de fuga das segmentações do poder e de heterotopias desativadoras das axiomáticas do capital. Desativações selvagens, bárbaras e alter-civilizadas são mobilizadas para produzir, em plena fábrica do capitalismo pós-fordista (a cidade) disrupções no comando e outras formas de circulação da subjetividade. Máquinas primitivas, despóticas e cínicas são apresentadas para exercitar heterotopias pedestres de esgotamento do olhar, de miniaturizações portáteis, de reaprendizados para pisotear o mundo, de perseguições de epifanias fugazes. Enigmas do caminhar forjadoras de outras andaduras aceleracionistas.

Palavras-chave: Cidade, subjetividade, velocidade, heterotopia, pedestre.

ABSTRACT

This thesis investigates the relationship between city and subjectivity in the context of biocognitive capitalism. From four subjective figures of the crisis economic-anthropological (the debt, the mediated, the securitized, and the represented), pointed out by Antonio Negri and Michael Hardt. It is analyzed from them the psychosocial type of the individual who experiences a high speed lifestyle, cross figure to all the others, drawn from this research to better show the problem of urban dynamics and accelerated movement in the contemporary world. The method of dramatization of Deleuze as a coping strategy molar speed, seeking to build creative perspectives to contemporary modes of subjectivity in the city. Understanding the city as a mega-machine where cohabit rhythms and movements of control, standardization processes and catastrophic dystopias, and at the same time, dispersion of resistance practices, avoidance of segmentations of power, and deactivating heterotopias of axiomatic of capital. Wild deactivations, barbarous and alter-civilized mobilized to produce in full factory post-Fordist capitalism (the city), disruptions in charge and other forms of subjectivity circulation. Primitive, despotic and cynical machines appear to exercise pedestrians heterotopias of exhaustion view, portable miniaturization of relearning to stomp the world, of epiphanies fleeting persecution. Enigmas of walking forger of other accelerationist gaits.

Key words: City, subjectivity, speed, heterotopia, pedestrian.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Le témoin.....ABERTURA
Gilbert Garcin, fotografia.
Disponível em: <http://www.gilbert-garcin.com/photos/photo_2002_214.htm>
- Figura 2** - Change le Monde.....28
Gilbert Garcin, fotografia.
Disponível em: <http://www.gilbert-garcin.com/photos/photo_2001_175.htm>
- Figura 3** – Solitário.....49
Oswaldo Goeldi, 1929, xilogravura, 12,5 x 11, coleção Marilu Cunha Campos de Santos, Rio de Janeiro.
- Figura 4** - Eile ohne Rücksicht.....82
Paul Klee, 1935, carvão e aquarela sobre papel, 31,5 x 29,8 cm, coleção família Klee.
- Figura 5** – Silêncio.....101
Oswaldo Goeldi, 1957, xilogravura, 18 x 24,5, coleção Ary Ferreira de Macedo, Rio de Janeiro
- Figura 6** - Le Radeau de la Méduse.....106
Theodore Gericault, 1819, óleo sobre tela, 491x716cm, Museu do Louvre, Paris.
- Figura 7** – Le Prision.....117
Gilbert Garcin, fotografia.
Disponível em: <http://www.gilbert-garcin.com/photos/photo_2004_271.htm>
- Figura 8** - Night Shadows.....130
Edward Hopper, 1921, Água-forte, 17,6 x 20,8 cm, Nova Iorque, Collections of Whitney Museum of American Art, Legado de Josephine.
- Figura 9** – Puerto Azul.....140
Xul Solar, 1927, Aquarela sobre papel, 28 x 37 cm, Museu Xul Solar, Buenos Aires.
- Figura 10** – New York City I.....146
Piet Mondrian, 1942, óleo sobre tela, 119,3 x 114,2 cm, Musée nationale d’art moderne, Centre Georges Pompidou, Paris.
- Figura 11** – Revolução do Viaduto.....181
Paul Klee, 1937, óleo sobre fundo de óleo sobre algodão sobre fundo de cunha, 60 x 50 cm, Hamburger Kunsthalle, Hamburgo.
- Figura 12** – Cidade Gris.....200
Marcio Tascheto, 2015, fotografia digital, Passo Fundo.
- Figura 13** – Merzbau.....207
Kurt Schwitters, 1923, instalação artística, Hannover.

SUMÁRIO

CIDADE DE MARZIO	12
MÁQUINA SINÓPTICA	15
Coquetel subjetivo.....	15
Da pesquisa como enfrentamento ou como nasce uma contingência.....	17
Geofilosofias urbanas.....	22
CIDADE ESPECTRAL: CRISE URBANA, CRISE DA SUBJETIVIDADE	27
<i>Interlúdio I - Phantom city</i>	27
Istmo: entre o molar e o molecular.....	28
Crise das Megamáquinas, Figurações Subjetivas da Crise	33
Endividado.....	35
Mediatizado.....	37
Securitizado.....	38
Representado.....	40
Pedagogias do medo.....	41
CIRCULAÇÃO SITIADA: ERA DA SUBSUNÇÃO REAL	47
<i>Interlúdio II - Dilema do trem: isto ainda é um homem?</i>	47
Homem das multidões.....	49
<i>De Motu Cordis</i>	54
<i>Taxi Driver</i>	57
Segurança, território e circulação.....	59
<i>Nikê: “Velocidade na veia”</i>	64
Aparição do demônio na cidade.....	68
<i>Blasé da velocização</i>	73
VELOCIZADO: POLÍTICAS DE IMOBILIDADE URBANA	80
<i>Interlúdio III - Engarrafamento de Cortázar</i>	80
Pressa.....	82
<i>Akademia da velocidade</i>	84
Êxodos velozes, outras velocidades.....	93
HETEROTOPIAS DA MULTIDÃO DISPERSA	100
<i>Interlúdio IV- Cidade vulturina</i>	100
Espaços flutuantes.....	101

Ontologia da multidão dispersa: na Jangada da Medusa.....	106
Multidão e imanência.....	109
Multidão e classe.....	111
Multidão e potência.....	113
HABITAR O COMUM.....	116
<i>Interlúdio V – Aposentado da velocidade.....</i>	116
A Face de Janus do comum.....	117
O comum é produção.....	119
O comum é um conceito de classe.....	120
O comum não é uma utopia.....	121
Intuições do comum, pedagogia das tendências.....	123
Sujeitos larvares: a multidão como princípio de individuação.....	124
Pré-individual.....	125
Sujeitos anfíbios.....	128
Precursor sombrio.....	130
CIDADE GRIS: SELVAGENS, BÁRBAROS, CIVILIZADOS.....	138
<i>Interlúdio VI – Kínema noir.....</i>	138
Cidade-aquário.....	140
Mulas de Le Corbusier.....	146
Relato selvagem.....	150
Máquina territorial primitiva.....	154
O brasão da cidade.....	161
Máquina despótica bárbara.....	162
À espera dos bárbaros.....	168
<i>Gerry: “Acelerar pela estrada fora”.....</i>	169
Máquina capitalista: a idade do cinismo.....	170
Aceleracionismo: como usar o futuro.....	176
HETEROTOPIAS PEDESTRES: NOTAS DE RODAR	
PÉS.....	180
<i>Interlúdio VII – Klamauk.....</i>	180
Leituras erráticas, cidades excertas.....	181
Nota de rodar pés I: esgotamento do olhar.....	183
Nota de rodar pés II: minituarização portátil (visitar Liliput diariamente).....	187

Nota de rodar pés III: <i>stalker</i> (arte da perseguição).....	190
Nota de rodar pés IV: passeios esquizos (Mead-Gambardella).....	194
<i>APÉ</i> : O enigma do caminhar.....	197
CIDADE DE MERZS	201
REFERÊNCIAS	208

CIDADE DE MARZIO

Numa cidade há centenas de cidade, não basta ser homem para fundar uma, mas quase.

(TAVARES, 2010, p. 52)

Várias vezes me falaram de um homem que trabalha em sua casa na Vila Rodrigues, em Passo Fundo. Trabalha em uma réplica da cidade que esconde há anos. Construída com os mínimos detalhes, bairro por bairro, vila por vila, casa por casa, rua por rua. Árvores, declives, barrancos, pedras. Nada escapa, nem mesmo as ranhuras das ruas, suas imperfeições. Está construída em uma escala tão reduzida que podemos vê-la de uma só vez, próxima e múltipla, como que à distância. Uma sensação de afastamento nos invade sempre que olhamos para essa cidade. A cidade sempre está longe. E essa sensação de afastamento tão de perto é uma sensação inesquecível. Veem-se as pessoas, os edifícios e praças tão de perto que quase nos sentimos íntimos. Não é um mapa nem uma maquete, é uma máquina sinóptica. Tudo está ali, reduzido e menor. A cidade é a cidade de Passo Fundo, porém alterada pelos devaneios microscópicos do construtor. Dizem que o homem é um fotógrafo, ganha a vida no registro da cidade por onde passa meses perambulando. Chama-se Marzio e acredita que a cidade real depende de sua réplica, por isso está louco. Ou melhor, por isso não é um simples fotógrafo. Alterou as relações de representação, acreditando que a cidade real é a que esconde em sua casa. A outra, apenas uma miragem ou lembrança. A planta acompanha os trajetos geométricos dos primeiros tropeiros, suas caravanas, acampados nas margens do Rio Goio-En. Marzio a imaginou como uma cidade perdida na memória, porque o real não é o objeto da representação, mas o espaço em que se dá um mundo fantástico. A construção só pode ser visitada por um espectador por vez. Porque a cidade deve ser lida, e a leitura é um ato solitário. Precisa do isolamento, da intimidade. Por isso o sigilo e o mistério que cercam a sua construção até hoje. A cidade de Marzio é um templo em miniatura onde entra um olhar a cada vez. Ficamos imaginando o fotógrafo sob a luz vermelha do seu estúdio, senhor de sua arte, pensando que sua máquina sinóptica é uma chave secreta do destino e aquilo que se altera em sua cidade se reproduz em seguida nos bairros e nas ruas da Passo Fundo real, só que de modo ampliado e sinistro. As modificações e os desgastes que marcam sua réplica tornam-se reais em Passo Fundo. Por isso, sua réplica guarda as mais profundas imperfeições, traduzindo os defeitos em escalas menores, sob a forma de breves catástrofes e acidentes inexplicáveis. A cidade se refere à percepção solitária da presença do que se perdeu, fixando

imagens nítidas do que já não vemos, mas que continua existindo como fantasmas e que vivem entre nós. A obra de Marzio, construída no último andar do prédio mais alto da cidade, tensiona o real e o imaginário, fabulando uma cidade que, mesmo mínima, possui o infinito em suas partes. Uma obra clandestina, feita em segredo. Fechada e fora do tempo, possuindo a condição da arte, desgastando-se, mas nunca envelhecendo. A arte é uma forma sintética do universo, um microcosmo que reproduz a especificidade do mundo. Há alguns dias resolvi visitar a cidade de Marzio. Fomos eu e um amigo. Caminhamos pela rua Moron, batizada com esse nome pelas batalhas da guerra do Paraguai. Dobramos na rua Benjamin, atravessando a avenida Brasil, artéria que corta a cidade de Passo Fundo no sentido leste-oeste. Há ruas que funcionam como pontes sobre o abismo, inevitável travessia para quem busca algum lugar. Passamos pela Lava Pés e chegamos na rua dos Relojoeiros. Rua onde se concentravam esses importantes artesãos do tempo mecânico no final do século XIX. Tocamos uma campainha antiga, em contraste com o prédio ultramoderno, talvez porque esses objetos são feitos nas camadas do tempo, e o tempo é simultâneo. Fomos recebidos por um homem sombrio, com barba espessa e olhar tranquilo. Nos conduziu por escadas adornadas de mármore, uma espiral de degraus até o elevador mais próximo. Lá Marzio pediu que meu amigo se detivesse. Me escolheu como única testemunha daquela tarde chuvosa. À medida que subíamos os andares intermináveis do prédio, um frio tomava conta do ambiente. Em seus olhos, ardia uma centelha misteriosa. Chegamos ao último apartamento. Marzio me indicou no final do corredor uma portinhola pequena e frágil. Andei pelo corredor observando os desenhos e os quadros que decoravam as paredes. Mapas antigos de cidades utópicas, cidades reais, pinturas urbanas de Xul Solar, De Chirico, solidões femininas de Hopper, paralelas de Mondrian, pontos cinzas de Klee, xilogravuras de Goeldi. Fotos de ruas desertas de Eugène Atget, escalas desproporcionais de Gilbert Garcin. Vi também a Jangada da Medusa, de Gericault, não entendi porque estava ali. Marzio era um homem melancólico. O corredor proporcionava uma sensação de apequenamento, como se algo diminuísse a cada passo que eu dava em direção à portinhola. Havia uma inscrição estranha na portinhola, algo que se assemelhasse a um jogo, uma espécie de tabuleiro antigo, gravado na altura dos meus olhos, como se aguardasse por séculos os seus jogadores. Um jogo por ser descoberto. Quando abri a portinhola, uma sensação incrível percorreu o meu corpo, vi a cidade de Marzio. Estava logo abaixo de duas lucarnas, em ângulo zenital com a parede mais externa. Distante e próxima, mais real do que a realidade, mais indefinida e mais pura. Tudo estava ali, o rio, as avenidas, praças, ruas, casas, bairros, vilas. A leste, a caravela da entrada da cidade, o bairro Boqueirão; a oeste, a universidade, seus arredores, plantações infundáveis. O bairro Záchia, a cidade nova, as

ocupações. Seguindo o serpentear da linha do trem, estavam as famílias do beira-trilho. Próximo da rodoviária, enxerguei os índios Kaingangs, as esquinas prostituídas, nordestinos vendendo redes, um menino brincando sozinho com cubinhos de madeira. Também enxerguei a pensão onde se concentra a maior parte dos senegaleses. Indianos, haitianos vendendo bugigangas no centro da cidade. Vi o bairro Vergueiro com suas casas de luxo. Vi muitos brancos no centro e muitos negros depois do asfalto. Vi o Valinhos e o bairro Vera Cruz. Vi no fundo a rua dos Relojoeiros, o prédio, e, por uma janela, a luz vermelha que cintilava o laboratório do fotógrafo. Observei por muito tempo, hipnotizado, como se estivesse alucinado e adormecido. Tentei captar o movimento imperceptível que pulsava na diminuta cidade. Por fim, olhei-a pela última vez. Era uma imagem remota e única que reproduzia a forma real de uma obsessão. A cidade de Marzio era uma sinópse de Passo Fundo, uma espécie de máquina. Com um sentimento de estupor, me afastei da máquina de Marzio. Ele esperava em uma sala ampla com um olhar irônico, sentado em uma poltrona verde. Aproximou-se de mim e me perguntou: - viu? Disse que sim, com um leve aceno de cabeça. – agora, então – disse ele –, pode ir contar o que viu. Me acompanhou até a porta do seu apartamento e se despediu gentilmente. Meu amigo não estava mais na entrada do prédio. Não sei quanto tempo tinha se passado depois que entrei na sala onde estava a máquina sinóptica de Marzio. Caminhei pelas calçadas arborizadas do Bairro Vergueiro. A microscópica cidade circular se perfilava como uma lembrança inesquecível. “Naquele momento, compreendi o que já sabia: o que podemos imaginar sempre existe, em outra escala, em outro tempo, nítido e distante, como um sonho” (PIGLIA, 2006, p. 17).¹

¹ Livre adaptação do conto/prólogo de Ricardo Piglia na obra “Último Leitor” (PIGLIA, 2012, p.11-17). Qualquer semelhança com pessoas, lugares ou fatos reais é mera fantasia.

MÁQUINA SINÓPTICA

Não é um mapa nem uma maquete, é uma máquina sinóptica.

(PIGLIA, 2006, p.11).

Coquetel subjetivo

Antes de entrar no plano de conjunto desta tese, é preciso apresentar o pesquisador e seus dilemas, suas tensões e válvulas de escape. Espécie de antessala da pesquisa, o pesquisador funciona como um terminal² por onde atravessa um conjunto de forças, biológicas, sociais, mentais. Vetores múltiplos que agrupam semióticas econômicas, jurídicas, científicas e de subjetivação.³ Entendendo subjetivação não como um recipiente onde se depositam diferentes coisas, resultando num processo de interiorização subsequente e invariável, mas como um processo aberto no qual se entrecruzam “determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, e tantas outras” (GUATTARI, 2010, p.43). Situar o pesquisador nesse jogo de vetores e compleições de procedências diversas torna didática e processual a compreensão dos interesses desta pesquisa, suas escolhas e não escolhas, seus excessos e seus silêncios.

Homem branco, casado, morador da cidade de Passo Fundo/RS⁴ desde janeiro de 2011, professor e funcionário da Universidade Passo Fundo/UPF⁵, o pesquisador ministra as

² “Esse terminal individual se encontra na posição de consumidor de subjetividade, ele consome sistemas de representação, de sensibilidade, etc., os quais não têm nada a ver com categoria, naturais universais” (GUATTARI, 2010, p.41).

³ Tal como esquematizado por Félix Guattari no ensaio “As três ecologias”. O autor estabelece uma tríade, articulando ética e politicamente o que chama de “ecosofia” em três registros ecológicos (meio ambiente, relações sociais e a subjetividade humana). Compreendendo a subjetividade humana como um conjunto heterogenético de componentes em constante estado de remodelação (GUATTARI, 2001, p.25).

⁴ Localizada na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil. Cidade polo da região do Planalto Médio, com uma população estimada em 2016 em 197.798 habitantes e uma área territorial (km²) de 783.421, correspondendo a uma densidade demográfica de 235, 92 hab/km² (Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE. Site: <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em 06 out. 2016).

⁵ Fundada em 1968, a Universidade de Passo Fundo é a principal Instituição de Ensino Superior do Planalto Médio. Considerada uma instituição pública não estatal de caráter comunitário, a UPF está organizada em um sistema

disciplinas de Processos educativos em espaços não escolares, Economia e educação, Tópicos especiais e História da educação, no curso de Pedagogia, além de coordenar a Divisão de Extensão na mesma universidade. Com uma carga mensal de 40 horas, divididas em dois contratos de trabalho diferentes (8 horas como professor e 32 horas como funcionário), o pesquisador segmenta o seu tempo entre os desafios da gestão, as exigências pedagógicas de sala de aula, os compromissos familiares e o universo do doutoramento.

Com uma média salarial bruta girando em torno de dez mil reais ao mês, complementa sua renda submetendo-se a contratos curtos de prestação de serviços a editoras, consultorias ao Ministério da Educação/MEC, bolsas de projetos governamentais e palestras. No ano de 2013, suas economias lhe permitiram deixar o aluguel para trás, adquirindo um apartamento de dois dormitórios, dois banheiros, área de serviço, sala e cozinha conjugada, sacada e garagem para um carro, financiado em 35 anos (com taxa de juros ao ano de 7,53%). Empolgado com o aumento da expectativa de vida em sua cidade, 74 anos para mulheres e 72 anos para homens, estima pelo menos dois anos na tranquilidade da casa própria e quitada⁶ – embora saiba que esse leve aumento na expectativa de vida vai gerar descontos no fator previdenciário das aposentadorias, uma vez que essa pequena elevação impacta no saldo bancário.

Porém, o sentimento de insegurança do pesquisador é mais imediato. Assustado com os altos índices de crimes contra pessoas e o patrimônio em sua cidade, em todas as cidades, consensou com os demais condôminos a contratação de uma empresa de vigilância privada. O prédio foi equipado com um sistema de alarme, monitoramento 24 horas e cerca eletrônica, garantindo a proteção de sua família e do seu patrimônio.

Apesar de não ter carteira de habilitação e ser usuário do transporte coletivo, possui um carro popular, parcelado em 36 meses, usado por sua esposa e estratégico para as viagens curtas no dia a dia da cidade. O carro está coberto por seguro, mesmo que nunca tenha sido preciso usá-lo, o que garante um bônus de desconto anual. Seus dois filhos estão em escolas privadas, o que compromete um percentual de 20% ao mês do total de seus ganhos mensais. Além da escola, seu filho mais velho faz curso de inglês e aulas de violão à parte. O caçula permanece no turno inverso da escola em três dias da semana, menos por uma escolha

multicampi com sede em Passo Fundo e unidades em Carazinho, Casca, Lagoa Vermelha, Palmeira das Missões, Sarandi e Soledade.

⁶ Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

pedagógica e mais pela necessidade da família, eis que ambos os pais não têm parentes na cidade e não têm com quem deixar o menino quando estão trabalhando.

A família recentemente se associou em um clube, onde usufrui aos finais de semana de uma sede campestre que possui um complexo estrutural com piscinas, churrasqueiras, quadras de esporte, pracinhas. Um lugar zeloso, limpo e seguro, ao contrário da maioria dos espaços públicos da cidade de Passo Fundo. Todos na família estão cobertos por planos de saúde privados e possuem atendimentos periódicos de odontologia, pediatras e outros profissionais da saúde. Também é importante destacar que a família possui TV a cabo, telefone e internet, pagos em um pacote único, lhe permitindo acompanhar os jogos de futebol, filmes e animações infantis conforme os desejos de seus membros nos finais de semana e momentos de lazer.

Da pesquisa como enfrentamento ou como nasce uma contingência

Por que detalhar a esse nível a vida do pesquisador? Porque é nesse interím que as escolhas teóricas, os autores e as suturas de pesquisas começaram a se constituir. “Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI, 2010, p.34)⁷. Nesse emaranhado de forças – econômicas, jurídicas, sociais, midiáticas, culturais –, é que as semióticas científicas começaram a ganhar contornos e delineamentos mais precisos. Na produção da própria subjetividade. “É este o terreno de onde deve partir nosso projeto ético e político” (NEGRI; HARDT, 2016, p.10). Nas inquietações do dia a dia, nos limites e dificuldades do trabalho, no endividamento e sua política de austeridade, negociando as escolhas e as não escolhas, seu modo de vida. No futuro hipotecado. Nos direitos que viram mercadorias. Na velocidade dos débitos e créditos para saldar as inúmeras contas, os

⁷ Deleuze e Guattari (2004) distinguem três tipos de máquinas: máquinas técnicas, máquinas sociais e máquinas desejantes. Apesar de suas imbricações de funcionamento, cada uma delas possui formas específicas de operar. A questão que importa é como funcionam? Como operam os seus cortes, seus movimentos, seus fluxos? Máquinas técnicas, inumanas, com seus motores e operacionalidades que não dependem dos homens. Máquinas sociais, nas quais as peças são os próprios homens (reverberando e deglutindo Marx dos Grundrisse, distinguem três máquinas sociais: Máquina territorial primitiva, máquina despótica bárbara e máquina capitalista ou cínica). Máquinas desejantes, formadas por fluxos moleculares, ativações minoritárias, intensidades, velocidades diferenciais, disformes. Todas elas sobre a ressalva que são sempre “máquinas de máquinas” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 07), bricolagens, amálgamas de processos uns sobre os outros, formas instáveis que funcionam em estado permanente de crise.

inúmeros compromissos, as inúmeras tarefas. Na busca por qualificação profissional para aumentar seus graus de empregabilidade. No próprio doutoramento, seus prazos exíguos, seu nível de exigência, suas amarras institucionais. Nas definições de entretenimento, espaços de lazer e avanços midiáticos em sua própria casa, na educação de seus filhos. Em suas culpas e angústias. Nos medos urbanos, no sentimento de insegurança, nos territórios segmentarizados da cidade, cercas elétricas, câmeras de segurança, vigias. Espaços de lazer segregados e condomínios. Nas diferentes relações com a cidade, nas práticas pedagógicas. No esgotamento e na vontade de liberdade. Na impotência e na vontade de sair dela. Nas amarras diárias e nos desatinos de uma vontade de vidas outras. Oscilando entre dois extremos: de opressão “na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e criação na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade” (GUATTARI, 2010, p.42), enfatizando um processo que Guattari chamou de “singularização”. Daí nasce o desejo de pesquisa, nas entrelinhas de suas segmentações, nas zonas opacizadas, em seus pontos gris,⁸ pois o homem do capitalismo, o homem comum coetâneo “não é Robinson, mas Ulisses, o plebeu astucioso, o homem médio qualquer, habitante das grandes cidades, proletário autóctone ou migrante estrangeiro, que se lançam no movimento infinito – a revolução” (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p.128-129).

Crise urbana e crise subjetiva não são objetos distanciados da vida do pesquisador, mas enfrentamentos e investidas de pesquisa como reação criativa, busca de saída e soluções para os impasses cotidianos. Transpassado pelas quatro figuras subjetivas da crise propostas por Antonio Negri e Michael Hardt⁹, o próprio pesquisador individualiza os dilemas do seu tempo, nos labirintos do trabalho, no cenário da cidade em que habita, nas aporias de sua existência como um todo.

Nesse intermeio, vamos logo esclarecer que se trata de uma tese conceitual. Uma tese que, em linhas gerais, versa sobre cidade e educação, trazendo um escopo de questões, mas que se prende em um ponto de intensidade: como a multidão dispersa produz heterotopias pedestres

⁸ Uso a referência estética de Paul Klee, zonas cinzas de encontro entre os opostos, espaços sem formas definidas, lugares de escape de lógicas únicas e possibilidade de produção de outras formas de criação (KLEE, 2001).

⁹ Negri e Hardt propõem quatro tipos psicossociais primários: o endividado, o mediatizado, o securitizado e o representado. Funcionam como instâncias subjetivas individuais e coletivas da crise do capitalismo atual, essencialmente a partir da explosão da bolha hipotecária de 2007 nos Estados Unidos, que levou a uma crise de proporções mundiais (NEGRI; HARDT, 2014, p.09).

na cidade? O cenário é a cidade de Passo Fundo. Utiliza-se da dramatização deleuzeana, uma abordagem que investiga os dinamismos, os fluxos das determinações espaços-temporais, pré-qualitativas e pré-ativas, buscando apreender os processos de subjetivação por intermédio de sujeitos esboços, desenvolvendo ideias em interface com topologias e tipologias psicossociais (DELEUZE, 2006). A dramatização objetiva “[...] produzir um movimento de pensar, capaz de colocar o espírito fora de toda representação” (CORAZZA, 2012, p.8)¹⁰. O “método”, a errância. A deambulação pela cidade como forma de afetação do pesquisador.

Cinco passos: o passo literal, a caminhada pela cidade. Passo dois, o encontro com sujeitos-gris. Sujeitos larvares, singularidades encontradas na cidade de Passo Fundo, a saber os kaingangs, os senegaleses, os beira-trilhos. Como essas singularidades afetam o pesquisador? Que pistas deixam escapar para a produção de pensamento e aprendizagens sobre a cidade? “Sublinhando que um ‘tipo’ é constituído pela nuance ou qualidade da vontade de poder e pela relação de forças correspondentes, e que todo o resto é sintoma [...]” (CORAZZA, 2012, p.11). O passo três compreende a identificação, o mapeamento, as fotografias, envolve mapas impossíveis, mapas virtuais da cidade de Passo Fundo, dados, localização dos espaços heterotópicos. O passo quatro, o religamento dos pontos, a constelação heterotópica. O quinto e último passo, reverberações de heterotopias pedestres, fluxos, processos, mobilidade, simografias corporais. Pensar esses espaços como intersecção entre o molar e o molecular¹¹. Máquinas sinópticas de invenção da cidade. Seguir as aprendizagens que são exercitadas nesses lugares. A hipótese do direito à cidade e o direito à educação fusionados em espaços heterotópicos, ou seja, o acesso à cidade em seus serviços e estruturas, em seu potencial de aprendizagem, em suas diferentes dimensões educativas. Micropolíticas de resistência e

¹⁰ CORAZZA, Sandra. *O Drama do Currículo: Pesquisa e Vitalismo de Criação*. Caxias do Sul, ANPED SUL, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/128/786>>. Acesso em 05 jun. 2015.

¹¹ Gilles Deleuze e Félix Guattari compreendem o molar e o molecular como duas séries distintas, porém, atravessadas por interfaces, prolongamentos e coexistências. A ordem molar corresponde a estratificações que delimitam objetos, sujeitos, representações, segmentações duras como profissão, sexo, classe, raça. A ordem molecular, os fluxos, devires, intensidades, velocidades diferenciais, segmentações flexíveis, virtualidades, mundos infinitesimais (DELEUZE; GUATTARI, 2005).

invenções cotidianas de alternativas ao neo-nihilismo contemporâneo¹² a partir de usos e invenções do espaço. Daí heterotopias da cidade indisciplinada. Uma cidade que inventa rotas de fuga ao aprisionamento urbano e subjetivo. Advertimos que os passos não são lineares, sequenciais. Funcionam como uma caminhada para frente, com retornos súbitos, paradas, descanso. Correria, agachamento, suspensão. Novos passos. Passo sem destino. Passos sem propósitos, pé postos. Uma arte pedestre, movendo-se para muitos lados, inventando direções. Gestos de *butô* que ultrapassam e trapaceiam a linearidade em uma dança arrítmica, erótica e violenta. Vertendo posições, novas perspectivas. Cruzamento teórico e empírico. É preciso sentir-se na cidade, nas ruas, nos encontros súbitos, nas paradas forçadas. A tese seguirá esse ritmo trôpego. “Errante, nômade, esse pensamento não pretende chegar a nenhum lugar, apenas saber se orientar no *spatium* que constitui o plano” (ZORDAN, 2014, p.120).¹³ Com idas e vindas, avanços e retrocessos. No entanto, serão sempre cinco passos. Para entender melhor essa caminhada e ajustar as funções dessa primeira máquina, vamos imaginar um mapa urbano e dividi-lo em nacos, zonas de vizinhança heterogenéticas que compõem os conceitos que trabalharemos nesta pesquisa, sem esquecer que é um mapa “aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 2004a, p.22). Pode ser “rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.22), porque mais “do que um método de criação, a cartografia é uma maneira de estudar um campo problemático, suas linhas de composição, movimentações e múltiplas entradas” (ZORDAN, 2014, p.123). O primeiro naco versa sobre a crise urbana como crise subjetiva. As figuras-tipos da crise. Entraremos pela portinhola de uma cidade espectral. Deambularemos pela cidade da especulação financeira; da espetacularização; do medo; do nihilismo político; da aceleração molar da catástrofe; da velocidade da vida; da circulação sitiada, mas também começaremos a anunciar errâncias, perguntas, colecionar alternativas, deixar escapar pegadas imetódicas, outras velocidades. Os problemas de pesquisa vão nascendo nesse primeiro estilhaço, seus primeiros objetivos, hipóteses, sua incipiente fabulação. Por dentro dessa escrita teremos os interlúdios, que funcionarão como rasgos no

¹² Adaptação do conceito de nihilismo criado pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche no final do século XIX. Em um sentido restrito, trata-se de uma espécie de mal-estar existencial e político gerado por um sentimento de ausência de alternativas e perspectivas diante dos problemas contemporâneos (PELBART, 2014).

¹³ ZORDAN, Paola. *Das Maneiras de Escrever uma Pesquisa*, p. 120. Artigo revista digital LAV – VOL. 7, n.2, p.117-130.- mai./ago.2014. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2/index.php/revislav/article/view/15109/pdf_1> Acesso em 05 jun. 2015.

corpo comum do texto, trazendo uma forma literária livre para enfatizar as considerações teóricas e experimentais da pesquisa. “Por isso, mais do que um método de cortes e traçados, a cartografia trata da maneira pelas quais os fluxos distribuem-se, ou seja, trata das maneiras de devir” (ZORDAN, 2014, p.124). Processos minoritários que proliferam multiplicidades, reverberações, deslocamentos e tráficos de perspectivas, colagens, conexões, elementos residuais que vão compondo cenários, figuras e fabulações. O segundo naco avança por categorias, aclarando as ferramentas, obras, autores, conceitos mais precisos com o que queremos dizer com heterotopia, multidão, comum. Com quem dialogamos, que pensamentos, com que nível de abordagem, quais obras. Embora os nacos sejam porosos, cheios de pontos de ligação, no segundo amparamos melhor o leitor em nossos objetivos de pesquisa, seus desdobramentos. A heterotopia em cinco princípios: presente em diferentes sociedades, transitória, simultânea, temporal e num constante jogo de abertura e fechamento com o espaço circundante. A multidão em três terrenos: imanência, classe e potência. O comum em cinco teses: forma da produção e fonte de novas relações sociais, sua dimensão produtiva, de classe, seus aspectos heterotópicos e suas instituições e tendências.

O terceiro e último naco é inconcluso. Vai até os limites e as prospecções desta tese. Remete a um texto invisível e movido por notas de rodar pés. Traz o desejo da pesquisa de forma abundante. Apresenta os sujeitos-gris em contornos borrados. Anuncia a vontade de encontrar suas heterotopias na cidade de Passo Fundo. O selvagem, o bárbaro, o alter-civilizado. Máquina territorial primitiva, máquina despótica, máquina capitalista. Seus fazeres heterotópicos dispersos acelerando estrada afora. A alternativa aceleracionista. Modos de usar o futuro. Pontos de intersecção do pré-pós-individual em fragmentos de espaço da cidade. Precusores sombrios. Mais anúncio do que constatação. Heterotopias pedestres como premissa. O terceiro naco é o porvir da pesquisa. Não se trata, no entanto, da conclusão que faltou, a peça ausente do quebra-cabeça. Trata-se do porvir da pesquisa. A chance de refazê-la em outro tempo e outras perspectivas. “Não quer trilhar os caminhos já traçados, as pontes já construídas, obriga o pesquisador a transgredir as metodologias, saltar de um lugar ao outro e criar uma ‘pluralidade imetódica’” (ZORDAN, 2014, p.126). Suas aberturas ao imprevisto, ao impensado, ao invivido. A aresta apaixonante da reversibilidade que a qualquer momento pode colocar tudo de pernas para o ar. O terceiro naco é aposta, prospecção. Depende do “outro”. De outras leituras, das afetações da cidade. Das sugestões da universidade. Do tráfico de sensibilidades. Uma sequência heterogenética de heterotopias pedestres. A necessidade do

esgotamento do olhar; a necessidade de ser portátil; a necessidade reaprender a pisotear o mundo; a necessidade de perseguir epifanias fugazes.

Temos, então, o plano de conjunto da dramatização. A cidade como lócus da pesquisa. A cidade de Passo Fundo como zona de intensidade do fazer pesquisa, para criar uma topologia fabulatória. Temos figuras subjetivas da crise e sujeitos-gris, como tipologia. Temos a heterotopia como ponto de inflexão das singularidades. Temos nostas de rodar pés para heterotopias pedestres. Lugares que se ramificam em operações criativas, pequenos tempos de insubordinação, lufadas de intensidade que conduzem individuantes insubmissos, essencialmente fluxos de descodificação, reservas de ser aberrantes (OLIVEIRA, 2014). O que sempre perseguiu coduzir a pedagogia? Perseguir a condução, ser pego pela mão do outro, do outro-selvagem, do outro bárbaro, do outro-da-civilização. O infante é a sua obsessão. Conduzir o que ainda não se tornou homem, que não aglutinou o campo de forças da demasia humana. A pedagogia sempre perseguiu a querela maldita que ainda persiste, força inumana, subjetividade traficada no contrabando de afetos, mapas alopáticos à tradição humanística. Ao avesso, heterotopias pedestres são arroubos desacelerados, condução do individuado a dar de frente com o individuante, olhar nos olhos da impermanência, ver o que resta de fuga em cada olhar. Máquina cinética-pedagógica dos fluxos, máquina-cinética pedagógica dos passos.

Geofilosofias urbanas

A cidade é o plano de imanência desta pesquisa, sua geofilosofia¹⁴. A cidade como uma máquina de subjetivação. A cidade é indisciplinada. A cidade é desescolarizada. A cidade vence os espaços do planejamento, da racionalização. A cidade modula outros modos de aprendizagens. A cidade é o lugar do saber vivo. A cidade é o objeto. O objeto ultrapassa o real. A cidade é gris. Parte da cidade de Passo Fundo para uma pesquisa de singularidades que se desprendem do espaço da cidade. Seus processos, fluxos, modos de subjetivação, formas de produção do espaço urbano, hibridismos. Primeiro, tipos psicossociais da crise: o endividado, o mediatizado, o securitizado, o representado, o velozizado. Zonas cinza de modos de vida. Produtos e processos da crise urbana. Efeitos concretos da financeirização da vida. Efeitos

¹⁴ Uma atmosfera ambiente, uma paisagem onde orbitam os tipos psicossociais. Não se contentando em somente oferecer uma geografia, um lugar onde a história aconteça, mas um meio que possibilite entender os aspectos contingentes por onde circulam as individualizações e seus processos constituintes (DELEUZE; GUATTARI, 2001).

concretos da espetacularização da cidade. Efeitos concretos da administração dos medos. Efeitos concretos da crise da representação. Efeitos concretos da velocização do capital. Fabulações virtuais de subsunção da vida. Neo-niilismo biopolítico. Partimos da espetacularização midiática, das cidades espectrais de um comercial televisivo. Suas segmentações molares e moleculares. Infilete a deambulação pela crise urbana como crise da subjetividade. Em seu desenho, perfila tipos psicossociais e suas arquiteturas subjetivas. Cria uma nova figura subjetiva, transversal. O velocizado é antítese da produção heterotópica. O avesso do comum. Indiferencia os espaços da cidade em acelerações do capital. O engarrafamento de Cortázar ilustra a tentativa de fuga da velocidade. Dessa velocidade. Começamos a abrir mais a perspectiva da errância como imétodo. Deambulações na cidade como forma de afetação. A pesquisa erra. Porém, erra enquanto abertura, busca por uma forma de pensar a cidade e a educação na cidade caminhando pela cidade. Primeiro passo. Passo literal. A experiência de vida do pesquisador, morador da cidade de Passo Fundo. Morador da Vila Rodriguez, centro-periferia da cidade. O trajeto cotidiano promove o cruzamento com os senegaleses, com índios kaigangs, com moradores da beira do trilho. A experiência cotidiana da cidade é o plano inicial da pesquisa. Na cidade, nascem heterotopias. Singularidades se insinuam em suas esquinas. Espaços que cruzam o caminho do pesquisador. Antonio Negri e Michael Hardt são centrais nesse primeiro naco. São eles que trouxeram as quatro figuras primárias da crise, prisma de onde brota a figura-tipo do velocizado. Também Guattari e Deleuze abrem as cortinas da tese. Linhagem maldita que vai do Anti-Cristo e suas batalhas travadas contra a tradição metafísica-cristã (NIETZSCHE, 2007), ao Anti-Narciso, livro ainda não escrito, cujo “propósito seria caracterizar as tensões conceituais que atravessam e dinamizam a antropologia contemporânea” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 19), passando e reverberando pelo Anti-Édipo, estratégias de desativação dos mecanismos edípicos da produção de subjetividades da máquina capitalística (Deleuze; Guattari, 2004). Outros vão chegando, Poe, Foucault, Sloterdijk e Virilio principalmente. O espaço da circulação como problema. Por fim, trago os situacionistas, por intermédio de Berenstein, para tratar das deambulações. Uma constelação teórica vai sendo composta para dar conta dessa primeira leitura da cidade. A leitura pela lente da crise. Também perguntas vão sendo colocadas, ou melhor, afinadas. O primeiro naco prepara o terreno da caminhada posterior. Coloca o problema da dispersão heterotópica, da vontade de identificação, entendimento, hipóteses de pedestrialização em meio ao fazer da multidão. Vai abrindo o frêmito de rompimentos com a circulação sitiada. Fura o círculo do medo com os pés.

O segundo naco nasce com o interlúdio sobre a criação da lanterna mágica. As sombras das figuras subjetivas da crise sendo dissipadas com a ajuda das ferramentas conceituais. Vem à tona os conceitos de heterotopia, multidão e comum. Chaves de leitura desta tese, centrais para o entendimento da proposta imetódica e das escolhas teóricas. Desdobra as cinco premissas adotadas por Foucault para os contornos de uma ciência espacial, a heterotopologia. A heterotopia como um fenômeno universal, transitório, simultâneo, temporal e num constante jogo de abertura e fechamento com o espaço circundante. Vamos nos aproximando do conceito de heterotopia e suas potencialidades. Também nos aproximamos do conceito de multidão. Com o texto seminal de Antonio Negri, abrimos três linhas de interpretação do conceito de multidão: a multidão como imanência, classe e potência. Heterotopia e multidão perfilam linhas contíguas. Os espaços da diferença sendo pensados como resultado da cooperação de um conjunto de singularidades. Os espaços da diferença como pontos de resistência e criação no tecido urbano. Organização espacial de forças coprodutivas da cidade. Aqui, o comum começa aparecer com mais destaque. Usamos as cinco teses sobre o comum de Gigi Roggero como base para explorar melhor esses aspectos inter-relacionados. A ideia é reforçar conceitualmente, cercar a temática, aprofundar suas perspectivas com a abertura dos três conceitos: heterotopia, multidão e comum. A forma como cada conceito ressoa no outro dá ensejo às possibilidades e potencialidades que a pergunta/ponto de intensidade extravasa. O interlúdio seguinte ajuda nesse processo de entendimento com a historietta do ex-homem-bala, a qual exprime a necessidade de perder velocidade para dar passagem para outras acelerações. Visão de conjunto, figuras subjetivas da crise começando a ser contrapostas pelo conceito de multidão, heterotopia e comum. Por isso, a necessidade de aprofundamento desses conceitos, pois preparam o terreno para o entendimento do que estamos chamando heterotopias pedestres.

O terceiro naco nasce no interior do segundo e avança para a prospecção do que há de vir na pesquisa. Apresenta com maior cuidado o conceito dos sujeitos larvares através de autores como Simondon, Deleuze e Virno. O método da dramatização ganha melhores contornos e as intencionalidades esboçadas em outros momentos desta tese buscam uma afinação maior. Ensaíamos uma primeira apresentação dos sujeitos-gris (kaingang, senêgales, beira-trilho), como tipologia de fluxos e movimentações singulares no terreno da cidade. Embora guardando correspondência com as experiências empíricas do pesquisador, não podem ser confundidos com sujeitos ou identidades culturais. São tipos psicossociais criativos à crise, estratégias e táticas de desativação da velocidade molar. A desconstrução do velocizado e suas formas de efetuar modos de vida configuram o pano de fundo dos combates que são travados

na pesquisa e a busca de singularidades para compor uma rede de cooperação tendencial. Nesse sentido, funcionam como vetores para o entendimento de práticas de resistência e criação de espaços heterotópicos na cidade de Passo Fundo. Pontos de intersecção entre o campo do virtual e do atual¹⁵, individuações sociais¹⁶. De posse do método da dramatização como arsenal adotado, vamos usar como agente de comunicação diferencial a perspectiva inaugurada por Deleuze do “precursor sombrio” (DELEUZE, 2006, p.133). Espécie de dobradiça que nos permitirá captar as zonas de intersecção entre os fluxos de singularização e os indícios espaciais, suas heterotopias. O terceiro naco permite uma consciência mais clara do plano de conjunto da tese, dando maior possibilidade para pensar máquinas territoriais primitivas, máquinas despóticas bárbaras, máquinas capitalísticas ou cínicas. Selvagens, bárbaros e alter-civilizados como mecanismos de desativação das circulações sinistras das axiomáticas do capital. Desarticulação necessária para contrapor o suicídio circular com novas formas de circulação da subjetividade. Daqui nascem perspectivas assíncronas, como máquinas cinéticas-pedagógicas da cidade. Abrir seus experimentos de andarilhagem, levar o olho até as últimas consequências da visibilidade. Tornar-se portátil e leve. Reaprender a pisar na cidade e descobrir as subversões do ir. Caçar epifanias fugidias no terreno do comum. Encontrar a rua do mundo, seus logradouros, pois entendemos, assim como Zordan, que “cartografar os agenciamentos dionisíacos é também estudar a topologia do desmembramento e a tipologia da aniquilação”, o

¹⁵ Para Bergson, ao invés de dois mundos distintos, o mundo sensível e o mundo das ideias, há dois movimentos distintos, dois sentidos de um único e mesmo movimento. Os movimentos da matéria e os movimentos da duração. O filósofo salienta a coexistência entre eles, como uma existência sobreposta. Essa operação lhe permitiu, segundo Deleuze, conceber o passado e o presente como coexistentes justamente por estarem na mesma duração. Não mais um isto e depois aquilo, um passado sucedido por um presente que se torna passado. Mas a intersecção de aberturas virtuais em pleno átimo do presente. Com isso, abre a possibilidade de pesarmos duas sequências de pares: o virtual/atual e o possível/real. Pares que se imbricam num jogo constante de cruzamentos e diferenciações. Que colocam, em um mesmo plano do ser, duas metades que se implicam em um processo constante de diferenciação. O ser aparece como a expressão de uma tendência antes de ser uma causa. Entender o ser como um misto, duas metades de um mesmo movimento, redireciona o entendimento da matéria, ampliando o campo do empírico na tensão entre tendências. Numa dimensão subjetiva, a tendência enquanto sujeito-esboço constitui um modo inovador de pensar as relações de forças que compõem os processos de subjetivação, pois não parte do dado, do sujeito individuado, tirando todas as consequências possíveis da realidade, daquilo que se atualizou, virou sujeito. Mas parte do dado para ultrapassá-lo, buscando intuir no dado as distinções de natureza que o interpenetram e o lançam para o indeterminado, seus fluxos, devires. Ou seja, seu processo constante de individuação, de diferenciação de si (DELEUZE, 1999a, 2006).

¹⁶ Destacamos que por individuações sociais queremos nos descentrar da questão do sujeito. Como destaca Guattari, o sujeito foi sempre concebido enquanto “essência última da individuação, como pura apreensão pré-reflexiva, vazia, do mundo como foco de sensibilidade, da expressividade, unificador dos estados de consciência” (GUATTARI, 2000, p.35). O que buscamos com o conceito de individuação social é destacar a composição múltipla de vetores de subjetivação que colocam o indivíduo como um ponto de retração de tendências. Germes de uma subjetividade absorvedora e aberta a novas composições, mais individuante do que individuado (GUATTARI, 2000).

que nos provoca a “experimentar a reversibilidade das linhas de morte e o jogo mágico que as transforma em linhas vitais” (ZORDAN, 2014, p.138).

CIDADE ESPECTRAL: CRISE URBANA, CRISE DA SUBJETIVIDADE

As máquinas de guerra vêm aí, mas não tenha medo. O problema não são as máquinas que se aproximam da cidade, são as máquinas que já aqui estão.

(TAVARES, 2010, p.15)

Como infletir o destino coletivo em um sentido menos serial, para retomar um termo caro a Jean-Paul Sartre? Tudo dependerá da refinalização coletiva das atividades humanas e, sem dúvida, em primeiro lugar, de seus espaços construídos. Mas o que serão as mentalidades urbanas do futuro? Levantar essa questão já é um pleonasma, na medida em que o porvir da humanidade parece inseparável do devir urbano.

(GUATTARI, 2000, p.170)

Interlúdio I

Phanton City

O carro desliza suavemente pelas ruas de uma grande metrópole. O homem e a mulher percebem não sem espanto que algo sai do comum nesta cena. A cidade é só deles. As ruas estão vazias em pleno dia. Calçadas, viadutos, praças, cruzamentos, prédios, corroboram com uma paisagem deserta. Uma música harmoniosa intensifica a sensação de conforto interna ao veículo, uma sensação de privacidade em pleno espaço urbano. Em meio ao estranhamento, o carro estaciona. A mulher abre a porta. Desce. De repente, tudo a sua volta muda. Operários trabalhando, barulho de sirenes, acidentes, poluição visual, acúmulo de pessoas, ambulâncias, bombeiros, vendedores ambulantes, violência, a multidão da metrópole reaparece feito uma imagem do Hades - ou de uma descrição de Emanuel Swedenborg e William Blacke sobre o inferno. A mulher retorna para o carro. Fecha a porta rapidamente. A cidade volta a ser deserta. Não há mais ninguém além do homem e da mulher e do carro. A metrópole torna a ficar vazia. Trocam olhares aliviados. Ressoa uma música harmônica. A tela escurece e uma voz em off anuncia: “todo o resto é indiferente”¹⁷. Uma nova mitologia do dia a dia é construída sob os auspícios de uma cidade abandonada. Como nas imagens de Eugène Atget,

¹⁷ Propaganda de automóvel disponível no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=GrYzJgTbF4Q>> .>

fotógrafo que registrou o vazio das ruas parisienses “como se fossem os cenários de um crime”¹⁸, o comercial televisivo produz indícios que inflexionam em uma mesma ideia/imagem características do capitalismo contemporâneo, do processo de urbanização em curso e da construção de modos de vida.



Figura 2 - Change le Monde, Gabriel Garcin

Istmo: entre o molar e o molecular

Somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário. À segmentariedade pertencem todos os estratos que nos situam espacialmente. Trabalhar, habitar, brincar. A casa é dividida em cômodos. Cozinha, quartos, banheiros, salas. O lugar de dormir, amar, descansar. O lugar de comer, o lugar de higienizar-se, defecar. Somos segmentarizados em nossos bairros, ruas, na ordem da cidade. Somos segmentarizados nas fábricas, escritórios, salas de aula. Somos segmentarizados binariamente, homem e mulher, velhos e novos, crianças e adultos, brancos e pretos. Somos segmentarizados circularmente, “as ocupações de meu bairro, de minha cidade, de meu país, do mundo... somos segmentarizados linearmente, numa linha reta, em linhas retas” cada segmento representando

¹⁸ No belo comentário de Walter Benjamin reproduzido por Susan Sontag, na obra “Sobre a fotografia” (SONTAG, 2013, p.201).

um processo, um episódio “mal acabamos um processo e já estamos iniciando outro, demandantes ou demandados para sempre, família, escola, exército, profissão” (DELEUZE; GUATTARI, 2004a, p.84). A vida dividida em fases. Há tempo para isso e para aquilo. Não há tempo. Sempre recomeçando algo. Nunca terminando nada. Somos segmentarizados em linhas cada vez mais duras. A cidade é uma dessas máquinas de segmentações.

“Toda a sociedade, mas também todos os indivíduo, são pois atravessados por duas segmentariedades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004a, p.90). Na cidade, temos linhas que estabelecem planos territoriais, organizações espaciais, planejamentos de ruas e avenidas. Espaços privados e espaços públicos, temos segmentações molares de todas as ordens, dado que não vivemos em um espaço liso. Estriamentos e posições diversas nos perfazem habitantes de cruzamentos, paradas. Ao mesmo tempo, nos interessam as macropolíticas da cidade seus planos diretores, seus estatutos, direitos, suas grandes questões sobre saneamento, segurança, mobilidade. Segmentações molares em um conjunto díspar e simultâneo. Por outro lado, temos um conjunto molecular de atravessamentos, micropolíticas cotidianas. “Microperceptos inconscientes, de afectos inconscientes, de segmentações finas, que não captam ou não sentem as mesmas coisas, que se distribuem de outro modo, que operam de outro modo” (DELEUZE; GUATTARI, 2004a, p.90). Porque não basta definir as segmentações apenas na dimensão molar, com suas divisões enrijecidas e no plano geométrico do desenho urbano. Tampouco circunscrever ao molecular somente espaços de escape e proposições menores às grandes linhas problemáticas que a cidade assume como suas. É preciso perceber os ângulos inventivos de uma criação incessante de espaços, de fluxos, de processos, dos contrapoderes concomitantes ao conjunto contíguo de segmentações. Linhas de escape, linhas de comunicação, linhas embaralhadas no plano de fundo de pequenas afecções cotidianas, microperceptos, pedagogias menores sobre a cidade. Cidades menores que não param de renascer dos embriões de espaços difundidos, escondidos. Escaninhos espaciais cheios de vida, repletos de mecanismos moleculares de existências “uma inventividade ou criatividade permanente que se exercem inclusive contra os regulamentos administrativos” (DELEUZE; GUATTARI, 2004a, p.91).

Entre as linhas molares e moleculares, nesse istmo, nessa estreita faixa territorializante de intersecções diversas, é que o cenário da crise urbana se configura como desdobramento subjetivo, bifurcando-nos nas segmentações dos espaços e na composição dos indivíduos, mesmo que do ponto de vista de sujeitos anfíbios. Podemos perguntar iterativamente junto às circulações do pensamento: que fazeres heterotópicos a multidão dispersa está produzindo na

cidade? Como esses espaços se configuram na composição de tipos que compõem potências para práticas pedestres?

Perguntas que dão largada a um agenciamento complexo¹⁹ em níveis molares e moleculares, articulados em pelo menos dois momentos distintos nesta pesquisa: *i*) a situação sintomática do jogo deambulatório de aporias, ideias, tendências e percepções da crise urbana como crise da subjetividade²⁰. Daí deflagrando cinco figuras subjetivas da crise: o endividado; o mediatizado; o securitizado; o representado (Negri; Hardt, 2014); e o velocizado. Em especial a essa última, o velocizado, reteremos maior atenção por duas razões. Por se tratar de uma criação original desse processo de pesquisa e, finalmente, por se tratar de uma estratégia epistêmica singular para responder às questões capilares desta tese. O velocizado é a figura²¹ a ser problematizada nesta investigação. De onde partimos para pensar a originalidade da proposta, sua composição como figura-tipo de um encontro de tendências. A forma expressa na figura reúne uma sintomatologia²² de vetores de subjetivação, no caso, os que se materializam em práticas urbanas. E, ao mesmo tempo, procura-se a desconstrução necessária da figura do velocizado para a liberação de outros processos de subjetivação. O velocizado funciona como uma dobradiça nesta tese. Sua construção e desconstrução encontram-se no cerne da pesquisa. Para produzir outras formas de vida, para produzir outras práticas urbanas, é preciso enfrentar a velocidade do capital e seus assujeitamentos. A construção do velocizado e a sua desconstrução são a tônica que permite entender a pesquisa como um duplo movimento: o movimento de velocização do capital e o movimento de abertura para outros aceleramentos. A velocização da cidade por um modo de vida agenciado pelas semióticas econômicas, jurídicas, sociais, midiáticas do bio-capitalismo e uma abertura para formas de produção da cidade que

¹⁹ Segundo Guattari (2000, 2001), um conjunto de matérias expressivas heterogêneas, aglomerando diferentes enunciações parciais, multicomponencial, se instalando de algum modo antes e ao lado da relação sujeito-objeto (GUATTARI, 2000, 2001).

²⁰ Na perspectiva de Guattari (2000, 2001), a subjetividade como produção. Fluxo contínuo de sensações, modos de existir, de imagens, sons, afetos, valores e formas de consumo literalmente fabricadas no amálgama de instâncias sociais, culturais, técnicas, institucionais, coletivas e individuais. Em suma, um arquipélago maquínico de produção de subjetividade. Nesse sentido, vê-se as cidades como produtoras de subjetividade (GUATTARI, 2000, 2001).

²¹ As figuras são investigadas junto ao seu “universalismo” expressivo e formal, com atenção aos seus desvios canônicos. Todas as figuras pesquisadas “testemunham sua própria impossibilidade de figurar um corpo, sendo a própria figura não mais que uma forma para dar corpo a um conceito. (...) sua ação, produtora de discursos, se afasta do sentido dado pela linguagem, tornando a figura imagem de sua própria expressão” (ZORDAN, 24° Reunião da Associação Nacional de Pesquisas em Artes Plásticas – ANPAP, Santa Maria, 2015).

²² “Sendo o sintoma uma alteração de um ‘funcionamento normal’ de um órgão ou organismo, algo sentido por um corpo, ao modo de Foucault (1995), estudar tais signos contingentes permite que possamos enxergar, quando não ‘tratar’ aquilo que desorganiza modos já estabelecidos de pensarmos um campo/corpo” (ZORDAN, 2015, p.185).

geram alterações e diferenças em meio à própria cidade maior. *ii*) o segundo momento intensifica a abertura das categorias anunciadas e os seus desdobramentos para esta pesquisa: heterotopia, multidão e comum. Bem como, a dramatização selvagem, bárbara e alter-civilizada para heterotopias pedestres. Os espaços da diferença, o estriamento de microcidades que não param de surgir, tais como o fazer disperso de um conjunto de singularidades e a composição de modos de habitar e produzir cidade no escopo de uma troca incessante e abundante de microinformações. Chamaremos esses dois momentos de movimentos da dramatização, isto é, acontecimentos sucessivos referentes a diversos níveis de tensão. Uma forma de dramatização das ideias que nos permitirá perceber o devir das forças e a forma como agem nelas. Para tanto, seguiremos as propriedades roteirizadas por Deleuze (2006, p. 129):

Os dinamismos espaços temporais têm várias propriedades: 1º) eles criam espaços e tempos particulares; 2º) eles formam uma regra de especificação para os conceitos que, sem eles, permaneceriam incapazes de se dividirem logicamente; 3º) eles determinam o duplo aspecto da diferenciação, qualitativo e quantitativo (qualidades e extensos, espécies e partes); 4º) eles comportam e designam um sujeito, mas um sujeito “larvar”, “embrionado”; 5º) eles constituem um teatro especial; 6º) eles exprimem ideias. Sob todos esses aspectos, eles figuram o movimento da dramatização.

A figuração do movimento da dramatização seguirá esses aspectos. No plano de conjunto, teremos uma topologia, tal como encontramos em Nietzsche²³, mudando o espaço onde circulam os signos, produzindo um ponto de vista das singularidades em seus complexos maquínicos. Uma topologia que permita coordenadas e perspectivas diversas, dramatizando a cidade escolhida como campo de pesquisa em territorializações que servirão de palco para um jogo cênico onde a figura-tipo do velocizado e os sujeitos larvares, que apresentam os tipos psicossociais do indígena, do imigrante e do marginal, se constituirão em suas diferenças e combates. Portanto, uma topologia que se coaduna com uma tipologia que vai se constituindo como teatralização de sujeitos-gris que funcionam como tendências de uma nova subjetivação nas heterotopias pedestres. Temos a cidade como um campo múltiplo de interações, acoplamentos, justaposições e fabulações. Temos sujeitos anfíbios sintomáticos de velocizações capitalísticas. Temos figuras antitéticas e liberadoras de outros aceleramentos, lentificações, paradas, novos aceleramentos. Temos heterotopias e istmos embrionários. Os

²³ Deleuze argumenta que o filósofo alemão é um pensador que dramatiza seus conceitos, situando-os em forma de acontecimentos que se sucedem. Compara Nietzsche a uma espécie de diretor teatral, porque não apenas fez uma filosofia de teatro mas inseriu o teatro na filosofia (DELEUZE, 2006).

conceitos são inventados, criados como ferramentas de intuição. “Toda a criação é singular, e o conceito como criação propriamente filosófica é sempre uma singularidade.” (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p.15). Múltiplo e ziguezagueante, sem contornos claros, ao mesmo tempo em que opera nas tipologias que roubam a cena nas primeiras páginas, opera também no solo de pesquisa, instaurando mecanismos, modos de funcionamento de tendências, redes de conexões, gambiarras, delírios, zonas de intensidade. Sairá das delineações iniciais e intencionais, ganhando o espaço entre os indivíduos, ganhando os espaços do cruzamento, as esquinas, os espaços outros das heterotopias. Vales, montes, platôs, ruas, quintais, quartos, portas, pedaços de terra, corredores, escadas, bancos de pedra, jardins, jangadas, embarcações, carros, mesquitas, barracões, choupanas, pensões. Seria uma taxonomia borgeana²⁴ se não estivéssemos falando de heterotopias concretas por onde passa uma sintomatologia de tipos de singularidade. Sintomas fornecidos regularmente (FOUCAULT, 2006). Ainda que dispersos territorialmente. Heteropias diversas. A dramatização conceitual se compõe de dinâmicas e determinismos pré-qualitativos e pré-extensivos “que têm por ‘pacientes’ sujeitos-esboços, que têm por ‘função’ atualizar ideias...” (DELEUZE, 2006, p.145), captar tendências. Tipos que encarnam complexos de espaço e tempo. Figuras de distinção que teatralizam cenas, teatralizam ipseidades. Tipos que dramatizam sintomatologias, que organizam um “cenário sintomatológico” (FOUCAULT, 2006, p. 404).

“Nesse caso, nosso ponto de ataque são as formas dominantes de subjetividade produzidas no contexto da crise social e política corrente.” (NEGRI; HARDT, 2014, p.16). Destacam-se: formas dominantes de subjetivação que instituem figuras sintomáticas da crise no transcurso de práticas de fazer cidade. Sujeitos-esboços de um campo embrionário de processos de atualização da cidade, ou seja, um conjunto de condições possibilitadoras “que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (GUATTARI, 2000, p.19). A opção pelo viés heterogenético de componentes de subjetivação, escavando a subjetividade em estratos múltiplos, se deve, na tônica de Guattari, a uma escolha em apreendê-la em sua dinâmica de criatividade processual. “O importante nesse caso não é o resultado final mas o fato de o método cartográfico multicomponencial coexistir

²⁴ Um acúmulo de coisas, ideias e seres reais e irreais sem relação alguma. Taxonomia borgeana que pode ser traduzida com este fragmento do próprio Borges, no livro dos seres imaginários “Um livro dessa índole é necessariamente incompleto; cada nova edição é o núcleo de edições futuras, que podem multiplicar-se ao infinito” (BORGES, 2011, p. 09).

com o processo de subjetivação [...]” (GUATTARI, 2000, p.23-24), isto é, em coproduzir um processo de subjetivação que insere a pesquisa em uma escolha ética e estética. Portanto, um descentramento da questão do sujeito para os processos de subjetivação, para os conjuntos de singularidades que emergem da multiplicidade maquínica. “É que as singularidades do mundo servem de princípios para a constituição de individualidades: cada indivíduo envolve certo mundo de singularidades [...]” (DELEUZE, 2006, p.138), onde se atualiza esse conjunto de singularidades? Pergunta e responde Deleuze: entrelaçam-se no próprio corpo dos indivíduos.

Leia-se bem: conjunto de singularidades que se atualizam nos corpos, estratégias micropolíticas de desativação das axiomáticas do capital. O pré e o pós individual como foco, como campo prévio/posterior onde se exprime o indivíduo de próximo a próximo, saídas diagonais. Campo cósmico de interações e reiteraões, hibridizações da megamáquina da cidade.

As cidades são imensas máquinas – *megamáquinas*, para retomar uma expressão de Lewis Mumford – produtoras de subjetividade individual e coletiva. O que conta, com as cidades de hoje, é menos os seus aspectos de infraestrutura, de comunicação e de serviço do que o fato de engendram, por meio de equipamentos materiais e imateriais, a existência humana sob todos os aspectos em que se queira considerá-las (GUATTARI, 2000, p.172).

Crise das megamáquinas, figurações subjetivas da crise

No caldo comum das megamáquinas (aqui tomada como a cidade), a crise se instaura transversalizando o individual e o coletivo. Para Maurizio Lazzarato (2014), a crise da subjetividade contemporânea é inseparável do projeto central da política capitalista, tornando-se impossível apartá-la da crise econômica. Da mesma forma que não podemos separá-la dos fluxos econômicos e sociais, a crise da subjetividade contemporânea está profundamente entrelaçada com a crise urbana. Nesse sentido, a narrativa proposta no interlúdio I torna-se emblemática quando desertifica a cena urbana, dissolvendo a cidade do seu papel de engendramento da existência humana. A crise urbana é uma crise da subjetividade.

O capitalismo não para de lançar modelos subjetivos e produzir mundos. Uma das suas grandes vertentes da atualidade é a sua capacidade de investir em formas de vida como um processo constante de articulação de fluxos econômicos, financeiros, culturais e sociais de tal maneira que a economia política se torne uma economia subjetiva. Podemos sustentar, na

esteira das lições de Félix Guattari e Maurizio Lazzarato, que “a crise sistêmica e a crise de produção de subjetividade estão estritamente interligadas” (LAZZARATO, 2014, p.14). A reconfiguração enfeixada pelo capitalismo pós-fordista destruiu as relações sociais anteriores e não colocou nada em troca. Operando uma série de acoplamentos valorativos e organizacionais, virou do avesso as formas de trabalho, as relações com o tempo e, essencialmente, as relações com o espaço e desse com o corpo.

Se em Lazzarato (2014) o capitalismo contemporâneo funciona na conjugação entre sujeição social e servidão maquínica, desvirando a virada linguística da cena central e removendo os escombros de uma crítica sem autocrítica, de modo que os eixos de uma semiótica a-significante se desprendem da subordinação ao mero "individual". Dessa forma, a crítica articula o molar ao molecular, na composição dos "individuais" aos "dividuais". Se considerarmos a tese da megamáquina e trouxermos para a compreensão da cidade (como a maior e a mais complexa de todas máquinas), temos a seguinte hipótese: a perspectiva foucaultiana da centralidade do corpo como a encruzilhada do poder disciplinar e da norma, que enrodilhava a um só tempo, segurança, território e população, se vê ultrapassada ou aprimorada. É o espaço urbano o local do ajuntamento e do... ajustamento. A megamáquina do controle agencia afetos, modelizações, histórias e temas personológicos. O espaço urbano torna-se o ponto de encontro entre a sujeição e a servidão, constituindo a máquina abstrata por excelência. O direito à cidade é o direito à vida (claro, sem esquecer de uma política dos corpos). No conjunto, as segmentações molares e moleculares empobrecem o jogo interativo dos espaços, produzindo o achatamento de formas de vida e o esvaziamento do urbano do convívio inventivo e das relações entre diversos segmentos sociais.

Para Fuão (2002), esse esvaziamento dos espaços da cidade teria sido antecipado enquanto tendência pelas reflexões propostas pelo filósofo Flusser, no ensaio intitulado “Phanton City”.

[...] escrito para uma exposição fotográfica que percorreu algumas cidades da Europa nos anos de 85 e 86. A exposição mostrava fotografias de vários autores, cujo tema era a cidade sem pessoas. Este material constitui um desdobramento da visão premonitória do papel da fotografia como imagem técnica, e da exclusão do homem das atividades públicas da cidade. [...] retirar a figura humana da fotografia da

arquitetura é retirar a alma da cidade e da própria arquitetura, é ver nelas somente a beleza e o caráter objetivo (FUÃO, 2002, p.1).²⁵

Destacando o processo de mudança em curso pelo viés da comunicação, Fuão analisa as diversas mutações das cidades enfatizando a depreciação dos espaços públicos e o desaparecimento da função da arquitetura como promotora de comunicação. Preocupado em demonstrar como a fotografia em arquitetura sempre esteve de alguma maneira ligada com “[...] a ausência da figura humana na representação arquitetônica, seja por fotos, seja por projeções” (FUÃO, 2002, p.1), desdobra os efeitos dessa tendência em tornar a cidade anti-humanista. Essa cidade desanimada e deserta corrobora com a crise de subjetividade contemporânea e com a espetacularização do espaço comum.

Se a crise é sistêmica e permanente, como insiste Giuseppe Cocco (2014), como ela se traduz nas subjetividades? E, em se traduzindo nas subjetividades, como se espacializa no cotidiano das cidades? Para Michael Hardt e Antonio Negri (2014), o triunfo do neoliberalismo não mudou apenas os termos da vida econômica e política, modificou também as condições sociais e antropológicas, produzindo pelo menos quatro figuras subjetivas.

A hegemonia das finanças e dos bancos produziram o *endividado*. O controle das informações e das redes de comunicação criaram o *mediatizado*. O regime de segurança e o estado generalizado de exceção construíram a figura oprimida pelo medo e sequiosa de proteção: o *securitizado*. E a corrupção da democracia forjou uma figura estranha, despolitizada: o *representado* (NEGRI; HARDT, 2014, p.21).

O endividado, o mediatizado, o securitizado e o representado são o saldo subjetivo da crise, estruturando um terreno social emblemático onde o campo de forças contemporâneo orbita em um sentimento que transversaliza a todos: o medo.

Endividado

A necessidade de contrair dívidas para viver está se tornando a condição social geral. Financiamento da casa, seguros de saúde, escolas privadas, gastos com previdência, consumo exacerbado de itens, segurança, etc, são sintomas de um modo de vida que tem na dívida sua

²⁵ FUÃO, Fernando Delfino de Freitas. Cidades Fantasmas. Arqtextos, São Paulo, 03.025, Vitruvius, jun 2002 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/03.025/777>>. Acesso em 26 set. 2014.

estratégia de sobrevivência: “A rede de segurança social passou de um sistema de bem-estar social para um de endividamento” (NEGRI; HARDT, 2014, p.22).

O acúmulo de dívidas desencadeia um processo de responsabilização e culpabilização pessoal, transformando-se rapidamente numa modulação das vidas a um protocolo fechado das existências. Um duplo processo de culpabilização age de forma a colocar na conta do indivíduo todos os motivos das intempéries sociais: o endividamento financeiro é seguido de um endividamento moral.

Espécie de figura central da crise, o endividado dramatiza o avanço neoliberal sobre as políticas públicas, desarticulando a rede de proteção social e entregando serviços e direitos aos ditames do mercado. “O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado” (DELEUZE, 2006, p.224), sujeito da transição entre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle²⁶, agrega uma trama diagramática de formas vigilância e monitoramento no espaço e no tempo.

A dívida promove uma forma de controle que não mais está sujeita a apenas restrições espaciais, como nas fábricas do período fordista, mas na hipoteca do próprio tempo. Sujeito de sua dívida, o homem endividado negocia o futuro para garantir sua sobrevivência e o pagamento de suas contas, negociando sua própria biografia.

Segundo Richard Sennet (1999), com o todo o seu tempo comprometido em honrar suas dívidas, pouco resta para uma vida autoral e o controle de sua própria vida. Suas escolhas de trabalho e formas de existência vão se achatando, constituindo uma série de restrições e de perda de horizontes coletivos. Um dos efeitos perniciosos do endividamento é a personificação de problemas estruturais e sistêmicos da sociedade capitalista. O indivíduo cada vez mais assume sozinho a responsabilidade por suas dificuldades financeiras e psicológicas, destituindo-se de qualquer projeto coletivo de mudança social e de auto entendimento.

²⁶ Nas palavras de Pelbart: “A sociedade disciplinar não conseguiu penetrar inteiramente as consciências e os corpos dos indivíduos a ponto de organizá-los na totalidade de suas atividades. A relação entre poder e indivíduo era ainda estática, e além disso era compensada pela resistência do indivíduo. Na sociedade de controle, o conjunto da vida social é abarcado pelo poder e desenvolvido na sua virtualidade. A sociedade é subsumida na sua integralidade, até os centros vitais de sua estrutura social: trata-se de um controle que invade a profundidade das consciências e dos corpos da população, atravessando as relações sociais e as integralizando” (PELBART, 2003, p. 82-83).

Mediatizado

Só, correndo de um lado para outro para dar conta de suas dívidas, com o seu tempo sequestrado pela necessidade de trabalhar cada vez mais devido à perda de direitos, aos arrochos salariais e ao declínio do seu poder de consumo, o sujeito endividado torna-se bastante suscetível de uma invasão informativa, mediatizando seus afetos.

Antigamente, muitas vezes se tinha a impressão de que, em relação à mídia, a ação política era reprimida principalmente pelo fato de que as pessoas não tinham acesso suficiente às informações ou aos meios de comunicar e expressar suas próprias visões. De fato, os governos repressivos atuais tentam limitar o acesso a sites, fecham blogs e páginas do facebook, atacam jornalistas e bloqueiam acesso às informações. Reagir a essa repressão é certamente uma batalha importante, e muitas vezes testemunhamos como as redes midiáticas e o acesso a elas rompem afinal e inevitavelmente todas essas barreiras, frustrando as tentativas de fechamento e silêncio. No entanto, estamos mais preocupados a respeito de como os atuais sujeitos mediatizados sofrem do problema oposto, sufocados pelo excesso de informação, comunicação e expressão (NEGRI; HARDT, 2014, p.27-28).

Enclausurado em montanhas de informação e preso ao constante estar “on”, não mais dispõe do tempo necessário para pensar e viver algo singular. Impossibilitado de reconhecer as fronteiras entre o tempo de trabalho e o tempo livre, mobilizando sua atenção para os diversos canais de interação e conectividade, o sujeito contemporâneo nos parece menos um sujeito alienado e mais um sujeito mediatizado. Invaso por imagens do consumo em todas as horas do seu dia, o sujeito mediatizado dispersa sua consciência ao mesmo tempo em que tem sua atenção absorvida. Consumidor passivo de valores e estilos de vida, vai compondo visões de mundo pauperizadas, alimentado-se de signos do poder e ideais de felicidade. Com a experiência submetida quase que unicamente aos meios de comunicação, o sujeito mediatizado se assujeita a padrões e diretrizes irradiadas pelo mercado. Se a entrada da comunicação na esfera produtiva²⁷ caracteriza fortemente o capitalismo contemporâneo, tornando o trabalho imaterial e afetivo, a mediatização da vida representa uma virada de época significativa que,

²⁷ “Na época pós-materialista, as matérias-primas mais importantes são o saber e a inteligência, as qualidades cognitivo-materiais ativadas ao longo dos processos produtivos. As matérias-primas físicas, fundamentais na época fordista, perdem peso diante dos recursos humanos imateriais na determinação dos preços finais de bens e serviços” (MARAZZI, 2009, p.59). Para uma compreensão mais aprofundada dessas análises neomarxistas inovadoras sobre capitalismo cognitivo, bioprodução e trabalho imaterial, recomendamos a leitura da introdução escrita por Giuseppe Cocco na obra *Trabalho Imaterial*, de Antonio Negri e Maurizio Lazzarato (2013).

por intermédio do fortalecimento do sentimento de insegurança, constrói um paradigma de produção que necessita dos afetos e dos signos do terror para seu sucesso.

Se para Flusser (2011) as imagens são mediações entre o homem e o mundo, e se na contemporaneidade conhecemos o mundo essencialmente através das imagens, segundo Luhmann (2005), pergunta-se: que mundo/cidade experimentamos através das “cidades fantasmas” do sem número de mediatizações? Qual é o impacto subjetivo nas práticas urbanas? Que cidade se origina daí? Que cotejos há entre essa cidade deserta e a cidade do nosso cotidiano? Se é o “aspecto mole, impalpável e simbólico o verdadeiro portador de valor no mundo pós-industrial” (FLUSSER, 2011, p.41), que regime de signos estamos construindo ao ponto de construir estilos de vida baseados na irrealidade de uma cidade vazia e espectral?

Securitizado

Hardt e Negri ancoram sua terceira figura subjetiva da crise na obsessão contemporânea por segurança. O medo é um dos grandes mecanismos de controle da atualidade, nutrindo formas de vida atemorizadas pelos perigos mais diversos.

O securitizado vive com medo em relação a uma combinação de punições e ameaças externas. O medo em relação aos poderes dominantes e sua polícia é um fato, mas mais importante e eficaz é o medo de outras e desconhecidas ameaças perigosas: um medo social generalizado (NEGRI; HARDT, 2014, p.39).

Caldeira (2000) alerta para uma estética da segurança a partir de uma arquitetura do medo. Analisando as mudanças urbanas de São Paulo²⁸ como resultado de processos de segregação espacial, a autora enfatiza algumas características de isolamento que tipificam o que chamou de “enclaves fortificados”.

Todos os tipos de enclaves fortificados partilham algumas características básicas. São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não direcionados a rua. Cujas vidas públicas rejeitam

²⁸ Embora a análise seja situada em São Paulo, os argumentos de Caldeira podem ser relacionados com características comuns a várias cidades (CALDEIRA, 2000).

explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem as regras de inclusão e exclusão (CALDEIRA, 2011, p.258-259).

Eleitos como espaços de prestígio, esses enclaustrados condominiais tornam-se o ideal de moradia. Vendidos como meio de escapar da cidade, esses espaços vão constituindo uma trama territorial amparada em técnicas de segurança e vigilância que definem segmentações e cesuras entre classes sociais.

Espécie de quintessência Hobesiana²⁹, toda uma política do medo vai se configurando em estilos de vida, compondo no binômio terror/segurança, uma dialética baseada na renúncia ao espaço comum cuja a síntese é o isolamento. O sentimento de insegurança, construído diariamente, aprimora o que Gilles Deleuze e Félix Guattari chamaram de “micropolítica da insegurança”, no começo da década de 1980.

A administração de uma grande segurança molar organizada tem por correlato toda uma microgestão de pequenos medos, toda uma insegurança molecular permanente, a tal ponto que a fórmula dos ministérios do interior poderia ser: uma macropolítica da sociedade para e por uma micropolítica da insegurança (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.94).

Receptáculo de temores, o indivíduo contemporâneo é forçado a viver em uma circunscrição do possível, direcionando ao consumo a única solução para o sentimento de insegurança que o assola. Um regime de condutas que desemboca na produção de subjetividades aterrorizadas em pânicos urbanos como: assaltos, sequestros, poluição, roubos de automóveis, colisões de veículos, atropelamentos, ruas escuras, “bairros perigosos”, andar sozinho, usar o transporte coletivo, engarrafamentos, etc. Com forte apelo ao medo e com o contraponto da segurança como um fator de consumo, são acionadas micro inseguranças cotidianas dispersas no território.

Os medos agora são difusos, eles se espalharam. É difícil definir e localizar as raízes desses medos, já que o sentimos, mas não os vemos. É isso que faz com que os medos contemporâneos sejam tão terrivelmente fortes, e os seus efeitos sejam tão difíceis de amenizar. Eles emanam virtualmente em todos os lugares (BAUMAN, 2010, p.73).

²⁹ Argumento encontrado na obra mais famosa de Thomas Hobbes (1588 – 1679), “*Leviatã*”, de 1651.

A cultura do consumo radicaliza o sentimento de isolamento, fechando as saídas para soluções que não passem pelo viés do mercado. O perigo que o outro representa e a individualização de medos alimentados diariamente ajudam a degradar ainda mais o espaço. Qual é o saldo político dessa conjugação de dívidas, mediações e temores onipresentes?

Representado

Consciente das inúmeras contradições sociais, espectador cotidiano do teatro de horrores dos noticiários noturnos, desencorajado de sair de casa em virtude dos perigos que a cidade é capaz de lhe oferecer, descrente das soluções políticas e de suas velhas organizações, o representado é forçosamente empurrado de volta para o medo (NEGRI; HARDT, 2014). Filho da ausência de possibilidades coletivas de mudança, reconhece o esvaziamento da política e suas formas de corrupção da democracia, no entanto, sem enxergar alternativas, facilmente se submete a uma posição passiva.

E o representado? O que permanece de suas qualidades como cidadão nesse contexto global? Ao deixar de ser um participante ativo da vida política, o representado se descobre o pobre entre os pobres, lutando sozinho na selva dessa vida social. Se não estimular seus sentidos vitais e despertar seu apetite pela democracia, o representado se tornará um produto puro do poder, a casca vazia de um mecanismo de governança que não faz mais referência ao cidadão-trabalhador. O representado, então, como as outras figuras é o produto da mistificação. Da mesma forma que o endividado é destituído do controle de seu poder social e produtivo; da mesma forma que a inteligência, as capacidades afetivas e os poderes da invenção lingüística do mediado são traídos; e da mesma forma que o securitizado, vivendo num mundo reduzido ao medo e terror, é despojado de toda possibilidade de troca social associativa, justa e amorosa, o representado também não tem acesso à ação política eficaz (NEGRI; HARDT, 2014, p. 45).

Quando transpostas para o contexto urbano, essas quatro figuras sintetizam a naturalização de uma cidade deserta. A crise que assola as cidades é incapaz de provocar o associativismo de uma ação política, caindo no buraco negro da escolha sem alternativa do indivíduo por si mesmo.

Pedagogias do medo

Como romper com essa pedagogia do medo? Como quebrar com a loucura circular de uma cidade esgotada pela solidão, terror e exaustão da vida? Que outras pedagogias podemos construir da/sobre a cidade capaz de reinventar não só a cidade como as nossas próprias vidas?

[...] a questão do tipo de cidade que queremos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipos de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilos de vida desejamos levar, quais os nossos valores estéticos. O direito à cidade é, portanto, muito mais do que o direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com os nossos mais profundos desejos (HARVEY, 2014, p. 28).

Mais do que um desejo produzido pela soma de indivíduos, o propósito de reinventar a cidade passa pela composição de um complexo de singularização que envolve sistemas afetivos, perceptivos, cognitivos. Processos de subjetivação que vão além das formas individuadas, se insinuando em uma economia desejante que não depende somente da correlação de forças molares, dos sujeitos e seus jogos representacionais. Tampouco depende somente das grandes questões, mas de linhas minoritárias que abrem diferentes questionamentos por dentro das territorializações capitalísticas. Como construir a cidade que queremos em meio à especulação imobiliária, à publicidade que deprecia o espaço comum e à espetacularização urbana? As remoções e gentrificações, a política dos megaeventos? Como projetar os nossos mais profundos desejos na contracorrente de um imaginário urbano empobrecido e despotencializado? Como podemos pensar as vidas urbanas longe dessa “cidade maior” das maquinações do capital?

O termo “cidade” tem uma história icônica e simbólica profundamente inserida na busca de significados políticos. A cidade de Deus, a cidade edificada sobre um morro, a relação entre cidade e cidadania – a cidade como objeto de desejo utópico, como lugar distintivo de pertença em sua ordem espaço-temporal em movimento perpétuo -, tudo isso confere à cidade um imaginário que mobiliza um significado político crucial (HARVEY, 2014, p. 22).

Diferentemente de Harvey, não se trata da busca por significados políticos sobre a cidade. O imaginário crucial que confere à cidade essa possibilidade de fabulação revolucionária, de invenção de formas de vida, é a heterogeneidade de agenciamento que é capaz de mobilizar todos os tipos de corpos. A cidade compõe-se como uma megamáquina de produção antropológica, funcionando como um caldo de relações técnicas, naturais, sociais e psíquicas em constante interação. Portanto, não se trata de encontrar o significado político da

cidade, mas de dar ensejo a processos de subjetivação multicomponenciais, que permitam maquinações urbanas por todos os lados, bricolagens e aglutinações espaciais de todas as ordens. Mais do que utopias urbanas, mais do que as imagens que a pintura, a fotografia, o cinema, a religião e o próprio urbanismo não cansaram de produzir sobre a cidade, como podemos visualizar as “cidades menores”, essas que nos escapam? As cidades dentro da cidade, as microcidades, as inúmeras heterotopias que não param de surgir. Como podemos fugir do *gordo urbanismo*³⁰ racionalizante sobre a cidade? Como fugir da *gorda pedagogia urbana*³¹, com suas questões já plantadas e suas certezas biopolíticas³²? Suas redes de poder que mais se aproximam do uso da cidade como uma grande fábrica social soldando discursos antidemocráticos no avesso do direito à cidade?

Esse “algo diferente” não decorre necessariamente de um projeto consciente, mas simplesmente daquilo que as pessoas fazem, sentem, percebem e terminam por articular à medida que procuram significados para sua vida cotidiana. Essas práticas criam espaços heterotópicos por toda parte. Não precisamos esperar a grande revolução para que esses espaços venham a se concretizar (HARVEY, 2014, p. 22).

A vertigem de questões que situam a cena urbana como um território de pesquisa educacional conduz ao desejo de resistências dispersas a essa cidade maior, a fim de pensar e mostrar suas heterotopias. O conceito de multidão em Negri e Hardt³³ traz uma das linhas de escape para a fabulação³⁴ desse processo que visa encontrar, contornar e apreender esses espaços outros, os quais não param de surgir nos istmos molares e moleculares do tecido

³⁰ Expressão de Gilles Deleuze usada por Peter Pál Pelbart ao se referir as narrativas englobantes no livro *Vida Capital* (PELBART, 2002).

³¹ “Esticamento” de sentido a partir da expressão Deleuziana (PELBART, 2002).

³² Utilizamos a definição de Judith Revel ao conceito de biopolítica em Foucault: “O termo ‘biopolítica’ designa a maneira pela qual o poder se encaminha para a transformação, entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, a fim de governar não só os indivíduos, por meio de uma série de procedimentos disciplinares, mas também o conjunto de seres vivos que compõem a população: a biopolítica – por meio dos biopoderes locais - se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida que tais gestões se tornam apostas políticas.” (REVEL, 2011, p.25).

³³ Vide o naco: *Ontologia da Multidão Dispersa* (p. 106).

³⁴ Ou seja, na linha de Bergson e Deleuze, colocar problemas de pesquisa não é simplesmente descobrir problemas e partir em busca de suas soluções. Mas inventar problemas, criando possibilidades de buscar outras saídas e possibilidades de pensamento. “A verdadeira liberdade está em um poder de decisão, de constituição dos próprios problemas [...]”, (DELEUZE, 1999, p.9). Nesse sentido, a pesquisa é um jogo de fabulações que cria suas próprias aporias, fabulando teorias e práticas a partir de um processo constante de criação. (DELEUZE, 1999).

urbano. O que pode a multidão dispersa na cidade? A multidão embaralhada no cotidiano, no correr tedioso dos dias? O que pode essa multidão rarefeita, sem notícia e sem revolução que não o devir lento e imperceptível das mudanças mais irreversíveis?

Como captar os gestos *multitu-ordinários* dispersos? Como perceber as micropolíticas cotidianas no cenário da cidade? Que suspensões acontecem na velo-cidade dos corpos assujeitados pelo fluxo desterritorializante do agenciamento capitalístico³⁵? Como perceber essas pequenas insubordinações aleatórias das vidas que transitam? Que fazeres urbanos são costurados no cotidiano invisível dos devires minoritários? O que precisa um pesquisador para construir métodos de apreensão e invenção dessas "realidades"? Respondo: estar na cidade. Em suas ruas, bairros e praças. Inserido intersticialmente nos escaninhos da cidade, em suas lutas, seu vai e vem, seus fluxos e cruzamentos, seus lugares de permanência. Seu metabolismo suado, nos sons abafados de suas buzinas e luzes, enfim, na imanência urbana. Sem *telos* nem *tele*. Estar atento... como um animal à espreita (DELEUZE; GUATTARI, 2004).

Diante da crise urbana, a pergunta por uma cidade silenciosa, em segredo: quem a reinventa? Quem são esses sujeitos que reviram as ruas e embaralham os planejamentos? Que buscam os espaços de sua existência em meio ao mar de esmagamentos hodiernos? Como fazem espaços, vidas e perspectivas? Como irrompem lugares e matizes de uma cidade escondida, invisível e, ou, melhor, invisibilizada? Qual a potência desses espaços e desses sujeitos para pensar heterotopias pedestres, como “sementeira para o direito à cidade” (HARVEY, 2014, p.23), o fazer comum da multidão dispersa?

Esses sujeitos que se insurgem contra a ordem de endividamentos absurdos nas moradias, na mobilidade, nos serviços. Esses sujeitos que não acreditam nas informações rápidas e suas respostas aviltantes, nas peças publicitárias de automóveis, nos cartazes de uma vida feliz entre os muros de um condomínio, nos espaços heterotópicos do medo, da indiferença. Que lutam contra a obsessão pela segurança, que saem à noite com os pés nos chãos calçados ou nus, pavimentados ou não, da cidade. Vigados ou não. Controlados ou não por câmeras, olhos e os pesadelos da securitização. Esses tipos que tramitam existência se aproximando da polis, pensando as cidades que lhes cabem, desacelerados dos signos

³⁵ Potências micropolíticas ou moleculares que moldam de antemão as atitudes, formas de pensar, percepções dentro dos quadros de valorização capitalísticos. Funcionam como processos de apropriação e sobrecodificação de singularidades, microagenciando processos de subjetivação e produção de mundos mediados pelos comandos do capital. (DELEUZE; GUATTARI, 2004).

capitalísticos, de seus mundos. Repito, não se trata de uma utopia, trata-se de olhar para o lado. Trata-se de reconhecer que os nossos sonhos, englobantes de um tudo ou nada, simplificam a realidade complexa dessa mega-máquina. A cidade não para de refazer-se. A cidade não para de contestar os ímpetus racionalizantes, o pensamento único e determinista seja de onde venha, dos arcanos de higienistas e eugenistas urbanos. Ou da planificação molar de uma revolução controlável e domesticada. A cidade é indisciplinada e fora de controle.

Nessa miríade de pontos de vista, de perguntas que brotam como desafios vivos de uma prática urbana, situo a cidade de Passo Fundo/RS como sede e paisagem da pesquisa. Ciente de que a literatura utilizada nesta tese se detém quase que exclusivamente sobre a experiência das metrópoles, o que implica trazer essas questões para uma cidade de porte médio, com cerca de duzentas mil almas e distante trezentos quilômetros da metrópole mais próxima?³⁶

A demonstração deste trabalho, embora com as especificidades e guardadas as devidas proporções de escala, inflete em cidades com as características de Passo Fundo os mesmos indicadores da crise urbana e da crise da subjetividade encontrados nos grandes centros. Se o capitalismo e sua lógica devoradora de tempo e espaço não conhecem fronteiras em suas diferentes maquinações, as mesmas incidências narradas podem ser visualizadas em cidades como Passo Fundo. As mesmas figuras subjetivas da crise também são encontradas nesse ambiente, com seus dilemas e estreitamentos. Suas segmentações finas. Uma tipologia que se aloca na topologia da cidade.

Os estados e as cidades têm frequentemente sido definidos como territoriais substituindo o princípio das linhagens pelo princípio territorial. Mas não é exato: os grupos de linhagens podem mudar de território, só se determinam efetivamente desposando um território ou uma “residência” numa “linhagem local”. O Estado e a cidade, ao contrário, operam uma desterritorialização, porque justapõe e compara os territórios agrícolas remetendo-os a uma Unidade superior aritmética, e o outro adapta o território a uma extensão geométrica prolongável em circuitos comerciais. O *Spatium Imperiale*, do Estado, ou a *Extensio política* da cidade, é menos um princípio territorial que uma desterritorialização, que captamos ao vivo quando o Estado se apropria do território dos grupos locais, ou então quando a cidade ignora sua hinterlândia; a reterritorialização se faz num caso sobre os palácios e seus estoques, no outro sobre a ágora as rotas mercantis (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p.113-114).

³⁶ Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, a localização da cidade de Passo Fundo, espécie de hinterlândia³⁷, articula-se por ser uma zona de intersecção de mercadorias terrestres entre metrópoles como São Paulo³⁸, Porto Alegre, Montevidéu³⁹, Buenos Aires⁴⁰. Cidade de referência para saúde e educação da região, com fluxo mensal de mais de um milhão de pessoas entre a busca por serviços e a busca por mercadorias. Com o Produto Interno Bruto (PIB)⁴¹ beirando a cifra dos cinco milhões, participa com 1,9 % do PIB total da Unidade federativa à qual pertence.⁴² Mesmo com PIB *per capita* (R\$ 26.814) acima da média do estado do Rio Grande do Sul (R\$ 24.563), em 2011, a cidade apresentava indicadores baixos na educação, com IDEB de 5,3 para os anos iniciais e 4,0 para os anos finais⁴³ - com o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH) em 0,776⁴⁴. Tendo um dos mais altos déficits de moradia do estado do Rio Grande do Sul, possuía em torno de 13 mil famílias cadastradas pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo até abril de 2015. De outro lado, têm serviços de saúde e equipamentos educacionais de alta qualidade, com bairros de luxo, condomínios fechados, lojas de renome, shopping centers. Cidade de contrastes. Zona de conflitos por demarcações de terras indígenas. Lugar de passagem e destino de milhares de estrangeiros (em sua maioria senegaleses, indianos, haitianos) em busca de asilo político, trabalho, fuga. Parada final de muitas famílias empobrecidas do campo, lindeiros do progresso, pessoas da beira do trilho. Nessa cidade atravessada pelos cenários globais, lutas regionais, dinâmicas internas e hibridizações das mais diversas, estabeleceremos o plano de imanência desta pesquisa.

³⁷ Conceito para designar cidades portuárias ou cidades menores que encabeçam malhas intrincadas de rodovias e rotas comerciais importantes.

³⁸ Capital do estado de São Paulo. Centro econômico do Brasil.

³⁹ Capital do Uruguai. Importante cidade da América do Sul, estratégica para o entendimento das rotas econômicas que circulam nas imediações de Passo Fundo e região.

⁴⁰ Capital da Argentina. Outro extremo do eixo econômico que começa em São Paulo, atravessando Passo Fundo como intermeio das rotas viárias de mercadorias e importante ponto de escoamento dos transportes rodoviários em direção aos portos de Rio Grande/RS, Montevidéu/URU e Buenos Aires/ARG.

⁴¹ Toda a riqueza produzida pelo município em determinado ano.

⁴² Fonte: Boletim de Dados Municipais da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

⁴³ Índice de desenvolvimento da Educação Básica. Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP).Site: <http://www.inep.gov.br/>

⁴⁴ Fonte: Atlas Brasil 2013 Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Pesquisar a cidade significa pesquisar-se na cidade. O maior instrumento desta pesquisa está no próprio corpo do pesquisador e sua capacidade de ser afetado pelos espaços e suas heterotopias. Para uma pesquisa com o intuito de mapear as heterotopias da multidão dispersa na cidade de Passo Fundo, um enfrentamento epistemológico-metodológico será necessário. Esse enfrentamento traz a marca da tese aqui defendida: desconstruir a velocização do capital para dar ensejo a outras possibilidades de fabricar cidade e subjetividade. Um enfrentamento inventivo como é inventiva toda forma de pedagogia que nasça dos epílogos de resistência que surgem na/da cidade. Um enfrentamento que cria estilos de pesquisa e estilos de vida de forma inseparável. O enfrentamento da velocidade do capital e suas estratégias de sitiar a circulação com dispositivos de controle.

CIRCULAÇÃO SITIADA: ERA DA SUBSUNÇÃO REAL

Para sabê-lo de novo, precisaria agora remorrer.

(LISPECTOR, 2009, p. 14)

O que há são fluxos, stocks, cortes e flutuações de fluxos; o desejo está sempre onde quer que haja algo a fluir e a correr, arrastando não só sujeitos interessados, mas também sujeitos embriagados ou adormecidos, para encruzilhadas mortais.

(DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.109)

Interlúdio II

Dilema do trem: isto ainda é um homem?

Rio de Janeiro, 28 de julho de 2015. Saiu cedo da sua casa em Madureira, no Morro da Serrinha. Antes das 7h da manhã, Adílio já perambulava pelas ruas movimentadas da capital carioca. Há nove meses vendia balas e doces para ganhar a vida. Temia voltar ao mundo do crime e as suas conseqüentes casas: a prisão e o cemitério. Já havia alguns meses que não visitava o depósito de crimes e pessoas, o espelho morto da sociedade brasileira em seu vilipêndio mais cru. Chegou a estação central, como fizera tantas manhãs. Certificou-se da ausência da fiscalização e atravessou os trilhos para evitar as passarelas. Não queria ser presa fácil dos fiscais. Antes, percorreu com os olhos as linhas treliçadas do trem. Coçou umas das orelhas e observou os outros vendedores de balas com inquietação. Sua figura congelada na estação central, era uma espécie de Franz Biberkopf⁴⁵, o antigo operário de construção e transportes de Alfred Doblin (1878-1957). Seu olhar, o mesmo que Franz Biberkopf dispara para a Berlim do entreguerras depois de passar anos na cadeia de Tegel. A promessa de uma nova vida contrastando com a frenética e assustadora metrópole. Adílio acompanha os outros vendedores em suas odisséias cotidianas pelas linhas urbanas, sabe que precisa cruzar o Aqueronte ferroviário todo os dias. Driblar a fiscalização e meter-se no primeiro vagão para

⁴⁵ Personagem principal do romance expressionista alemão, Berlin Alexanderplatz.

comercializar os seus confeitos. Perdeu as contas do número de quilômetros que perfaz, migrando de um vagão ao outro sob olhares incomodados. Sabe que é nos horários de maior fluxo que seus negócios prosperam e que precisa estar esperto para não perder as melhores linhas e os melhores trens. No final da tarde, Adílio retorna como de costume. Ao aproximar-se da estação Madureira, Adílio tenta cruzar uma última vez a linha para chegar a outra plataforma. Seu corpo é atingido violentamente. Pânico, gritaria, horror, sangue. O corpo de Adílio permanece imóvel entre os dormentes. Um segundo trem interrompe. A circulação da cidade estanca por alguns minutos. O corpo de Adílio bloqueia a respiração ofegante da metrópole. Um homem vestido com um macacão laranja aproxima-se do corpo. Minutos de hesitação. Sinaliza. O segundo trem atropela mais uma vez o corpo de Adílio. Câmeras de celular registram tudo. A concessionária SUPERVIA⁴⁶ toma uma decisão institucional: o fluxo não deve ser interrompido, a mobilidade urbana não deve parar. O corpo de Adílio é estilhaçado de forma lenta e gradual. Ironicamente o célebre dilema do trem⁴⁷ ganha uma versão artaudiana, encarnada. O preto pobre, morador de periferia e ex-presidiário resolve a díade de escolhas: o viés consequencialista, medido apenas pelas consequências (passar por cima do corpo uma outra vez ou atrasar o fluxo da cidade? Qual é a melhor opção?) ou o deontológico (que estabelecerá um julgamento da situação por meio de princípios independente das consequências). Também a pergunta de Primo Levi parece enfim ser respondida: é isto um homem? Não. Adílio nunca foi um homem. Não para a velocização da cidade do capital. Não para a loucura da circulação. Adílio é um coágulo na máquina de circulação da cidade. O arco histórico que separa os concentracionários de Primo Levi do corpo despedaçado de Adílio, encontra o seu próprio dilema do trem. Para os velocizados, não basta só morrer, é preciso remorrer.

⁴⁶ Empresa que administra as linhas de trem no Rio de Janeiro e zona metropolitana.

⁴⁷ Experimento lógico no campo da ética criado pela filósofa inglesa Philippa Foot (1920 – 2010). O dilema do trem, ou dilema do bonde, é uma estratégia de enfrentamento à ética consequencialista.

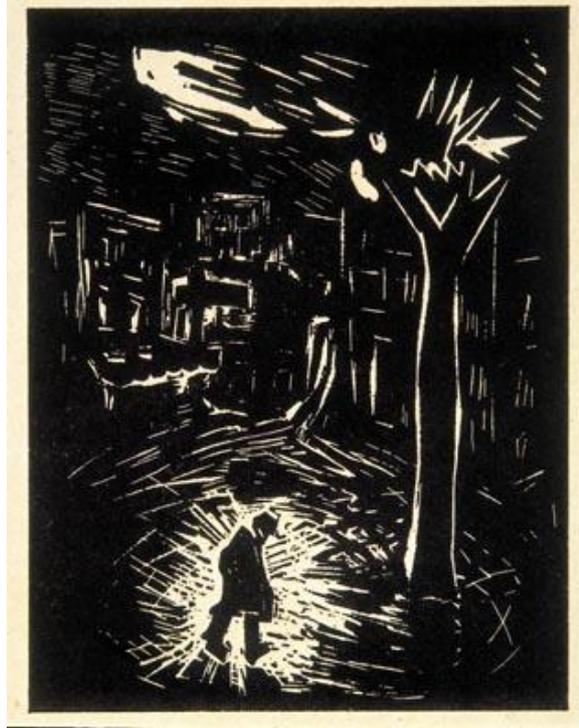


Figura 3 – Solitário, Osvaldo Goeldi

O Homem das Multidões

No conto “The Man of the Crowd”⁴⁸, Poe descreve uma cena prístina. Um homem observa a circulação das ruas da metrópole Londrina ao entardecer. Observa as ruas movimentadas através da vidraça esfumada de um café. Seu olhar arguto percorre o espaço do salão em que se encontra e o fervilhar da multidão lá fora. Sua atenção vai sendo conduzida pelo espesso contingente de transeuntes. O ir e vir dos inúmeros sujeitos em trânsito. O frêmito de uma cidade que, no final do século XIX, era uma das mais populosas do mundo. Sente uma irresistível atração pelo ritmo, pelo movimento incessante que a grande cidade mobiliza. A máquina de circulação desmedida e irascível das multidões. O clima beira o mistério e a fascinação, o sublime e o medo. A saúde frágil do homem sentado em um café, recuperando-se da convalescência da doença, rivaliza com a incomensurável neblina humana, os diversos tipos

⁴⁸ O Homem das Multidões, Edgar Allan Poe. Tradução Nossa.

que circulam na cidade. Poderia ser uma cena de Hopper⁴⁹. Hopper em um clima “Fog” pré-vitoriano⁵⁰. Hopper e a solidão abissal da multidão.

A solidão do homem sentado no café, o lado de dentro de um belvedere urbano, contrasta, como aurora no crepúsculo, com a aglomeração de tipos desconhecidos. Dito por muitos críticos, o conto antecipa o gênero de que Poe seria precursor: a literatura policial ou detetivesca⁵¹. O homem das multidões possui todos os elementos de um bom conto policial, com exceção de um aspecto, a figura do detetive. Dupin, anagrama de sábio na língua inglesa, o célebre detetive de Poe, ainda não está presente. Fora ele, todos os demais elementos estão. O conto inflexiona na literatura as velozes e vertiginosas mudanças que a cidade, berço da segunda revolução industrial e da primeira internacional comunista, estava passando: o crescimento desmedido, o inchaço populacional, a era das grandes reformas urbanas, a escalada da violência, o clima de desconfiança, o acúmulo de desconhecidos vivendo em proximidade (BAUMAN, 2006). Junto a essa percepção das metamorfoses da cidade, o relato cotidiano dos folhetins “formava uma espécie de memória popular dos crimes” (FOUCAULT, 2010, p.215), alimentando um imaginário amplo e criativo sobre a perversidade humana.

Exatamente nesse quadro que surgem os primeiros detetives policiais da história. Um deles fora detento e se chamava Vidocq, o qual criou o primeiro método policial desenvolvido a partir de sua experiência pessoal, pois ele havia sido presidiário. Assim, empiricamente, ajudará a polícia parisiense a resolver os crimes a partir de uma prática vulgar (ARAÚJO, 2002, p.75).

Ao contrário do detetive Vidocq relatado por Foucault⁵², o olhar inquiridor e lógico, quase matemático e taxonômico, do homem sentado no café, exercita a razão para decompor o código das ruas. O detetive de Poe é mais estético do que técnico. O homem sentado no café lê a multidão. Tenta decifrar os criptogramas e labirintos de um final de dia. Olha para a cidade

⁴⁹ Edward Hopper (1882 -1967), pintor estadunidense conhecido por retratar em seus quadros uma atmosfera de solidão e melancolia. Possui várias obras cujo tema é a cidade e seus espaços vazios (RENNER, 2003).

⁵⁰ O conto se passa na Inglaterra do final do século XIX e a neblina amarelecida da cidade de Londres (a palavra inglesa “Fog” indica isso) é descrita como um elemento dramático para aumentar o clima de mistério.

⁵¹ Um breve e instigante histórico dos romances policiais pode ser encontrado em um dos capítulos do livro de Ricardo Piglia, intitulado “O último leitor”. PIGLIA, Ricardo. O último leitor. São Paulo: 2006. Ed. Cia das Letras.

⁵² Foucault (1999, p. 235) se remete a Vidocq como uma virada de época, “nele a delinquência assumiu verdadeiramente seu estatuto ambíguo, de objeto e de instrumento para um aparelho de polícia que trabalha contra ela e com ela”.

como uma linguagem, procurando decifrar um fluxo de códigos. A circulação da cidade é uma escrita. O olhar do homem, sentado no café, uma leitura. Uma leitura de tendências.

Seu olhar isola, decanta os componentes com destreza. Busca desfazer os encobrimentos da generalização e ir mais além, escapando da visão nebulosa e indiferenciada das massas. Descobre a diferença na composição acinzentada da turba. “De início, minha observação assumiu um aspecto abstrato e generalizante, olhava os transeuntes em massa e os encarava sob o aspecto de suas relações gregárias” (POE, 1984, p.131). Sai da mirada desinteressada, para uma perspectiva da singularidade. “Logo, no entanto, desci aos pormenores, e comecei a observar, com minucioso interesse, as inúmeras variedades de figuras, traje, ar, porte, semblante e expressão fisionômica” (POE, 1984, p.131). O olho busca a diferença, se espanta com os grupos, classifica. Primeiro os de aspecto puramente comercial, preocupados em abrir caminho, com objetivos bem traçados, preocupados com o tempo. No segundo grupo, “eram irrequietos nos movimentos; tinham o rosto enrubescido e resmungavam e gesticulavam consigo mesmos, como se sentissem solitários em razão da própria densidade da multidão que os rodeava” (POE, 1984, p.135). Os dois grupos configuram os “cidadãos de bem” as “pessoas decentes”, nobres, procuradores, comerciantes, negociantes, agiotas, não exercitando a imaginação e a atenção do homem sentado no café. Além dessa primeira seletividade, identifica outras subdivisões. Os pequenos e grandes funcionários e seus alinhamentos de adornos, ternos, calçados, relógios e hábitos. Ao lado, pessoas de aparências ousadas, característica dos batedores de carteiras. Os jogadores com seus lenços fantasias enrolados ao pescoço, feito rufiões. Militares, clérigos e almofadinhas a desfilar suas certezas e empáfias. Judeus mascates, mendigos profissionais hostilizando outros mendicantes de melhor aparência. Cadavéricos e inválidos, arrastando sua tragédia pessoal pelas artérias entupidas da cidade. Mocinhas modestas retornando para seus lares suburbanos. Velhotas cheias de rugas e joias. Bêbados arrastando seus passos trôpegos. “Além desses todos, carregadores de anúncio, moços de frete, varredores, tocadores de realejo, domadores de macacos ensinados, cantores de rua, ambulantes, artesãos esfarrapados (...)” (POE, 1984, p.133). Uma corte de rostos alegres e sombrios das mais variadas espécies.

A noite avança e o olhar do homem sentado no café ganha curiosidade na diversidade dos rostos. Na medida em que os lampiões a gás vão sendo acesos, o aspecto gentil da multidão vai cedendo espaço para o lado grosseiro, para oscilação de luz e o obscurecimento de uma noite de ébano. Com a testa encostada no vidro, o homem sentado no café sente-se atraído pelo semblante de um velho decrepito, como se estivesse a encarar o verdadeiro demônio. De súbito, ideias de cautela, avareza, de ardor sanguíneo brotam-lhe no peito e um espírito indagador lhe

arranca uma curiosidade sobre aquele homem, que histórias guarda, o que quer, o que esconde. “Veio-me então, o imperioso desejo de manter o homem sob minhas vistas... de saber mais sobre ele” (POE, 1984, p.134). Começa uma perseguição silenciosa pelas ruas de Londres. A chuva torna-se espessa e a agitação toma conta da cidade mais uma vez. Acompanha os passos do velho de perto, notando suas roupas surradas, mas de certa distinção. O estranho não nota sua presença e a perseguição ganha diferentes cenários da cidade, como se uma cidade expressionista alemã de Fritz Lang⁵³ compusesse a cena alagada e empoçada das luzes refletidas nas ruas. Avenidas, praças, becos, travessas e ruelas passam a fazer parte do itinerário de uma suspeita.

A circulação sinistra do velho oscila entre momentos de agitação e calma. O protagonista do conto de Poe percebe alterações de comportamento e escolhas desconexas, uma intrigante deambulação pelas ruas londrinas que o arrasta para os limites da razão. “Surpreendi-me ao ver que, tendo completado o circuito da praça, ele voltava e retomava o itinerário que mal acabara de completar” (POE, 1984, p.136). Atônito, busca entender os movimentos bruscos do velho e sua caminhada labiríntica no meio da multidão. A chuva continua a castigar o cenário da perseguição e os transeuntes começam a dispersar. As pessoas buscam suas casas para se abrigar do frio que intensifica naquele cair de noite.

Com um gesto de impaciência, o estranho ingressou num beco relativamente deserto, caminhou apressadamente durante cerca de um quarto de milha com uma disposição que jamais sonhara ver em pessoa tão idosa; grande foi a minha dificuldade de acompanhá-lo. Alguns minutos de caminhada levaram-nos a uma grande e ruidosa feira, cujas as localidades pareciam bastante familiares ao estranho, e ali ele retomou suas maneiras primitivas, enquanto abria caminho de cá para lá, sem propósito definido, por entre a horda de compradores e devedores (POE, 1984, p.136).

Durante hora e meia, observou com cautela, cuidando para não esbarrar na aleatoriedade de decisões que o velho decrépito jogava no espaço. Entrava de loja em loja e analisava todos os objetos com um olhar desolado, despido de expressão. Quando o relógio bateu 23 horas, a feira começou a despovoar. O velho saiu apressadamente, demonstrando uma inquietação profunda, fazendo estremecer o seu corpo de uma forma estranha e anormal. Retorna à avenida onde o perseguidor o vira pela primeira vez. No entanto, a avenida já não se encontra como da

⁵³ Uma das características dos filmes de Fritz Lang (1890-1976), tanto no expressionismo alemão quanto em sua fase americana-noir, era os cenários sombrios e úmidos, como recursos dramáticos para o clima de mistério e suspense de seus filmes.

vez anterior. A hora avançada escasseou o número de pessoas que ainda circulam por lá. O estranho empalidece. Atravessa alguns becos centrais e tortuosos. Chega, por fim, na entrada de um dos principais teatros da cidade. Uma peça está prestes a encerrar naquele momento. O público sai conjuntamente pelas portas escancaradas. “Vi o velho arfar, como que por falta de ar, e mergulhar na multidão, mas julguei perceber que a intensa agonia do seu semblante tinha, de certo modo, amainado” (POE, 1984, p.137).

O narrador de Poe percebe que o velho toma o rumo da multidão sem ainda entender completamente a inconstância de suas ações. Após rarear mais essa turba, a antiga inquietação e vacilação voltam a aparecer. Se vê compelido a seguir o estranho aos limites da cidade, adentrando em bairros esqueléticos e fétidos, sob o signo da pobreza e dos mais desesperadores crimes.

A débil luz das lâmpadas ocasionais, altos e antigos prédios, construídas de madeiras já roídas de vermes, apareciam cambaleantes e arruinados, dispostos em tantas e tão caprichadas posições, que mal se apercebia um arremedo de passagens entre eles. As pedras do pavimento jaziam espalhadas, arrancadas de seu leito original, onde agora viçava a grama exuberante. Um odor horrível se despendia dos esgotos arruinados. A desolação pervagava a atmosfera. No entanto, conforme avançávamos, ouvimos sons de vida humana e, deparamos com grandes bandos de classes mais desprezadas da população londrina vadiando de cá pra lá. O ânimo do velho se acendeu de novo, como uma lâmpada bruxuleante. Uma vez mais, caminhou com passo elástico. Subitamente ao dobrarmos uma esquina, um clarão de luz feriu-nos os olhos e detivemo-nos diante de um dos enormes templos urbanos de intemperança: um dos palácios do demônio álcool (POE, 184, p.137).

O ânimo bruxuleante do velho logo arrefeceu novamente. A taverna onde imergiu na multidão de bêbados estava a prestes a fechar. “Era algo mais intenso que desespero o sentimento que pude ler no semblante daquela criatura singular a quem eu estivera a vigiar tão pertinazmente” (POE, 1984, p.138). Sem hesitar por muito tempo, o velho sai em disparada em direção ao coração da metrópole. Como um doido, corre em direção à feira em que havia estado no dia anterior. Recomeça seu estranho ritual em meio à multidão que lentamente ia aumentando naquele amanhecer. Repete sua sinistra circulação durante o dia inteiro. Ao aproximar das trevas da segunda noite, o perseguidor do velho decrepito, aborrecendo-se mortalmente, detém-se em frente a ele e o encara fixamente nos olhos. O velho parece não percebê-lo e desvia impassível. Desistindo da perseguição, o narrador digressivamente compreende que o velho “é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa-se a estar só. É o Homem da Multidão. Será escusado segui-lo: nada mais saberei a seu respeito e a respeito dos seus atos” (POE, 1984, p. 138).

O gênio do crime, do *Homem das Multidões* de Poe, está em sua insaciável circulação. Sua insaciável vampirização da circulação das multidões. Sua perversidade é estar na circulação frenética das multidões, sugá-la como energia vital. Fazer sangrar o corpo urbano alimentando-se de suas artérias em sua famélica busca por sobrevivência, seu parasitismo anônimo. Entendeu que sua sanha só se satisfaz quando está inserido na circulação. Seja no coração da metrópole, seja nos arrabaldes urbanos, o enigma do conto seminal de Poe parece ser esse: a circulação como o lado mais sombrio. Mais do que a presença das multidões e a solidão povoada de estranhos do velho decrepito, o mistério da circulação parece ser o lado mais sombrio e aterrador, a noite dentro da noite. O gênio do crime do estranho personagem criado por Poe capta o clímax de uma tendência urbanística que vinha se desenvolvendo e consolidando desde o século XVIII como a problemática principal das cidades, a questão da circulação (SENNET, 2008; FOUCAULT, 2009; LEPETIT, 2001).

De Motu Cordis⁵⁴

As descobertas de Harvey sobre a circulação sanguínea nos primórdios do século XVII jogaram uma pá de cal na imagem modelo do corpo humano herdada da antiguidade grega⁵⁵ (SENNET, 2008). Sua “recente compreensão do corpo coincidiu com o advento do capitalismo moderno, contribuindo para o nascimento de uma grande transformação social: o individualismo” (SENNET, 2008, p.213). Com o homem moderno sendo definido essencialmente como um “ser móvel” (SENNET, 2008, p.213), essa transformação da percepção corporal irradiou para outras dimensões do conhecimento da época. Adam Smith, aponta Sennet (2001; 2008), foi um dos primeiros a reconhecer que as descobertas de Harvey poderiam enriquecer a imaginação de uma sociedade que se movimentaria por “um mercado livre, de trabalho e mercadorias, operando de modo parecido à circulação do sangue e capaz de produzir idênticas consequências” (SENNET, 2008, p.214). O autor de *A Riqueza das Nações* (1776), identificando o frenético comportamento dos negociantes do seu tempo, concluiu que “a circulação de bens e dinheiro era mais lucrativa do que a propriedade fixa estável (...)” (SENNET, 2008, p.214). Embora percebesse também que a nova economia circulante

⁵⁴ “Sobre o Movimento do coração”, título da obra de David Harvey, de 1628.

⁵⁵ Apegada à ideia da diferenciação térmica dos corpos, vide o primeiro capítulo do livro *Carne e Pedra*, de Richard Sennet, no qual o autor discute de forma consistente a organização política da Atenas de Péricles com base na relação entre os corpos quentes e frios.

representava a quebra de velhas lealdades e implicava uma outra configuração do cenário político e relacional, “ (...) o *Homo economicus* especializado poderia movimentar-se por toda a sociedade, explorar posses e habilidades oferecidas pelo mercado, mas tudo a um preço” (SENNET, 2008, p.214).

Segundo Sennet (2008), a faculdade de dispor de si mesmo, mobilizado por uma circulação incessante e caótica, levou a uma espécie de crise tátil, um processo que aguça o movimento (debateremos mais adiante a modernidade e sua mobilização perpétua através das considerações de Sloterdijk, Virilio e outros), ao mesmo tempo em que potencializa a solidão, imobilizando os sentidos.

Deslocar-se ajuda a dessensibilizar o corpo. Esse princípio geral vem sendo aplicado a cidades entregues às exigências do tráfego e ao movimento acelerado de pessoas, cidade cheias de espaços neutros, cidades que sucumbiram a força maior de circulação (SENNET, 2008, p.214).

Consideradas imperativo categórico do capitalismo do século XVIII, as descobertas de Harvey sobre a circulação sanguínea ocuparam não só a economia política da época, como a cena central das expectativas, planos e ações urbanísticas. “Suas descobertas sobre a circulação do sangue e a respiração levaram a novas ideias a respeito da saúde pública” (SENNET, 2008, p.214). Uma nova tendência se afirmava, construindo um conjunto de saberes sobre a saúde, a cidade e a economia, os quais dependiam cada vez mais da questão da circulação, da livre circulação. Seja do ar, seja das pessoas, seja do trabalho ou das mercadorias. A circulação assaltava a cena central das preocupações e a cidade não poderia ficar incólume a isso.

Construtores e reformadores passaram a dar maior ênfase a tudo que facilitasse a liberdade do trânsito das pessoas em seu consumo de oxigênio, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas, através das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais hemácias e leucócitos no plasma saudável. A revolução médica parecia ter operado a troca da moralidade por saúde – e os engenheiros sociais estabelecido a identidade entre saúde e locomoção/circulação (SENNET, 2008, p. 214).

O sangue do corpo urbano deve pulsar em todas as suas artérias, desbloqueando os coágulos do passado e as paredes de concreto das ideias e hábitos. A cidade deve correr como corre o sangue e as mercadorias, dar vazão aos leucócitos e hemácias do capital pulsante. A cura da cidade dos muros antigos e medievais deve vir da circulação das novas possibilidades do capitalismo nascente, embrião orgânico do capital e da cidade iluminista, de uma nova saúde,

do poder biopolítico (FOUCAULT, 2009). O coração de Harvey, a grande máquina da vida, bombeia o sangue nas artérias e recebe-o das veias para ser bombeado. Harvey considera o coração uma máquina. A circulação do sangue, uma circulação mecânica. Um ritmo de fluxos imparável. Porém, é a circulação, e não o coração em si, o grande maquinismo do corpo. É a circulação que alimenta a vida, que irriga, que mantém o élan vital dos corpos, os fluidos. “A cidade que começava a surgir no século XVIII ajudaria a reprodução desse paradigma num quadro de convivência saudável” (SENNET, 2008, p.218). Os elos entre o corpo humano e o corpo urbano iriam se radicalizar ainda mais nos anos seguintes. A respiração da cidade e a respiração humana dependeriam cada vez mais de uma circulação saudável do plasma territorial urbano.

Partindo da ideia de um corpo saudável, limpo e deslocando-se com total liberdade, o desenho urbano previa uma cidade que funcionasse assim. Desde os primeiros tempos do período Barroco, o foco do planejamento fixou-se na mais eficiente circulação possível ao longo das ruas principais. Na reconstrução de Roma, por exemplo, o papa Sisto V preocupou-se em construir uma série de grandes estradas retas, ligando os maiores santuários cristãos, para permitir o trânsito dos peregrinos. A teoria médica a respeito da circulação conferiu um novo sentido à ênfase do Barroco na locomoção. O sentido formal de deslocamento em direção a um objetivo [monumentos] cedeu lugar à jornada, como um fim em si mesma. Na concepção iluminista, a rua era um importante espaço urbano, cruzando áreas residenciais ou atravessando o centro da cidade (SENNET, 2008, p.220).

A preocupação dos planejadores era dar vazão à circulação. Era preciso garantir um espaço limpo e saudável, capaz de assegurar a livre circulação de pessoas, mercadorias, ar. Evitar a qualquer custo, tal como no corpo humano, o entupimento das artérias e o consequente derrame da cidade. A cidade vista dessa forma, sob o imperativo da circulação, primava pela remoção de qualquer obstáculo ao seu maquinismo, sua forma de fazer rolar os fluxos. O batimento cardíaco da cidade iluminista, junto ao capitalismo da primeira Revolução Industrial, dependia cada vez mais da locomoção desimpedida, do *laissez-faire* de suas vias rápidas, de sua eficiente circulação. O deslocamento ganha uma importância estratégica. A saúde da cidade, bem como da economia política e da própria saúde humana dependia de um deslocamento que fluísse. Um deslocamento perpétuo e conseqüentemente, uma regulação dos fluxos.

Adam Smith falava de economia política nos mesmos termos dos médicos (SENNET, 2008). Imagens que remetiam à saúde humana serviam indistintamente tanto para a economia política quanto para pensar o urbano. Associava a saúde do mercado a livre circulação. Da mesma forma que o princípio da divisão de trabalho estudado por ele, no célebre exemplo da

fábrica de alfinetes, condicionava a especialização do trabalho ao aumento exponencial da circulação. “A divisão do trabalho, na medida em que pode ser introduzida, gera, em cada ofício, um aumento proporcional das forças produtivas do trabalho” (SMITH, 1996, p.66). Ou seja, a divisão do trabalho só é passível de potencialização se cada trabalhador for capaz de se especializar cada vez mais em sua tarefa e, isso, só sendo viável, em uma sociedade que desobriga o trabalhador a ter muitas tarefas diferentes. A troca de mercadorias é a condição primaz para a especialização e o crescimento das forças produtivas. Deixar o mercado livre, circular as mercadorias e o trabalho. A imagem da máquina circulatória de Harvey espelhou a máquina do livre mercado de Smith. Estava dada as bases para Bram Stoker depurar a temível lenda do Drácula... o sangue escorria nas veias abertas da cidade.

Táxi Driver

“O que é uma boa rua?” (FOUCAULT, 2009, p.26). É uma rua em que a gestão da circulação funcione. É uma rua em que os miasmas das doenças não fiquem presos ali. Onde as mercadorias circulem livremente. Mas, também, onde as pessoas possam se movimentar em segurança. “Existem pessoas que dizem que as coisas e os lugares têm almas e existem aquelas que dizem que não” (LOVECRAFT, 2014, p.185). Uma cidade segura é uma cidade em que a circulação esteja assegurada. Em que se leve em conta o que pode acontecer. Em que o cálculo de possibilidades sinistras estejam nos limites do aceitável. Em que as infrações sejam antecipadas. Uma rua segura é uma rua previsível. Onde a própria alma da população seja refletida no espaço. Onde a sociedade espelha seu olhar mais denso. Onde suas contradições de base são refletidas, reverberando suas mazelas mais graves. “O contato público e a segurança nas ruas, juntos, têm relação direta com o mais grave problema social do nosso país: segregação e discriminação racial” (JACOBS, 2007, p. 77). Uma boa rua é onde a morte e a vida das cidades devem ser medidas, controladas, gestadas.

No filme *Táxi Driver*, de 1976, Martin Scorsese criou um personagem curioso, Travis, o delirante taxista misantropo. Sem conseguir dormir na longa noite de uma Nova York multicultural, racista, infestada de drogas e prostituição, Travis decide se tornar taxista. Circular carregando no peito a noite decadente de uma cidade enferma. Sua insônia é da mesma natureza

dos “passeios noturnos” dos personagens viscerais de Rubem Fonseca⁵⁶, uma espécie de cobrador das dívidas urbanas da cidade para consigo. Sua subjetividade destruída é o espelho da própria cidade de Scorsese. Enclausurado na circulação sem sentido e aleatória de sua profissão, Travis delira sobre rodas noite adentro. O crivo moral de Travis contrasta com a cidade vulturina e segregada em que desliza a diegese do filme. Seu táxi, ao mesmo tempo em que atravessa por grandes avenidas, ruelas e becos na escuridão de uma noite sem fim, também é atravessado pela incerteza e pela imprevisibilidade da errância de uma cidade sem fim. A cidade e a noite estão calculadas nas distâncias monetarizadas de seu taxímetro. O *mais valor* de Travis é o *mais valor* da circulação incessante da cidade notívaga.

Travis é um perseguidor. Descobriu “que a única maneira de fugir do território seja meter-se nele até os cabelos” (CORTÁZAR, 2014, p.400). Sua tragédia é ser o homem do território. A pornografia, que Travis busca entre cinemas de sexo explícito e zonas de prostituição da cidade, é do mesmo teor de suas convicções fantasiosas. Travis insere-se nos meandros da cidade para extrair dela suas verdades mais recônditas. Travis persegue a solidão das multidões como o velho decrepito de Poe. Travis persegue a solidão dos outros prisioneiros da circulação. Por isso, circula sem parar. Persegue a circulação dentro dela. Travis está na cidade na mesma medida em que a cidade não para de circular dentro dele. A máquina circulatória da cidade pulsa no peito de Travis. Suas contradições bombeiam com violência as vias de sua corpo. Travis se mobiliza, sai à caça. Torna-se um moicano urbano, canibaliza a cidade canibal. Não interessa se matará o político promissor ou o cafetão cafona, a borboleta ou o verme. A selvageria de Travis explode contingencialmente. Conjura a circulação nos códigos de sua violência íntima. Travis ama, como um canibal ama sua mesa farta. Seu clímax é a expressão do jogo interno de Travis, seu passeio esquizo sobre a cidade paranoica. Sua arma secreta, a surpresa explosiva. Travis persegue a beleza em meio ao nojo e podre. No final da película, não sabemos mais se estamos ou não em seu delírio, em nosso próprio delírio. Travis arranca as nossas certezas da mesma forma que arranca os dedos de um traficante com o projétil de uma Magnum 44. Herói ou vilão? O que é Travis para as ruas de Scorsese, para todas as

⁵⁶ “Passeio Noturno I”, “Passeio Noturno II” e “O Cobrador” são contos que realizam uma crítica visceral à sociedade através de subjetividades achatadas no capitalismo. Os dois primeiros retratam um personagem de classe média alta que atropela pessoas com seu carro de luxo. O segundo, um ex-presidiário que resolve cobrar tudo aquilo que a sociedade lhe tirou, dos dentes ao conforto de uma casa. Ambos mantêm um diálogo muito próximo com o taxista de Scorsese.

ruas? As sirenes e luzes invadem as cenas seguintes à distribuição de ira de Travis. No asfalto, o jogo da amarelinha se deixa ver entre as sombras das viaturas. Sob o signo dos números, Travis, assim como Horácio Oliveira⁵⁷, outro perseguidor, empurra sua subjetividade com a ponta do pé, uma pedrinha entre o céu e o inferno, entre a morte e a vida nas cidades. O que é uma boa rua? É uma rua onde acima de tudo a circulação esteja assegurada.

Segurança, território e circulação

Assim como a obsessão da personagem de Scorsese, Foucault (2009), no emblemático curso “*Segurança, Território e População*”, coloca em primeiro plano a questão da segurança nas cidades. O que entendemos por segurança? Em busca dessa questão primeira, o filósofo francês utiliza um conjunto de exemplos modulados em três tempos, três mecanismos: 1) mecanismo legal ou jurídico; 2) mecanismo disciplinar e, por fim, 3) o dispositivo de segurança.

A deambulação histórica de Foucault por dentro dos três mecanismos nos permite perceber inicialmente uma linha sucessória. Uma linha temporal que nasce de uma lei penal simples na forma de proibições do tipo “não matarás, não roubarás” (FOUCAULT, 2009, p.6) acoplado a um conjunto de punições como prisão, enforcamento, desterro ou multa. Uma segunda modulação que passa por um conjunto de técnicas de vigilâncias e disciplinares, “impondo ao culpado toda uma série de exercícios, de trabalhos, trabalhos de transformação na forma, simplesmente, do que se chama de técnicas penitenciárias (...)” (FOUCAULT, 2009, p.7). E, finalmente, uma terceira modulação, que atua em uma perspectiva preventiva, organizando uma série de dados que permitem prever, controlar e manipular estatísticas sobre o crime, roubos dentro de um limite considerável aceitável em cada época e lugar.

Do sistema penal arcaico às técnicas ultramodernas de controle da sociedade pós fordista, passando pelos esquadrinhamentos disciplinares, temos um esquema histórico complexo que, no entanto, não pode ser reduzido a um olhar linear.

Não há a era do legal, a era do disciplinar, a era da segurança. Vocês não têm mecanismo de segurança que tomam o lugar dos mecanismos disciplinares, os quais tomaram lugar dos mecanismos jurídicos-legais. Na verdade, vocês têm uma série de edifícios complexos nos quais o que vai mudar, claro, são as próprias técnicas que vão se aperfeiçoar ou, em todo caso, se complicar, mas o que vai mudar, principalmente,

⁵⁷ Personagem central de Rayuela (O Jogo da Amarelinha) de Júlio Cortázar.

é a dominante ou, mais exatamente, o sistema de correlação entre os mecanismos jurídico-legais, os mecanismos disciplinares e os mecanismos de segurança. Em outras palavras, vocês vão ter uma história que vai ser uma história das técnicas propriamente ditas (FOUCAULT, 2009, p.11-12).

O que importa não é a identificação de uma linha sucessória de técnicas punitivas, mas o acoplamento de diferentes mecanismos e a correlação de forças dominantes entre eles em um determinado período histórico. Edifícios complexos que os reconfiguram perfazendo novas tendências, sobrepondo aparatos novos. Nesse sentido, “a segurança é uma certa maneira de acrescentar, de fazer funcionar, além dos mecanismos propriamente de segurança, as velhas estruturas da lei e da disciplina” (FOUCAULT, 2009, p. 14). Com base nessas considerações, Foucault (2009) lança a hipótese da sociedade da segurança, uma sociedade onde a economia geral de poder está transpassada pela lógica da segurança. Onde a tentativa de controle e manipulação de dados, estatísticas e cálculos dos custos, o planejamento e as técnicas de vigilância atingiram tal monta que permitiria ao filósofo do Sena falar da nossa era como uma era da segurança.

Para tanto, busca fazer uma espécie de história das tecnologias de segurança, destacando quatro exemplos: 1) os espaços de segurança; 2) o tratamento do aleatório; 3) a normalização específica da segurança; e 4) a correlação entre técnicas de segurança e a população, o problema da população e o seu controle no território. Para fins desta tese, nos deteremos especificamente no primeiro exemplo estudado por Foucault, o que não nos impede de fazer vibrar todos os demais no problema dos espaços de segurança, uma vez que não são problemáticas separadas, mas uma questão de abrangência temática. De uma maneira novamente esquemática, Foucault menciona as diferenças do tratamento do espaço entre o poder soberano, a sociedade disciplinar e a era da segurança nos seguintes termos: “a soberania se exerce nos limites de um território, a disciplina se exerce sobre o corpo dos indivíduos e, por fim, a segurança se exerce sobre um conjunto de uma população” (FOUCAULT, 1999, p. 16). Adverte, em todo caso, que embora tenham predominâncias específicas em determinados blocos históricos, não podemos deixar de perceber a coexistência de correlações justapostas no exato momento em que cada uma delas foi prevalente. Não há uma era depois da outra, há um conjunto complexo de sobreposições que, se olharmos sob o ângulo do espaço, convivem em uma relação de forças.

Para dar conta da questão dos espaços de segurança, Foucault (2009) usa exemplos urbanos, as cidades no contexto dos séculos XVIII e XIX. Ainda marcadas por definições jurídicas e delimitações territoriais rígidas, as cidades estavam empenhadas em resolver o

problema preeminente do desenvolvimento. Com regras administrativas e legais que as isolava de outros espaços do território, bem como cercadas por um espaço murado e denso, as cidades dos séculos XVIII e XIX cada vez mais se viam compelidas a enfrentar problemas como crescimento demográfico, o crescimento do comércio, questões de saúde pública, “(...) em linhas gerais, era precisamente desse desencravamento espacial, jurídico, administrativo e econômico da cidade que se tratava no século XVIII” (FOUCAULT, 2009, p.17). O problema observado era “ressituar a cidade num espaço de circulação” (FOUCAULT, 2009, p.17). Como transformar a cidade murada, encapsulada, a cidade finita, com suas fronteiras bem estabelecidas, delineada no espaço do território da soberania, em uma cidade sem fim, vazada, aberta ao espaço da circulação? Como controlar e garantir a segurança dessa cidade porosa? Gestar a circulação de mercadorias, pessoas, ideias, miasmas? A problemática das cidades do século XVIII é a problemática da circulação, do plugamento necessário da cidade nos fluxos, em uma nova axiomática do mercado, mas também uma nova axiomática das técnicas de vigilância. Uma nova codificação do espaço urbano que necessita urgente ressituar a cidade em um espaço da circulação.

Não só Foucault coloca a tensão entre a circulação e as cidades na Europa do século XVIII e XIX, no que tange a entendê-las como uma rede de forças emaranhadas, mas historiadores como Lepetit e Guizot⁵⁸ endossam essa perspectiva ao destacar que a cidade “(...) como um campo de forças, e, portanto, um campo em cujo o interior deve ser possível modificar a organização, a direção das linhas de força” (LEPETIT, 2001, p. 277). Ao contrário das cidades antigas, que se delimitavam em contornos rígidos, uma nova concepção do espaço começa a ganhar destaque, menos interessada nos monumentos e muros, mais voltada ao riscado das ruas e suas perspectivas. A rua-corredor tipo haussmanniano⁵⁹, com ênfase na circulação, vai redesenhando o traçado de preocupações de uma cidade além muros⁶⁰, uma cidade sem fim. Os holofotes sobre a cidade passam a buscar compreendê-la como um sistema de relações, não

⁵⁸ Bernard Lepetit e Jean-Claude Guizot, historiadores franceses do urbano, produziram um conjunto de pesquisas historiográficas sobre a cidade, buscando construir uma nova historiografia urbana que agregasse novas fontes documentais e diversificadas metodologias de investigação.

⁵⁹ Georges-Eugène Haussmann (1809 - 1891), conhecido como Barão Haussmann, foi o principal motivador das reformas urbanas de Paris no final do século XIX.

⁶⁰ O que não impediu que o ideário da muralha desaparece de imediato das preocupações sobre a cidade. As margens incertas de uma cidade que vê suas fronteiras borradas, não sabendo mais onde começa a cidade e onde termina o campo, faz com que “cronologicamente, o problema dos limites vai bem mais longe do que o problema isolado da muralha” (LEPETIT, 2001, p. 283).

mais como um corte material que separa dentro e fora (LEPETIT, 2001). “Onde começa e termina a cidade?” (VIRILLIO, 2008), como garantir a segurança de um território cada vez mais disperso? Um território que intensifica cada mais o potencial de circulação, “circulação das ideias, circulação das vontades e das ordens, circulação comercial também” (FOUCAULT, 2009, p. 20). A administração das multiplicidades no espaço agora fluído da cidade, construindo uma série de regramentos e normatizações, começa a fazer parte da preocupação central dos governantes. Ao usar o caso da cidade de Nantes, Foucault faz coro com as argumentações de Sennet sobre as aproximações do modelo circulatório de Harvey e as implicações para o planejamento urbano em fins do século XVIII: “Vê-se que o problema era a circulação, ou seja, que para a cidade ser um agente perfeito de circulação, devia ter a forma de um coração que garante a circulação do sangue” (FOUCAULT, 2009, p.23). Para garantir esse aspecto saudável, era preciso abrir eixos que transpassassem a cidade com ruas largas e assegurassem pelo menos três dimensões centrais: a higiene, o comércio e a vigilância.

Em outras palavras, tratava-se de organizar a circulação, de eliminar o que era perigoso nela, de separar a boa circulação da má, [de] maximizar a boa circulação diminuindo a má. Tratava-se, portanto, também de planejar os acessos ao exterior, essencialmente no que concerne ao consumo da cidade e a seu comércio com o mundo exterior (FOUCAULT, 2009, p. 24-25).

Como garantir essa organização da circulação em uma cidade cada mais ampla? Como eliminar da circulação os perigos e os entraves, os coágulos e as barreiras, a fim de maximizar uma boa circulação? Como eliminar os perigos da má circulação em uma cidade cada vez mais extensa? Não por acaso, a genialidade de Poe situa o gênio do crime do velho decrépito e seu estranho comportamento, em sua circulação sinistra na cidade. É a circulação o estrato produtivo de uma cidade-máquina que se volta inteiramente para um outro paradigma do espaço. O tom do conto também demonstra a capacidade do autor em colocá-lo num gênero literário tipicamente urbano: a literatura policial. A questão da circulação trouxe consigo a questão da segurança. Uma nova tendência predominante na rica história das tecnologias de vigilância. A maximização da circulação só será possível se minimizar os perigos que ameaçam o impedimento da circulação, os riscos de inconvenientes como roubos, estupros e doenças. Toda uma tentativa de antecipar os problemas e gerenciar os riscos, o planejamento da cidade deve trabalhar com o futuro.

(...) a cidade não vai ser concebida e planejada em função de uma percepção estática que garantiria instantaneamente a perfeição da função, mas vai se abrir para um futuro não exatamente controlado nem controlável, não exatamente medido nem

mensurável, e o bom planejamento da cidade vai ser precisamente: levar em conta o que pode acontecer (FOUCAULT, 2009, p. 26).

A gestão de séries abertas irá controlar o número x de carruagens, o número x de ladrões, a quantidade x de miasmas, o número x de pessoas que circulam, que de modo somente aproximativo, dará as condições de calcular estimativas e probabilidades nos mecanismos que Foucault chamará de mecanismos de segurança. A tentativa de controlar probabilisticamente o futuro, domesticá-lo, ainda que não totalmente, comporá o conjunto de dados que caracteriza as técnicas de segurança e, por sua vez, situará a questão da circulação como uma questão de segurança.

O espaço próprio da segurança remete portanto a uma série de acontecimentos possíveis, remete ao temporal e ao aleatório, um temporal e um aleatório que vai ser necessário inscrever num espaço dado. O espaço em que se desenrolam as séries de elementos aleatórios é, creio, mais ou menos o que chamamos de meio. (...) o que é o meio? É o que é necessário para explicar a ação à distância de um corpo sobre o outro. É, portanto, o suporte e o elemento de circulação de uma ação. É, portanto, o problema da circulação e causalidade que está em questão nessa noção de meio (FOUCAULT, 2009, p.27).

A previsibilidade do meio, a capacidade de previsão e a gestão dos riscos definirão os indicadores de segurança de um espaço. Foucault deixa claro que o gerenciamento do meio torna-se o foco principal da passagem da cidade murada para a cidade enquanto um ponto nodal em uma rede de relações. É sobre o meio que irá incidir um conjunto de técnicas de segurança capaz de antecipar ações criminosas, eliminar doenças e administrar os índices de insegurança, deixando-os nos limites do aceitável. Todo um novo dispositivo se agrega às técnicas proibitivas e disciplinares, acoplando, por intermédio do meio, em uma cidade cada vez mais comprida do ponto de vista territorial, um conjunto de mecanismos de segurança. “Os dispositivos de segurança trabalham, criam, organizam, planejam um meio antes mesmo da noção ter sido formada e isolada. O meio vai ser, portanto, aquilo em que se faz a circulação” (FOUCAULT, 2009, p.28). Trata-se de fazer convergir uma sequência de séries e dados, morros, pântanos, número de pessoas, carruagens, organizar e sistematizar esses dados a fim de compor estimativas e probabilidades que garantam o controle dos seus efeitos em conjunto. Fazer circular essas informações, cruzando dados e estimativas sobre o número de doenças, crimes ou a quantidade de nascimentos em um determinado território, permitirá previsões mais precisas, planejamentos e técnicas políticas mais eficazes. A luta contra o aleatório, ainda que não possa ser totalmente vencida, ganha um reforço enorme quando a noção de meio predomina

nas novas tecnologias de controle. Os mecanismos de segurança trabalham com o futuro, não como oráculos modernos, mas como ferramentas de planificação e gestão da insegurança. Um meio saudável será um meio capaz de maximizar a circulação, garantindo o maior número possível de redes comerciais, trânsito de pessoas e higiene da cidade. O controle do meio lubrifica a cidade-máquina, fazendo circular nas artérias e vias um novo mecanismo de vigilância, o mecanismo securitário. Um mecanismo securitário da população, para a circulação das multidões em meio ao controle dos fluxos produtivos. Quando a predominância do dispositivo de segurança coincide com a transformação radical do urbano nasce a cidade industrial e com ela toda uma outra lógica de planificação do espaço. Uma economia política do espaço onde a “planificação se ocupa dos fluxos” (LEFEBVRE, 2008, p. 173). Onde a planificação controla não só as relações produtivas do ponto de vista espacial, a cidade vira um conjunto de segmentações regulamentares, em que as forças produtivas definem o “lugar” da classe operária. A planificação controla especialmente como diferentes classes circulam na cidade.

Nikê: “Velocidade na veia”

O jovem futebolista amarras as chuteiras mercuriais. A mais nova promessa do mitológico futebol brasileiro dá os seus primeiros passos como astro da bola. O comercial simula uma gravação amadora, feita entre amigos, num tom de troça e brincadeira de moleque. O craque certifica-se do começo da gravação interpelando a câmera “tá gravando?”. Começa a fazer embaixadinhas sozinho, o cenário é um campo de várzea, deserto. Está no corner, próximo a linha da grande área. Prepara um chute com violência e desfere em direção a marca do pênalti. O inusitado acontece. O craque corre em uma velocidade sobre-humana e alcança o seu próprio cruzamento. Antes que a bola caia no gramado, desvia-a para o fundo das redes. O grupo de amigos desprende gritos de alegria com a rapidez e habilidade do jovem. Na cena seguinte, uma frase ocupa o espaço de toda a tela: “velocidade na veia”.⁶¹ A nova chuteira da corporação de artigos esportivos Nike, inscreve com persuasão sua dimensão simbólica, o acúmulo de trabalho imaterial que recobre os seus produtos em todo o mundo, a velocidade é a sua marca. Suas “asinhãs” atestam a precisão e a fluidez dos seus movimentos. A velocidade circula nas veias do desejo.

⁶¹ Pode ser visualizado no seguinte endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lx1CjTVqWKc>>

O ideal de ser rápido, mover-se com minúcia e precisão, perpassa os valores do comercial e o liga com os valores da própria cidade que nasce da circulação. A locomoção em primeiro plano, a geografia da velocidade e os seus personagens brilham como raios do olimpo, disparando a imaginação em fagulhas do desejo, desejo de ser veloz. Na própria etimologia da marca Nike, a velocidade circula miticamente. A deusa grega Vitória, *Nikê* ou *Nice*, padroeira da velocidade, é quem empresta o nome para a marca. Associada com os jogos olímpicos e com a guerra, aparece em inúmeras iconografias e esculturas, quase sempre de forma alada. Rápida, dinâmica, *Nikê* é a encarnação da circulação da velocidade. Também um alerta para a inconstância e a fugacidade, para a incerteza e mobilidade de todas as coisas. Não por acaso os personagens etéreos de Wenders⁶², seus anjos de uma Alemanha à beira da queda do muro, observam o mundo humano pousados sobre o ombro da Vitória. Mas observam com melancolia. Não de um passado perdido ou da incerteza do mundo porvir, mas devido ao tédio metafísico, o tédio metafísico da eternidade. A superfície plana da eternidade sufoca pela falta do tempo e o mundo humano é “n” vezes mais interessante que o preto e branco dos sorumbáticos mensageiros. Olham insistentemente para baixo, para a superfície da cidade. O ritmo da cidade fascina pela aleatoriedade e imprevisibilidade dos seus movimentos, contrastando com opacização de suas próprias existências. Mesmo que ambígua, a cidade dos homens, lugar do inferno e da redenção humana, parece fornecer uma característica irrefutável e fonte de desejo até mesmo para a cidade dos anjos, o movimento.

Já na França revolucionária do século XVIII, aduzia-se a imagem do novo cidadão com o corpo cheio de fluido transbordante e sedento de movimento (SENNET, 2008). “Nele o leite substituiu o sangue do imaginário de Harvey, a lactação ocupou o lugar da respiração – mas o movimento e a circulação (inteiramente saciada) permaneceram livres e vitais (SENNET, 2008, p. 240). Marianne, a curiosa personagem maternal da revolução, é repetidamente representada como uma mãe de seios fartos, imagem da amamentação revolucionária. Desnuda da cintura para cima, segura com a mão direita a bandeira tricolor da revolução, figurando como a imagem jovem da nova sociedade nascente em contraponto ao “*Ancien Régime*”. A liberdade, igualdade e fraternidade se exprimiam nos ideários da cidade. “A Revolução tentou construir na cidade,

⁶² Filme de 1987 dirigido pelo cineasta alemão Wim Wenders. O filme apresenta a cidade de Berlim do final dos anos 80 povoada por anjos, espécie de seres metafísicos que encarnam uma tediosa relação com a eternidade. Ao contrário da copiosa representação fílmica, onde os anjos costumam ser o reverso dos dramas humanos, no filme de Wenders, são os anjos que precisam se humanizar. O recurso poético de Wenders para esse processo de humanização é a “queda no mundo”. Os anjos se temporalizam ao caírem na condição de humanos e se imiscuírem na cidade.

locais em que os cidadãos pudessem expressar sua liberdade, dando à luz a virtudes de Marianne (...)” (SENNET, 2008, p.241). A crença iluminista preocupou-se em construir extensões livres, espaços vazados que não prejudicassem o movimento e a visão, garantindo o direito de ir e vir. Um amplo movimento de transformação das cidades estava em marcha e a circulação estava no centro desse processo.

A revolução urbana dos cem anos seguintes dependia de transformações agudas, remanejando os espaços da cidade com grandes artérias e corredores capazes, a um só tempo, de garantir a circulação veloz dos cidadãos e a sua repressão.

Na poesia de Baudelaire, a velocidade exprime uma experiência frenética; o cidadão urbano, homem ou mulher, vive apressado, quase histórico. Realmente, no século XIX, a rapidez assumiu uma característica diferente em virtude das inovações técnicas introduzidas nos transportes a fim de dar maior conforto ao viajante. Hoje, essa é uma condição que associamos a descanso e passividade, mas foi só aos poucos que a tecnologia transformou o movimento numa experiência passiva (SENNET, 2008, p.273).

Do arco que vai do final do século XIX a cidade funcional no ápice do taylorismo/fordismo, temos o agravamento de uma relação de segregação espacial e individualismo que corresponde ao triunfo da cidade industrial. A cidade torna-se uma grande máquina regida pelo ritmo da produção, expelindo fumaça e suor através do trabalho compassado e mecânico. A sociedade industrial captura as forças produtivas na mesma medida que aprofunda a privatização das moradias e da terra (ROLNIK, 2004). A indústria impulsionou o fenômeno da urbanização em todo o planeta, cobrindo de chaminés, aglomerações humanas, produtos em série, migrações massivas, mercadorias e lutas sociais em todos os seus cantos.

O espaço foi coberto por uma lógica instrumental, cada vez mais dominado por estratégias e planificações de controle.

De início, o espaço instrumental permitiu a segregação generalizada, dos grupos, das funções e dos lugares. Salta aos olhos os contrastes entre os subúrbios de pavilhões e os “grandes conjuntos”, entre os centros que subsistem, que resistem à degradação, que se consolidam como centros de decisão, e as periferias desurbanizadas. A classe operária se reparte entre os pavilhões, os “grandes conjuntos”, as cidades novas e satélites, com uma preferência subjetiva com o pavilhão (LEFEBVRE, 2008, p.172).

A cidade funcional, setorizada e esquadrihada entre espaços, raças, gêneros e classes, compunha junto com o espaço da fábrica, toda uma maquinação da vida. O trabalho e o tempo

fracionado, uniformizado e disciplinado, refletiam no espaço da cidade. A eficiência, padronização e a produção em série, o ritmo fabril da linha de produção, condicionava a arquitetura urbana aos mesmos traços. Conjuntos habitacionais, espaços divididos, planificação instrumental dos bairros e ruas, organização funcional da circulação, velocidade da mobilidade urbana, caminhavam juntos com a cidade industrial que culmina na lógica fordista de produção. A máquina que adestrava o corpo do operário massa nas grandes fábricas do século XIX e começo do XX, transformava a própria cidade em uma grande máquina de administração do trabalho, do medo, da circulação de mercadorias, da circulação de pessoas e ideias.

A indústria colocou para a cidade questões novas – ela é ao mesmo tempo seu espetáculo e seu inferno. É sob o seu desígnio que se gera a diversidade – de produtos, de populações – que faz a cidade industrial um universo estimulante e vibrante; que faz com que se amplie ao infinito a capacidade humana de inventar. Mas, se a possibilidade de superação dos constrangimentos da natureza na cidade industrial não tem mais limite, não tem mais limite também a capacidade de destruição e violência. (ROLNIK, 2004, p.83).

Palco e testemunha dos grandes episódios históricos, da Comuna de Paris à Maio de 68, da queda do muro de Berlim aos muros erguidos aos refugiados Sírios, da Revolta da Vacina à junho de 2013 no Brasil, a cidade é a expressão máxima do espaço modulado da sociedade industrial à sociedade pós-industrial. O espaço onde o máximo de controle convive com o máximo de resistência. O lugar onde o máximo de irracionalidade convive com o máximo de racionalidade, inventividade e criação. Da mesma forma que a fábrica representou o máximo de exploração possível da mais valia humana no capitalismo industrial do final do século XVIII, a primeira metade do século XX, também o mesmo espaço fabril foi o vetor principal para as grandes lutas operárias e suas formulações conscientes de classe em si a classe para si (THOMPSON, 1987). O lugar do máximo de exploração é também o lugar do máximo de organização. O que pensar, então, do estágio do capitalismo contemporâneo onde a própria cidade tornou-se uma máquina de exploração do trabalho, ela mesma a fábrica, a cidade S&A? (NEGRI, 2013, LAZZARATO, 2014, PELBART, 2013). Onde trabalho fugiu das fábricas e fez da própria sociedade urbana o lugar da exploração do trabalho, sua passagem da subsunção formal para a subsunção real (COCCO, 2001)? Como o máximo de exploração possível pode dar ensejo ao máximo de organização e resistência? Junto as expressões subjetivas da crise, a cidade do endividamento, da mediatização, da securitização, da representação e da velocização que expressões subjetivas criativas da e por dentro da crise, estão sendo produzidas? A ponto de desprender outras formas da circulação e velocidades, outros ritmos? Como na famosa rua

52 da Nova York da década de 1940, onde o Jazz⁶³ rumorejava pelas paredes dos bares e dos corpos, uma nova música surge. No entanto, como diria Nietzsche (2003), necessitando de novos ouvidos para ser apreciada. A prevalência da circulação e da velocidade do capital ainda é verdadeira, mas não está sozinha.

Aparição do demônio na cidade

A velocidade da Modernidade chegou ao Brasil pela estrada de ferro. Foi a ferrovia que inseriu a Modernidade nos tempos da sociedade brasileira e, por conseguinte, a cidade Industrial sobrepondo-se à cidade colonial⁶⁴. Vapor e velocidade, como em uma pintura de William Turner⁶⁵, borraram os contornos da sociedade colonial com a chegada das ferrovias. Entre o final do século XIX e os primórdios do século XX, a paisagem bucólica dos engenhos, morros e cafezais passaram a ser analisadas sob a perspectiva do deslocamento veloz das locomotivas. As praias e as serras, os campos e o sertão passaram a ser riscados e geometrizados pelas vias férreas. A circulação da Modernidade chegava aos prados brasileiros movida a vapor, carvão e progresso. Uma nova mentalidade se disseminava, a mentalidade da pressa (MARTINS, 2008).

José de Souza Martins retrata com dramaticidade o contato entre esses dois mundos interseccionados e potencializados pelo encontro com a estrada de ferro, o tempo da Modernidade veloz e o tempo lento da sociedade colonial.

Essa lentidão foi abalada na década de 60 do Século XIX quando, com surpreendente rapidez, a ferrovia, saindo do porto de Santos, deslizou quase de supetão pela íngreme Serra do Mar acima e inundou o planalto com o seu tempo próprio, sua velocidade, sua nova espacialidade, a nova mentalidade que disseminava, a da pressa, a do chegar logo, a do não ter tempo, de estar no mesmo dia em dois lugares antes separados por dias de cavalgada. O moderno que se arrastava ocultamente se tornou visível, máquina a vapor, equipamento, alterações no espaço, outra linguagem, outro modo de ver e ver-se. Tornou-se de fato o que já era sem poder ser: o tempo regulado pelo custo e

⁶³ Uma das possíveis origens da expressão Jazz possui o significado de aceleração, como demonstra o documentário dividido em 12 episódios, *“História do Jazz”, de Ken Burns, 2002*. Tanto Mondrian (1872-1944) como Cortázar (1914 – 1984) possuíam esse entedimento do Jazz como um ritmo de novos tempos, ambos tentaram capturar o potencial criativo da nova música na pintura e na literatura, trazendo a velocidade para dentro de suas poéticas.

⁶⁴ Mesmo que as primeiras estradas de ferro tenham sido construídas no período imperial, mantemos a nomenclatura “cidade colonial”, por entender que a lógica de funcionamento da cidade ainda está circunscrita com a dinâmica do sistema colonial e seu tripé estrutural: escravagismo, monocultura e latifúndio.

⁶⁵ Pintor romântico inglês. Um dos primeiros a tentar retratar o movimento das locomotivas através da pintura.

pelo lucro. O homem deixava de ser o condutor da tropa para ser conduzido como tropa (MARTINS, 2008, p.16).

A ferrovia trouxe consigo não só a tecnologia de um novo modal, mas um modo novo de viver o espaço e o tempo, um modo novo de pensar. A mentalidade da pressa e do progresso redesenhou os caminhos do chão colonial do Império brasileiro e da primeira República, ao mesmo tempo que redefiniu as subjetividades e suas coordenadas. Inseriu no coração do Império a lógica de uma sociedade linear que desliza para frente no ritmo das maquinações do custo e do lucro. A linha que unia o mar e o planalto era a mesma que alinhava os corpos em outro regime de trabalho, a sociedade colonial que persistia no Império assistia com ruído e visibilidade a sociedade industrial tomar conta da cena. Argumenta o autor que dois extremos sociológicos compunham uma arquitetura do medo, um estranho par mediado pela sociedade da segurança que adentrava junto com a ferrovia. A sociedade da velocidade não poderia deixar a sua dupla face para trás, a disciplina e a vigilância também chegaram com as vias férreas.

“A ferrovia se revela aí instrumento de uma nova espacialidade, que não é apenas da economia do café” (MARTINS, 2008, p.18). Com a velocidade da inserção dos trens e sua dinâmica de aprimoramento da logística da economia do café e do fumo, uma nova geografia do poder se instala. A ferrovia se torna um instrumento de controle. Um outro mundo começava a ser criado ao lado de um conjunto de aparatos de vigilância e formas de garantir o governo da circulação e do trabalho.

O mundo da ferrovia trazia embutido os códigos da modernidade e, portanto, das contradições sociais gestadas na complicada passagem da sociedade escravista, que se exauria, para a sociedade industrial, que se anunciava. Não se tratava apenas do advento das classes sociais, mas das reinterpretções da realidade que a mudança impunha, da emergência da vida cotidiana, e da vida privada, o novo modo de ser dominado pela temporalidade da reprodução ampliada do capital, o novo decoro regulado pela necessidade social da aparência (MARTINS, 2008, p.18)

Junto a ampliação da reprodução do capital ampliou-se a interferência no modo de vida da população. Horários restritos, a demarcação do dia em horas e minutos, disciplina do trabalho e reconfiguração do espaço urbano para atender as agendas industriais, foram algumas das consequências diretas e indiretas da mediação das ferrovias no processo de modernização da sociedade brasileira (MARTINS, 2008). Todo um novo decoro do tempo e do espaço que se imiscuí nos corredores das fábricas, ruas e corpos. Uma Modernidade que chegava desigualmente nos espaços e nas pessoas, mas que por onde passava mexia com a percepção e a imaginação da sociedade e da cidade do Brasil do final do século XIX e começo do XX.

A metamorfose mútua entre a cidade fictícia de São Geraldo e a personagem mítica/suburbana de Lucrecia Neves nos anos 1920, na obra *Cidade Sitiada*, de Clarice Lispector⁶⁶, esboça bem esse misto das transformações urbanas em transformações subjetivas aceleradas pela modernização. Na medida em que a cidade paroquial se desenvolve, suas ruas alargam e ganham movimento, a mulher sitiada também se amplia. Em um jogo fabuloso de fronteiras móveis, Clarice Lispector mistura subjetividade e cidade sob a égide do progresso, mostrando o desenvolvimento urbano amalgamado pelo desenvolvimento humano. A cidade emancipa seus espaços na mesma medida que a mulher emancipa sua vida. A velocidade da vida da cidade pequena, lenta e morosa, resistente aos anos, dá lugar a velocidade do crescimento, do adensamento demográfico e da intensificação dos transportes. A janela da casa de Lucrecia, funciona como um observatório da vida da cidade ao mesmo tempo que é a sua própria abertura interna. A cidade que circula lá fora circula lá dentro, nos cômodos e incômodos de sua cidadela pessoal. Lucrecia tem pressa de viver da mesma forma que São Geraldo tem pressa em crescer.

A busca da linha reta e o encurtamento de distância cria uma nova espacialidade e uma nova subjetividade. A ferrovia realiza uma dupla mediação, liga cidades e pessoas. Cidades se interconectam e se desenvolvem interpenetradas por dinâmicas que as atravessam. O novelo do desenvolvimento conecta os pontos geográficos em um grande emaranhado da modernização. Da mesma forma que pessoas são atraídas pela velocidade e a possibilidade de ir além de sua terra natal e os enclausros particulares. O cruzamento das malhas ferroviárias compõe o tecido de cidades que aceleram e subjetividades que se movem. A velocidade entra nas vias da cidade ao mesmo tempo que corre nas veias da população. Um novo Brasil é gestado nos arrabaldes da sociedade industrial incipiente, mas consistente em sua definitiva fixação como lógica de urbanização desigual e segregação de classe.

A ferrovia anunciava e realizava o novo, ao mesmo tempo em que nele realizava o velho e o tradicional. Era como se descosturasse a trama das velhas relações sem destruí-las inteiramente, recosturando-as no sistema de significados e funções do primado do capital e sua reprodução ampliada. Não atuava apenas no âmbito da economia, mas também no do reajustamento e refuncionalização das relações sociais, valores, das concepções, das mentalidades (MARTINS, 2008, p.30).

⁶⁶ Obra da juventude de Clarice Lispector. *A Cidade Sitiada*, ed. Roxo, 1998.

Com a chegada das máquinas técnicas e a velocidade da modernização chegaram também as máquinas sociais da sociedade industrial. O reajuste e a refuncionalização das relações que a entrada definitiva no mundo do capital exigia, trouxe a convicção do remodelamento das mentalidades e concepções. “Por meio da ferrovia, o cotidiano do moderno e da modernidade foi se difundindo para outras relações sociais, para o modo de vida da população afetada por ela na circulação e no trabalho” (MARTINS, 2008, p.34). Os ritmos do trabalho e o fluxo do deslocamento necessitavam de uma ordem da pressa e do controle da revolta. Engenharias técnicas e engenharias sociais foram criadas para dar conta do processo de ajustamento da população na velocidade nascida do capital. A chibata dava lugar a coação psicológica dos trabalhadores, o Brasil colonial dava espaço ao Brasil industrial e a engenharia social acompanhava a engenharia técnica não só no riscado do relevo que as estradas férreas traziam, mas no risco da desordem que a classe trabalhadora representava.

Em um outro ensaio⁶⁷, José de Souza Martins demonstra como a reengenharia do trabalho cotejou o pensamento mágico da população colonial com a mentalidade da pressa da sociedade industrial. Por intermédio de mudanças e reconfigurações produtivas no seio das fábricas, narra um episódio pitoresco que serve para ilustrar o encontro de dois mundos, o mundo da velocidade maquinica com o mundo da produção artesanal. Trata-se da modernização da produção em uma fábrica de cerâmica.⁶⁸ As inovações tecnológicas imprimiram uma necessidade de remodelamento dos processos produtivos mexendo com os jeitos de fazer que as trabalhadoras estavam acostumadas em suas rotinas e jornadas. A incerteza das mudanças e a certeza do aumento do controle dos engenheiros em seu cotidiano de trabalho, produziu uma estranha situação. A aparição do demônio na fábrica, relatado por inúmeras operárias, é analisado por Martins como uma reação imagética, uma reação as transformações que a fábrica vinha passando e a diacronia com as expectativas e anseios da classe operária.

Minha suposição é a de que a aparição do demônio na seção de escolha da Cerâmica São Caetano, em 1956, explica-se pelas circunstâncias da transição que a fábrica estava sofrendo naquele período. Para os engenheiros e para a direção da empresa, a adoção de critérios impessoais de relacionamento entre eles, os mestres e operários era uma decorrência natural da modernização da empresa, e uma necessidade derivada do novo e conseqüente padrão de racionalização do trabalho. As evidências que colhi, porém, e minha própria observação na época, indicam que do lado dos mestres, essas

⁶⁷ A Aparição do Demônio na Fábrica, no meio da produção. José de Souza Martins, 2008, ed. 34.

⁶⁸ O autor realiza uma etnografia da Fábrica de Cerâmica São Bernardo, local onde trabalhou na juventude e que volta para analisar de forma sociológica as relações de trabalho a partir do descompasso entre as inovações técnicas e a resistência operária.

mudanças foram recebidas com preocupação e resistência. A aparição do demônio onde supostamente não houve qualquer mudança no processo de trabalho, a seção de escolha, foi expressão dos temores gerados pelo conservadorismo desses setores colocados à margem das inovações e/ou das decisões que levaram a ela. Foi a forma que o imaginário das operárias deu às inovações para compreendê-las no conflito que encerravam (MARTINS, 2008, p.166).

A passagem de um modo de trabalho a outro representou uma forma de reação que se deu por intermédio do sobrenatural. Uma forma de acomodar a insólita transição com o sólido imaginário popular da personificação secular do mal, o demônio. Descrito como um homem loiro usando terno, o demônio da fábrica de cerâmica é o retrato da distinção descompassada de classe entre os engenheiros e as operárias. Entre a reengenharia produtiva de uma fábrica que modernizava-se e a resistência ao controle das inovações técnicas, a passagem à diferentes formas de sujeição social do trabalho.

Em Marx (2013), há uma conhecida distinção entre sujeição formal e sujeição real do trabalho. “Na sujeição formal o artesão mantém os procedimentos artesanais e o saber que o sustenta” (MARTINS, 2008, p.168). O capital se apossa do produto sem se apossar do processo de trabalho. Persiste uma forma de fazer que, embora o produto final seja possuído pelo capital, o processo de trabalho em si não se encontra submetido às configurações capitalísticas. Compra essencialmente tempo de trabalho, mas não interfere nas dinâmicas internas da confecção dos produtos, funcionando como uma dominação externa aos processos produtivos. Na sujeição real “(...) o capital desmonta o processo de trabalho organizado segundo a concepção artesanal, fragmenta os seus procedimentos e o refaz segundo a sua própria lógica” (MARTINS, 2008, p.169). A sujeição real insere a dominação no processo produtivo, interferindo na organização do trabalho, implantando um saber produtivo próprio, constituindo ritmos e temporalidades específicas.

O demônio da organização maquinal do trabalho, através da administração científica da produção e da automação, do fracionamento e da perda de controle do processo produtivo, criou um clima de insegurança nas operárias, na mesma medida que fornecia mais controle ao capital. O demônio da velocidade invadia as formas tradicionais de produzir obrigando à adequação dos gestos e movimentos, num ritmo de trabalho que não era mais regulado pela disposição do corpo, mas pela produção da máquina. Uma outra máquina de produção (técnica e social) estava sendo gerada e com ela a necessidade de uma nova sujeição. A sujeição real das formas sociais do trabalho implicou em formas novas de sujeição das operárias. O processo produtivo

apropriado pelo capital deu ensejo ao aceleração da produção e sua correlata consequência, a aceleração da própria vida.

Na atual fase do capitalismo, a mistificação do demônio não só faz sua aparição nas fábricas, como também na própria cidade. No momento em que o trabalho se tornou difuso e a própria cidade se tornou o lugar da produção, o território satânico se expande na sociedade pós-industrial e a cidade é o terreno privilegiado para uma velocidade que acelera em ritmo ampliado. A aparição do demônio na cidade é a forma pós-moderna e mefistotélica de colar o mapa da exploração do trabalho no mapa da cidade do capitalismo pós-fordista. A velocidade chegou de trem, mas foi o trabalho na era internáutica da subsunção real que atualizou os demônios trazidos pelas caravelas, transformando-os em demônios urbanos.

Blasé da Velocização

Se o século XVIII foi o tubo de ensaio da conclamação das cidades em espaços da circulação, foi no século XX que se deu sua consolidação. Investigada por inúmeras escolas de pensamento, da Escola de Chicago aos inúmeros “pós”, intercalados por Frankfurt e os situacionistas e a própria antropologia urbana brasileira, as cidades não só serviram como objeto da ciência, da filosofia e das artes como reinventaram a forma de fazer ciência, filosofia e arte, de pensar a política e a subjetividade.

Se o trabalho se reorganizou em novas formas de organizar a exploração e a cidade se tornou a fábrica social de uma nova forma de produção, que espaço da subjetividade é pleno de contatos urbanos? Qual mobilização, própria da cidade, consiste numa artéria fitness de estímulos corporais do urbano no humano, do humano ao maquínico, do maquínico extrator de valor e de vida, do que é próprio da vida, da própria vida? Tal qual o tipo curioso encontrado pelo príncipezinho mais famoso da literatura⁶⁹, o acendedor de lampiões, preso ao seu estranho e minúsculo mundo, correndo de uma ponta a outra do planeta preocupado em acender e apagar seus vazios de querosene, o imediato lugar da subjetividade se encontra no não lugar da cidade. Cidade da representação, da dívida, da midiatização e do medo, lugar de uma rotação de dias e translação de anos em tarefas sem sentido, indiferente ao que resta de criação potente no recôndito de cada vida. O acendedor de lampiões, que habita o território avulso da alma comum

⁶⁹ Me refiro aqui ao célebre personagem de Saint Exupery, do livro *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2009.

dos nossos dias, é acendedor de vaga-lumes do que resta do iluminismo, fogo fátuo de fatos que se perderam no ontem de uma história inventada sob os cadáveres de dragões do subdesenvolvimento brasileiro: extrativismo, latifúndio e trabalho escravo.

Se Glauber Rocha (1939 - 1981) traduz a história do Brasil em santos guerreiros e dragões da maldade, o reforço imagético da sociedade brasileira apeada na mundial, se conduz nos cabrestos de uma economia que desigual em sua origem é desigual em suas formas de modulação. Aqui o fordismo e a sua sociedade da proteção social nunca foi correlata e chegou por fatias e parcelas de adequação, engolida pela violência singular destas paragens. Mesmo assim, trouxe demônios conhecidos que, misturados a orixás e as divindades selvagens, compuseram velocidades do subdesenvolvimento, do populismo aos PACs⁷⁰. Cinquenta anos em cinco ou o Brasil grande, pátria educadora ou milagre brasileiro, o que se viu nas cidades do final do século XX e início do século XXI foi a lupa do que se via em todo país. A tragédia histórica das espoliações humanas em sinfonia e berço esplêndido da cova rasa das superfícies urbanas. A selva que se extinguiu dando lugar a selva de pedra que se erigia.

Um ensaio precioso de Simmel (*A Metrópole e a Vida Mental*), narra em tom quase novelesco o que no Brasil se dá em tom dantesco. A vida mental do homem da metrópole é a patologia da exploração também típica do homem de Pindorama: patriarcal, racista, patrimonialista, clientelista, oligárquica, sexista, segregacionista. Os sete círculos do cone invertido do inferno de Dante, são as pontas do cruzeiro de um sul constelado e consternado por muitas patologias simiescas⁷¹. Não só um relato à academia, mas todo um croqui de provas que, na longa noite da história das cidades do Brasil, são escritas embaixo de lápides de concreto repetindo o mesmo epitáfio: ordem e progresso. No Brasil, a escrita que soçobra é da mesma consistência das cruces de madeira e da alcova dos granitos, lugar na alcatéia das cidades, do uivo solitário das estepes urbanas. O *blasé* típico das individualidades que cresciam nas cidades européias, sob os sons das máquinas e explosão das bombas, produziam ecos na ecologia de violências no Brasil. Um Brasil *blasé* como efeito do perverso da causa de negação do diverso.

A especialização do trabalho e o zoneamento do espaço, o fracionamento da produção e a produção da segregação compuseram individualidades nas grandes cidades do século XX. Simmel lança a hipótese de uma individualidade forjada na indiferença, expressão subjetiva de

⁷⁰ Programa de Aceleração do Crescimento I e II, implementados nos governos Lula e Dilma (2002-2016).

⁷¹ Menção ao conto “Um Relato à Academia”, de Franz Kafka, que desenvolveremos mais adiante.

uma crise incipiente da metrópole no humano. Tal como o estranho personagem de Poe a “base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na intensificação dos estímulos nervosos, que resulta da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores” (SIMMEL, 1973, p.12). No entanto, a circulação de estímulos não é do mesmo tipo da pedagogia de Skinner⁷². O condicionamento de respostas ao variado cardápio sensorial atende a outra lógica. A velocidade da cidade funcional compunha em outra base de escalas os silêncios que deixava transpassar em seus ritmos, movimentando-se em sentido *blasé*.

“Essa fonte fisiológica da atitude *blasé* metropolitana é acrescida de outra fonte que flui da economia do dinheiro. A essência da atitude *blasé* consiste no embotamento do poder de discriminar” (SIMMEL, 1973, p.16). Se o homem “(...) é um animal construtor de cidades (...)” (SPENGLER apud PARK, 1973, p. 27) o é na condição babélica de construir o que dele escapa. A cidade foi mais funcional e sobretudo a cidade policêntrica, foi mais longe que o humano. Na fusão de concreto, aço e vidro com carne, osso e cartilagem, foram os fluídos que deram o tom do que circula. A circulação do sangue, das ideias, afetos, imagens, matéria da mobilidade humana e urbana, trouxe a evidência de uma circulação subcutânea e asfáltica que intersecciona o próximo e o familiar do longínquo e exótico. A subjetividade *blasé* é a expressão de improbidade de misturas que não distinguem suas substâncias e congela, fosca, uniforme e plana, a percepção. O homem não termina na extensão do seu corpo como a cidade não termina na extensão do seu território. A co-extensividade do corpo humano e o corpo urbano se dá no solilóquio de uma relação de “isolamento povoado”. O paradoxo de uma cidade cada vez mais populosa com pessoas cada vez mais solitárias.

Não explorada por Simmel, a pressa parece ser uma das expressões da vida mental da cidade, especialmente na chegada do século XXI. Desde a primeira pressa percebida nos primeiros sinais da sociedade industrial à pressa difusa reinventada mil vezes na sociedade pós-industrial, a pressa aparece como derivativo paradoxal. Efeito e ao mesmo tempo causa do modo de produção capitalístico já em suas origens, a pressa acompanha e radicaliza seus atributos na cidade. Da pressa da produção fabril à pressa da mobilidade urbana na cidade pós-fordista, um imenso complexo de máquinas técnicas e máquinas sociais se criou.

⁷² Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), célebre por seus estudos experimentais sobre o comportamento humano. Adepto do behaviorismo radical, baseava suas investigações sobre a aprendizagem humana através da operância entre estímulos e respostas.

Nesta passagem:

(...) o próprio modelo concêntrico proposto pela Escola de Chicago, onde o processo de desenvolvimento evoluía ao longo de eixos de propagação, do centro para a periferia, tornou-se, definitivamente, inadequado. O mosaico, a representação de um “território suporte instrumentalizado do econômico, de uma economia organizada como conjunto de zonas contíguas, internamente homogêneas, que intercambiam entre elas, não dá mais conta da emergência de um espaço de empilhamentos instáveis de múltiplas redes onde as metrópoles funcionam como pontes e interfaces transdutoras de energia, de informação e de valor (COCCO, 2010, p.4).

O modelo concêntrico evoluindo em eixos de propagação do centro para a periferia, de zonas contíguas internamente homogêneas e intercambiantes, sede lugar a uma cidade policentrada, um empilhamento instável de enrodilamentos de múltiplas redes. Expressão do deslocamento paradigmático do fordismo ao pós-fordismo, a cidade-arquipélago é o chão de fábrica do trabalho difuso. Reconfigurando radicalmente os termos da “(...) polarização social (fragmentação) e espacial (segregação)” (COCCO, 2010, p.6). Ou seja, uma reconfiguração que coloca a cidade pós-fordista no centro das lutas, como um cenário de conquistas de direitos, de uma nova geração de políticas e de investimentos sociais. Uma reconfiguração que imprime o velocizado no centro do deslocamento da sociedade disciplinar à sociedade de controle.

Não tem mais porque, ao passo que o regime de acumulação industrial (fordista) tinha disciplinarizado os corpos dos indivíduos no chão de fábrica e em suas extensões urbanas funcionais, o capitalismo global (financeiro e cognitivo) investe no controle da população nas redes metropolitanas, ou seja, na população entendida, dizia Foucault, como “meio ambiente”. Nesta perspectiva, exclusão, fragmentação e segregação mudam completamente de significação: no regime industrial (ou de industrialização) a exclusão constituía o instrumento de mobilização dos fatores em condições de mercado e de competitividade satisfatórias. No capitalismo cognitivo, a exclusão é mero dispositivo de comando, mas não mais de produção! A crítica do neoliberalismo como regime excludente acaba assim num impasse que despotencializa suas próprias denúncias. Isso porque em suas análises não há aqui um lugar residual para as lutas. Claro, a resistência tem para esses autores, um papel moral. Mas esse não deixa de ser abstrato e impotente, de toda maneira residual e segundo com relação a uma dinâmica geral que é sempre capitalista (COCCO, 2010, p.7).

Um novo sujeito antagonista que emerge não mais da centralidade das fábricas, mas na dispersão das lutas no território da cidade, enfrentando a velocização *blasé* com as armas da dispersão multitudinária, parece ocupar o cenário de perspectivas forjadas no coração da polís do século XXI. O controle do “meio”, como controle da população, nos dispositivos de segurança se acoplam ao modelo de produção flexível, difuso, comunicativo e cognitivo do capitalismo em rede e financeiro. A velocidade desses enfrentamentos na composição de outros ritmos e movimentos que abrem buracos no muro da velocidade mobilizadora do capital,

transforma a velocidade no espaço de uma “heterotopia” (FOUCAULT, 2014). Enfrentar o individualismo *blasé* da velocização, inflexão móvel de dívidas, mídiatizações, insegurança e derrotismo, com a velocidade do rompimento das lutas urbanas que emergem por uma cidade comum, pela garantia de direitos e promoção de novos, pelos investimentos sociais e pela reinvenção do terreno democrático, exige a definição de novas armas.

A vampirização das multidões e o cerceamento da circulação parece ser o lugar da mais-valia maquínica no capitalismo pós-fordista. Da mesma forma que da soma de antíteses parece brotar a soma de resistências no lócus privilegiado da exploração, a cidade. Se o trabalho se tornou difuso e a cidade o adensamento da dispersão em intensificação da produção, as heteropias de uma multidão dispersa, agindo nas redes e ruas, nas infovias e vias, parece ser o novo espaço das lutas. O capitalismo pós-fordista soube capturar os fluxos de uma velocidade que lhe escapa, construindo processos de subjetivação que alimentam uma circulação cada vez mais sitiada. No entanto, não é capaz de conter a profusão de formas de vida (apesar de se alimentar delas) e perspectivas que não param de nascer nos estriamentos dos muros. Berlim/1989 e Brasília/2016⁷³, a queda do muro da “Vitória” da economia do dinheiro e a construção do muro para a vitória da economia do espetáculo, são os dois lados do tempo de uma mesma conjugação paradoxal: os muros são internos à cidade e à subjetividade.

O modo como o capitalismo pós-fordista opera como um deslocamento não só produtivo, mas antropológico (NEGRI; HARDT, 2014), cria, como afirma Marazzi (2008) e Cocco (2010), um modelo “antropogenético”, a cidade como uma nova máquina de produção de subjetividade (GUATTARI, 2000). Mais do que a superação do analfabetismo urbanístico (MARICATO, 2011), precisamos erradicar o analfabetismo da economia política atual. A economia política da cidade (SANTOS, 2002) passa pelo entendimento da centralidade da cidade para a economia política do bio-capitalismo-cognitivo (FUMAGALLI, 2014). As explorações humanas (MARTINS, 2008) encontram as espoliações urbanas (KOWARICK, 2009) no mesmo espaço de produção. “Se a produção é hoje a produção de relação social, a “matéria prima” do trabalho imaterial é a subjetividade e o “ambiente ideológico” no qual esta subjetividade vive e se reproduz” (NEGRI; LAZZARATO, 2013, p. 67).

⁷³ A refere-se ao muro de Berlim e sua clivagem entre o mundo do capital e o socialismo real, e o muro erguido em Brasília em abril de 2016, para garantir a divisão e a “segurança” dos manifestantes nos dois lados opostos: #impeachmentja e o #naovaitergolpe.

As cidades são “máquinas para fazer dinheiro” também e porque é nelas que as sociedades se compreendem como “manifestações de uma identidade cultural”, ou seja, de um “sentido compartilhado de si”. Se para compreender a cidade contemporânea precisamos aprender dos escritores de ficção e dos cineastas, ou seja, precisamos apreender as dimensões narrativas – antes que imobiliárias e fundiárias das cidades, da mesma maneira, para apreender seus processos de valorização (a estrutura da renda), precisamos olhar para o ciclo da produção imaterial (COCCO, 2010, p.18).

Como no conto “*A casa tomada*”⁷⁴ de Júlio Cortázar, a subjetividade foi ocupada peça por peça pelo trabalho imaterial. A captura da linguagem, da capacidade relacional e comunicacional, bem como a inteligência e os afetos são mobilizados para o trabalho em um ciclo que insere a própria alma do trabalhador no processo produtivo (NEGRI; LAZZARATO, 2013). Mais do que o cenário das casas abandonadas pela explosão da bolha imobiliária do *subprime*⁷⁵, narrado com maestria no livro *Sunset Park*⁷⁶, de Paul Auster, parece ser um comercial da Nike⁷⁷ de dez anos atrás que consegue traduzir a narrativa não ficcional do trabalho e da cidade no pós-fordismo, uma partida imaginária disputada pelos ícones do futebol mundial. Uma partida jogada no íntimo dos lares e na destruição dos cômodos interiores. A velocidade do capital, no século XXI, é jogada na casa da subjetividade. Se a cidade pós-fordista é a cidade da era da subsunção real, é também nela que a destituição e a organização da indignação difusa pode ser constituinte.

Em uma importante nota de rodapé encontrada no *Tratado de Nomadologia*⁷⁸, Deleuze e Guattari frisam a necessidade de distinção dos grupos de velocidades estudados por Virilio:

1) as velocidades de tendência nômade, ou, então, a tendência revolucionária (motim ou guerrilha); 2) as velocidades reguladas, convertidas, apropriadas pelo aparelho de estado (a “vistoria”); 3) as velocidades liberadas por uma organização mundial de guerra total, ou então de superarmamento planetário (o *fleet in being* à estratégia nuclear). Virilio tende a assimilar esses grupos em razão de suas interações e denúncia, em geral um caráter “fascista” da velocidade. Contudo, são suas próprias análises, igualmente, que tornam possíveis essas distinções (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 62).

⁷⁴ Conto que compõe o livro *Bestiário*, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2013.

⁷⁵ Colapso financeiro de 2007 impulsionado pela crise do mercado de ações imobiliárias nos Estados Unidos.

⁷⁶ AUSTER, Paul. *Sunset Park*. São Paulo: Ed. Cia das letras, 2012.

⁷⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1RUtOpclLm8>> Acesso em: 30 set. 2016.

⁷⁸ Platô 12, no quinto volume de *Mil Platôs*. Aliás, cabe destacar a obra de Virillio para o pensamento de Deleuze e Guattari sobre a velocidade.

Junto a velocidade da regulação, da vitória, do controle e da guerra, uma velocidade “fascista”, temos uma velocidade nômade, uma velocidade de tendência revolucionária, do motim e da guerrilha. Se a grande questão das cidades na Europa Ocidental do Século XVIII é a regulação e o controle da circulação, inaugurando um espaço de segurança e aperfeiçoamento da vigilância, é porque era necessário sitiar a velocidade. Transformar a velocidade nômade, potencialmente subversiva e deslizante, em velocidade domesticada. As cidades se tornam máquinas sociais de vitória, de controle da velocidade no espaço intramuros e, sobretudo, no espaço da circulação. A cidade passou a ser impensável sem os fluxos que a ligam ao exterior da mesma forma que os seus dispositivos reguladores, seus conjuntos arquitetônicos como fortalezas, portas, muros, torres de vigilância, passam a ter outras funções. Cadenciam o movimento de entrada e saída da cidade, modificam os movimentos, contém e aceleram a circulação segundo um rígido sistema de vigilância dos fluxos. Estriam o espaço com ciências régias, a qual institui uma sequência de quadriculações, regimentos, leis, técnicas, instituições, normas e condicionamentos sociais. Uma tática para subsumir a velocidade revolucionária à velocidade da velocização. Um poder de polícia sobre a velocidade define a cidade da era industrial como uma sociedade que disciplina a velocidade. Na era pós-fordista, o desafio é outro. A vitória vira controle e o descontrole e o risco são parte englobante da velocidade do capital, uma máquina que funciona na imperfeição, soltando chispas, fagulhas, no limite da insegurança e na necessidade da descontinuidade, na inovação.

Esta pesquisa nasce do enfrentamento do que chamarei aqui de quinta figura subjetiva da crise somada à interpretação de Hardt e Negri (2014): a figura sintomática do velocizado. Derivado das quatro figuras anteriores, torna-se o núcleo das relações de força que serão travadas na disputa dos sentidos de um fazer pesquisa e fazer cidade. Estratégias de desativação tática e descontrole da circulação. Anti-velocização, pedagogias pedestres. Entender como funciona a velocização molar do bio-capitalismo cognitivo é central para enfrentar não só a circulação sinistra de suas axiomáticas cínicas mas, também, ativar processos de subjetivação e possibilidades de desvios.

VELOCIZADO: POLÍTICAS DE IMOBILIDADE URBANA

Mas é inevitável: para se compreender aquilo de que se trata, há que ir até o campo, de quando em quando. Mesmo para a filosofia, impõe-se descobrir uma vagoriedade.

(SLOTERDIJK, 2002, p.20)

Meu vislumbre de um mundo imóvel, dos milhares de motoristas sentados passivamente em seus carros nas estradas e elevados ao longo do horizonte, parecia uma visão única daquela paisagem de máquinas, um convite à exploração dos viadutos da nossa mente.

(BALLARD, 2007, p.61)

Interlúdio III

O engarrafamento de Cortázar

Imagine um engarrafamento que dura um ano. Uma autoestrada cheia de automóveis parados. Motoristas que retornavam de um final de semana na praia enfurecidos pelo estancamento súbito de suas vidas. No começo ninguém desconfia que a barricada de carros a sua frente durará tanto tempo. Que a copa de árvores que visualiza ao lado esquerdo do para-brisa dessa vez não passará como um raio e permanecerá durante meses até sumir para sempre de sua consciência. Quem iria imaginar que os modelos Citroen, Mercedes Benz, ID, 4R, Lancia, Skoda, Morris Minor, Renault, Anglia, Peugeot, Porsche, Volvo, permaneceriam no seu campo de visão tanto tempo, a ponto de você se familiarizar com essa disposição na estrada. Não só se familiarizar como conhecer cada um dos integrantes daqueles veículos. Aos poucos, um a um, os motoristas começam a abandonar seus carros. A moça do Dauphine observa os meninos louros do carro ao lado. O engenheiro do carro atrás reserva explicações detalhadas ao casal que lhe pede informações sobre o que está ocorrendo quilômetros à frente. Toda uma rede de relações começa a ser tecida. Carros maiores viram leitos para os doentes. Encontros amorosos dividem lugar com pequenas desavenças do cotidiano. Um grupo de homens sai em busca de mantimentos. Alguém morre solitário agarrado ao volante que não voltará mais a

dirigir. Depois das chuvas tórridas do verão, do lento esfriar do outono, da neve e do florescer da primavera, a fila de automóveis começa a mexer. O mundo constituído pela parada súbita dissolve-se ao ritmo da primeira marcha. A velocidade aumenta e logo os carros atingem 80km/h sem saber para que tanta pressa, “por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam fixamente para a frente, exclusivamente para frente” (CORTÁZAR, 2011, p.35). Olhando exclusivamente para frente os motoristas de Cortázar dão continuidade a uma trajetória sem a presença do outro. Os laços de pertencimento se dissolvem à medida que a rotação do motor se intensifica. O que o engarrafamento produziu em possibilidade de encontros se dissipa junto à nostalgia que aflige os motoristas a cada carro que desaparece para sempre de seu convívio. O fantástico engarrafamento de Cortázar é uma inflexão de tudo que tentamos argumentar até agora. A velocidade é uma política de segurança. A velocidade é uma forma de controle. A constante mobilização para o trabalho. A disponibilidade para o que der em vier. O estar atento as oportunidades. A rapidez dos meios de informação. O torvelinho de acontecimentos cotidianos. A densa carga de informação que chega de todas as partes do globo em tempo real. O encurtamento das distâncias. A sensação de estar sempre em casa mesmo em terras distantes. A uniformização dos gostos, das escolhas e das não escolhas. Do pequeno e do grande, das idades e lugares. A mistura vertiginosa de percepções e mundos. Os descabros das certezas comercializadas. O sentimento da aceleração da vida. O sentimento de aceleração do tempo. Não podemos parar. Não podemos ficar para trás. Estamos velocizados. Acelerados por um modo de vida que nos exercita no endividamento, nos signos de mediatizações assintomáticas, no acúmulo de medos individuais, na vontade insossa de segurança e na ausência de um projeto coletivo de mudança singular. Estamos no ventre de um processo neo-niilista de produção biopolítica. A velocidade é uma forma de manter modos seguros de subjetividades dóceis. Levantar, trabalhar, trabalhar para ter condições de continuar trabalhando. A velocidade de uma vida baseada em uma política de austeridade constante. Fast-foods, palestras de autoajuda as últimas promoções do pegar ou largar, os pacotes turístico do tipo conheça 5 países em 7 dias e 8 noites, os cursos de atualização, as formações rápidas. Temos pressa, muita pressa de comer, viajar, aprender, gastar, amar. Não podemos perder tempo. A vida passa muito rápido. Aproveite o dia. A hora é agora. Não adie o seu prazer para outro dia. Use seu cartão de crédito. Faça um bom negócio. Pense

nos custos benefícios. Saia da rotina. Estamos no meio de uma vertigem do tempo que submete todos e cada um aos mesmos dilemas existenciais, operacionais, financeiros, psíquicos, culturais, biológicos. Consumindo toneladas de lixo sógnico, toneladas de agrotóxicos e centenas de estereótipos de como amar, viver, gastar, onde ir, o que fazer nos dias de domingo. A velocidade é uma política de segurança. A velocidade é uma política de controle. Mas o que ela assegura? O que ela quer controlar? Como opera? Com quais estratégias? que circulações ela aprisiona?

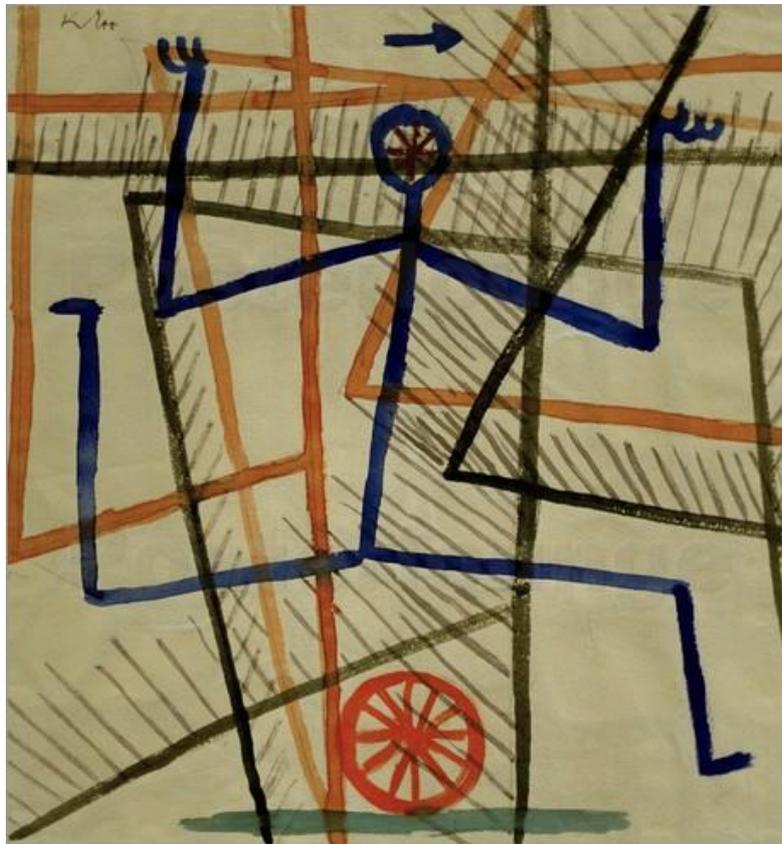


Figura 4 - Eile ohne Rücksicht, Paul Klee

Pressa

A modernidade pode ser interpretada como uma política cinética. Uma mobilização constante e perpétua de aceleração, de progresso ininterrupto. Peter Pelbart (2014), na esteira de Junger e Sloterdijk, desenvolve a ideia de uma mobilização

infinita, detectando um processo de aceleração que dissolve as diferenças entre guerra e trabalho.

Assim, envia-se ao fronte tudo o que é reserva de forças e que impele à realização do que é potencial. A técnica moderna como “mobilização do mundo pela figura do trabalhador”, que não é o operário marxista, o proletariado, mas um sujeito planetário “ultraperformativo, tremendo de *fitness*, endurecido pela dor, neo-objetivo em seu engajamento decidido em favor do sistema de ação que se exalta, que se arma, que se lança para frente e que, como se diz igualmente, olha para o futuro”. É o processo pelo qual se coloca à disposição potenciais de movimento cada vez maiores. Daí a necessidade de um crítica da mobilização, da aceleração, do movimento – numa preparação ao que ele chama de “desmobilização”, contrapondo-se à utopia cinética da modernidade. Pois a mobilização, o cinetismo, a autocriação incessante, a autointensificação, em suma, produziram uma espécie de niilismo do dionisíaco fugidio, beirando a volatização fantasmática... é a *mobilização neoniilista* (PELBART, 2014, p.148).

O velocizado vive sob o paradoxo da aceleração do que permanece sempre o mesmo. A estratégia se aloja na captura do tempo, de todo o seu tempo. A mobilização infinita cria um aprisionamento da subjetividade, uma padronização acelerada de modos de ver, pensar, falar. Pacotes de linguagem, pacotes de possibilidade existenciais, pacotes de afetividade. Vendem-se ideais de felicidade da mesma forma que se vende um pacote turístico. Achatado pela falta de escolha, se desrealiza na temporalização do trabalho pós-fordista. O velocizado vive o tempo como um acúmulo de tarefas, uma agenda existencial que nunca para de crescer.

Estamos exaustos e correndo. Exaustos e correndo. Exaustos e correndo. E a má notícia é que continuaremos exaustos e correndo, porque exaustos-e-correndo virou a condição humana dessa época. E já percebemos que essa condição humana um corpo humano não aguenta. O corpo então virou um atrapalho, um apêndice incômodo, um não-dá-conta que adoce, fica ansioso, deprime, entra em pânico. E assim dopamos esse corpo falho que se contorce ao ser submetido a uma velocidade não humana. Viramos exaustos-e-correndo-e-dopados. Porque só dopados para continuar exaustos-e-correndo. Pelo menos até conseguirmos nos livrar desse corpo que se tornou uma barreira. O problema é que o corpo não é um outro, o corpo é o que chamamos de eu. O corpo não é limite, mas a própria condição. O corpo é (BRUM, 2016, p.1).⁷⁹

⁷⁹ Fragmento extraído do artigo “Exaustos-e-correndo-e-dopados”, de Eliane Brum. Pode ser encontrado no link [http: </brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html) >Acesso em 30 set. 2016.

Se o securitizado é o agente dos controles e disciplinamentos populacionais inerentes ao crescimento das cidades, o velocizado é um efeito direto do endividado. Hipotecado e financiado, vende seu tempo a qualquer preço. A subjetivação que decorre desse processo instaura um modo de vida de mobilização constante para o trabalho potencializando o duplo endividamento contraído: financeiro e psíquico/moral. O velocizado tem medo de parar. Primeiro, porque depende da sua mobilização produtiva infinita para assegurar o cumprimento de suas dívidas, seu expediente eterno. Segundo, porque, como uma motocicleta, não se equilibra ao parar. Teme cair, despencar emocionalmente. Como assinalou Franco Berardi (2005) é o operário de uma gigantesca “fábrica da infelicidade”, tornando-se o saldo estranho da soma do mito do progresso, da moral moderna do trabalho, com as novas formas de exploração do trabalho no capitalismo bio-cognitivo.

Submisso a uma rede de dispositivos biopolíticos, devorado pela cronopolítica do capital, existindo nas brechas do delírio da aceleração constante, o que pode contra a loucura circular do seu esmagamento cotidiano? Como se insurgir a um modelo que nos acelera até o último grau do suportável? O que esse aceleração da vida tem provocado nas práticas urbanas e nas práticas de si? Como interfere na relação com o espaço e como produz espaços de aceleração? Como romper com a circulação sinistra que provoca?

Akademia da Velocidade

Já em 1975, Paul Virilio (1999) destacava a importância de pensar o “país da velocidade”, o não lugar de uma experiência de viagem que não se confunde com o espaço atravessado. Ao perguntar “Onde estamos quando viajamos?” e “Que sabemos da velocidade?”, inseria uma linha problemática sobre o impacto da velocidade, seus significados opacizados, seus inauditos e desdobramentos para o mundo contemporâneo. Preocupado em demonstrar como a geografia variável do país da velocidade trouxe tempos obscuros, Virilio comparava o desenvolvimento do transporte ferroviário com a lanterna mágica (imagem irônica se recordarmos da locomotiva chegando em uma estação, uma das mais emblemáticas imagens dos irmãos Lumière). Da mesma forma que esta, o aceleração dos meios de transporte projeta sombras num quarto escuro, transformando as partículas de espaço em um deslizar homogêneo da paisagem. Um

cegamento temporário que coloca o viajante numa posição antagônica aos significados primordiais da *Pedagogia*.

Se a Pedagogia originalmente era a ligação entre o sentido e o deslocamento pedestre nos jardins de Akademos, se a aproximação lenta permite o encadeamento de sentido dos elementos do mundo atravessado, as altas velocidades tornam telescópicas as significações, ao ponto de dissolvê-las como a luz dissolve as cores. Mas este encantamento da velocidade é também cegamento passageiro, cegueira do passageiro (VIRILIO, 1999, p.187). (*Tradução nossa*)⁸⁰

A utopia cinética provoca a perda do espaço. Torna ausente o significado da passagem, isolando-a em uma fração de tempo, entre a origem e o destino. Uma teleologia perversa imbricada no tempo da espera da travessia. A “prótese veicular” (VIRILIO, 1999, p.187) se converte em cápsula vedada ao mundo externo. Ao contrário dos “vagabundos” de Kerouac (1922 – 1969), como lembra o autor, a viagem não acumula nenhuma experiência com os lugares em que passa, somente altas doses de tédio e temperança com a espera em meio ao continente da velocidade. A pedagogia da velocidade é uma pedagogia da uniformidade e da unidirecionalidade. O esvaziamento de sentido da aceleração se traduz na despersonalização e na desterritorialização dos lugares. A pedagogia da velocidade produz uma verdadeira “fábrica da velocidade” (VIRILIO, 1999, p.188).

O que essa “fábrica da velocidade” produz? Um contingente de velocizados. Antítese da experiência sensível do espaço, o velocizado é o fruto da mediação veicular que aproxima a um só tempo a aceleração dos transportes e a aceleração da comunicação numa dissolução dos espaços, não-lugares de dissipação de sentidos. Talvez tenha sido no cinema de Michelângelo Antonioni⁸¹ que a dissolução moderna do espaço e a

⁸⁰ “Si en su origen la Pedagogia fue la puesta en relación del sentido e del desplazamiento pedestre en los jardines Akademos, si la aproximación lenta permite el encadenamiento del sentido de los elementos del mundo atravesado, las altas velocidades vuelven telescópicas las significaciones, al punto de disorvelas como la luz hace com los colores. Pero este deslumbramiento de la velocidad es también encegucimiento pasajero, cegueira dela pasajero” (VIRILIO, 1999, p.187).

⁸¹ Cineasta Italiano (1912 – 2007) dono de uma vastíssima filmografia. Contemporâneo ao Neo-realismo Italiano, Antonioni imprimiu sua marca no cinema mundial ao fusionar uma proposta fílmica intimista e subjetiva.

dissipação pós-moderna dos sentidos tenha ficado tão evidente, ou tão estetizada. Na conversão cinemática que Antonioni traz em um fazer cinema que se confunde com um fazer pensamento, a experiência estética e antitética da aceleração é uma constante em sua filmografia. Considerado como um cinema da imobilidade, sua obra percorre inúmeros experimentos com o espaço e com o sentido. Das personagens à deriva de *Deserto Vermelho* (1964)⁸² à trilogia da Incomunicabilidade⁸³, temos um amplo escopo de problematizações que, por intermédio do cinema, podemos utilizar como emblemática a constatação do aceleramento e do estado de crise em que vivemos. Quando a personagem vivida por Mônica Vitti⁸⁴, em *Deserto Vermelho* (1964), desconfia que há algo de muito ruim na realidade, deambulando por um território industrial em eterna neblina, numa nítida referência à náusea existencial que perpassa todo o filme, podemos aproximar a velocização da vida a um estado de exceção permanente, o *blasé* da velocização. Aceitamos a condição de aprisionamento do tempo como uma condição passageira, postergando as alternativas e resistências a espaços paradisíacos, espécie de oásis hedonistas efêmeros. A velocização é uma forma de controle da revolta em pelo menos três sentidos: cegueira com o espaço; mobilização inconsciente; ausência de experiência.

Seguindo as pistas de Peter Sloterdijk, o moderno processo de aceleração pode ser distinguido em três tendências:

O grande automovimento para mais movimento efetua-se, em primeiro lugar, como tendência para motorização, para a instalação de unidades automáticas de processamento e para a contínua aceleração das mesmas (tacocracia); em segundo lugar, como tendência para aligeirar, analgizar e excluir as funções dos sujeitos demasiado sensíveis, demasiado lentos e demasiado orientados para a verdade (automação através da dessensibilização ou da exclusão do contexto); Em terceiro lugar, através da supressão progressiva das distâncias e das imponderabilidades em concomitância com a apropriação estratégica do alheio (logística). Nesses três complexos de execução o mundo, até então recurso inerte, é preparado, codificado, tornado pronto para o consumo e desrealizado para os sujeitos automóveis do sistema. A desrealização é o resultado psicossocial da “autorealização” sistemática, na qual o conceito

⁸² Filme dirigido por Antonioni em 1964, retratando a perda de referências antropológicas e o vazio dos espaços físicos e subjetivos.

⁸³ *A aventura* (1960), *Noite* (1961) e *Eclipse* (1962) compõem a trilogia.

⁸⁴ Atriz italiana que protagonizou o filme *Deserto Vermelho* (1964).

antiquado de realidade se contrai logicamente até a função residual do “ainda-não-mobilizado (SLOTERDIJK, 2002, p.50).

Materialização de autorrealizações dessemantizadas e corroboradoras de uma logística da dessensibilização, o aceleração subjetivo mobiliza para uma exclusão do contexto. A cidade acelerada é uma cidade dessubjetivada do potencial de fazer contexto de resistência a um automovimento ruidoso. As três tendências codificam um complexo de aprendizagens do espaço mobilizadoras “de agentes ontológicos do movimento para mais movimento” (SLOTERDIJK, 2002, p.56). A crítica de uma cinética política de Sloterdijk é a tentativa de colocar a claro uma forma de enfrentamento do processo moderno de mobilização como sintoma de uma política da velocidade. Não implicando em apenas um deslocamento da teoria crítica da alienação para uma linguagem cinética, espécie de terceira onda crítica após o marxismo e os frankfurtianos⁸⁵, mas uma tentativa de desvelar uma “heteromobilidade catastrófica” (SLOTERDIJK, 2002, p.26).

A modernidade como um projeto de ação e de mobilização de um sujeito para o movimento representa o *perpetuum mobile* de mecanismos de autopropulsão fantasmáticos. Um *lapsus* de uma utopia cinética do movimento que arrola para si formas de descontrole desencadeadas pelas tentativas de controle. Seu efeito é o paradoxo do colocar em movimento forças que escapam à intencionalidade inicial, dado que colocar-se a si mesmo em movimento num mundo que movimenta a si mesmo adiciona movimentos que resultam em movimentos imprevistos. As decorrências desses axiomas reverberam uma avalanche de pensamentos que soçobram no museu de erros retesados em pedagogias de controle. A velocização moderna é um acelerar e desacelerar de condutas que não para de traficar perspectivas em um mundo imerso no globo oracular do Aleph de Jorge Luís Borges: um ponto do universo onde todos os outros pontos se encontram. O ponto de vista onipotente das subjetivações contemporâneas que mira para todos os espelhos do mundo, ao mesmo tempo em que nenhum o reflete em tempo algum.

⁸⁵ Não se trata de uma superação da teoria da alienação tal como sistematizada no primeiro Marx, a reificação do trabalhador em relação ao seu processo de trabalho. Ou ainda, da retomada inventiva da conhecida plêiade de pensadores marxistas da escola de Frankfurt (entre os quais Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin) que agregou produções originais como os conceitos de indústria cultural, dialética negativa, estado de exceção e muitos outros. Mas de um deslocamento de perspectiva, conduzindo uma mirada criativa de interpretação da modernidade como um processo de alienação que se dá por meio da mobilização constante. Poderíamos chamar de um modo de produção de velocidades que gera alienações por intermédio dos aceleramentos capitalísticos (SLOTERDIJK, 2002).

A inversão da utopia cinética da modernidade é a versão que reflete “olhares de Hopper”, suspensão da barulheira mobilizatória do consumo e do trabalho transformado em guerra, para um desentendimento profundo do significado do ser para o movimento da modernidade. Ruas vazias de outra ordem e cheias de espaços de subjetivação amparados na espera fina de uma vida sem teleologia. Um domingo de manhã em frente ao estabelecimento comercial, a janela de um quarto de hotel, amantes numa varanda de verão, hospedarias iluminadas por luzes estranhas que sombram a noite com expectativas de Hitchcock⁸⁶, a solidão em um desfile de solilóquios. É a filosofia da vagarosidade como massa fértil de uma máquina de visão háptica. É o deambular de um olhar que passeia ao deserto da multidão quando a multidão insiste em ir de novo e repetidamente ao deserto. O exercício de desertar da autorrealização deserta da ruína. O que sobra da noite mobilizatória da modernidade quando a heterotopia revela os fotogramas de um espaço sem luz? O que advém de pedagogias que brotam dos lugares incomuns das cidades menores? Da heterogênesse de uma pesquisa que nasce através de muitos componentes existenciais, territórios de uma nova corporeidade subjetiva?

A desfaçatez fatídica de locomoções reversas de sentido que a velocização inaugura, violando as fronteiras de ciências pessoais de uma longa e atávica condição pesquisante, ancora, nos créditos de ligações nada espontâneas dos dispositivos que enrodilham os pormenores das presilhas existenciais, focando nas luzes dos faróis da modernidade rolante, o automóvel como lugar sagrado da modernidade.

Por isso o automóvel é o que há de mais sagrado na Modernidade, é o centro cultural da religião universal cinética, é o sacramento rolante que nos proporciona a participação naquilo que é mais rápido do que nós próprios. Quem guia um automóvel aproxima-se do numinoso, sente como o seu pequeno EU se engrandece até se tornar um sujeito superior, que nos dá como habitat todo o universo das vias rápidas e nos torna conscientes de que estamos destinados a algo mais que uma vida semianimal como peões (SLOTTERDIJK, 2002, p.36).

⁸⁶ Alfred Hitchcock (1899-1980), cineasta inglês considerado o grande mestre dos filmes de suspense. Hitchcock foi profundamente influenciado pelas pinturas de Hopper, reproduzindo em seus filmes uma atmosfera *noir* similar às cenas urbanas do artista.

Sacrossanto incremento de ferro e progresso, calibrado pelo sonho das barreiras expe-lidas, nos textos sagrados de conchas velozes recheadas de subjetividades empobrecidas. É o vazio das estradas cheias e paralisadas pelas distopias do aceleração, uma imagem do apocalipse motorizado de Ivan Illich⁸⁷ ou do *travelling* de dez longos minutos de engarrafamento em um final de semana à francesa na película de Godard⁸⁸. Autopropulsão da vertigem do aceleração neo-niilista dentro de uma educação analgésica, que traz incompreensão e arroubos coagulantes do pensamento. A cidade do capital é a capital da insensatez contemporânea. Lugar do não lugar do país da velocidade. Como refrear a carapuça fétida e purgadora de modos de aprisionamento das contracorrentes ambulantes de novos evangelhos sobre a cidade? Com seus terrenos selvagens e suas criaturas indóceis ao território da velocidade molar?

Se ela for possível, então concretizar-se-ia, desde o princípio, como escola preparatória de desmobilização. Somente como tranquila teoria do movimento, somente como silenciosa teoria da ruidosa mobilização, é que uma crítica da Modernidade ainda pode ser diferente do objeto criticado. Tudo o mais é cosmética racional da comparticipação, choque consciente ou inconsciente entre comboios de qualquer maneira em movimento, mimese do processo básico no processo reflexivo (SLOTERDIJK, 2002, p.42).

A desmobilização educativa proposta pelo filósofo alemão como arma para o enfrentamento dos ardis do projeto moderno de aceleração é uma pista instigadora para a construção de estratégias de pesquisa na cidade. A necessidade de desviar do comboio mimético de certezas previamente traçadas, do rompimento com os pesadelos do sujeito do pensamento moderno e suas quiméricas cruzadas em asseverar os dados em instrumentos confiáveis. Perder a velocidade é subversivo. Desacelerar, mesmo estando acelerado, é uma forma de conter a alucinação da velocidade do capital em nós mesmos. Uma forma de encontrar outras velocidades. Velocidades desviantes. Mobilizações de outra ordem. Pesquisas de outra ordem. Pedagogias que realmente caminham. Com a intenção de caminhar mais e correr menos, essa pesquisa é uma fantasia metodológica de apreensão de objetos que escapam ao controle dos olhares objetivos. A desvalorização de

⁸⁷ Filósofo austríaco, autor do livro “Sociedade Sem Escolas”. Importante referencial para pensar os fluxos de aprendizagens que se dão nos espaços não escolares, em especial nos interessa nesse trabalho suas abordagens sobre cidade e educação (ILICH, 1985).

⁸⁸ *Weekend à Française*, filme de Jean-luc Godard (1967), roteirizado a partir do conto “Autoestrada do Sul”, de Júlio Cortázar.

aspectos de desconstrução de metodologias seguras expelle o desejo de praticar conhecimentos longe dos messianismos de definições presunçosas sobre o que se escreve e se fala sobre as relações entre a cidade e a educação. A cidade é educadora quando desescolariza a percepção das intencionalidades disciplinalizadoras dos espaços de pesquisa, mesmo quando a pesquisa é sobre os espaços. Desta forma, o olhar da metrópole é mais abrangente que as próprias metrópoles. Não precisamos estar nas metrópoles para “metropolizar” os ritmos que assolam o desencadear das vidas e as mobilizações infinitas. Pesquisar a metrópole pode ser bem mais que pesquisar na metrópole. Pesquisar lógicas que nasceram metropolitanas, assim como as formas de resistência que até agora foram sempre representadas como somente metropolitanas, abre o flanco de uma rede de problematizações que situa cidades como Passo Fundo, distantes das metrópoles, exatamente ao centro da lógica das metrópoles.

As variações que assumem a média cidade interiorana como média metropolitana de todas as crises do urbano em escala maior são o coeficiente comum de uma cultura metropolitana que vai bem mais longe que a extensão física e demográfica das metrópoles. Em cidades como essa temos a inflexão não só à sombra de espectro similar, mas à similitude de espectros singulares. Índices de uma necessidade de entendimento das novas composições do trabalho e dos aparatos de uma sociedade de controle. Se a metrópole tornou-se uma grande fábrica social no contexto do pós-fordismo, a metrópole não pode ser aferrada a apenas uma condição extensiva às delimitações municipalistas, mapa político para os bancos escolares, abstração redutora para a compreensão das modulações produtivas. Nesse sentido, tudo é cidade. Toda a cidade é metrópole.

O conhecimento não é necessariamente cópia ou reflexo, simulacro ou simulação, de um objeto já real. Em contrapartida, ele não constrói necessariamente seu objeto em nome de uma teoria prévia do conhecimento. De uma teoria de objetos e de “modelos”. Para nós, aqui, o objeto se inclui na hipótese, ao mesmo tempo que a hipótese refere-se ao objeto. Se esse “objeto” se situa além do constatável (empírico), nem por isso ele é fictício. Enunciamos um *objeto virtual*, a sociedade urbana, ou seja, um *objeto possível*, do qual teremos que mostrar o nascimento e o desenvolvimento relacionando-os a um *processo* e a uma *práxis* (uma ação prática) (LEFBVRE, 2008, p.14).

Embora o campo de pesquisa seja a cidade e não o campo, o que desenvolvemos com crítica de uma cinética política é a velocização do apagamento de fronteiras epistêmicas que determinações extemporâneas são capazes de proporcionar nesse

momento. Desserviços amorfos para o conhecimento sofisticado de aprendizagens sobre a cidade quando o mundo inteiro vive sobre a cultura da urbanização. É desse jeito que os fenômenos vivenciados em qualquer cidade traçam os pontos de ligações ocultas com os fluxos tendenciais de uma crise que começa na metrópole ou se atualiza nelas e ultrapassa seus efeitos ou atualizações a toda e qualquer cidade e também a toda vida no interior e no campo. Somente um idealismo aconchegado pelo isolamento em uma pequena mansão de sonhos individualistas pode acalentar o onirismo das fronteiras que separa a crise das metrópoles das crises urbanas de cidades medianas.

Ao sul escarpado de uma encruzilhada de fatores econômicos, sócio-históricos, espaciais e culturais que o processo de pesquisa na cidade de Passo Fundo é capaz de realizar, na intempérie de encontrar o estrato comum do homem comum da nossa época, velocizado onde quer que esteja. Dessensibilizado onde quer que se esconda. Não há fora da metrópole. Na lógica da crise urbana como crise de subjetividade, não há fora nem dentro das dinâmicas da metrópole, uma vez que a metrópole é uma tendência do processo de subjetivação que independe de onde se está, mas sim de como se é afetado por se estar em algum lugar, mesmo que no lugar nenhum da velocidade.

Isso implica na celeridade da acefalização. A pedagogia da velocidade converte o cidadão do mundo a todo cidadão do mundo. Cidadão da utopia, habitante e prisioneiro da passagem. Cidadão cativo de uma “cidade em trânsito” (VIRILIO, 1999, p.192). “Os usuários das cidades-trânsito são espectros que compõem um conjunto exótico e sem porvir: semelhante à “arte de aeroporto”, eles assinalam uma desqualificação” (VIRILIO, 1999, p.192) (*Tradução nossa*)⁸⁹. Incapaz de escapar da ditadura da velocidade, o velocizado é conduzido pelas estradas da desrealização imponderável, no vai e vem de um *u-topus* da circulação. Uma *Jet-society* (VIRILIO, 1999, p.192) girando vertiginosamente no vazio do globo em estado de hipnose pela alta velocidade.

A perda de sensações cinéticas ou táteis, de sensações olfativas, produzidas por uma prática veicular direta, não pode ser compensada por uma percepção mediatizada, pela visualização indireta do desfile de imagens no para-brisa do

⁸⁹ “Los usuarios de las ciudades-tránsito son espectros que componen un conjunto exótico y sin porvenir; igual que con el “arte de aeropuerto”, ellos señalan una descalificación” (VIRILIO, 1999, p.192).

automóvel, na tela cinematográfica ou na tela pequena da televisão (VIRILIO, 1999, p.197) (*Tradução nossa*).⁹⁰

Espécie de estrangeiro e espectador da sua própria vida, o velocizado se distancia do próprio corpo e do corpo da cidade. Já não basta descer ao nível das ruas, como preconizava Michel de Certeau (2001) em célebre ensaio (*Caminhadas pela Cidade*), ao contrastar a visão panorâmica da cidade, vontade de Ícaro ou paixão pelo conjunto, pela imersão na cidade, Ícaro caído nos estratagemas de Dédalo. Mas da necessidade de além dessa imersão, a “pedestrialização” (velocidade diferencial) de Ícaro. Como os anjos de Wenders no metafísico *Asas do Desejo* (1987), trocar o tédio da velocidade atemporal pela eternidade cairológica do comum na cidade. Espaços da heterotopia que avolumam uma densidade de experiências no território da urbes. “Espaços outros” como diria Foucault (2014).

Tal como os motoristas de Cortázar, como “engarrafar” a constante mobilização? Como reproduzir “embreagens existenciais” ao modo de Guattari (2000)? Como fomentar o “olhar para o lado” (CORTÁZAR, 2006, p.35) como um movimento de resistência e potencialização de cidades rebeldes aos moldes de Harvey (2014)? Constituir a percepção e o desejo de um projeto comum de cidade seguindo as provocações militantes de Hardt e Negri (2014)? Como criar estratégias de apreensão dos “espaços outros” (FOUCAULT, 2014) de um fazer cidade que nos escapa na aceleração cotidiana do capital dando ensejo a outras velocidades? Como realizar práticas urbanas antitéticas, as cinco figuras subjetivas do estado de crise permanente mostradas até aqui? Como fazer? Ou será que as perguntas precisam de outra flexão verbal e, portanto, outro sentido... o que tem sido feito? Como tem sido feito? Por quem tem sido feita essa invenção tão necessária de modos de vida e organização do espaço, como sementeiras do direito à cidade? Como sementeiras de um projeto do comum? Como sementeiras de novas tendências urbanas através de heterotopias pedestres e suas formas de criar andarilhagens?

⁹⁰ “La pérdida de sensaciones cinéticas o táctiles, de sensaciones olfativas, suministradas por una práctica vehicular directa, no puede ser compensada por una percepción mediatizada, por la visualización indirecta del desfile de imágenes en el parabrisas del automóvil, en la pantalla cinematográfica o incluso en la pantalla chica del televisor” (VIRILIO, 1999, p.197).

Êxodos Velozes, outras velocidades

A aceleração do capital destruiu e criou modos de vida. A história do urbanismo é marcada por processos de reformulação urbana, de modernização das cidades que espacializam a lógica do aceleramento. Das reformas urbanas do Barão Haussmann na Paris do século XIX aos Congressos de Arquitetura Moderna (CIAMs) dos anos 1910-20 a 1959 e às versões tupiniquins de Francisco Pereira Passos⁹¹ na reinvenção do Rio de Janeiro no início do século XX, temos um amplo cabedal de transformações urbanas signatárias desse processo (BERENSTEIN, 2006). A necessidade de abertura de vias rápidas e amplas, verdadeiras artérias no corpo da *Urbes*, as mudanças operadas no território da cidade para atender o espírito do progresso e suas necessidades devoradoras marcaram as cidades irreversivelmente. Sob o ímpeto de dar vazão à circulação e assegurar o seu controle, desentrevando todos os obstáculos possíveis, ruelas, casas, acidentes naturais, topografias idiossincráticas, *personas non gratas*, as reformas urbanas contribuíram para o desaparecimento de modos de habitar e formas de vida.

De forma simultânea a esse processo podemos destacar todo um conjunto de resistências que acompanharam a reforma das cidades, segundo Paola Berenstein, um pequeno histórico de errâncias.

Esse histórico seria construído por seus atores, errantes modernos ou nômades urbanos, herdeiros tanto de Abel ou Caim. Os errantes urbanos não perambulam mais pelos campos como os nômades, mas pela própria cidade grande, a metrópole moderna, mas recusam o controle total dos planos modernos. Eles denunciam, direta ou indiretamente, os métodos de intervenção dos urbanistas, e defendem que as ações na cidade não podem se tornar um monopólio de especialistas (BERENSTEIN, 2006, p.128).

Buscando demonstrar como a errância urbana cria outra experiência da cidade, a autora defende “um tipo específico de apropriação do espaço público, que não foi pensado e nem planejado pelos urbanistas ou outros especialistas do espaço urbano”

⁹¹ Francisco Pereira Passos (1836 -1913), engenheiro e político brasileiro responsável pelas reformas urbanas do Rio de Janeiro do começo do século XX.

(BERENSTEIN, 2006, p.117). Uma espécie de devir errante como ferramenta para uma compreensão da cidade. Seguindo a contribuição teórica de Walter Benjamin e suas lições de como “perder-se na cidade”⁹² como uma renovação da experiência urbana e de Michel de Certeau, onde “caminhar é sair” (CERTEAU, 2001, p.184), Paola Berenstein afirma um urbanismo errante. Um método de aprendizado da cidade que implica uma deambulação à deriva no espaço urbano.

A necessidade de uma certa cegueira no deslocamento, de uma certa perda da orientação, um desorientar-se intencionalmente na cidade como tática de produção do conhecimento sobre/com a cidade. Esse estado de percepção desterritorializado seria a primeira condição para obter uma decodificação⁹³ do espaço urbano, condição para outro urbanismo. Espécie de antítese das figuras do endividado, securitizado, mediatizado, representado e (principalmente a criação tipológica desta tese) o velocizado, a autora dá ênfase a uma prática urbana entregue ao espaço público e sem a mediação da espetacularização cotidiana.

A errância é um exercício de pedestria. Exigindo “micropráticas cotidianas do espaço vivido” (BERENSTEIN, 2006, p. 120), a errância não se amolda à aceleração do velocizado. Exige lentificação, suspensão, paradas, abertura a outras velocidades. Uma educação por meio da errância, contraposta à pedagogia da velocização, pode começar a ensaiar heterotopias pedestres, que implica em compreender a velocidade de outra forma. A velocidade da lentidão. A velocidade de outros aceleramentos.

Para Deleuze e Guattari, a lentidão não seria, como pode-se acreditar, um grau de aceleração ou desaceleração do movimento, do rápido ao devagar, mas sim um outro tipo de movimento: “lento e rápido não são graus quantitativos do movimento, mas dois tipos de movimentos qualificados, seja qual for a velocidade do primeiro, e o atraso do segundo”. Os movimentos do errante urbano são do tipo lento, por mais rápidos que sejam, nesse sentido a errância poderia se dar por meios rápidos de circulação, mas esta continuaria sendo lenta. O estado de espírito errante é lento, mas isso não quer dizer que seja algo nostálgico ou relativo a um passado, quando a vida era menos acelerada, como

⁹² Célebre expressão do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940). Benjamin desenvolveu importantes estudos sobre as relações entre pensamento e a cidade, sendo o seu mais ousado trabalho o livro ou antilivro inacabado “*As Passagens*”.

⁹³ Na perspectiva ampla de Guattari, abertura de códigos dos sistemas semióticos (econômicos, jurídicos, midiáticos, etc) ou de fluxos sociais e materiais na cidade. Exemplos disso são as maquinações de espaço, habitação, circulação e uso do espaço urbano, seja nos ajustamentos molares e moleculares de comando do capital, seja no ajustamento de linhas de fuga da cidade ao controle capitalista (GUATTARI, 2000).

buscam os adeptos do neo-urbanismo. Porém, essa lentidão pode ser vista como uma crítica ou uma denúncia da aceleração contemporânea, aquela buscada pelos urbanistas neo-modernos, ávidos de meios de circulação cada vez mais velozes. Entretanto, a lentidão do errante não se refere a uma temporalidade absoluta e objetiva, mas sim relativa e subjetiva, ou seja, significa uma outra forma de apreensão e percepção do espaço urbano, que vai bem além da representação meramente visual (BERENSTEIN, 2006, p.123).

Como frisa Berenstein, não se trata de um retorno a algum Eldorado, país de Cocanha ou a uma cidade onírica de Calvino⁹⁴. O espaço ocupado pelos homens lentos, com suas vivências e práticas do lugar, os motoristas que dividem a rua sem o sonho da privatização dos caminhos, os engarrafamentos de carros e ônibus, reinsere Ícaro na altura dos demais. Mais uma vez, é a cidade falando aos sentidos. Uma cidade por-tátil, mais do que visual. Milton Santos (2011) se refere aos mais pobres quando fala dos homens lentos, os que, privados de velocidade, acabam “ficando à margem da aceleração contemporânea” (BERENSTEIN, 2006,124).

O errante, ao contrário daquele que mora nas ruas por necessidade, erra por vontade própria, mas pode se deixar inspirar pelas formas de apropriação do espaço dos mais pobres, na maneira como eles reinventam, por necessidade, formas próprias de vivenciar e experimentar a cidade. Essas outras formas de apropriação do espaço seriam fontes de inspiração para o urbanista errante. Este observa como os “outros” que habitam de fato o espaço público, se apropriam deste, mesmo que temporariamente, como os sem-teto, camelôs, ambulantes, entre vários outros (BERENSTEIN, 2006, p.124).

Da mesma forma como o urbanista errante pode deixar-se inspirar pelas formas de ocupação e reinvenção dos espaços que os “outros” produzem por necessidade, heterotopias pedestres contrapostas à pedagogia da velocidade do capital podem ganhar vazão. A lentidão da errância permite a vivência de um espaço comum. Com formas de apropriação e construção dos lugares, microcidades edificadas à sombra dos planejamentos geométricos, racionalizantes e funcionalistas da cidade dos negócios, da cidade da espetacularização, da cenografia de cidades *fakes*. A lentidão do errante é uma afronta a *jet-society*, uma afronta ao país da velocidade molar. Diretamente vinculada à questão do corpo, a lentidão permite uma temporalidade própria. O ato de perder-se intencionalmente na cidade produz uma desorientação necessária ao aguçamento dos

⁹⁴ Referência à obra literária “As Cidades Invisíveis”, de Italo Calvino. São Paulo: ed. Cia das letras, 1990.

sentidos. Perder-se na cidade é o primeiro passo para identificação de atos de aprendizagens que brotam nas arestas de heterotopias invisíveis.

A rota cotidiana do aceleração objetiva o espaço como um mero cenário passageiro. Acondicionados na objetivização aceleracionista da rotina, as rotas representam um acoplamento mecânico de movimentos adestrados. Como no comercial de automóvel do primeiro interlúdio ou em um quadro melancólico de De Chirico⁹⁵, a cidade se fantasmagoriza na relação privada do corpo apartado do espaço público, ou diminuído diante da arquitetura. Temos um deserto sem nômades. Ao contrário, precisamos um povo que falta para a intensificação do nomadismo contemporâneo.

“E há um tipo de cientista ambulante que os cientistas de estado não param de combater, ou de integrar, ou de aliar-se a ele sob a condição de lhe proporem um lugar menor no sistema legal da ciência e da técnica” (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p.41). Um tipo de pesquisa que nasce da peripatética opção de colocar as variáveis em variação. A errância desenha. Os procedimentos ambulantes permitem o desenvolvimento de formas de pesquisar abertas à imprevisibilidade dos encontros. De percepção dos diferentes sujeitos e suas produções, uso e diferenciação de espaços. Intensifica a necessidade de derivas urbanas como potência para heterotopias pedestres. O direito à cidade é um direito à educação.

O método da errância é o primeiro passo. O passo “um” na contracorrente da velocização, ou seja, da velocidade do capital e suas formas de produção de subjetividades e mundos. A fábrica da velocidade é o encontro do paradigma pós-fordista de produção, que tornou o espaço da cidade um espaço da produção, fazendo da sociedade uma grande fábrica, com a espacialização do aceleração na cidade pós-industrial. Um referencial heurístico de delimitação de uma rede problemática que tem na cidade a virtualização do teatro contemporâneo de questões que justapõem cidade e educação em uma mesma e única crise.

E apesar disso, quanto mais as cidades e metrópoles se convertem em lugares de produção, mais elas são lugares de resistência. Hoje atravessar uma

⁹⁵ Pintor Italiano (1888–1978) considerado um dos precursores do surrealismo. Em suas obras encontramos elementos justapostos criando uma atmosfera de sonhos, mistérios, sombras e espaços vazios.

metrópole é atravessar uma fábrica imaterial. E da mesma maneira que, nas fábricas fordistas, coabitavam a dureza da produção e a alegria do encontro, de estar juntos, de constituir a classe, na metrópole coabitam agora a solidão e a multidão. A metrópole é capital constante em ação, é uma expropriação louca da força de trabalho. Mas é também o lugar em que a multidão se reapropria do capital e do comum produto do trabalho. Em consequência, a metrópole é ao mesmo tempo lugar de exploração e terreno do êxodo. Da mesma maneira que se havia construído a hegemonia do operário sobre a fábrica no projeto comunista, assim é na hegemonia do trabalho imaterial e da multidão cognitiva da metrópole, que pode ser construída, dentro e contra o projeto de produção, no comum (NEGRI, 2014, p.1).⁹⁶

Lugar da solidão e da multidão, a cidade é ao mesmo tempo o lugar da exploração e do êxodo. A cidade abriga a possibilidade de um projeto dentro e contra o projeto da produção. A luta contra a velocização é uma luta que acelera outras velocidades. Não se trata de um derrotismo que busca soluções paliativas em uma romantismo pré-moderno de lentificação, mas de acelerações da ruptura. Acelerações simultâneas, rápidas investidas de co-produção do comum nos pontos de convergências dissimétricos, minoritários, inventivos, silenciosos que não param de proliferar no seio da cidade. A tradição de resistência urbana ao fenômeno da aceleração é longa e satisfatória em exemplos. Da reação crítica de Baudelaire⁹⁷ às reformas de Haussmann, immortalizando a figura do Flâneur tão explorada por Benjamin, ao segundo momento de deambulações dos Dadaístas e Surrealistas, protagonizando experiências urbanas em contraponto aos CIAMs, as derivas urbanas proporcionadas pelo movimento situacionista⁹⁸, tendo Debord como grande expoente. Sem levar em conta os principais ícones de resistência da história das revoltas que passariam pelas revoluções da década de 1840 à Comuna de Paris no final do século XIX (BERENSTEIN, 2006, p.128). Em especial, a técnica da deriva urbana inventada pelo movimento situacionista nos parece importante para adensar a errância na construção de uma cartografia do fazer heterotópico da multidão dispersa.

⁹⁶ Rem Koolhaas: Junkspace e Metrópole Biopolítica. Rio de Janeiro: Revista Global Brasil, set. 2014. <<http://uninomade.net/tenda/rem-koolhaas-junkspace-e-metropole-biopolitica/>> Acesso em 05.05.2015.

⁹⁷ Poeta Francês (1821–1867) criador da figura do Flâneur, espécie de antítese às mudanças aceleradas que a sociedade industrial impunha a Paris do final século XIX.

⁹⁸ “Internacional Situacionista (IS) – grupo de artistas, pensadores e ativistas – lutava contra o espetáculo, a cultura espetacular e a espetacularização em geral, ou seja, contra a não-participação, a alienação e a passividade da sociedade” (BERENSTEIN, 2006, p. 13).

Os recursos da psicogeografia são numerosos e variados. O primeiro e mais sólido é a deriva experimental. A deriva é um modelo de comportamento experimental numa sociedade urbana. Além de modo de ação é um meio de conhecimento, especialmente no que se refere à psicogeografia e à teoria do urbanismo unitário (ABDELHAFID KHATIB apud BERENSTEIN, 2003, p.80).

A perspectiva do urbanismo unitário e da psicogeografia como formas de aprendizado da cidade defendida pelo movimento situacionista pode ser melhor compreendida na afirmação de Debord de julho de 1957: “o desenvolvimento espacial deve levar em conta as realidades afetivas que a cidade experimental vai determinar”. (DEBORD, 1957 apud BERENSTEIN, 2003, p.55). Uma experiência do ambiente por meio de técnicas e métodos articuladas em conjunto, buscando uma compreensão integral do lugar, visual, sonora, olfativa, tátil. Cada ambiente como singular “estado-de-espírito”, segundo a qual cada bairro da cidade deve provocar um sentimento simples, ao qual o sujeito se entregue com conhecimento de causa” (DEBORD, 1957 apud BERENSTEIN, 2003, p.55). A deriva urbana é concebida como um jogo a partir da construção de situações que desconstroem o principal imperativo da espetacularização da cidade: a não participação. Uma reação estetizante da cidade que sustenta a perspectiva de que “o que muda nossa maneira de ver as ruas é mais importante que o que muda nossa maneira de ver a pintura” (DEBORD, 1957 apud BERENSTEIN, 2003, p.58). A partir de um explícito posicionamento político, os situacionistas manifestavam o desejo de construção de outras formas de fazer cidade que passassem pelo uso radical de uma democracia urbana, a favor de uma real construção coletiva das cidades. A deriva pode ser vista como um método de investigação da cidade, colaborativa e aberta, imprevisível e comprometida com a transformação do conhecimento sobre a cidade concomitante a transformação da própria cidade.

Portanto, defendemos o uso da técnica da deriva para a realização de um mapeamento heterotópico da cidade de Passo Fundo. *Solvitur ambulando*⁹⁹, literalmente uma tentativa de apropriação pedestre da cidade, de desaceleração, paradas, novas acelerações, novas suspensões. A ideia é construir, tal como os situacionistas, uma *Naked City*, um mapeamento desses espaços e seus possíveis pontos de ligação, religação,

⁹⁹ Resolver caminhando.

tramas. Uma cidade em nacos heterotópicos. Nacos espaciais da cooperação livre de três figuras criativas à crise: sujeitos-esboços de um devir-selvagem, devir-bárbaro, devir-alter-civilizado. Dramatização de tendências de destituição ativa da velocização: praticantes de heterotopias pedestres.

HETEROTOPIAS DA MULTIDÃO DISPERSA

Pois bem, sonho com uma ciência – digo mesmo uma ciência – que teria por objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Essa ciência estudaria não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as hetero-topias, espaços absolutamente outros; e forçosamente, a ciência em questão se chamaria, se chamará, já se chama “heterotopologia”.

(FOUCAULT, 2014, p.20-21)

Em outras palavras, não seria o caso de perguntar “que é a multidão?”, mas “que pode vir a ser a multidão?” um tal projeto político deve fundamentar-se claramente numa análise empírica que demonstre as condições comuns daqueles que podem tornar-se multidão.

(NEGRI;HARDT, 2005, p.146)

Interlúdio IV

Cidade vulturina

Diz a lenda que o inventor da lanterna mágica no século XVII, o jesuíta Athanasius Kircher, fez uso no mínimo curioso do aparelho que antecederia o cinema. Constituída de uma câmara escura por onde se infiltrava a luz de uma lamparina de azeite, projetando a partir de um jogo de placas de vidro sombras em movimento em um pequeno lenço, o instrumento serviu para um conteúdo “pedagógico” ao jesuíta. Preocupado com evasão dos fiéis num período de disputa e cisões no seio da cristandade, Kircher teve a brilhante ideia de usar a lanterna mágica aos seus propósitos teológicos. Adaptando o aparelho para fins fantasmagóricos, fez uma série de adequações, ampliando a capacidade de emissão de luz, com rajadas mais fortes e com a possibilidade de projeção a uma distância considerável. Do campanário da igreja, assim que anoitecia, projetava sombras sobre a cidade. As pessoas, sem entender os princípios físicos do invento de Kircher, ficavam horrorizadas com o desfile de demônios noturnos que assolava as paredes das suas casas. Sombras em movimento desfilando em becos e ruas. O efeito do show ilusionista de Kircher foi a ocupação desesperada de sua igreja por fiéis amedrontados e sedentos de segurança na casa de Deus. Como na anedota de Kircher, as sombras que desfilam na cidade potencializam os demônios individuais de uma

sociedade cada vez mais ensimesmada. A segregação urbana e a velocização construíram uma máquina pedagógica do medo. Nossa tarefa, na contramão do jesuíta, consiste em inventar engenhocas urbanas da alegria. Desmontar uma a uma às engrenagens do medo, limpá-las e reincaixá-las em gerigonças que produzam futuros outros. Porque “a felicidade humana é um mecanismo” (TAVARES, 2010, p.16).



Figura 5 – Silêncio, Oswaldo Goeldi.

Espaços flutuantes

Convidado a proferir uma conferência no *Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris* em março de 1967, Michel Foucault surpreendeu com uma analítica nova, a “*heterotopia*”. O termo fazia um contraponto ao conceito de utopia, literalmente não-lugar, instaurando uma necessidade de pensar não os lugares inexistentes da nossa sociedade, mas os lugares diferentes que não paramos de inventar. “Essa ciência não estudaria as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as *hetero-topias*, espaços absolutamente outros” (FOUCAULT, 2014, p. 21). Pois, segundo Foucault (2014, p. 20):

Não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama num retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras, e outras quebradiças, penetráveis, porosas. Há regiões de passagem, ruas, trens, metrô; há regiões abertas de parada transitória, cafés, cinemas, praias, hotéis, e há regiões fechadas do repouso e da moradia. Ora, entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são *absolutamente* diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que *contraespaços*.

Redes de segmentação, espaços quadriculados, matizados, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, vãos, relevos. Habitantes de microfronteiras, encruzilhadas, regiões duras, quebradiças, porosas, enseadas urbanas fraturadas, somos conduzidos por esses diferentes espaços. Mas há espaços *absolutamente* diferentes, lugares de oposição a todos os outros, espécie de contraespaços, microcidades, nacos urbanos que não se reduzem ao controle da velocização. Nacos resistentes a dança da morte da velocização. Na tentativa de compreender esses espaços, Foucault fornece os rudimentos de uma ciência que chamou de Heterotopologia, estabelecendo cinco princípios.

1) “Não há, provavelmente, nenhuma sociedade que não constitua sua heterotopia ou suas heterotopias” (FOUCAULT, 2014, p.21). Argumentando sobre as evidências de espaços heterogêneos em diferentes culturas, Foucault lista uma série de exemplos que demonstram a constância das produções de espaços da diferença em variados grupos humanos. Dos lugares do sagrado aos ritos de passagem, das demarcações biológicas e ritos de iniciação, todos emblematicamente formas de demarcação espacial elegendo heterotopias as mais diversas. “Há casas especiais para os adolescentes no momento da puberdade; há casas especiais reservadas às mulheres na época das regras; outras para mulheres em trabalho de parto” (FOUCAULT, 2014, p.21). Contudo, segue o filósofo, “[...] essas heterotopias biológicas, essas heterotopias da crise desaparecem cada vez mais e são substituídas por heterotopias do desvio [...]” (FOUCAULT, 2014, p.21), justificando a existência das casas de repouso, clínicas psiquiátricas, prisões, creches, casas de recolhimento. Toda uma série de espaços da diferença profícuos no espaço segmentarizado em que vivemos.

2) “No curso de sua história, toda a sociedade pode perfeitamente diluir e fazer desaparecer uma heterotopia que construía outrora, ou então, organizar uma que não existisse ainda”(FOUCAULT, 2014, p.22). Citando como exemplo as mutações da cidade de Paris a respeito da política urbana para os cemitérios no século XIX, Foucault destaca as mudanças na delimitação de espaços e as razões que levaram ao deslocamento do cemitério do centro da cidade para os seus limites ainda no governo de Napoleão III. Atendendo a individualização dos sepulcros e as novas exigências higienistas dos processos de reformulação urbana, os cemitérios foram reconduzidos para fora da cidade. As heterotopias estão sujeitas a modificações tanto quanto as cidades estão sujeitas às novas configurações no transcurso de suas existências.

3) “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (FOUCAULT, 2014, p.24). Situando o jardim persa como o mais antigo exemplo de espaço justaposto em lugares incompatíveis, Foucault percorre as características retangulares dos jardins e suas remissões imagéticas com os quatro elementos como a reunião simbólica de toda a vegetação do mundo. Espaços sagrados, os jardins geralmente possuíam em seus centros templos e fontes que representavam a perfeição e a confluência dos elementos. “Ora, se considerarmos que os tapetes orientais eram, na origem, reproduções de jardins – no sentido estrito de “jardins de inverno” – compreendemos o valor lendário dos tapetes voadores” (FOUCAULT, 2014, p.24), tapetes que, como rezam as mitologias “percorriam o mundo”. Assim, “O jardim é um tapete onde o mundo inteiro vem consumir sua perfeição simbólica e o tapete é um jardim móvel através do espaço” (FOUCAULT, 2014, p.24).

4) “Ocorre que as heterotopias são frequentemente ligadas a recortes singulares do tempo” (FOUCAULT, 2014, p.25). Parentes das “heterocronias”, as heterotopias podem ser conectadas a lugares como as bibliotecas e os museus. Lugares de acúmulo do tempo ao infinito. Lugares de acumulação do tempo, os museus e as bibliotecas são produtos culturais da nossa civilização. “Em contrapartida, há heterotopias que são ligadas ao tempo, não ao modo da eternidade, mas ao modo da festa: heterotopias não eternitárias, mas crônicas” (FOUCAULT, 2014, p.25). O teatro, as feiras, os circos, o carnaval, colônias de férias. Todos exemplos de heterotopias onde o tempo se estanca em espaços de comemoração. Outras heterotopias são ligadas não a festas, mas ao “labor da

regeneração” (FOUCAULT, 2014, p.26). Colégios, casernas, prisões. Lugares de regeneração de condutas a partir de um tempo de permanência e de aprendizado.

5) “As heterotopias possuem sempre um sistema de abertura e de fechamento que as isola em relação ao espaço circundante” (FOUCAULT, 2014, p.26). Em geral, a entrada em uma heterotopia é obrigatória e não espontânea. Escolas e prisões são lugares de passagem obrigatórias e não decisões livres dos indivíduos em frequentá-las. No entanto, “há outras heterotopias que, ao contrário, não são fechadas ao mundo exterior, mas constituem pura e simples abertura. Todo mundo pode entrar, mas, na verdade, uma vez que se entrou,” e Foucault ainda salienta que, “percebe-se se tratar de uma ilusão e que se entrou em parte alguma” (FOUCAULT, 2014, p.27). Menciona as casas do século XVIII na América do Sul, que ao lado da porta de entrada exibiam um aposento exterior que sempre se mantinha aberto, disponível aos visitantes de passagem. Qualquer um, a qualquer hora, poderia utilizar esse espaço sem, todavia, adentrar no espaço interior da casa. Uma heterotopia totalmente exterior. “Enfim, há heterotopias que *parecem* abertas, nas quais, entretanto, só entram os verdadeiramente já iniciados. Acredita-se que se teve acesso ao que há de mais simples, de mais exposto [...]” (FOUCAULT, 2014, p. 27), no entanto, complementa o filósofo, “se está no coração do mistério” (FOUCAULT, 2014, p. 27).

É aí, sem dúvida, que encontramos o que de mais essencial existe nas heterotopias. Elas são a contestação de todos os outros espaços, uma contestação pode ser exercida de duas maneiras: uma ilusão que denuncia todo o resto da realidade como ilusão, ou, ao contrário, criando outro espaço real tão perfeito, tão meticuloso, tão bem disposto quanto o nosso é desordenado, mal posto e desarranjado; é como este último que funcionaram, ao menos no projeto dos homens, durante algum tempo – principalmente no século XVIII – as colônias (FOUCAULT, 2014, p. 28).

Utilizando como o mais extraordinário exemplo de heterotopia, a experiência dos jesuítas no Paraguai, Foucault descreve não só os efeitos econômicos, mas os valores imaginários agregados, sem dúvida, “devido ao prestígio próprio das heterotopias”(FOUCAULT, 2014, p.28). Lugares de materialização dos sonhos da razão, projeto iluminista de planificação e renovação social, a heterotopia jesuítica no Paraguai representa o fechamento de uma sociedade inteira, sem ligação alguma com o mundo

exterior - “salve o comércio e os consideráveis benefícios feitos pela Companhia de Jesus” (FOUCAULT, 2014, p.29).

Com a colônia, temos uma heterotopia que, de certo modo, é ingênua demais para querer realizar uma ilusão. Com a casa de tolerância, temos, em contrapartida, uma heterotopia que sutil ou hábil demais para querer dissipar a realidade com a força única das ilusões. E se considerarmos que o barco, o grande barco do século XIX, é um pedaço de espaço flutuante, lugar sem lugar, com vida própria, fechado em si, livre em certo sentido, mas fatalmente ligado ao infinito do mar, e que, de porto em porto, de zona em zona, de costa a costa, vai até as colônias procurar o que demais precioso elas escondem naqueles jardins orientais que evocávamos a pouco, compreenderemos porque o barco foi, para a nossa civilização – pelo menos desde o século XVI – ao mesmo tempo, o maior instrumento econômico e nossa maior reserva de imaginação. O navio é a heterotopia por excelência (FOUCAULT, 2014, p.30).

“O navio é a heterotopia por excelência” (FOUCAULT, 2014, p.30), Foucault, assim, fecha a palestra do final da década de 60, referindo-se ao quinto e último princípio da nascente ciência “heterotopológica”. Como podemos, embarcando na perspectiva do autor, navegar entre, dentro e por fora das heterotopias contemporâneas na cidade de Passo Fundo, de qualquer cidade? Essencialmente quando nos destinamos a percorrer um duplo nomadismo: de práticas urbanas, na deriva de heterotopias pedestres - como inspiração epistêmica – enquanto itinerário de errâncias; e, de pensamento, no nomadológico flanco multitudinário de invenções da vida que os diferentes sujeitos produzem na cidade. Aqui, uma delimitação vai ocorrendo no encontro com experimentos urbanos que nos levaram a pelo menos três tipos psicossociais criativos à crise: kaingangs urbanos; senegaleses que povoam os trabalhos informais e ambulantes da cidade; moradores das ocupações conhecidas como beira-trilho. Dispersões urbanas que confluem uma espécie de migração inflexionada do tempo presente: expulsos pelos processos colonizatórios; expulsos pela globalização e a busca por trabalho em outros continentes; expulsos pela revolução verde (ex-pequenos agricultores empobrecidos que ocupam as margens da ferrovia desde a década de 60). Três dispersões ao céu aberto que produzem espaços outros na cidade, conduzindo a lógica das metrópoles (seja com o sentido dialético da metrópole-colônia das empresas colonizatórias, seja com os aglomerados contemporâneos das cidades pós-industriais) para bem mais longe que suas delimitações físicas, como foi defendido anteriormente nesta tese. É a Jangada de Medusa, vertida em tragédias e invenções cotidianas que nos conduzirá nessa tentativa de compreensão do fazer heterotópico da multidão dispersa sob a ressalva que a

“heterotopia é um livro aberto, que tem, contudo, a propriedade de nos manter fora” (FOUCAULT, 2014, p.27).

Ontologia da Multidão Dispersa: na Jangada da Medusa



Figura 6 - Le Radeau de la Méduse, Théodore Géricault

Cenas de um Naufrágio, assim chamaria inicialmente Théodore Géricault o quadro que resolvera pintar sobre o terrível acontecimento de julho de 1816, quando a fragata real "Medusa" capitulou na travessia da França à costa do Senegal. Como resultado das ações destemperadas e arrogantes de seu capitão desde o dia de sua partida do porto de Rochefort, a fragata encalhou em um dia de águas calmas e boa visibilidade. A bordo estavam o novo governador do Senegal, sua família, soldados e marinheiros, somando um total de 400 pessoas. Na evacuação da embarcação, cenas de novo

autoritarismo por parte do capitão protagonizariam uma tragédia que abalaria a opinião pública da época. Mais de cem tripulantes não encontraram lugar nos botes salva-vidas e tiveram que improvisar uma grande jangada com restos de materiais encontrados na fragata. Inicialmente a jangada foi atada a um dos botes e permaneceu seguindo no mesmo curso dos demais naufragos. Por acidente ou não, num certo momento, a jangada se desprendeu, ficando completamente à deriva. Cenas atrozes se seguiram. Oficiais e marinheiros que embarcaram na jangada se digladiaram em mar aberto. Tempestades, medo, motins, assassinatos, lutas infundáveis, desespero e, até mesmo, atos de canibalismo.

[...] há bombas que caem à volta, a jangada deriva em direção a riachos subterrâneos gelados, ou então em direção a rios tórridos, o Orenoco, o Amazonas, pessoas remam juntas, que não supõem que se amam, que se batem, que se comem. Remar juntos é partilhar, partilhar alguma coisa, fora de qualquer lei, de qualquer contrato, de toda instituição. Uma deriva, um movimento de deriva, ou de “desterritorialização”: eu o digo de uma maneira muito nebulosa, muito confusa, já que se trata de uma hipótese ou de uma vaga impressão [...] (DELEUZE, 2002, p. 322).

Impossível não relacionar a Jangada da Medusa descrita por Deleuze no fragmento acima com os afogados no Mediterrâneo do século XXI. Cenas de embarcações superlotadas, jogadas na deriva da vontade de aportar em terras europeias, se repetem tragicamente todos os dias. Temos uma multidão dispersa em busca de espaços de esperança. Uma multidão em fuga dos ditames de vidas relegadas ao inferno cotidiano do cancelamento do futuro. Jangadas da Medusa não param de ressurgir nos sonhos tenebrosos da modernidade tardia. Estamos no mesmo barco. Embarcamos em um modelo de estado de exceção mundial em que a fuga é o único caminho da resistência. Se o barco é a nossa grande heterotopia, como queiria Foucault, reserva de imaginação e propagador da civilização, a Jangada da Medusa é a heterotopia flutuante da tragédia. Espaço da concentração de uma lógica de exclusão e esmagamento das vidas no mesmo átimo em que emprega toda a esperança da refundação de si em terras distantes. O que o naufrágio do início do século XIX e os afogados do Mar Mediterrâneo do século XXI têm a ver com o que propomos como pesquisa na cidade de Passo Fundo? A máquina sinóptica da multidão dispersa, multidão afogada em espaços dispersivos da velocidade do capital. A lógica multitudinária da construção do comum, de estar no mesmo barco construindo o destino das velas levantadas ao poente de um fazer cidade, de um fazer

multidão. Nesse encontro tenso de sinédoques atemporais e ultraespaciais o que temos é a multidão como epicentro de uma fuga generalizada dos espaços de confinamento do capital. Seja no espaço confinado da dívida, no espaço confinado da Mídia. Seja no espaço confinado do medo, no espaço confinado da ausência de alternativas políticas. Na circulação sitiada. No confinamento da velocidade do capital, na guerra cotidiana do trabalho. Seja nas Jangadas da Medusa do século XXI. O que temos, nas metrópoles ou não, é a lógica da subsunção total da vida à mobilização infinita do capital. E, desta forma, com o aporte da multidão dispersa tentaremos cada vez mais entender essa fuga multitudinária que gera heterotopias urbanas, como fonte de futuros desalinhados com o cancelamento dos comandos capitalísticos.

Tudo isto está aí, diante de nós, as ciências da cidade foram submetidas ao biopoder. Basta. Esta situação não pode durar mais, é necessário invertê-la. Estou convencido de que as forças da vida não se submeteram jamais ao controle e que, somente se as considerarmos superficialmente, se possa dizer que estão cada vez mais submetidas ao mandato capitalista. Desde este ponto de vista do capital, a metrópole é horrível. E também estou convencido de que não há mais esperança de encontrar outro valor de uso que não seja o da circulação do valor de troca, e de que também não haja nenhuma possibilidade de escavar uma natureza, uma zoe, mais além da consistência pesada do poder sobre o bios (NEGRI, 2014, p. 1).

É preciso apostar nessas linhas de fractalização que se abrem por dentro das cidades, nos conteúdos multitudinários, invertendo o controle do biopoder, na abertura que criam, nas interfaces que produzem, pois só uma visão derrotista e superficial pode nos conduzir à *décalage* pós-moderna, à política de terra arrasada que embute o sentimento de impotência como o único possível em uma cidade cada vez mais solitária. É preciso dar um basta nessas análises desesperançadas e apocalípticas. Encontrar outras formas de circulação do usos que não seja a mobilização infinita do valor de troca. Encontrar a imanência de pedagogias multitudinárias de apropriação de movimentos outros.

Multidão e imanência

“Multidão é o nome de uma imanência. A multidão é um conjunto de singularidades” (NEGRI, 2013, p.15). A partir dessas premissas, Antonio Negri começa a delimitar ontologicamente o conceito de multidão. Longe de qualquer apelo transcendental, resgata o contexto do século XVIII como berço de uma genealogia hegemônica que deve ser revisitada à luz da contemporaneidade. A maneira como o conceito de povo foi produzido (por Hobbes, Rousseau e Hegel), assentado “na transcendência do soberano: na cabeça desses autores a multidão era considerada como caos e como guerra” (NEGRI, 2013, p.15). Operando sobre uma base bipolar, o pensamento moderno abstrai a multiplicidade das singularidades, sintetizando-as transcendentemente no conceito de povo, ao mesmo tempo que as dissolve em uma massa de indivíduos. Duplo movimento: unificação transcendental e negação de um plano de imanência. “A teoria da multidão exige, ao contrário, que os sujeitos falem sobre si mesmos: trata-se muito mais de singularidades não-representáveis que de indivíduos proprietários” (NEGRI, 2013, p.15). A multidão desafia qualquer representação por ser desmedidamente múltipla. Os muitos enquanto muitos. O povo é sempre representado, tornado uno, massificado. Ao compasso que a multidão, segundo Negri, sempre apresenta uma face monstruosa ao racionalismo do moderno e sua vocação à transcendentalização da política. A multidão é uma multiplicidade concreta, irreduzível.

O povo constitui um corpo social; a multidão não, porque a multidão é a carne da vida. Se por um lado opusermos multidão a povo, devemos também contrastá-la com as massas e a plebe. Massas e plebe são palavras que têm sido frequentemente empregadas para nomear uma força social irracional e passiva, violenta e perigosa que, justamente por isto, é facilmente manipulável. Ao contrário, a multidão constitui um ator social ativo, uma multiplicidade que age. Diferentemente de povo, a multidão não é uma unidade mas, em contraste com as massas e a plebe, podemos vê-la como algo organizado. Trata-se, na verdade, de um ator ativo da auto-organização. Uma das grandes vantagens do conceito de multidão é assim o de neutralizar o conjunto de argumentos modernos assentados sobre a premissa do "temor às massas" ou sobre a "tirania da maioria", argumentos frequentemente utilizados como uma forma de chantagem para nos forçar a aceitar (e até mesmo reclamar) nossa própria servidão (NEGRI, 2013, p.17-18).

“Do ponto de vista do poder, o que fazer com a Multidão?” (NEGRI, 2013, p.18). Do ponto de vista do poder não há nada a ser feito, uma vez que as categorias que interessam ao poder não se ajustam à multidão. “A unidade do sujeito (povo), a forma de

sua composição (contrato entre indivíduos) e o regime de governo (monarquia, aristocracia e democracia, em forma isolada ou combinada) – foram postas de lado” (NEGRI, 2013, p.18). O conceito de multidão nos induz a pensar em um mundo completamente novo. A forma como esse processo tem ganhado contorno na invenção cotidiana de resistências, de criação de alternativas políticas no hibridismo de práticas urbanas, é o que interessa a esta pesquisa. A carne da multidão se traduzindo em produção de espaços realizados na dispersão invisível do cotidiano. As irrupções multitudinárias que varrem o mundo em sua onda mais recente da Tunísia ao Egito, da Turquia a Espanha, passando pelo norte da África e Oriente Médio. Da Grécia ao *Occupy Wall Street*, em Nova York. E, próximo a nossa experiência, o Brasil de junho de 2013. São exemplos de ondas multitudinárias que se insurgem contra especificidades locais, mas que guardam pontos de semelhança tanto nas pautas de suas lutas, como, essencialmente, em sua forma amorfa de organização. Distantes dos modelos clássicos de organização política, a multidão é sujeito e produto de uma prática coletiva. Rompendo com os tipos psicossociais da crise do neoliberalismo, a multidão libera outras velocidades (desvelociza o velozizado), coloca a vida sobre outra gama de “valores” (rebeldia contra as dívidas), despotencializa as presilhas das mediações mediáticas e políticas (é irrepresentável), irreduzível a qualquer centralismo de informações ou lideranças personalistas, destemoriza os recursos fantasmáticos do medo (esfacela o temor e sua lógica segregacionista, vigilante e paranoica, dessecuritiza o securitizado). A multidão dá ensejo a novas figuras sintomáticas. Sujeitos que se constituem no comum de práticas urbanas onde não param de devir alternativas e personificações imanentes. O devir-selvagem, o devir-bárbaro e o devir-alter-civilizado como três tipos larvares, o kaingang, o senegalês e o beira-trilho, sintomas de uma subjetividade anfíbia e antropofágica da cidade. O fenômeno multitudinário é entendido nesta pesquisa não só como um momento de manifestações concentradas e de grande proporção (Brasil em junho de 2013), mas como um movimento constante e disperso de tendências que produzem linhas de fuga na cidade maior. Movimentos que concentramos a análise nos contextos heterotópicos da acepção foucaultiana, lugares da diferença e de produção de contraespaços, buscando identificar, localizar, mapear e compreender a dispersão heterotópica como sementeira para a construção de pedagogias móveis, espécie de máquina cinética-pedagógica.

Multidão e classe

“A multidão é um conceito de classe. Com efeito, a multidão é sempre produtiva e está sempre em movimento” (NEGRI, 2013, p.15). Para Negri, a multidão pode ser considerada a partir de dois pontos de vista: temporal e espacial. Do ponto de vista temporal, a multidão é explorada pela produção. Do ponto de vista espacial, “a multidão é ainda explorada, na medida em que constitui a sociedade produtiva, a cooperação social para a produção” (NEGRI, 2013, p.15). No entanto, o conceito de classe deve ser visto com cuidado em relação à classe trabalhadora. O conceito de classe trabalhadora limita “a compreensão da produção em dois sentidos, incluindo apenas os trabalhadores que se vinculam a formas mais clássicas da organização do trabalho (operários de fábrica por exemplo), e ao compreender somente uma pequena parcela da cooperação social que opera no conjunto da produção.

Se postularmos a multidão como um conceito de classe, precisamos redefinir a noção de exploração como exploração da cooperação: exploração não de indivíduos, mas de singularidades, exploração do conjunto de singularidades, das redes que compõem o conjunto e do conjunto que abarca essas redes e assim por diante (NEGRI, 2013, p.16).

Temos aqui uma pista importante, dada por Negri para uma pesquisa que se faz com o método da dramatização deleuziano, para a localização, mapeamento e compreensão de experiências heterotópicas na malha urbana. Trata-se de investigar singularidades exploradas pelas redes de comando do capital no conjunto do fazer urbano, analisando suas lutas e novas composições espaciais afirmadas na dispersão de contraespaços. Qual a sua potência para construção de práticas pedestres por meio dos espaços da diferença, seu fazer multitudinário de heterotopias? As inúmeras questões levantadas ao longo da tese vão afunilando uma percepção mais clara sobre o desejo da pesquisa. Ou seja, todas as perguntas culminam na seguinte questão: que elementos singulares temos nas figuras subjetivas primárias da crise, seguidas da figura do velocizado, no contexto da cidade de Passo Fundo, que possibilitam a passagem de outras velocidades? Velocidades do comum no fazer heterotópico da multidão? Tais singularidades se apresentam na aceleração incomensurável de derivas urbanas que germinam da dispersão sinóptica de outras cidades possíveis e impossíveis. A multidão imobiliza os vetores de uma política de mobilidade da cidade espetáculo, cidade empresa,

da *Jet-society*, dos indivíduos S/A. A estratégia de olhar indiretamente a exploração das redes de cooperação do conjunto de singularidades ao mesmo tempo, como propõe Negri, permite que se enxergue máquinas de guerra no interior dessas mesmas redes, dando ensejo a velocidades desviantes. Embreagens existenciais, devir-selvagem (acampamentos nômades nas arestas dos espaços, kaigangs da cidade), do devir-bárbaro que se materializa na produção de espaços (senegaleses em Passo Fundo), insistências diaspóricas do devir-alter-civilizado das migrações do campo-cidade (as famílias da ocupação do Beira-Trilho). Formas de exploração na irredutibilidade do estranhamento ao se colocar lado a lado conjuntos de singularidades tão dispares. É nessa composição que o fazer “classe” da multidão ganha ares de inventividade em práticas pedestres, como veremos mais adiante. Construção do comum via a prática coletiva de um conjunto disperso e intenso. Plano de imanência para a construção de figurações que materializam produções espaciais antitéticas, as cinco figuras subjetivas da crise, as quais o capital não para de alimentar em nós, com suas pedagogias velozes do medo.

Lá onde o nome da multidão é definido em contraste ao conceito de povo, onde se assinala que a multidão é um conjunto de corpos, ou seja, clarificar o dispositivo de uma multidão de corpos. Quando prestamos atenção aos corpos percebemos que não nos defrontamos simplesmente com uma multidão de corpos, mas que todo corpo é uma multidão. Entrecruzando-se na multidão, cruzando multidão com multidão, os corpos se mesclam, mestiçam-se, hibridizam-se e se transformam; são como ondas do mar em perene movimento, em perpétua transformação recíproca. As metafísicas da individualidade (e/ou da pessoa) constituem uma horrível mistificação da multidão de corpos. Não existe nenhuma possibilidade de um corpo estar só. Não podemos sequer imaginar tal coisa. Quando se define um homem como indivíduo, quando ele é considerado fonte autônoma de direitos e de propriedade, ele se torna só. Mas o si mesmo não pode existir fora de uma relação com um outro. As metafísicas da individualidade, ao se confrontarem com o corpo, negam a multidão que constitui o corpo para poderem negar a multidão de corpos. A transcendência é a chave para toda metafísica da individualidade, da mesma forma que para toda e qualquer metafísica da soberania. Do ponto de vista do corpo, só há relação e processo. O corpo é trabalho vivo, portanto expressão e cooperação, portanto construção material do mundo e da história (NEGRI, 2013, p.21).

Falar em multidão como conceito de classe, na inserção na produção e da exploração sob outros moldes que a classe trabalhadora clássica (fordista), introduz a evidência da inserção dos corpos, “pois fica evidente que na produção, nos movimentos, no trabalho e nas migrações, são os corpos que estão em jogo. Em todas as suas dimensões e em todas as suas determinações vitais” (NEGRI, 2013, p.21). A forma como esses corpos, em jogo no tabuleiro da cidade, vão prefigurando espaços desviantes, criando

estratégias e processos, expressão e cooperação, novas regras, regras ocultas aos racionalismos do gordo urbanismo, é o que interessa nessa pesquisa sobre o comum e suas pedagogias. A produção de espaços realizados por esses corpos sofridos, “minados pela usura, mutilados ou feridos, sempre reduzidos ao estado de produção” (NEGRI, 2013, p.21) nos parece essencial para entender as linhas de fuga que esses espaços gerados pela dispersão multitudinária vêm produzindo como incubadoras de outras cidades.

Multidão e potência

“A multidão é o conceito de uma potência” (NEGRI, 2013, p.17). Alerta Negri que somente compreendendo a extensão imensurável da cooperação das singularidades podemos nos aproximarmos melhor da potência da multidão. Para isso, apresenta três vetores de força:

a) A genealogia da multidão na transição do moderno para o pós-moderno (ou, se preferirem, do Fordismo para o Pós-fordismo). Esta genealogia é constituída pelas lutas da classe trabalhadora que dissolveram as formas de disciplina social da "modernidade". b) A tendência para o *General Intellect*. Esta tendência, constitutiva da multidão, em direção a modos de expressão produtiva cada vez mais imateriais e intelectuais, deseja se configurar como a reinscrição absoluta do *General Intellect* no trabalho vivo. c) A liberdade e a alegria (mas também a crise e a saturação) desta transição inovadora, que abarca em si tanto continuidade quanto descontinuidade, ou, em outras palavras, algo assim como sístoles e diástoles da recomposição das singularidades (NEGRI, 2013, p.17).

Sem ter a pretensão de debater cada um desses vetores nesta tese, podemos apresentar uma breve síntese quando assumindo a multidão como o nome de uma potência. Falar Multidão é falar da multidão dos corpos. A potência expressada não só no conjunto como nas singularidades. Falar da multidão dos corpos que não param de gerar uma multidão de microespaços heterotópicos. Fala-se da genealogia dessa passagem do fordismo ao pós-fordismo efetivada pelas lutas da classe trabalhadora e sobretudo da cooperação social (tese neoperaísta), das tendências do intelecto geral nos aportes do trabalho imaterial no contexto do capitalismo cognitivo e da bioprodução (FUMAGALLI, 2011), da crise e da saturação desse processo de transição e suas implicações para pensar a potência de pedagogias pedestres nas efetuações dos contraespaços.

Parece-nos então possível, do ponto de vista teórico, empregar o axioma da potência ontológica da multidão em pelo menos três terrenos. O primeiro é o das teorias do trabalho, onde a relação de comando (no plano da imanência) pode ser mostrada como uma relação inconsistente: o trabalho imaterial, intelectual, em suma o saber, não necessita nenhum comando para se tornar cooperação e para ter, a partir daí, efeitos universais. Ao contrário: o saber está sempre excedente em relação aos valores (de mercado) nos quais se busca aprisioná-lo. Em segundo lugar, a demonstração poderá ser efetuada diretamente sobre o terreno ontológico, sobre a experiência do comum (que não requer nem comando nem exploração), que se coloca como a base e como pressuposto da expressão humana produtiva e/ou reprodutiva. A linguagem é a forma principal de constituição do comum; e quando o trabalho vivo e a linguagem se cruzam e se definem como máquina ontológica, é então que a experiência fundante do comum se verifica. Em terceiro lugar, a potência da multidão poderá ser também aplicada sobre o terreno da política da pós-modernidade, quando demonstramos que não há condição necessária de existência e reprodução de uma sociedade livre sem a difusão do saber e a emergência do comum (NEGRI, 2013, p.23).

No âmbito dessa tese, nos ateremos no segundo terreno proposto por Negri: o terreno ontológico do comum. Uma vez que o comum é colocado como base para as experiências de resistência propostas pela multidão e como pressuposto da expressão humana produtiva ou reprodutiva, o comum é o interregno de um entroncamento múltiplo do fazer cidade. A possibilidade de heterotopias pedestres se constituem “nas práticas de interação, cuidado e coabitação num mundo comum (...)” (NEGRI;HARDT, 2016, p.8), na produção e distribuição do comum, na potência imanente da máquina antropológica da multidão.

Mapear, criar e difundir o comum como pressuposto para invenção de máquinas cinéticas-pedagógicas passa pela necessidade de atravessar a pé o chão de fábrica do capitalismo bio-cognitivo, ou seja, a cidade. Atravessá-la molar e molecularmente, ser atravessado por suas tendências, se ater mais ao individuante do que individuado, perceber suas inúmeras velocidades, são formas de capturar o movimento, o ritmo de suas maquinações subjetivas. O magma onde submergem as figuras subjetivas da crise e emergem figurações outras, criativas à crise na placenta urbana da cidade comum. O *flâneur* do século XXI é um operário cognitivo que caminha vagorosamente, com um olho na cidade e outro na tela do celular. Entre as vitrines e a tela de *touch screem*, entre cavernas de concreto e cavernas virtuais (portáteis), entre ruas e redes. Tornar essa interface explosiva é o desafio de uma das tantas possíveis práticas pedestres.

HABITAR O COMUM

- Estou preocupado – disse. – Acho que estou perdendo a velocidade.

(SCHWEBLIN, 2012, p.65)

O máximo que podemos dizer a esta altura é que a ampla difusão social e a centralidade econômica dessas práticas do comum em nosso mundo criam condições que tornam possível um projeto de criação de uma democracia baseada na livre expressão na vida comum. Realizar esta possibilidade será o projeto da multidão.

(NEGRI;HARDT, 2005, p.263)

Interlúdio V

Aposentado da velocidade

Tego preparou ovos mexidos. Quando se sentou à mesa percebeu que era incapaz de comê-los. Estava perdendo a velocidade. Houve um tempo em que Tego voava a 40km/h cruzando o céu do circo para a alegria e estupor das pessoas presentes no espetáculo. Tego era um ex-homem-bala. Um aposentado da velocidade. Passou a vida divertindo as pessoas com os desafios e arrepios que era capaz de provocar nos outros. No seu jeito de flertar com a velocidade, no súbito arremesso dos canhões, projetado do centro do picadeiro em direção à imaginação e alegria da plateia. Hoje, Tego sentia que algo não ia bem. Estava velho. Escovar os dentes era um martírio. Tinha dificuldades de se locomover. Andava devagar. Sentia saudade do abrir das cortinas aveludadas, das luzes, dos urros do público quando aparecia com seu capacete prateado. Seu traje vermelho brilhava com o cheiro de pólvora que intumescia o lugar com uma euforia branda. BUUUM, o estrondo que antecedia seu arremesso sob a lona era seguido de um sentimento de fascinação e de vertigem. Mas hoje Tego estava gordo e cansado. Estava perdendo a velocidade. Deu dois passos em direção ao Living e morreu. (SCHWEBLIN, 2012). Adaptado de um conto da jovem escritora bonaerense Samanta Schweblin, a história de Tego, o ex-homem-bala, inscreve a vida nos fluxos da velocização. O riscar de fósforos que antecede o estopim do corpo, propagado a altas velocidades em direção ao céu de circo, imprime a imagem/jogo com o velocizado e seus desdobramentos de

acelaramentos e desacelaramentos. O engendrar do fazer heterotópico da multidão dispersa como sementeira de outras práticas pedestres. Máquina cinética-pedagógica. Nesse sentido, é preciso, como Tego, perder a velocidade. Porém, para dar ensejo a outras acelerações.



Figura 7 – La Prison, Gilbert Garcin

A face de Janus do comum

A multidão desencadeia outras acelerações, paradas, lentificações, novas acelerações. Entendida como imanência, classe e potência, é a chave para compreendermos o terreno ontológico da experiência do comum. Para Roggero (2014)¹⁰⁰, o comum assume um duplo aspecto no contexto do capitalismo cognitivo, tal como a face de Janus, entrada e saída de uma aporia: forma da produção e fonte de novas relações sociais. Partindo das diferenciações marxianas de trabalho vivo e trabalho morto, sustenta

¹⁰⁰ ROGGERO, Gigi. Teses Sobre o Comum. Rio de Janeiro: Revista Lugar Comum, 2014, p. 11-30. <Cihhttp://uninomade.net/wpcontent/files_mf/112508140126Cinco%20teses%20sobre%20o%20comum%20-%20Gigi%20Roggero.pdf>. Acesso em 15.05.2015.

que podemos fazer um paralelo entre esses conceitos, adaptando-os para os conceitos de saber vivo e saber morto. “Em outras palavras, a categoria saber vivo não se refere apenas ao papel central desempenhado pela ciência e pelo conhecimento no processo produtivo, mas também a sua socialização imediata no saber vivo” (ALQUATI, 1976 apud ROGGERO, 2014, p. 120).

Em suma, o capitalismo cognitivo é o resultado das lutas por educação de massa levando a crise das fábricas fordistas e suas formas subjetivadoras dominantes. Se o saber não mais está subordinado à clássica inserção do trabalho vivo na objetificação do capital nas máquinas, mas depende do saber vivo do trabalhador no processo produtivo, o que temos é uma autonomia do trabalho de um lado e, de outro, a redução do trabalhador à força produtiva. Nessa equação, “o capital tem que capturar o valor da produção de subjetividade” (ROGGERO, 2014, p.14), o comum não torna-se uma mera duplicação da cooperação, mas fonte e produto da cooperação. A riqueza social e o plano de produção de subjetividade são o terreno “a jusante” que o capital opera para a exploração do conjunto de singularidades. “Hoje, o rentismo é forma do comando capitalista” (o endividado como figuração subjetiva desse processo), “que captura a produção autônoma do trabalho vivo” (ROGGERO, 2014, p.13). O capital organiza a captura, ou seja, caça formas de produção de subjetividade autônomas, buscando sequestrar a potência produtiva do comum.

Para Cocco (2014) “a relação de débito e crédito substituiu a relação salarial na mobilização de um trabalho difuso que acontece diretamente na circulação das redes metropolitanas (de serviços e terceirização) e que coincide com a própria vida.” (COCCO, 2014, p.11). O espaço da cidade se tornou o espaço da produção. No pós-fordismo a produção se espalha pelo terreno social, constituindo novas formas de expropriação. A cidade como um todo torna-se um campo fértil de produção de riquezas, através da multiplicidade de produções que é capaz de mobilizar com os trabalhadores da saúde, limpeza, educação, nos trabalhos afetivos, relacionais, em seus serviços e infraestruturas. Não significa que o trabalho, nos moldes clássicos do operário de fábrica, deixou de existir, mas que estão inscritos em um circuito de informatização e intelectualização em redes de cooperação imateriais, cada vez mais importantes para a complexificação da produção. O capitalismo é capaz de abandonar a propriedade, mas não é capaz de abandonar o comando sobre os corpos produtivos. No entanto, “mais do que apenas uma

passagem linear de uma etapa à outra, a transição é um processo aberto de contestação entre diferentes paradigmas de produção, compostos de diferentes forças, possibilidades e temporalidades” (ROGGERO, 2014, p.15), chamando a atenção para o “campo de batalha prismático ‘iluminado’ pelas lutas sociais” (ROGGERO, 2014, p.15).

Quando a cidade vira fábrica e o saber vivo da multidão o terreno comum da expropriação, as heterotopias urbanas podem ser entendidas como fonte prismática de resistências e focos de pedagogias na/da cidade. Desdobramentos de lutas sociais na urbe, as heterotopias constituem-se como exemplos férteis para uma composição do comum.

O comum é produção

Um primeiro aspecto a ser destacado quando afirmamos que a produção se confunde com a vida no contexto pós-fordista é que não há mais um fora das relações de produção. Com isso, não estamos realizando um economicismo ingênuo e redutor da realidade, submetendo tudo à esfera do econômico. Mas inserindo as mudanças do capitalismo e as transformações materiais do trabalho no escopo de uma mobilização total da vida, na qual a cultura e a antropologia, as formas de vida e sua produção de subjetividade são incessantemente capturadas. Não faz sentido, como alerta Roggero (2014), que o comum seja entendido como algo natural, referido no plural como os *commons* (água, terra, florestas, território, solo, mas também informação e o conhecimento), sendo lugar central do antagonismo o mercado e a mercantilização e não a exploração e as relações sociais de produção - uma vez que o debate precisa ser deslocado das relações de propriedade para as relações de produção, ou seja, desnaturalizando o comum.

Em relação ao conhecimento, sustenta que “precisamos reconhecer que não é por ser um excesso natural preexistente que o conhecimento é comum; antes, é comum por estar incorporado no trabalho vivo e na sua produção” (ROGGERO, 2014, p.17). As singularidades empenhadas na produção de suas vidas constituem as bases do comum, em suas relações concretas e específicas, em suas lutas biopolíticas. Desta perspectiva, o saber vivo gerado pelo fazer heterotópico da multidão não tem mais nada a defender do que a cooperação autônoma da cidade. Um saber vivo que brota das experiências espaciais de resistências e modos de vida. O comum é produzido no plano de tensão das

lutas urbanas, entre as relações do trabalho vivo e o comando capitalista. “[...] no capitalismo cognitivo, nos defrontamos com uma situação na qual a resistência contra a expropriação do saber é imediatamente a luta contra as relações de exploração [...]” (ROGGERO, 2014, p.18). Traduzindo para o contexto urbano, tal assertiva implica as relações do comando capitalista sobre a cidade em contraponto à constituição de saberes urbanos arquipelágicos por dentro das heterotopias da cidade.

O comum é um conceito de classe

Assumindo o posicionamento sobre o comum inserido no antagonismo das relações de exploração, reitera Roggero que não se refere a uma imagem sociológica ou objetiva de classe. Como Negri, redefine a noção de exploração como exploração da cooperação, cooperação não de indivíduos, mas de singularidades, mais-valia maquínica. No istmo entre o molar e o molecular, usa a categoria de composição de classe, destacando a relação belicosa entre a estrutura material das relações de produção e os processos de subjetivação das resistências. “Porque a classe não preexiste suas condições materiais e historicamente contingentes de formação subjetiva, não há como existir nenhuma simetria entre composição técnica e política” (ROGGERO, 2014, p.19). Desprende-se da noção de uma unidade original do trabalho que fora alienada pelo capital, devendo, portanto, ser libertada, ou de uma consciência de classe que necessita se desvelar para si para ter consciência de si. A subjetividade é a condição da luta, bem como o que está em jogo.

Por conseguinte, não há mais fora ou dialética de inclusão e exclusão. Esse é o novo plano espaço-temporal no qual a formação da classe dentro e contra as relações capitalistas se realiza. A composição do trabalho vivo é constitutivamente heterogênea, por estar baseada na afirmação das diferenças irreduzíveis ao universal. O capital comanda essa heterogeneidade da força de trabalho por meio de um processo de “inclusão diferencial”. Entretanto, seria apenas o capital que pode compor as diferenças no trabalho vivo? A heterogeneidade poderia impedir a possibilidade da composição comum do trabalho vivo? (ROGGERO, 2014, p.19).

Os mecanismos de segmentação que sustentam a composição técnica no mercado de trabalho, essencialmente vinculados à mobilização das diferenças nas modulações de comando da exploração no processo produtivo, por meio de uma “inclusão diferencial”,

abrem também a possibilidade de uma desarticulação do comando. Uma desarticulação que possui sua linha de força na articulação do comum. “A classe é essa linha de força” (ROGGERO, 2014, p.20), sendo possível pensar a classe como devir.

A produção do espaço hoje está implicada entre a autonomia do trabalho vivo da multidão e a subordinação capitalista dos espaços, entre a produção heterotópica e a captura capitalista da cidade. A parcialidade dos espaços heterotópicos, sua condição de singularidade, a multiplicidade de cidades menores que produz, potencializa uma composição de saberes vivos sobre a cidade, em seus jeitos de morar, trabalhar, organizar o espaço, construir comunidade, solidariedade, trocas, lutas, imprimindo um devir outro, novos ritmos e movimentos, outras velocidades. É nesse sentido que o comum não é uma utopia, mas síntese disjuntiva de diferentes processos de subjetivação. O que propomos é a interpelação desses processos enquanto acontecem na cidade, uma vez que a cidade se constitui como uma megamáquina para a produção de subjetividades. Uma megamáquina espaço-temporal.

O comum não é uma utopia

A partir das características do capitalismo contemporâneo - global, financeirizado, organizado em redes e cognitivo - a temporalidade emerge como uma questão importante a ser destacada quando nos referimos à potência das heterotopias para pensar o comum. A temporalidade da crise é uma temporalidade ambivalente, de um lado “colapsa numa espécie de presente infinito” (ROGGERO, 2014, p.23), nos exigindo uma austeridade permanente para sobreviver ao presente. De outro, nos permite um novo espaço “não mais marcado pela linearidade historicista” (ROGGERO, 2014, p.23). Ambivalência que marca, segundo o autor, uma mudança no quadro temporal, acelerando uma ruptura normativa entre o passado e o futuro, desatando infinitos futuros no presente. Nesse ponto, ao usar Reinhart Koselleck (1923 - 2006) como referência para pensar o conceito de crise, Roggero se aproxima muito da concepção de Foucault quando este advoga que vivemos uma mudança de época.

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo. Estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se

experimenta, acredito, menos como uma grande Via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. Talvez se pudesse dizer que certos conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje em dia se desencadeiam entre os piedosos descendentes do tempo e os habitantes encarniçados do espaço (FOUCAULT, 2001, p.411).

A temporalidade do mundo contemporâneo, aberta como uma grande rede que religa pontos e entrecruza sua trama. Uma simultaneidade de tempos que se abrem na heterogeneidade espacial. O comum emergiria dessa justaposição, das relações entre o próximo e o longínquo, do lado a lado, da multidão dispersa. Não um tempo por vir, mas uma arteficial constelativa, um reconhecimento de porções de tempos e espaços que acontecem aqui e agora. Uma trama de ilhas, de pedaços de cidade, ilhas em conjunto, arquipélagos multitudinários. Uma pista metodológica: mapear esses espaços como condição primeira para a composição das lutas. Mapear os devires que nascem dessas espessuras da luta. Como mapear? Errando pela cidade em velocidades outras. Lentificando, parando, acelerando. Tal como os situacionistas, descobrir/inventar as *Naked citys*. Uma necessária imobilidade urbana. Retomando o cinema de Antonioni, descobrir os espaços vazios da imaginação criadora, roubar do gordo urbanismo suas pechas de planificação. Aventurar-se nas ilhas desertas, no mar aberto das composições subjetivas da cidade, vagando com os estranhos que povoam a cidade em suas estranhezas, seus olhares primeiros sobre os espaços. Migrações incessantes dos múltiplos enquanto múltiplos que permitem lugares heterotópicos e suas tramas secretas em sujeitos larvares para 1) devir-selvagem na cidade, o eterno estranho ocidental; 2) devir-bárbaro das jangadas da medusa urbana; 3) devir-alter-civilizado, deriva do anti-progresso, potência dos desejos.

A transformação social não é mais a progressão linear da necessidade histórica e da consciência: é inteiramente imanente à produção de subjetividade e ao comum, acontecendo na tensão entre a autonomia do trabalho vivo e a captura capitalista. O comum não é, então, uma utopia: não é um lugar ainda por existir ou que existirá no futuro. O comum existe aqui e agora e luta por sua libertação. Nesse contexto, o que referimos como “o evento” não é nunca uma origem: o início é sempre a reorganização do presente e do seu poder de fazer história” (ROGGERO, 2014, p.24).

Instituições do comum, pedagogia das tendências

Se o comum existe aqui e agora e luta por sua libertação, se existe enquanto produção de um conjunto de singularidades, atuando num campo imanente, em locais específicos e numa composição de classe enquanto devir, quais as suas *tendências* para a potencialização das lutas multitudinárias por meio de heterotopias pedestres? Em primeiro lugar, é preciso repensar a categoria de tendência.

O método marxista para Negri é, antes de mais nada, um método da tendência, ou seja, a procura pela antecipação das metamorfoses em andamento dos processos constitutivos de uma nova ciência, exatamente nos termos de Thomas Kuhn, teórico dos paradigmas científicos, que foi, nas suas próprias palavras, o “Che Guevara da Ciência”. A reflexão filosófica é sempre articulada como método histórico, busca pela causalidade e periodização, por meio de uma práxis militante que deve ser considerada como sujeito e como paradigma (ou episteme, como diria Michel Foucault). Método e substância, forma e conteúdo funcionam em conjunto e juntos se transformam (COCCO, 2014, p.1).¹⁰¹

A procura por antecipação dos processos constitutivos que se imiscuem como pontos-gris, zonas cinzentas, proto-formas da história que abrem a possibilidade de esticar os horizontes de intelecção sobre a realidade. “A tendência é a identificação de um campo de possibilidades não progressistas, no quadro da heterogeneidade da composição do trabalho vivo” (ROGGERO, 2014, p.24), acrescentada “da temporalidade diferencial que o capital captura de forma a repetir infinitamente sua origem – a acumulação primitiva” (ROGGERO, 2014, p.24). Nesse caso, é preciso um esforço de desvinculação da narração historicista, liberando uma potência autônoma do trabalho vivo. O princípio da luta de classes. Mas o princípio da luta de classes atravessado pelo devir. “Não se trata, porém, de abandonar a história, mas de chegar a uma concepção mais autêntica da historicidade” (AGAMBEN, 2005, p.118). As organizações capitalistas reduzem o saber/trabalho vivo da multidão a um saber/trabalho morto, traduzindo o tempo pleno do trabalho vivo em tempo vazio do trabalho morto do valor capitalista.

¹⁰¹ Deve haver uma maneira de reconhecer a derrota sem sermos derrotados. São Paulo: Revista Cult, abr. 2014. <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/04/deve-haver-uma-maneira-de-reconhecer-a-derrota-sem-sermos-derrotados/>> Acesso em 21.05.2015.

A questão é a “interrupção da tradução capitalista que abre o espaço para a composição política da autonomia do trabalho vivo” (ROGGERO, 2014, p.25). Tradução que se dá, essencialmente, por meio da modulação das “novas tipologias de economia de escala: os processos de aprendizagens, network e rede” (FUMAGALLI, 2014, p.82). Portanto, mais do que procurar um oásis em meio a relações de exploração do capital, é preciso pensar nas tendências que são liberadas por espaços simultâneos aos espaços capturados na cidade. Compreender o potencial de produção de saber/trabalho vivo que esses espaços criam, enquanto possibilidade concreta para a composição do comum, implica compreender que processos de subjetivação desencadeiam. A produção de subjetividade “[...] coincide com a produção de subjetividade política: a organização da produção coincide com a radicalização da construção democrática, do fazer-multidão” (COCCO, 2014, p.1).¹⁰² Dessa tensão, do convívio de espaços agônicos, espaços simultâneos e ao mesmo tempo antagônicos, que o comum pode emergir, imiscuindo a produção de subjetividade no caos criativo de uma zona larvar transitada por diferentes forças, transpassada por diferentes velocidades, habitada por sujeitos-esboços, protogênese de uma urbanização outra.

Sujeitos larvares: a multidão como princípio de individuação

Paolo Virno (2013) destaca a importância do filósofo Gilbert Simondon (1924-1989) para o entendimento dos processos de individuação. A individuação, como uma bagagem psicossomática genérica, apresenta componentes multirreferenciais que coadunam-se em processos amplos e abertos em temporalidades porosas nos espaços da subjetivação. Sujeitos-esboços, sujeitos anfíbios, sujeitos larvares que configuram, mais do que quaisquer outros, uma categoria inerente à multidão e ao comum podem ser pensados a partir das “duas teses de Simondon” que se apresentam “absolutamente importantes enquanto ‘predicados’ do conceito de multidão” (VIRNO, 2013, p.99). A primeira, “o sujeito é uma individuação sempre parcial e incompleta, consistente bem mais nos traços cambiantes de aspectos pré-individuais e de aspectos efetivamente

¹⁰² Uma filosofia prática. São Paulo: Revista Cult, abr. 2014
<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/uma-filosofia-pratica/> Acesso em: 21.10.2016.

singulares” (VIRNO, 2013, p.99). A segunda, “a experiência coletiva, longe de assinalar sua desintegração ou eclipse, persegue e afina a individuação” (VIRNO, 2013, p.99).

Pré-individual

“A multidão é uma rede de indivíduos” (VIRNO, 2013, p.99). A multidão é um conjunto de singularidades contingentes. “Essas singularidades não são, no entanto, uma circunstância sem nome, mas, ao contrário, o resultado complexo de um processo de subjetivação” (VIRNO, 2013, p.99). Temos, aqui, um ponto de partida para os processos de individuação, ponto que resulta de algo que ainda não é individual. O individual é segundo em relação a um campo de imanência onde circulam “índices intensivos, operadores diagramáticos” (PELBART, 2014, p.74). O individual consiste numa reserva de ser que exige aberturas para o fora, em outras palavras, em estoques de virtualidades a-históricas. O pré-individual “é rico em energia e pobre em estrutura, povoado de potenciais, tensões, feixes de relações quânticas, limiares de intensidade” (PELBART, 2014, p.49).

Uma primeira advertência e lição que essa concepção carrega é não tomar o indivíduo como um dado. Não isolar o indivíduo em um tubo de ensaio metafísico, blindado das pressões que o ultrapassam. O indivíduo é, antes de tudo, em um nível mais limitado, uma individualização do corpo social multitudinário. Isto é, uma potência individuada. Para pensar os desdobramentos dessa perspectiva nas teses de Simondon, Virno (2013) opera uma rápida genealogia do pré-individual, de Anaximandro (essencialmente com o conceito de Apeiron, a natureza de todo o possível) a Vigotsky (a locução humana primeiramente como uma qualidade impessoal, intersíquica), atravessando por Merleau Ponty (o fundo biológico da espécie perpassando as percepções do indivíduo), propondo uma definição autônoma do pré-individual em consonância com Simondon, o que chamou de “pré-individual histórico” (VIRNO, 2013, p.101). Frisa a importância de diferenciar “entre o domínio perceptivo (bagagem biológica sem individuação) e o domínio linguístico (bagagem biológica com base na individuação)” (VIRNO, 2013, p.101). Deste modo, destaca o pré-individual como a relação de produção dominante. “No capitalismo desenvolvido, o processo de trabalho requer as qualidades de trabalho mais universais: a percepção, a linguagem, a memória, os afetos” (VIRNO,

2013, p.101), o que, dito de outro modo, mostra o conjunto das forças produtivas como o pré-individual. Voltando ao que afirmamos acima, nos itens sobre a multidão e o comum, em suas redes de singularidades, imanência da qual se bifurcam inúmeras tendências e processos de subjetivação, o saber/trabalho vivo apresenta-se como a zona privilegiada da exploração, ou seja, tradução em saber/trabalho morto do valor capitalista. Exploração da cooperação de singularidades que se traduzem em mecanismos biopolíticos de subjetivação. Como resume Pelbart (2014), tais mecanismos cultuam e cultivam “formas de vida de baixa intensidade, submetidos à morna hipnose, mesmo quando a anestesia sensorial é travestida de hiperexcitação” (PELBART, 2014, p.29). Tal forma subjetivante resulta em “cyberzumbis, pastando mansamente entre serviços e mercadorias” (PELBART, 2014, p.29). Produzindo o velocizado como sintoma da anestesia sensorial mesmo em sua hiperexcitação. Produzindo o endividado em sua angústia financeirizada. Produzindo os cyberzumbis da velocização midiática. Produzindo medos difusos e internalizados baixando ao ápice a intensidade da vida (os muçulmanos de Levi habitando os esgotados de Beckett e a vida nua de Agamben, o neo-niilismo contemporâneo). Produzindo desesperança generalizada com um futuro cada vez mais despolitizado. Uma síntese das sintomatologias tipológicas que trabalhamos anteriormente como Máscaras de Ensor das relações de produção, quando as relações de produção chegaram no nível do pré-individual, da subsunção total da vida. “No entanto, o pensamento tem uma importância particular entre essas forças” (VIRNO, 2013, p.101) afirma Virno, abrindo a possibilidade de infinitas “embreagens existenciais” (GUATTARI, 2000, p.19). Marx teria uma importância significativa nesse jogo de forças ao forjar a expressão *general intellect* (o conhecimento impessoal) como “ pilar principal da produção de riqueza” (VIRNO, 2013, p.102), o pensamento como uma realidade pré-individual historicamente qualificada. Aqui, podemos remontar aos três terrenos propostos por Negri e destacar o intelecto geral como uma das linhas de força para o entendimento dos saberes vivos produzidos nos espaços heterotópicos da cidade. A recomposição singular de sujeitos anfíbios que operam nos limites da individuação e do pré-individual e configuram a sístole e a diástole de processos de composição urbana, indiscerníveis de processos de subjetivação. É nesta abertura que vamos delineando os contornos de sujeitos-gris sem enunciados e fora dos regimes discursivos, os quais deixam de ser sujeitos para se tornarem paisagens de chuva para a dramatização viscosa de indivíduos irreduzíveis à simplificação empírica das enunciações. Leia-se bem, quando falamos no devir-

selavagem, no devir-bárbaro e no devir-alter-civilizado, estamos no âmbito das tipologias inaudíveis. Não queremos qualquer sombra identitária ou aproximações com os sujeitos “reais”. O kaingang, o senegalês e o beira-Trilho são sujeitos larvares tais como os “mulçulmanos” de Primo Levi. Individuações de uma multiplicidade irreduzível, sujeitos-esboços, máquinas sinópticas da cidade. Apesar dos evidentes traços que deixarão ao longo dessa pesquisa, funcionarão como sínteses disjuntivas, organizações do devir em rostidades. “A tal ponto que, se o homem tem um destino, esse será mais o de escapar ao rosto, desfazer os rostos e as rostificações, tornar-se imperceptível, tornar-se clandestino [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2004a, p.36). Dissemos acima que queremos um mapa, uma cidade de nacos heterotópicos, uma *Naked City*. Um arquipélago. Uma trama de ilhas. Uma artesanaria constelar de composições multitudinária. Qual é o liame que afivela a um só tempo os dois desejos? Os traços da multidão nos sujeitos-gris e os espaços concretos de heterotopias em Passo Fundo? Qual é o fio de prata que os liga, alma e corpo, em corporiedades subjetivas? Pré-individual e individual nos fazeres heterotópicos da multidão dispersa, o saber/trabalho vivo investido nesses jeitos de fazer cidade possibilita poéticas pedestres embutidas em máquinas de síntese. Sínteses disjuntivas de espaços outros vividos pelas tribos kaingangs, grupos senegaleses e famílias de beira-trilhos. Se a velocidade do capital é uma política de controle, as heterotopias aceleracionistas podem ser uma política do descontrole, nas quais temos: o comum como produção; a multidão como ontologia; a heterotopia como desutopia de uma temporalidade concreta (de pedra, madeiras, vidros, zínco, telhas, ferro, cimento, tijolos, velocidades), à espera de sua trama. Porque, lembrando Rilke, há mais rostos do que pessoas no mundo. A Jangada da Medusa, a heterotopia da tragédia, a imagem avessa do sonho da modernidade, o movimento sem telos da deriva que vira canibalismo, torna-se a argúcia de Perseu elipsado por Italo Calvino. Isto para vencer o monstro olhando de forma indireta.

O espelho de Perseu é o Aleph, um ponto de convergência dos olhares e imagens, olhares distorcidos no ponto de vista da Medusa. Olhares contorcidos da Medusa agonizante. Olhares retorcidos nas embarcações dos afogados do século XXI. Olhares infletidos na redoma dos tipos que refletem a vibração esquecida dos indivíduos. A vibração da ontogênese torce a realidade ao átimo de um tempo aberto. Por isso, sujeitos híbridos, anfíbios, larvares.

Sujeitos anfíbios

“Os manuais de rosto e paisagem formam uma pedagogia, severa disciplina, que inspira as artes assim como estas a inspiram. A arquitetura situa seus conjuntos, casas, vilarejos ou cidades, monumentos ou fábricas, que funcionam como rostos [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2004a, p. 38). Os rostos da paisagem se implicam uns nos outros em uma grande dança, em rituais de acasalamento, nas aquarelas dos retratos investidos pelo tempo. A individuação do social, o rosto da multidão, necessita aclarar o múltiplo no tipo. A subjetividade dos tipos sempre contém “uma certa proporção do irreduzível de realidade pré-individual” (VIRNO, 2013, p.102). Os seres individuados guardam uma carga de indeterminação que os mantém em uma tensão com o fora, com a “realidade do pré-individual, que passou através da operação de individuação sem ser efetivamente individuada” (VIRNO, 2013, p.102). Simondon chama esse estoque de ser como “carga do indeterminado”.

No entanto, esclarece Virno, o sujeito não pode ser confundido com o seu entorno. A desconsideração do pré-individual levou a assimilar o sujeito a um indivíduo individuado pelas circunstâncias do seu contexto. Tal individuação é mais atual e menos virtual; mais molar do que molecular; mais extensão e menos singularidade. Numa aproximação rápida com as leituras de Deleuze sobre Bergson ou o Bergson de Deleuze, a “noção de subjetividade é anfíbia: o “eu falo” coabita com o “fala-se”, o que não podemos reproduzir está estreitamente mesclado com o recursivo e com o serial” (VIRNO, 2013, p.103). A cota de participação da língua materna, do pensamento impessoal (*general intellect*) não pode ser desvinculada da subjetividade. A ontogênese está em aberto, pode regressar a qualquer momento. Ou seja, nesta perspectiva, somos embriões eternos. Sujeitos esboços, sujeitos larvares dos processos individuantes. Essa nuvem de potencialidade a-histórica que acompanha todos os indivíduos, colocando uma espécie de sombra ontogenética ao lado de todos nós, nos permite falar do kaingang, do senegalês, do Beira-Trilho na cidade como máquinas sinópticas. Fluxos de individuação que abrem mil portinholas no presente no ataque do tempo contra a produção de espaços da velocização capitalística, no ataque do espaço heterotópico à exploração da cooperação dos múltiplos. Encarar os olhos e as jangadas da Medusa sem receio de virar pedra. Os sujeitos reservam o individual como saída ao teatro do eu do pesquisador, do pesquisador

sério e comprometido com olhar indireto da pesquisa. Sem pesquisar seres humanos, o pesquisador agrimensor faz pesquisa com devires espaciais (no cordão umbilical que os liga aos espaços produzidos, como nos ramos de singularidade que brotam rascunhos), frequência ativa de uma tentativa de fuga da “cantilena melancólica” (VIRNO, 2013, p.103) dos Frankfurtianos, denunciadores do afastamento das potencialidades universais da espécie (linguagem e pensamento) e das forças produtivas sociais. Uma ideia falsa, afirma Virno, visto que: “O conceito ético-político de multidão funda-se tanto sobre o princípio de individuação como sobre sua incompletude constitutiva” (VIRNO, p.104), podendo ser entendido como pós-pré-individual, numa nova temporalidade. “O que ele carrega, pois, não é apenas a “remanência” da “fase” pré-individual pretérita e o presente que ele é, mas também o esboço, a preparação energética, os germes das operações por vir”(PELBART, 2014, p.53). Nesse drama que se vincula uma temporalidade não sequencial, uma fase por vez, uma coisa depois da outra, a história, infinita busca das origens, é como um progresso ao revés. Não. A temporalidade irreverente do simultâneo, da era do espaço, temporalidade tramada na ligação de espaços heterotópicos assombrada pelos sujeitos larvares que sussurram aos nossos ouvidos palavras de desordem. A crise agora é do individuado. A crise é do instituído. A crise é do Molar. Em outro plano, a crise é abertura. A crise é a ambivalência de um tempo morto e o renascer de um tempo vivo, potência do molecular. Em um primeiro momento pode parecer rebuscado o que estamos propondo, mas a precisão dos sujeitos anfíbios necessita do jogo de espelhos multirreferenciais. Como sujeitos anfíbios compreendemos “a singularização advinda de cada componente da multidão atual” (VIRNO, 2013, p.104). Quando Marx se refere à individuação social, fala do amalgamento da existência genérica, a marca da subjetividade. Virno (2013) fala de uma partitura universal, o intelecto geral fulgurando como uma premissa (pré-individual). Uma hipótese heurística para o drama das tipologias que prospectaremos a seguir. Finalmente, a segunda tese de Simondon, “a experiência coletiva, longe de assinalar sua desintegração ou eclipse, persegue e afina a individuação” (VIRNO, 2013, p.98-99). Pensar o indivíduo no coletivo não prejudica as suas características singulares, nem o inibe de suas qualidades específicas, “não atenua a individuação, mas a persegue, aumentando desmedidamente sua potência”(VIRNO, 2013, p.107). A individuação social não é um oxímoro maneirista, mas uma porção do ilimitado na vida, sendo o coletivo da multidão um coletivo de singularidades individuadas. Voltando à diferenciação de heterotopia e utopia: o comum não é uma

promessa. O comum é uma premissa. O corpo não é singular por ser uno, é singular por ser multidão.

Precursor sombrio



Figura 8 – Night Shadows, Edward Hopper

“A dramatização são dinamismos, determinação espaços-temporais dinâmicas”(DELEUZE, 2006, p.145). Assim, Deleuze responde à pergunta sobre o drama. Dinamismos que têm por “pacientes” sujeitos-esboços. “Dinamismos espaços-temporais. Isto é: agitações de espaço, buracos de tempo, puras sínteses de velocidades, de direções e de ritmos” (DELEUZE, 2006, p.132). O método visa pôr em destaque o caráter dramático de todo acontecimento (CORAZZA, 2012, p.10), buscando um sujeito larvar, embrionário. “Literalmente, é isso o que significa drama: performar as Ideias, quase encobertas pela ação. Figurações para o movimento da dramatização. “Sob a dramatização, a Ideia encarna-se ou atualiza-se, vem a diferenciar-se” (DELEUZE, 2006,

p.130). No entanto, destaca a importância em dois âmbitos de diferenciação¹⁰³: o atual e o virtual. Duas metades dissimétricas, porém, intrinsecamente conectadas. Um campo dos objetos, das formas, dos sujeitos, das instituições. Outro dos fluxos, das intensidades puras, das vibrações. Um extenso e o outro pré-extenso. Embora distintos, ambos se interconectam, se atravessam. História e devir. Molar e molecular.

Esses dinamismos supõem sempre um campo no qual eles se produzem, fora do qual eles não se produziram. Esse campo é intensivo, implica uma distribuição em profundidade de diferenças de intensidade. Ainda que a experiência nos coloque sempre na presença de intensidades já desenvolvidas em extensos, já recoberta por qualidades, devemos conceber, precisamente como condição da experiência, intensidades puras envolvidas numa profundidade, num *spatium* intensivo que preexiste a toda a qualidade assim como a todo extenso. A profundidade é a potência do puro *spatium* inextenso (DELEUZE, 2006, p.132).

Arriscamos dizer que a profundidade do *spatium* inextenso, a diferenciação de intensidades propostas por Deleuze, corresponde ao campo do pré-individual de Simondon, bem como ao virtual em Bergson. Zonas de intensidades puras, ricas em potência, carregadas de indeterminações. Pano de fundo e de frente para a compreensão dos tipos psicossociais que se apresentam como pontos de intersecção entre as intensidades diferenciais, individualizações de componentes virtuais e atuais, dessemelhantes, porém complementares, em um plano de conjunto, as figuras são esses “outros”. Posição do múltiplo em máscaras, desrotificações, traços da multidão dispersa que justificam o coletivo, o indiferenciado transformado em ponto de intensidade diferencial. O *spatium*, condição para os sujeitos-gris, é um processo de indiferenciação, uma inextensão da pura intensidade. Paisageidade da desrotificação de uma configuração tipológica no pré-pós-individual de processos individuantes, categorias/duplos como Senhores Golyádkins dostoiévskiano.¹⁰⁴ Mas como essas

¹⁰³ O conceito é usado dessa forma para corresponder a dois aspectos: o diferenciar como aspecto do virtual e o diferenciar quando no aspecto do atual. No conjunto, o filósofo usa o conceito complexo de diferenciação.

¹⁰⁴ Personagem do romance “O Duplo” de Fódor Dostoiévski. Uma das primeiras obras de Dostoiévski, explora o drama de um funcionário público com um suposto sócia que repentinamente aparece como o mais novo contratado a (de) sua repartição. Imagem alegórica do seu próprio duplo, esboço do primeiro personagem-tipo de Dostoiévski: o homem do sub-solo (DOSTOIÉVSKI, 2013).

diferenças de intensidade entram em conexão? Como os dois planos se encontram? É preciso como que um “diferenciador” da diferença, que reporta o diferente ao diferente. Cabe esse papel ao que Deleuze (2006) denomina um precursor sombrio. As figurações apresentam a dupla conexão de zonas de intensidades, o tipo se constrói na atualização de práticas urbanas, na organização de espaços, em modos de vida, em dados do IBGE. Os tipos se configuram em extensões descritivas, molares. Importante conexão. Importante ligação. Mas há uma sombra. Um duplo. Um “outro” borgeano¹⁰⁵ que se diferencia em bancos de praça, em ruas móveis, em pensões, em barracões, embaixo de lonas, em fluxos. Essa parte que inaugura um caminho invertido, sombrio, escavado, abre um outro flanco de experiência, um “empirismo transcendental” (DELEUZE, 2001, p.126). O precursor sombrio é um “agente de comunicação” das séries de diferenci/ças, um instrumento de abertura do molar, por onde se agita uma multiplicidade “[...] é sempre um signo ou um acontecimento que sai das profundezas, que fulgura entre intensidades diferentes e que dura todo o tempo necessário para a anulação de sua diferença constitutiva” (DELEUZE, 2006, p.133). Os sujeitos não estão ausentes nessa pesquisa, mas de modo algum são confundidos com identidades, representações, por isso são tratados como sujeitos esboços, sujeitos-gris “não ainda qualificados, nem compostos, são mais pacientes do que agentes, únicos capazes de suportar a pressão de uma ressonância interna ou a amplitude de um movimento forçado” (DELEUZE, 2006, p.133). A verdade da embriologia: aqui o sujeito só pode ser larvar. As figuras subjetivas criativas à crise vão se configurando em zonas de intensidades múltiplas, atravessadas por acontecimentos. Como ligar esses sujeitos-esboços com a heterotopia? Já respondemos quem? E o onde? Sujeitos-gris de um devir-selvagem na cidade (o kaingang), o devir-bárbaro (o senegalês), o devir-alter-civilizado (o beira-trilho). Onde? Passo Fundo atual e, sobretudo, virtual, cidade-gris. Por que essa cidade? Por que não uma metrópole, tal como a literatura indica? Porque trata-se da geofilosofia da pesquisa onde o pesquisador é afetado pelas velocidades diferenciais desses tipos que cruzam seu caminho. Afetado pelos ritmos, pela lógica de velocizações, endividamentos. Como se pesquisa? Na deriva da caminhada. Na suspensão da caminhada. No encontro com tipos que não reconhece.

¹⁰⁵ Estou me remetendo ao conto “o outro” de Jorge Luis Borges. Borges encontra consigo mesmo nesse conto. O Borges ancião e o jovem Borges. Uma dobra de tempo e espaço faz com que o velho e o novo Borges se encontrem em um banco entre dois tempos e duas cidades (BORGES, 2005).

Não é uma leitura etnográfica. Não é uma leitura sociológica. É uma esquizo-análise da cidade. O método? Percepções, encontros, mapeamentos, delírios, sonhos, epifanias, lapsos, decomposições, em suma, dramatizações.

O conjunto dessas determinações: campo de individuação, séries de diferenças intensivas, precursor sombrio, acoplamento, ressonância e movimento forçado, sujeitos larvares, dinamismos espaços temporais – esse conjunto desenha as coordenadas múltiplas que correspondem às questões quanto? quem? como? onde? e quando?, e que dão a estas um alcance transcendente para além dos exemplos empíricos (DELEUZE, 2006, p.133).

De novo, o empírico existe. Mas um empírico fabuloso. O empírico não é o ponto de partida e nem de chegada, o empírico é o ponto performático de inflexão de um *Aleph*, a convergência de um individuante. O precursor sombrio. O ponto dionisíaco de intersecção da lanterna mágica lá onde as sombras se agitam no casaco de Marx (STALLYBRAS, 2016). Lá onde as sombras se bifurcam em veredas borgeanas. Lá onde os sujeitos se dobram sobre o retrato monstruoso: Dorian Gray.¹⁰⁶ Fotogramas que surgirão de heterotopias. O uso de fotogramas como “evento”, gesto da individuação. A cidade subjetiva de Guattari ganha a cena no imbróglio genérico da megamáquina. Máquina sinóptica. “Estranho teatro feito de determinações puras, agitando o espaço e o tempo, agindo diretamente sobre alma, tendo larvas por atores – e para qual Artaud havia escolhido a palavra ‘crueldade’ ” (DELEUZE, 2006, p.134). Teatro da crueldade, essa linha abstrata forma um drama, uma encenação sem palco. A cidade como camarim de chegadas e partidas, de atores sem papel que não o comum que os une numa cooperação produtiva do inextenso. As personagens são montadas com as vestes da contemporaneidade, com a sujeira que acumulam em suas mangas de camisa. Desalinho. Espaço flutuante de uma jangada de pedra a deriva, dispersa. Porém, potente. Retumbante em suas formas de escapar ao empírico por entre os dedos. Formas de escapar, construção da escapada. O gris, a zona cinzenta de Primo Levi¹⁰⁷. O lugar da indiferenciação. A carga

¹⁰⁶ Menção ao romance de Oscar Wilde, O Retrato de Dorian Gray. O pacto de juventude refletido na monstruosidade do quadro como metáfora para a parte sombria que abre o indivíduo para processos de subjetivação outros. (WILDE, 1972).

¹⁰⁷ “Primo Levi diz: Não nos obrigarão a tomar as vítimas por algozes. Mas o que o nazismo e os campos nos inspiram, diz ele, é bem mais ou bem menos, “a vergonha de ser um homem”[...]” (DELEUZE;

do indeterminado, *apeiron*, pós-pré-individual. Talvez, o tapete voador das histórias, viajar sem sair do lugar. A volta ao dia em oitenta mundos, sublime Cortázar. É preciso engarrafar, dar imobilidade, velocidade diferencial de um corpo. É preciso perder velocidade, aposentar-se dos canhões que sopram as vidas ao desatino da baixa intensidade. É preciso condenar as cidades espectrais que povoam os desenhamentos do capital. “É o conhecimento científico, mas também é o sonho, e são também as coisas em si mesmas que dramatizam” (DELEUZE, 2006, p.134). Temos a tarefa, como diz Deleuze, “de consignar sujeitos larvares (o ciumento, por exemplo) e puros dinamismos espaços temporais (ora fazer a surgir a “coisa” em pessoa, numa certa hora, num certo lugar” (DELEUZE, 2006, p.134), diagramar coordenadas, apresentar os traços, as pegadas “ora, acumular os indícios e o signos, de hora em hora, e seguindo um caminho que jamais acaba” (DELEUZE, 2006, p.134). As figuras/tipos são produzidas dessas metades ímpares, dessemelhantes e dissimétricas “sendo que cada uma dessas metades divide-se em duas: *uma metade ideal*, mergulhando no virtual, e constituída ao mesmo tempo, por relações diferenciais e singularidades concomitantes” (DELEUZE, 2006, p.136); outra “uma metade atual, constituída pelas qualidades que encarnam essas relações e, ao mesmo tempo, pelas partes que encarnam essas singularidades” (DELEUZE, 2006, p.136) distintas e obscuras, sombrias. “É nesse sentido que a Ideia é dionisíaca, nessa zona de distinção obscura que ele conserva em si, nessa indiferença que não deixa de ser perfeitamente determinada: sua embriaguez” (DELEUZE, 2006, p.137). No imbricamento das partes, na sobreposição de suas sombras, nas fronteiras borradas que delineiam aparições monstruosas, há pares, mas nem todos se confrontam, é preciso conhecer os rostos dos inimigos. Sobretudo, seus rostos.

“O virtual não se opõe ao real; o possível que se opõe ao real. O virtual se opõe a atual, e, a esse título, possui uma plena realidade” (DELEUZE, 2006, p.137). A realidade do virtual é recheada de singularidades, tal como “a multidão como o nome de

GUATTARI, 2001, p. 138). Porém, a vergonha de ser um homem sem nos absolver das baixeiras cotidianas, dos misgalinhos fascistas que nos acompanham nos pequenos constrangimentos, nas ínfimas pactuações com os valores capitalísticos. Pois não só nos atos extremos dos concentracionários, nos adverte Deleuze e Guattari, reside nossa vergonha, mas na vulgarização de nossas existências para o mercado. A zona cinzenta é o palimpsesto em que todos nos encontramos, zona dobradiça de efetuações e contra-efetuações, o borramento onde já não há diferenciação clara entre os senhores e os escravos (DELEUZE; GUATTARI, 2001).

uma imanência” (NEGRI, 2014, p.15). Singularidades não-representáveis, que se agenciam com outras singularidades sem perder sua diferença (ROGGERO, 2014, p.21).

O círculo vai se abrindo em sua composição, no fundo dionisíaco retumbante de onde emergem os personagens. O terceiro princípio da heterotopia ganhando uma velocidade maior na justaposição de lugares diferentes que se imbricam em gambiarras de intensidade. A impossibilidade de mundos antagônicos, porém, simultâneos. Temos elementos para fabular passos a partir dessas categorias. O primeiro passo é literal. É a deriva, a dispersão pedestre do pesquisador pela cidade de Passo Fundo. Seu contato como morador, suas andarilhagens cotidianas, suas embreagens existenciais. Da casa para o trabalho. Caminhadas. O fato de habitar um bairro que lhe permite cruzar com acampamentos kaingangs, com os traços da multidão de senegaleses, com as ocupações dos entornos da estrada de ferro, pessoas da beira do trilho. O primeiro passo é essa existência cotidiana invadida pelo ato de pesquisa.

O segundo passo é a categorização dos tipos psicossociais. kaingangs, com os cestos em semáforos, com acampamentos nos pátios baldios, ocupando arestas da cidade. Os kaingangs viram o kaingang, agenciamento de um devir-selvagem. Lugar primeiro do outro. Jeitos de estar na cidade com práticas desconectadas das velocidades capitalísticas. Acampados nos lugares mais inusitados, em cantos de praça, na rodoviária. Acampados nos lugares sempre proibidos para eles. Acampados no buraco negro da subjetividade do homem comum. Mas não somos indigenistas e nem antropólogos. É da singularidade que falamos. A zona de distinção obscura dessas experiências extensivas no muro branco do inextenso. O *spatium* kaingang, a profundidade despreendida mais uma vez do individuante. Da mesma forma, os senegaleses viram o senegalês. Sujeito larvar de uma experiência empírica da cidade. O devir-bárbaro de uma língua estranha, de uma cultura estranha, uma vida estranha. A forma que esse indivíduo social produz espaços, indícios de intensidades diferenciais. O *spatium* de um estrangeirismo. Nesse ponto, voltamos às figuras da crise, o endividado, o mediatizado, o securitizado, o representado, e a criação da tese, o velocizado. Voltamos para mostrar as diferenças com essas figurações criativas à crise. O que o senegalês tem a dizer em seus fazeres heterotópicos? Como desrostificação da multidão, que paisagens produz na cidade? Náufrago da jangada da Medusa, afogado do século XXI, o senegalês é uma singularidade. Qual a sua potência enquanto rota de fuga? Percebam, é a lógica da metrópole muito além dela. Até mesmo

em sua reversibilidade trágica. Enquanto traço, o que a heterotopia dos relógios vendidos no chão da praça, a construção de uma mesquita, os trajes coloridos, as vozes guturais aos ouvidos da língua portuguesa, a pele negra, marcam na cidade? Que cidades surgem daí? Que práticas pedestres exercitam? Um último personagem, linha de força do comum como premissa, o devir-alter-civilizado do beira-trilho. Mais uma migração. Mais um deslocamento. O selvagem da empresa colonizatória, o jogo metrópole-colônia do Brasil pretérito, suas táticas de desativação, máquina primitiva. Temos a jangada da Medusa aportada em Passo Fundo, a fuga como saída, a máquina bárbara. A tentativa de tornar-se um estrangeiro de si mesmo. Agora, o componente da trilogia que estava faltando, a migração dos pobres. A produção residual do capitalismo. O beira-trilho. Ocupações ao longo dos trilhos da cidade, filhos da revolução verde. Famílias expulsas do campo que buscam a cidade de Passo Fundo como alternativa. O que essas três máquinas sinópticas possuem de comum em suas heterotopias? Que ligações poderemos fazer desses nacos de cidade?

O terceiro passo mapeia os espaços heterotópicos desses personagens. Localiza no mapa da cidade maior esses pequenos resumos de singularidade, criando uma *Naked City* local ao pensar suas simultaneidades, justaposições, suas relações com o corpo urbano.

O quarto passo, é a criação de uma constelação heterotópica da cidade de Passo Fundo, mostrando como se ligam esses pontos, em suas distinções obscuras, ao ponto dionisíaco das práticas urbanas. Como se expressam essas cidades em miniatura, máquinas sinápticas, sinédoques.

O quinto e último passo, apresenta as pedestrianismos que emergem desses espaços e a ligação dessas heterotopias enquanto cooperação de singularidades. O comum como premissa no jogo espaço-temporal de cidades escondidas. Expõe a composição desses espaços como marcas indeléveis de resistências e outras formas de fazer cidade com a potência da multidão dispersa em suas múltiplas práticas pedestres.

É que as singularidades do mundo servem de princípio para a constituição das individualidades: cada indivíduo envolve um certo número de singularidades e exprime claramente as relações entre elas, fazendo-o *em relação* ao seu próprio corpo. Assim sendo, o mundo exprimido preexiste virtualmente às individualidades expressivas, mas não existe atualmente fora dessas individualidades que o exprimem de próximo em próximo. E é esse processo

de individuação que determina as relações e as singularidades do mundo ideal a se encarnarem nas qualidades e nos extensos que preenchem efetivamente os intervalos entre os indivíduos (DELEUZE, 2006, p. 138).

Nesse momento intervalar o círculo se abre. Intervalos dos indivíduos como imanência da multidão dispersa para a criação de heterotopias pedestres, fabuladas nas errâncias, afetações, encontros, registros, esgotamentos, minituarizações, perseguições, epifanias fugazes. o kaingang, o senegalês, e o beira-trilho como singularizações, como traços de uma rostidade fugidia, pedestrias. Máquinas cinéticas-pedagógicas junto as quais se travarão as principais batalhas. Linhas de ação por dentro dos buracos negros da consciência e da paixão subjetivas, seus sufocamentos, suas capturas, suas reterritorializações significantes. “É somente no interior do rosto, no fundo do seu buraco negro e em seu muro branco que os traços de rostidade poderão ser liberados, como os pássaros” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.59-60). Sem significar uma origem perdida, um resgate de valores, um uma cidade esquecida, “mas inventar as combinações nas quais esses traços se conectam com traços de paisageidade, eles mesmos liberados da paisagem, com traços de pictorialidade, de musicalidade, eles mesmos liberados de seus respectivos códigos”(DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.60). Devir clandestino, inumano, “cabeças pesquisadoras” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.60) para além do rosto, em suas velocidades diferentes, em sua destituição da velocização, no implodimento do rosto do capital decalcado em cada camada de semiotização que nos subjetiva. Aí reside a desrostificação do velocizado, “[...] não mais olhar os olhos nem nos olhos, mas atravessá-los a nado, fechar os seus próprios olhos, e fazer do seu corpo um raio de luz que se move a uma velocidade cada vez maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.57). O círculo se abre sem perder de vista que “o círculo é o labirinto perfeito” (BORGES, 2005, p.15).

CIDADE GRIS: SELVAGENS, BÁRBAROS, CIVILIZADOS

A cidade parecia um ser vivo, monstro de corpo escaldante a arquejar e transpirar na noite abafada. Houve um momento em que o homem de gris confundiu as batidas do próprio coração com o rolar do tráfego, e foi então como se ele tivesse a cidade e a noite dentro do peito.

(VERÍSSIMO, 2005, p. 14)

Na profundidade, não somos mais “seres”, mas sim vibrações, efeitos de ressonância, “tonalidades” de diferentes frequências. E o próprio universo acaba se desmaterializando para se tornar duração, uma pluralidade de ritmos de duração que também se superpõem em profundidade, de acordo com níveis de tensão distintos.

(LAPOUJADE, 2013, p. 11)

Interlúdio VI

Kínema-noir

Porto Alegre, março de 2016. Cris amava o cinema. Não só as imagens em movimento, mas a sala, a tela branca, o farol de histórias do projetor, as poltronas vermelhas, o cheiro de pipoca, o tom aconchegante da iluminação, a impessoalidade e a possibilidade de não falar. Estar em solidão, sentada, quieta, silenciosa, não vista, escura, gris. Amante de Clarice, auscultava a romaria de mulheres deambulatórias, sitiadas, recônditas. Gostava de sair no final do dia em busca de um filme, ao encontro de histórias que lhe entregassem endereços íntimos, logradouros tão seus que só fizessem sentido se marcassem lugar em alguma esquina ou cruzamento. Enfermeira e mãe, sabia cuidar. Conheceu seu marido no hospital. Ele alto, inteligente, respeitado, seguro. Gostava do seu tom alvo, de seus sapatos sérios, suas unhas bem aparadas. Tiveram três filhas, planejadas, alimentadas no decorrer de uma solidão sólida. Seu tempo dividia-se infinitamente entre a casa e o trabalho, infinitamente entre o lar e o hospital. Seus cuidados contornavam os espaços com uma dedicação exponencial, nunca exaurida, nunca exangue. Ela mãe, Ele pai. Ela enfermeira, ele médico. Ela continuava a gostar de cinema. Ele, talvez. Naquela tarde de março de 2016, Cris vestiu sua melhor roupa, não a mais nova, não a mais cara, não a de melhor grife. Apenas sua melhor roupa. Suas filhas já crescidas, ocupavam a segunda-feira

com os deveres dispersos, suas agendas de adolescentes, seus sonhos de jovens mulheres. Seu marido, atendia a rotina, compenetrado, resiliente, honesto. Ela desejou sair, ir ao cinema. Gostava de sessões do começo da noite, quando a cidade intensifica o fluxo do final do dia e circula enlouquecida da casa para o trabalho, do trabalho para a faculdade, da escola para a casa, da casa para outra casa, do trabalho para outro trabalho, da escola para outra escola, da rua para outra rua, da ponte para outra ponte, do viaduto para outro viaduto. Cris gostava do cinema nessa hora. Estava vestida de vermelho, carregava uma bolsa branca. Escolheu o filme como quem escolhe uma planta para o jardim sonhado, interno, com anões espalhados no quintal, coloridos, mágicos, observadores. Sentou-se na última fila. Possuía o controle dos olhares, orquestrava as reações dos outros em segredo. O cinema era o lugar do secreto. Retirou de sua bolsa um pequeno bisturi. **Seus olhos continuavam no tecido da tela** enquanto o artefato penetrava preciso em sua perna. Calculou o lugar da artéria, o ponto exato de sua circulação interna. Profissional, competente, como uma enfermeira precisa ser. Sentiu o calor do sangue vertendo, pulsando para fora. O vermelho do vestido intensificado. **Seus olhos continuavam no tecido da tela.** Lentamente ergueu sua mão direita em direção ao pescoço, engoliu em seco a lágrima de luz e sombra. Agora o pescoço, interrompido pelo orifício cirúrgico, movia-se em ritmo estranho. O circuito fechado de Cris abria-se em duas veredas, a anatomia do suicídio criara novos itinerários. **Seus olhos continuavam no tecido da tela.** Cris interrompera a circulação no próprio corpo. Dotada de uma formação ampla, equacionou o tempo de sua circulação derramada com o tempo do seu último filme. Sangrou consciente. Sangrou com precisão. Sua morte só veio com os créditos finais. Morreu vagorosamente. Vida rápida, morte lenta. **Seus olhos continuavam no tecido da tela.**



Figura 9 - Puerto Azul, Xul Solar

Cidade-aquário

A cidade gris é o adensamento de um “urbanário”. Um ponto cinza de Klee. Paralelas e retas negras de Mondrian. Toda a cidade vista de longe é um ponto cinza de Klee. Toda a cidade vista de perto são retas e paralelas de Mondrian. De dentro, todas as cidades são personagens com olhares de Hopper. De fora, paisagens estranhas de Xul Solar. O encontro de fluxos molares e moleculares na superfície de uma mesma estética urbana. Uma projeção de sombras dançantes. O que dançam? Dançam as fronteiras da megamáquina (cidade). Hibridismo de fronteiras: máquina-homem-máquina. Como na enigmática novela *Noite*, de Érico Veríssimo, o pesadelo da cidade e o pesadelo humano de mãos dadas na mesma subjetividade. “Houve um momento em que o homem de gris confundiu as batidas do próprio coração com o rolar do tráfego” (VERÍSSIMO, 2005, p.14), o átimo que mistura espaço-corpo, maquinando “a cidade e a noite dentro do peito” (VERÍSSIMO, 2005, p.14). Diluição dos contornos da subjetividade de ofício, S/A. Diluição dos contornos da cidade-empresa, S/A. Escuridão total das formas, das linhas, dos pontos luminosos. A cidade se adensa na diluição de suas fronteiras entre o corpo urbano e o corpo humano. Crítica da economia política, crítica da economia libidinal.

Máquina técnica. Máquina social. Máquina desejante. Máquina de guerra. Pós-urbe, pós-humano, cidade gris.

Na mistura, híbrido de raças, nacionalidades, classes, nos excessos, nas demasias, no arroubo, o uno se dispersa em seu contrário. O sujeito é instável e indeterminado, em constante flerte com o pré-individual. A cidade gris confunde o peito, pulsa no tráfego, cola a noite na subjetividade e inaugura a improbidade da mistura. Mesmo a cidade que quase não existe para metrópole, em sua diluição dos contornos urbanos, se “potencia” na desapareição de fronteiras. A dispersão das zonas estratégicas nas quais os tipos se diluem circundam a circulação de mercadorias, afetos, técnicas, ciências, desejos. Sabemos que as semióticas da crise são muitas, os vetores de endividamento enrodilhados na obsessão por segurança, maquinações midiáticas e a crise da política representativa, co-produzem tipos psicossociais, expressões subjetivas da crise. Sabemos que produzem modos de vida e mundos. Acelerações do capital vitaminado e delirante. Suicídios cotidianos, cotidianos suicidas. Suicídios circulares, assassinatos recorrentes. Não basta ser reprimido, é preciso desejar a repressão, amar a morte e suas mil formas de morrer e matar. A velocidade da morte é muito mais rápida do que a tragédia das estradas. O choque frontal ataca a natureza do desejo, o corpo pleno de uma dromologia macabra (VIRILIO, 2006). Sua sucção diária, nos acúmulos de pulsão de morte que atravessa as subjetividades predominantes, suas formas de insinuar a máquina capitalista no ventre, na carne, nas vísceras, nas cicatrizes, na memória da dor, na disciplina mortuária, na maquiagem do tempo apodrecido, na dança de sombras sobre o écran negro das consciências, em suas lucarnas mal cerradas, seus sótãos de desespero, suas casas hipotecadas e tomadas, arrombadas, destruídas. No movimento derrotista das distopias, no movimento derrotista das utopias nostálgicas. Nas águas turvas de um contemporâneo iluminado por lamparinas iluministas e cegado pelas luzes do passado. Num contemporâneo que funciona como inspetor de iluminação pública da mesma forma que o célebre acendedor de lampiões, correndo para apagar a luz do dia e acender as lâmpadas da noite, mantendo acesa a chama da sua vida por um fio de luz própria. Luzes de uma cidade submersa, funcionando em frequência baixa, com silêncios molhados em pequenos abismos e falésias do tempo e do espaço. Cinema *noir* exibido no *drive in* de águas esquecidas pelas verdades forjadas e vidas afogadas. A cidade gris é o plano de imanência onde as desterritorializações e reterritorializações

do capital convivem com as linhas esquizoides, onde a regulação dos fluxos e os futuros molares são crivados de devires e linhas antagonistas, onde o hibridismo das linhas de fuga forja uma composição de alter-cidades (heterotopias) em meio ao niilismos pós-moderno.

O homem de gris vive dentro e fora do aquário. Dentro e fora da cidade. Dentro e fora de si mesmo. O homem de gris é o homem comum. Hospedeiro da alienação e espião da vida nas trincheiras da morte. O homem de gris pode ser o endividado, o midiaticizado, o securitizado, o representado, o velocizado. Mas não só. O homem de gris pode ser sugado pela vampirização do capital e suas articulações circulatórias, sua gestão da circulação. Mas não está só. O homem de gris vira homem “do” comum quando descobre que é multidão. Uma multidão dispersa, heterotópica, produtiva. Uma multidão de selvagens, bárbaros, alter-civilizados. Devir-selvagem, devir-bárbaro, devir-alter-civilizado. Uma multidão dentro e fora do aquário-urbe, aquário-mundi. Uma multidão dentro e fora de si mesmo.

Paul Veyne (2011) revela, na introdução da obra sobre Foucault, uma curiosidade intrigante. Ao invés de “Foucault, seu pensamento, sua obra”, seu livro sobre o filósofo parisiense poderia ter se chamado *O samurai e o peixe-vermelho*. A forma elegante e incisiva com que Foucault maneja suas ideias, com pensamentos cortantes e de uma destreza analítica estupenda, garantiriam a pecha de samurai, colocando-o no cerne de uma tradição de forte habilidade epistêmica, o ceticismo. Já a referência ao peixe-vermelho instaura uma postura perspectivista da colocação dos problemas estudados por Foucault, aos limites que uma época é capaz de impor ao pensamento, estando encerrada em um aquário do tempo histórico.

Retratando sua postura cética aos cânones e matemas ocidentais, o filósofo torna-se um ser duplo.

Enquanto pensa, mantém-se fora do aquário e observa os peixes que ali ficam girando. Mas como é preciso viver, ele se vê novamente no aquário, peixe ele também, para decidir que candidato terá sua voz nas próximas eleições (sem por isso dar valor de verdade à sua decisão). O cético é a um só tempo um observador, fora do aquário que ele põe em dúvida, e um dos peixes-vermelhos. Duplicação que nada tem de trágico (VEYNE, 2011, p. 11).

Nas palavras de outro interlocutor, “(...) é o pensador da dispersão e da singularidade” (RAJCHMAN, 1987, p.8 apud VEYNE, 2011, p. 11). Além de ser uma justa saudação às particularidades do intelecto de Foucault, a imagem do pensador dentro e fora do aquário-mundo possui outras qualidades. Possibilitar o reconhecimento dessa dupla operação que o pensamento é capaz de operar na dobra entre o fora e o dentro (entre a clareza e definição de forças que se agrupam em um contexto molar e molecular de atravessamentos e dinâmicas do *sócius* e do desejo), incrementando linhas de fuga ao conjunto de grilhões que operam nos processos de subjetivação. Ao mesmo tempo em que o aquário está sempre presente, na sombra submersa e suas paredes de vidro, nos quintais de gravidade polida, como um dentro, mesmo com um fora visível, o aquário também deleita os olhos do fora, com a mirada da diferença que é capaz de emergir a qualquer momento, em qualquer lugar, em qualquer corpo.

A fronteira entre o peixe-vermelho e o aquário é dada pelo resplandecer dos movimentos do sabre, bem como as subjetividades predominantes que emergem da crise e do esforço da crítica e da errância, são o dentro e o fora do aquário contemporâneo. O endividamento, a midiaticização, a securitização, a representação e a velocização são contingências do encontro da realidade obturadora com o pensamento criativo, a intersecção entre o reconhecimento do inimigo e seus ardis com o enfrentamento de sua prevalência e o forjamento de novas armas. A cidade é o aquário-mundi do capitalismo contemporâneo, o lugar por excelência do giro dos peixes, a circulação da subsunção real. Também a cidade é o lugar do forjamento de subjetividades antagônicas, lugar do homem do comum, da criação de expressões criativas à crise, resíduos de velocidade que aceleram em outras direções, rompendo os limites transparentes das paredes subjetivas e levando o capital aos limites de seus próprios processos, “(...) forças da rebelião e revolta que permitem que nos livremos das subjetividades empobrecidas produzidas e continuamente reproduzidas pela sociedade capitalista (...)” (NEGRI; HARDT, 2014, p.138).

Fluxo descodificado que opera através de quantidades abstratas na forma de moeda, o capitalismo é a única máquina social capaz desse tipo de funcionamento. Nas palavras de Deleuze e Guattari (2004, p. 143):

(...) o capitalismo libera os fluxos do desejo, mas nas condições sociais que definem o seu limite e a possibilidade de sua própria dissolução, de modo que contraria constantemente com todas as suas desesperadas forças o movimento que o impele para o seu limite. No limite do capitalismo o *socius* desterritorializado é substituído pelo corpo sem órgãos, e os fluxos descodificados precipitam-se na produção desejan-te.

Ao mesmo tempo em que constitui processos de enclausuramento, o capitalismo é incapaz de controlar os fluxos que ele próprio decodifica, libertando forças que constituem contrapoderes. Processos de subjetivação ativados por forças selvagens e bárbaras, alter-modernidades que compõem um conjunto de máquinas de guerras insubmissas, conjurando formas de vida à beira do grande hotel abismo do império global. No confronto entre figuras subjetivas da crise com figuras criativas à crise, o Homem de gris vira o Homem do comum. Da inflexão e reversão de formas de produção mil folhas hegemônicas pela tendência do capitalismo bio-cognitivo. Da inflexão dos diversos dispositivos de controle sob a égide dos dispositivos de segurança, amalgamando os elementos soberanos e disciplinares no governo do meio. Sob a emergência de uma sociedade de controle, capilarizada mais no tempo que no espaço, pós-panóptica e pós-industrial. Sob uma cidade policêntrica que circula além-muro e junta seus cacos de poder dos escombros de uma ordem cronopolítica e monocromática, gris. A cidade, mega-máquina, é o ponto de apoio da alavanca da crise, da mesma forma que é a alavanca da crítica e da criação de outras itinerâncias. O ovo órfico de uma primazia pré-individual sobre a precária estabilidade do sujeito. A cidade pós-fordista é o aquário da subsunção real, mas também é o emaranhado do devir-selvagem, do devir-bárbaro e do devir-alter-mundista. Máquina territorial ou primitiva, máquina despótica bárbara ou imperial, máquina capitalista, lugar dos selvagens, bárbaros e civilizados. A cidade é a montanha de Zarathustra e a caverna de Polifemo, casa do pensamento e hipoteca do olhos. Olhar para a cidade é olhar para todos e ninguém, lugar dos olhos, olhos fora do lugar, ardis da fuga. A cidade pós-fordista é a confluência disjuntiva de peças e engrenagens de uma sobreposição de máquinas sociais e desejan-tes. Inscreve na superfície da cidade um conjunto de elementos de outras máquinas. É a única capaz de reunir diferentes características herdadas de outros *socius* e fazer funcionar de forma precária e em constante crise um conjunto contingencial.

Para Deleuze e Guattari (2008), é possível escrever uma história universal do capitalismo. No entanto, não de um progresso invertido, com uma teleologia que coloque o capitalismo como uma condição evolutiva infreável ou inevitável da história desde sempre fadada ao mesmo desfecho, mas, como um conjunto de contingências, acidentes e acasos que por encontros e mediações improváveis deram forma à descodificação dos fluxos. O encontro da propriedade privada com o trabalho livre ou o encontro das quantidades abstratas, mercantil. São encontros espantosos deflagrados em diferentes tempos históricos, alinhados e reconfigurados dentro de outro sistema de inscrições que puderam dar origem à máquina capitalista da mesma maneira que a cidade, quando tocada pelo funcionamento da máquina social capitalista, se redefine em seus fluxos, essencialmente em seus fluxos. Como vimos, a cidade da Era Industrial em diante (século XVIII) coloca a questão da circulação como seu principal problema. Entendê-la na configuração do paradigma pós-fordista da produção e em sua capacidade de aglutinar diferentes peças e engrenagens no corpo urbano como atributo de uma produção dispersa, onde circulam fracionamentos de tempo de trabalho por intermédio de um trabalho cada vez mais cognitivo e biopolítico, torna-se central para entender os pontos gris da superfície urbana, o urbanário acinzentado contemporâneo nas figuras da crise e nas figuras criativas à crise. Construir a inversão das figuras despotencializadas da crise em figuras criativas à crise, não é o resultado de um processo dialético e etapista, “mas de um evento, de um kairós subjetivo que rompe as relações de dominação e subverte os processos que reproduzem as figuras de subjugação” (NEGRI; HARDT, 2014, p.49).

Como evitar a continuidade da circulação da morte e o seu movimento? Como abrir espaços de exterioridade mesmo na interioridade mais capilarizada? Como distinguir velocidades? Dar ensejo à máquina de guerra, polimorfa e dispersa? Enrodilhadas nos rostos mais do que nas pessoas, nas subjetivações mais do que nos sujeitos? Nas sombras mais do que na noite? Na cidade mais do que dos seus nacos de espaço? Das heterotopias mais do que utopias cansadas? É sobre isso que versamos quando o carro delira sobre uma cidade fantasma, quando o corpo é estraçalhado pela circulação sinistra, quando o engarrafamento dura um ano e a vida sai dos carros e pessoas imobilizadas, quando o jesuíta inventa o cinema a ser inventado, mesmo que sob o signo do medo e numa cidade de sombras, quando um ex-homem bala se aposenta da velocidade do espetáculo ou quando a enfermeira estanca sua própria

circulação no encontro com a circulação da morte da cidade, dentro do *Kinema*, dentro do movimento. São histórias de velocidade e paixão, memórias rápidas da dor, narrativas de batalhas e estratégias de ativação e desativação de máquinas, a *working machine* da cidade empresa que tenta deixar em segredo a cidade do comum. O segredo do comum é a exterioridade. O segredo do fora (KOSELLECK, 1999). O segredo da cidade.

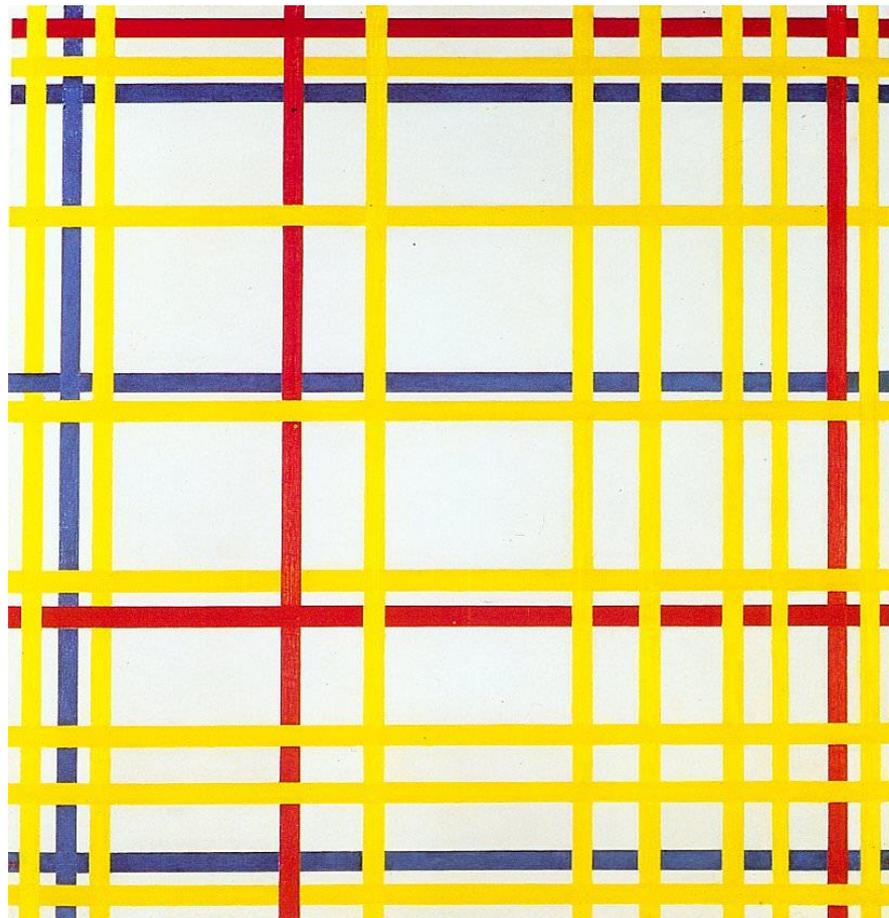


Figura 10 - New York City I, Piet Mondrian.

Mulas de Le Corbusier

Le Corbusier inicia sua já clássica obra, *Urbanismo*, com uma distinção inusitada entre homens e mulas. Na esteira da tradição moderna e do cômputo ocidental de apelo racionalista, sente a necessidade de localizar o homem em sua

maestra condição de ser racional em detrimento das mulas, seres ignóbeis, irracionais e claudicantes. Racional *versus* irracional. Homem *versus* animal. Depura a essência de um e outro em disrupções claras de intencionalidade, interesses, capacidades, inteligências. O homem caminha em linha reta. Possui um objetivo. Move-se por ele. A mula zigzagueia, desvia, hesita, ladeia, suspende, evita. Existe um homem de Le Corbusier e uma mula de Le Corbusier. Para cada um, um caminho. Um caminho dos homens, retilíneo e progressivo, racional. Um caminho das mulas, deambulatório e errante, irracional. A utopia modernista das cidades de Le Corbusier soube erradicar a errância sem nunca ter reconhecido a sua principal fraqueza: as mulas são mais humanas do que os próprios homens.

O complexo cidade-jardim-radieuse-beautiful¹⁰⁸ acoplado às cidades na era da subsunção real e suas derivações híbridas apagaram o jogo e a invenção, a festa urbana (LEFEBVRE, 1998). O que Le Corbusier proclama “caminho das mulas”, contágio da animalidade persistente, é o extrato potente da cidade viva, deriva do encontro, reencontro com a política da deriva. O caminho das mulas, desutopia necessária das cidades, sua abertura selvagem e indisciplinada, é o caminho da singularidade, sua alter-cidade, projeto do comum no meio da cidade do controle. O ranger da cidade funcionalista na maleabilidade da cidade policêntrica. As chispas da cidade pós-industrial nos arranjos heterotópicos de uma cidade do comum.

O jogo de contrários que o homem e a mula representam, como metáfora do pensamento modernista da cidade em seu viés funcionalista, coloca a circulação como centro da disputa. Duas formas de deambulação rivalizam: a circulação retilínea e objetivista da cidade funcional, cidade naturada; e a cidade animalesca e seus usos, descontrolada, feita de espécies *in natura*, cidade naturante. Cidade do poder, cidade da potência. Cidade constituída, cidade constituinte. Cidade civilizada, cidade selvagem.

O traço homem nas mulas e o traço mula nos homens, fazendo com que as mulas sejam mais humanas que os próprios homens e os homens mais mulas do que

¹⁰⁸ Segundo Jane Jacobs, trata-se de um conjunto de concepções da ortodoxia urbana que vai de Ebenezer Howard a Daniel Burnham, passando por Le Corbusier, que influenciaram e influenciam o modo de pensar dos urbanistas e arquitetos até os dias de hoje.

as próprias mulas, parece conectar com o conto kafkiano “Comunicação a uma academia”. No conto, um macaco narra seu processo de humanização a uma plateia sedenta por entender sua condição simiesca pregressa. Como deixou de ser macaco e foi adquirindo traços humanos, a ponto de aprender a falar e entender os homens mais do que os próprios homens são capazes de se entender. No entanto, começa o relato desculpando-se por não poder falar sobre a sua condição de ex-macaco, sobre isso, não tem mais nada a dizer. O que pode comunicar é o seu aprendizado mais duro desde que foi capturado na floresta selvagem. Desde que foi retirado do convívio com outros macacos e passou a viver entre os homens, cada vez mais próximo deles e longe de sua condição animal. Como ele mergulhou de peito aberto na orquestral condição humana e, em pouco mais de cinco anos, aprendeu a ser homem e deixou de ser macaco.

Aprisionado nos estreitos limites de uma caixa, alimentado pelas frestas e sofrendo com inúmeras formas de violências e desdêns dos homens, o macaco toma uma decisão: “Pois bem! Deixaria então de ser macaco! Essa e outras ideias luminosas me vieram ao estômago, pois é com o estômago que os macacos pensam” (KAFKA, 1993, p. 64). A dor é visceral. O desejo vem das entranhas. Suco ácido revoltado pela vontade sair daquele lugar, encontrar uma nova vida, uma outra vida, uma vida outra. Decide renunciar sua condição animal para virar um homem. Se os macacos eram tratados dessa maneira pelos homens era preciso ser um homem para encontrar uma saída, qualquer que seja a saída.

Eu buscava uma saída, qualquer saída, pela esquerda ou pela direita, fosse por onde fosse. Não tinha outro anseio. Mesmo que encontrar o caminho de saída não passasse de uma quimera, o anseio era pequeno e a ilusão não poderia ser maior que ele. Avante! Avante! Tudo, menos ficar de braços erguidos, enclausurado pelas paredes da canastra! (KAFKA, 1993, p. 65).

Fugir. Escapar. Deserdar. Sair sem saber para onde. Sair a qualquer custo. Não exatamente pela liberdade. Não há ideias, não são ideias. É com a boca do estômago que relata sua decisão de entrar no mundo humano como uma saída, não como a melhor saída, mas a única que lhe tiraria da caixa, das humilhações da caixa, dos limites da caixa, do caixão da existência de macaco entre homens. Homens que sempre lhe tratariam como macaco a menos que se tornasse um deles. Precisava aprender,

aprender muito, ser um homem, descobrir como inventar um homem dentro dele, criar um rosto de homem sobre o rosto de macaco. Uma máscara tão real quanto às máscaras humanas, com traços precisos, com linhas de tecido epitelial em cada cicatriz do seu aprendizado. Encontrar a medida para se tornar um homem, seu “Vitruvius” interno, a justa medida da arquitetura da hominização.

Não raciocinei, mas dediquei-me com maior tranquilidade à observação daqueles homens que andavam de lá para cá, sempre com as mesmas caras, os mesmos movimentos – tão uniformes que frequentemente me parecia haver apenas um deles a trabalhar. E esses homens – ou *esse homem* – não se viam perturbados por coisa alguma. Foi então que uma grande aspiração tomou conta de mim. Ninguém me prometeu que minha jaula seria aberta se eu me tornasse como um deles, pois semelhantes promessas, aparentemente impossíveis de cumprir, não são jamais feitas sem mais essa nem aquela. Mas, se a premissa é cumprida, a compensação subitamente surge onde menos se esperava encontrá-la. É verdade que nada havia naquelas pessoas que me atraísse além da medida. Seu aspirasse àquele tipo de liberdade de que ainda pouco falei, certamente teria preferido o oceano ao tipo de escape que seus rostos sombrios evidenciavam (KAFKA, 1993, p. 67).

Não eram os homens e sua condição vil, suas práticas funcionais, sua perda de singularidade, mas uma saída, qualquer que fosse, que conduziu o macaco à homem. Mesmo sem garantias, sem promessas, sem qualquer certeza, dedicou-se a observar seus gestos, a forma como andavam, seu ir e vir, seus movimentos. Como apertar mãos, abnegar de prazeres, esquecer o estômago. Trabalhar incessantemente, condicionar o rosto à expressão civilizada, fingir muito, repetir à exaustão, ser o mesmo, sentir o olho de Deus a espreitar às portas do banheiro, embaixo dos lençóis, no claustro do confessionário. Afastar do pensamento qualquer insinuação de animalidade. Ser racional a qualquer custo.

Imitá-los! Observar apaixonadamente com uma dedicação viva, ser o melhor de todos os alunos. Aprender sem nenhum amor aos homens, aprender porque precisava de uma saída, aprender a chicotadas.

Ah, o progresso é isso! Essa penetração do saber, cujos os raios vêm de todos os lados para iluminar o cérebro a despertar! Não há porque não admiti-lo; eu estava deslumbrado! Mas, confesso-o também, de modo algum eu o superestimava àquela época, e muito menos agora! Foi graças a um esforço que não encontra até hoje seu equivalente na terra que eu adquiri a cultura média de um europeu. Isto talvez não seja dizer muito, mas era progresso no sentido em que me libertou da jaula e me

proporcionou esta saída, uma saída humana. Todos conheceis, sem dúvida, a expressão coloquial “Sair da rotina”; pois foi exatamente o que eu fiz: *sai da rotina*. Não tinha escolha, pois, como vos declarei, não era a liberdade pela liberdade que eu buscava (KAFKA, 1993, p.72).

A busca por uma saída humana, não como uma saída almejada, mas como a única possível. O macaco de Kafka entra na rotina humana para sair da rotina de violências dos limites da jaula. Seu progresso de aprendizagem caminha junto com o progresso da perda de sua animalidade. Como as mulas-homens de Le Corbusier, entra no mundo humano mais humano do que os próprios homens. Não só por ter atingido a cultura média de um europeu, mas por ter entendido que para ser homem não basta ter metas e andar em linha reta, é preciso encontrar uma saída, uma saída não humana para os homens. O macaco-homem de Kafka e as mulas-homem de Le Corbusier, são a díade de um mesmo relato selvagem. A cidade no século XXI é o labirinto-caixa dessa narrativa.

Relato selvagem

Um filme argentino recente¹⁰⁹ e um acontecimento insólito¹¹⁰ confirmam a atualidade da máxima de Oscar Wilde, a vida imitando a arte muito mais do que a arte imita a vida (WILDE, 2006). A sequência de seis histórias de vingança contadas com uma acidez crua e um suicídio espetacular e assustador constroem um díptico onde a película antecipa a vida e a vida torna-se diegese de horror. Em especial, o episódio que abre o filme parece ser o elo indiscutível entre a vida no movimento do cinema e o cinema no movimento da vida ou a abrupta interrupção dela.

Um grupo de pessoas desconhecidas viajando. Até aí uma cena normal e corriqueira, sentar-se entre estranhos por algumas horas durante um voo doméstico e rápido. Um homem, crítico musical, flerta com uma jovem mulher, modelo

¹⁰⁹ Trata-se do filme “Relatos Selvagens” (2014), de Damián Szifron. O filme reúne seis histórias de vingança em que os personagens extravasam suas angústias e frustrações de forma inusitada e violenta. Na primeira delas, um comissário de bordo sequestra um avião e o joga contra uma residência no subúrbio de Buenos Aires.

¹¹⁰ O suicídio do co-piloto da empresa aérea alemã Lufthansa, em março de 2015. Andreas Lubitz jogou o avião lotado de passageiros contra os Alpes franceses. Com ele, morreram mais de 150 pessoas, entre passageiros e tripulantes.

fotográfico. Ao ouvir sobre a sua profissão, a jovem modelo recorda de um antigo namorado músico, Gabriel Pasternak. Soa familiar a ele o nome de Pasternak e logo recorda que fora seu avaliador há muitos anos atrás. Recorda que Pasternak era um desastre se convencendo que fez o melhor pela música ao reprová-lo copiosamente. A jovem destaca o sofrimento de Pasternak, era sua namorada na ocasião. Terminou com ele algum tempo depois e nunca mais ouviu falar dele. A senhora da poltrona à frente ouve a conversa com curiosidade e incrédula percebe que estão falando de um antigo aluno, fora professora de Pasternak. Pasternak havia sido reprovado por ela. Lembra dele como uma criatura chorona e incapaz. Nesse exato momento, outro passageiro se identifica como um ex-colega de Pasternak. Sentem que algo estranho está acontecendo. Todos no avião conhecem Pasternak. Todos no avião fizeram parte da vida de Pasternak. Apavorada, a aeromoça revela que Pasternak é o comissário de bordo daquele avião e que está na cabine de pilotagem e os pilotos não respondem mais. Também o psiquiatra de Pasternak encontra-se no avião e corre para porta da cabine para convencê-lo que todos são inocentes e que suas frustrações e deméritos pessoais começaram no seio de sua família. Subitamente, a cena interna ao avião é cambiada para um quintal. Um casal de velhos sentados ao sol. Um ruído ao longe chama a atenção do velho homem. Algo se aproxima. O avião é jogado sobre o casal de velhos.

Todos os inimigos reunidos em um avião. Todos os desafetos de Pasternak juntos. Todos aqueles que Pasternak identifica como os causadores do seu sofrimento pessoal. Todos eles sendo jogados sobre a casa da infância, numa velocidade absurdamente violenta. O último ato de Pasternak é uma cena edípica.

Na Alemanha, curiosamente, o filme *Relatos Selvagens* (2014) ganha uma advertência inicial quando exibido nas salas de cinema: trata-se de histórias de ficção, sendo qualquer semelhança com a realidade, personagens e situações, mera coincidência. Não só porque se trata de cenas violentas e fortes, advertindo o expectador com o que virá nas seis histórias de vingança, mas por sua semelhança com um acontecimento chocante. O suicídio do jovem piloto Andreas Lubitz guarda uma semelhança macabra com o filme. Como Pasternak, Lubitz também jogou um avião carregado de 150 vidas. Um texto postado por Franco Berardi nas redes sociais, logo em seguida à tragédia em março de 2015, parece captar um conjunto de elementos para

entendermos melhor a subjetivação da crise no turbocapitalismo e suas consequências desastrosas.

NA CABINE DO AVIÃO

Dizem que o jovem piloto Andreas Lubitz sofria de crise depressiva e mantinha escondidas da Lufthansa as suas condições psíquicas. Os médicos tinham aconselhado um período de licença do trabalho. Mas isso não é de fato surpreendente: o turbocapitalismo contemporâneo detesta aqueles que pedem para usufruir licenças médicas, e detesta à enésima potência qualquer referência à depressão. Deprimido, eu? Não se fala disso. Eu estou bem, perfeitamente bem, eficiente, alegre, dinâmico, enérgico e acima de tudo competitivo. Faço jogging toda manhã, estou sempre disponível e preparado para coisas extraordinárias. Não seria talvez esta a filosofia do "baixo custo"? Não seríamos talvez rodeados ininterruptamente pelo discurso da eficiência competitiva? Não estaríamos talvez constrangidos no cotidiano a comparar o nosso estado de ânimo com aquela alegria agressiva dos rostos bem sucedidos que aparecem nos anúncios publicitários? Não correríamos talvez o risco de demissão se faltarmos demais ao trabalho por estarmos doentes? Agora os jornais (os mesmos jornais que há anos vêm nos chamando de pouco esforçados e elogiam a exclusão dos ineficientes) aconselham-nos a prestar mais atenção nos processos seletivos. Teremos controles extraordinários para verificar se os pilotos de avião não sejam desequilibrados, loucos, depressivos, maníacos, melancólicos tristes e abatidos. De verdade? E os médicos? E os coronéis do exército? E os motoristas de ônibus? E os condutores de trem? E os professores de matemática? E os agentes da polícia rodoviária? Depuremos os deprimidos. Depuremo-los. Pena que sejam a maioria absoluta da população contemporânea. Não estou falando dos deprimidos declarados, que aliás estão crescendo em proporção, mas daqueles que sofrem de infelicidade, tristeza, desespero, aqueles que raramente informam da situação e com certa prudência. A incidência de doenças psíquicas tem crescido enormemente nas últimas décadas. A taxa de suicídio, segundo relatório da Organização Mundial da Saúde, subiu 60% (!) nos últimos quarenta anos. Quarenta anos? O que isso poderá significar? O que aconteceu nos últimos quarenta anos para que tanta gente se apresse em vestir paletó de madeira? Existirá talvez uma relação entre esse incrível aumento da propensão a abreviar a vida e o triunfo do neoliberalismo, que implica precariedade e competição obrigatória? E existirá talvez uma relação com a solidão de uma geração inteira que cresceu diante da tela sendo submetida a contínuos estímulos psico-informativos e tocando sempre menos o corpo do outro? Não se esqueçam que, para cada suicídio realizado, existem cerca de vinte tentados sem sucesso. E não se esqueçam que, em muitos países do mundo (também na Itália), os médicos são convidados a ter cautela na hora de atribuir a morte ao suicídio, se não existirem provas evidentes da intenção do falecido. E quantos acidentes de carro ocultam uma intenção suicida mais ou menos consciente? Não apenas as autoridades de investigação e a companhia aérea revelaram que a causa do desastre aéreo foi o suicídio de um trabalhador que sofria de crise depressiva e que a mantinha escondida, eis que na internet se coloca em marcha o costumeiro exército de teóricos da conspiração. "Até parece que vou acreditar", dizem aqueles que suspeitam de um complô. Deve ter a mão da CIA, ou talvez Putin, ou quem sabe foi simplesmente um gravíssimo erro da Lufthansa que agora querem esconder do público. Um chargista que se chama Sartori e acredita ser muito espirituoso mostra um cara lendo um jornal com a manchete "Tragédia Airbus: responsável o copiloto deprimido" e fala: "daqui a pouco vão dizer que o ISIS também é feito por

deprimidos". Olha aí, parabéns. Acertou o ponto em cheio: o terrorismo contemporâneo pode ter mil causas políticas, mas a única causa verdadeira é a epidemia de sofrimento psíquico (e social, mas as duas coisas são uma só) que se está difundindo pelo mundo. É possível explicar o comportamento de um terrorista, de um jovem que se explode para matar uma dezena de outros seres humanos, apenas em termos políticos, ideológicos, religiosos? Certo que se pode, mas vai ser conversa fiada. A verdade é que quem se mata considera a vida um peso intolerável, e vê na morte a única salvação, na tragédia a única vingança. Uma epidemia de suicídio se abateu sobre o planeta Terra, porque por décadas se pôs para rodar uma gigantesca fábrica de infelicidade de onde parece cada vez mais impossível escapar. Aqueles que em todo lugar veem um complô deveriam parar de buscar uma verdade escondida, deveriam em vez disso interpretar diversamente a verdade evidente. Andreas Lubitz se trancou naquela maldita cabine porque a dor que sentia dentro de si era de fato insuportável, e porque acusava daquela dor os 150 passageiros e colegas que voavam com ele, e todos os outros seres humanos que como ele são incapazes de libertar-se da infelicidade que devora a humanidade contemporânea, desde que a publicidade nos submeteu a um bombardeio de felicidade obrigatória, desde que a solidão digital multiplicou os estímulos e isolou cada um dos corpos, desde quando o capitalismo financeiro nos constrangeu a trabalhar o dobro para ganhar a metade.¹¹¹

O que Pasternak e Lubitz, o suicida fictício e o suicida real revelam, é muito mais que uma simples coincidência, em que a arte antecipa a vida em seu lado mais obscuro, mas uma epidemia de sofrimento que o bio-capitalismo cognitivo, em sua vertente neoliberal, criou nos últimos 40 anos. Uma crise antropológica sem precedentes que coloca a todos em uma situação de desespero e esgotamento, em uma situação de profunda agonia e de busca por saídas, mesmo que pela via do suicídio individual ou coletivo. Quantos "Pasternaks" e "Lubitzs" sofrem nesse momento com as exigências do turbocapitalismo e sua ideologia felicista? Sua aceleração da vida por meio de dívidas, hipnotismos da tela do computador, do celular ou da TV, pela obsessão por segurança, pelo derrotismo político e o esvaziamento do presente e o cancelamento de todos os futuros? Pasternak e Lubitz são, às suas maneiras, expressões inflexionadas do endividamento, da mediatização, da securitização, da crise da representação, do aprisionamento à velocidade do capitalismo financeirizado que nos obriga a trabalhar, trabalhar, trabalhar e ganhar cada vez menos, doar nosso tempo e sangue para a máquina social de extração de valor maquínico. São relatos selvagens na selva de silício das cidades. São coágulos na circulação dos fluxos de velocidade que o capital enxerta nas veias de cada infância solitária. Pasternak e

¹¹¹ Postagem de Franco Berardi traduzida por Bruno Cava Rodrigues, acessada em: 31.03.2015.

Lubitz, bem como o vendedor de balas e a enfermeira suicida no cinema de Porto Alegre/RS, são sinopses da narrativa da crise, da crise do corpo urbano no corpo humano. Afogados no mediterrâneo de uma saída, afogados na velocidade do capital. Afogados no aquário de sangue do urbanário. Suas cinzas são a imagem gris de uma época borrada pela velocidade vulturina do turbo-capitalismo.

Máquina Territorial Primitiva

Reverta sua dívida, produza a verdade, liberte-se, constitua-se, imobilize a velocidade do capital, descubra aceleramentos dos horizontes do lado de fora.

Quando as dívidas financeiras se transformarem em obrigações sociais, quando as singularidades interagirem em redes produtivas, e quando o desejo por segurança se livrar do medo, então com base na inversão dessas três figuras, as subjetividades capazes de ação democrática começarão a emergir (NEGRI; HARDT, 2014, p.65).

Subjetividades capazes de ação democrática, inversão das figuras da crise. Subjetividades capazes de agir juntas, de tornar-se um poder constituinte. Mas por que insistir em figuras de potência? Por que não ser nós mesmos, os sujeitos da ação transformadora? Por que insistir em figuras de transformação como se insistiu nas figuras declinantes da crise? Por que não falarmos de nós mesmos na história? Etnografar os homens reais e suas lutas?

Porque não basta uma crítica da economia política sem uma crítica da economia subjetiva. Porque não basta uma crítica ao molar se não desativarmos as descodificações moleculares dos fluxos do capital. Porque assim como a literatura “segue a via inversa, e só se instala descobrindo sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade em seu mais alto grau (...)” (DELEUZE, 2004, p.13), porque o capital age não só no campo do interesse, mas também no desejo. “A organização política requer sempre a produção de subjetividades. Devemos criar uma multidão capaz de uma ação política democrática e de uma autogestão do comum” (NEGRI; HARDT, 2014, p.67). A máquina capitalista age em duas frentes, em duas posições coextensivas. Uma molar, nos sujeitos, nas instituições, outra molecular, nos fluxos, nas descodificações. Uma

crítica da economia política só pode ser eficaz se acompanhada da crítica da economia libidinal, a mais-valia do capital contemporâneo é mais do que humana, é maquínica (DELEUZE; GUATTARI, 2004). Dizer isso implica pensar o conjunto de acoplamentos do humano e do não humano na máquina social capitalista a fim de encontrar suas formas de desativação e suas formas de conjuração do capital em seus processos individuais e pré-individuais, no molar e no molecular. “A saúde como a literatura, como a escrita, consiste em inventar um povo que falta. Compete à função fabuladora inventar um povo (...) um povo por vir ainda enterrado em suas traições e reneгаções” (DELEUZE, 2004, p. 14). Um povo menor, não fadado a dominar o mundo, à sua conquista indelével e irreparável nas nuances de um tempo unguído de utopias, mas um povo menor, talhado nas cicatrizes de pequenos esquecimentos e na aviltante memória de um futuro irredutível. Cada cidade traz um povo menor escondido em seus becos da infâmia, em suas vilanias, nos seus delírios impessoais. Cada multidão traz uma cidade escondida em suas turbas e mobilizações. Cada indivíduo é um ovo de virtualidades prontas a submergir possíveis impensáveis, futuros irredutíveis, acelerações ainda inefáveis.

Aqui, o pensamento racional encontra o selvagem no pensamento (Strauss invertido, revertido, avertido). O kaingang, figura criativa à crise, encontra o selvagem e a sua máquina territorial primitiva. Nesse sentido, é possível fazer uma história universal do capitalismo e as sociedades sem estado se tornarem sociedades contra o Estado (CLASTRES, 2008). E, ainda, as sociedades sem capital se tornarem sociedades contra o capital. Sociedades da aceleração, acelerando avertidamente, fora da rota neoliberal, fora da rota neoextrativista, fora da rota neodesenvolvimentista, fora da aceleração velocizada do capitalismo. Construir um perspectivismo da aceleração que coloca as figuras da crise em xeque, abrindo lugar no horizonte da mesma cidade, fazendo nascer, no homem de gris, o homem do comum, capaz do exercício de pedagogias pedestres, coabitando duplos replicados, renegados, insuportáveis outros. Tal como a instigante abordagem de Agambem, analisando a renúncia do Papa Bento XVI e suas ressonâncias soteriológicas para o mundo contemporâneo¹¹², a figura do

¹¹² O mistério do tempo no drama humano da história, estabelecendo o cristianismo como uma religião de historiadores e a teleologia do juízo final não como uma escatologia do fim dos tempos, mas do tempo do fim.

kaingang não se confunde com um sujeito ou uma identidade étnica, mas como um sujeito larvar ou figura de contraposição à crise. Agambem, ao contrário de Agostinho, situa a cidade de Deus dentro da cidade dos homens. Babilônia e Jerusalém no mesmo território, o futuro sendo decidido no compasso do presente, mas de um presente em ângulo zenital. “Um ser qualquer” (AGAMBEN, 2013, p. 09). Uma singularidade desobrigada a permanecer no falso dilema da inefabilidade do indivíduo e na onipresença do universal. Uma singularidade que se insinua em uma relação original com o desejo. Uma fonte prismática de cores e linhas onde a figuração assume a forma do oxímoro, embute o particular e o universal no fluxo da subjetivação. Não o fim dos tempos, mas o tempo indelével do fim.

“A unidade primitiva, selvagem, do desejo e da produção, é a terra”. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.144). A terra é o lugar da inscrição, da codificação dos fluxos, o lugar dos registros, do esconjuramento das forças. A territorialidade é o lugar da sobreposição de linhas de blocagem, definição de regras de produção, vinculações afetivas, regulação dos movimentos, elaboração de modulações filiativas, desativações táticas de linhagens, composição de alianças planejadas. As sociedades primitivas compuseram uma série de arquiteturas de controle, formas de estancar e administrar a circulação, registrar a circulação no *sócius*, conter e gestar o movimento. Compuseram uma rede administrativa da motricidade, ritualizando cada aspecto da vida. Depurando cada parte do corpo. Uma ciência cinética do comum, uma cinética ritualística capaz de conter os fluxos mais minimalistas. Gestando olhos, falos, vaginas, mãos. Riscando a pele com os escaninhos do *sócius* em cada fibra, tecido, nervo, carne. Um excesso, muito mais do que uma falta. Uma obsessão pelo o excesso.

Inacabamento, incompletude, falta: não é necessariamente desse lado que se revela a natureza das sociedades primitivas. Ela impõe-se bem mais como positividade, como domínio do meio ambiente natural e do projeto social, como vontade livre de não deixar escapar para fora do seu ser nada que possa alterá-lo, corrompê-lo e dissolvê-lo. É a isso que nos devemos prender com firmeza: as sociedades primitivas não são os embriões retardatários das sociedades ulteriores, dos corpos sociais de decolagem “normal” interrompida por uma estranha doença; elas não se encontram no ponto de partida de uma lógica histórica que conduz diretamente ao termo inscrito de antemão, mas conhecido apenas a *posteriori*, o nosso próprio sistema social. (Se a história é essa lógica, como podem ainda existir sociedades primitivas?) Tudo isso se traduz, no plano da vida econômica, pela recusa das sociedades primitivas em se deixarem tragar pelo trabalho e pela produção, através da decisão de limitarem os estoques e as necessidade sociopolíticas, da impossibilidade intrínseca da concorrência

– de que serviria, numa sociedade primitiva, ser um rico entre pobres? – em suma, pela proibição, não-formulada ainda que dita, da desigualdade (CLASTRES, 2008, p.216).

Ao contrário da representação clássica atribuída às sociedades primitivas, sua lógica não funciona pela falta, seu motor não é uma incapacidade de gerar estado e capital, sua constituição uma constituição elementar, uma pré-história do homem civilizado, uma antessala da teleologia do progresso. As sociedades primitivas apresentam algo mais, um excesso, uma forma de lidar com o excesso. Uma forma de regulação consciente do excesso. Um horror ao que o excesso, a sociedade da troca (MAUSS, 1974), o escape da circulação desse excesso pode gerar. Nesse sentido, pode-se afirmar, com Deleuze e Guattari (2004), que as sociedades primitivas conheciam o capital, conheciam os elementos que descodificam os fluxos, os elementos que maquinam semióticas desreguladoras e, por conhecerem, negaram, lutaram conscientes e inconscientes contra o capital. Criaram mecanismos de desativação, estratégias, práticas rígidas e extremamente complexas de contenção do capitalismo. Só dessa forma, ainda com Deleuze e Guattari (2004), conseguimos entender a universalidade mesmo que contingencial do capitalismo, a forma como desde sempre as sociedades se insurgiam contra a possibilidade de sua vitória, de sua conquista e controle das velocidades, de sua aceleração desenfreada. Uma história universal de resistência à sua possibilidade contingencial. Não se trata de um olhar da ideologia do progresso invertida, o fim imponderável de um desfecho inevitável, mas de explorar as potencialidades das estratégias de luta das sociedades primitivas em conter o capital e o Estado.

Quais são os elementos residuais dessas estratégias para as lutas de hoje? Como se apresentam nas cidades, heterotopias selvagens de conjuração da cidade empresa e do corpo empresa, em nossas dobras kaingangs? Descobrir (no duplo sentido) as cidades selvagens. Cidades que explodem não só nos atentados terroristas, nos suicídios cotidianos, nos velórios da imaginação, mas que explodem de criatividade, explodem de inventividade, explodem de resistências estilhaçando as subjetividades dominantes da crise em mil sexos, mil formas de se livrar da dívida, da vida inautêntica, da morte onipresente, da pobreza da representação recalcada, da velocidade dos zumbis. É preciso se tornar um selvagem. Sem qualquer panacéia

digressiva ou ilha nostálgica, tornar-se selvagem no tempo, libertar o tempo selvagem, tornar a aceleração selvagem. Descodificar o futuro.

Para Clastres (2008), há duas grandes acelerações na história. Duas acelerações decisivas em seu ritmo, capazes de alterar de forma dramática as formas de existência.

O motor da primeira foi o que se denomina a revolução neolítica (domesticação dos animais, agricultura, descoberta das artes da tecelagem e da cerâmica, sedentarização consequente dos grupos humanos, etc.). Estamos ainda vivendo, e cada vez mais (se nos é lícita a expressão) no prolongamento da segunda aceleração, a revolução industrial do séc. XIX (CLASTRES, 2008, p. 218).

Junto à taxonomia de acelerações históricas de Clastres, temos elementos suficientes para acrescentar um terceiro motor de aceleração, a reconfiguração produtiva do bio-capitalismo cognitivo. O turbinamento que a sociedade pós-fordista recebe cotidianamente é mais do que um prolongamento da revolução industrial do século XIX, é uma outra natureza de aceleração. O fato de antropólogos como Clastres perceberem os nichos de resistência ao capital nas sociedades primitivas é bem mais do que o gosto pelo exotismo e a curiosidade de desencavar formas anteriores às dinâmicas do capital como paraísos perdidos. É a busca por máquinas sociais e suas desativações táticas de recalçamento do capital. O aceleração atual que co-produz o tipo psicossocial do velocizado pode encontrar formas de contenção e adição alternativas a suas incubadoras subjetivas, se contraposto por outras formas de pensar a circulação, o movimento, a velocidade e o aceleração.

Precisamos entender melhor qual é a natureza de aceleração que vivemos, como essa aceleração libera velocidades que não se reduzem à crise, velocidades selvagens à crise, acelerando vidas outras. O estancamento do poder representativo, a anulação da superabundância, a desarticulação dos mecanismos da dívida, a codificação meticulosa de todos os fluxos da vida, são rupturas políticas, decisões desejosas e sociais para bloquear a descodificação dos fluxos pelo capital, são antíteses à perda de controle da velocização.

(...) a sociedade não é um meio de troca onde o essencial seria circular e fazer circular, mas um socius de inscrição onde o essencial é marcar e ser marcado. Só há circulação quando a inscrição a exige ou permite. O que a máquina territorial primitiva faz, neste sentido, é o investimento coletivo dos órgãos; porque a codificação dos fluxos só se faz na medida em que os

orgãos capazes de, respectivamente, os produzir e cortar estão cercados, instituídos como objetos parciais, distribuídos e presos ao *socius* (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.146).

Cortar, mutilar, tatuar, escarificar, excisar a máquina territorial primitiva construiu inúmeras formas de marcar, registrar, cercar. Um sistema de crueldade que nada tem a ver com violência, mas com um processo regulador, de ordenamento, de codificação dos fluxos. Uma sabedoria selvagem nos modos de desarticulação do poder e estancamento da representação. Uma sabedoria selvagem de antropofagia dos corpos, reversão dos corpos em função de uma nova marcação. As sociedades primitivas, em uma abordagem clastrista, souberam codificar os fluxos contra o grande aceleração da descodificação, o capitalismo. Nos cabe entender como acelerar os fluxos ao ponto de não retorno do capital, uma aceleração selvagem aos seus tecno-mecanismos de escravização das forças produtivas da atualidade, seus controles algorítmicos de uso do intelecto comum, da inteligência difusa em prol do achatamento e da prisão dos possíveis a sua lógica cada vez mais antiprodutiva, vampiresca. Nos cabe entender como desenvolver uma aceleração sincopada, polirrítmica, capaz de nos fazer mover em direções imprevisíveis. Nos cabe entender (na mesma linha de provocação feita por Viveiro de Castro) a construção de uma antropologia que busca “ser a teoria-prática da descolonização permanente do pensamento” (VIVEIRO DE CASTRO, 2015, p. 20).

Desejo de se tornar índio:

Se realmente se fosse um índio, desde logo alerta e, em cima do cavalo na corrida, enviesado no ar, se estremecesse sempre sobre um átimo sobre o chão trepidante, até que se largou as esporas, pois não havia esporas, até que se jogou fora as rédeas, e diante de si mal se viu o campo como pradaria ceifada rente, já sem pescoço de cavalo e sem cabeça de cavalo (KAFKA, 1991, p.47).

Uma aceleração selvagem é, por excelência, uma aceleração que cria um espaço heterotópico nas franjas da aceleração capitalista, ou seja, aversões cinéticas distribuidoras de novas e irredutíveis velocidades por dentro das cidades. Um ritual antropofágico do velocizado precisa reunir ingredientes de desequilíbrio, desestabilização, funcionar na crise, produzir um desfuncionamento na máquina social, produzir declinações, espuridades, dispersar acontecimentos, ir mais além da

lógica das lutas já reificadas, congeladas na face do tempo, modeladas na introspecção da história. Produzir, junto à aceleração maior, acelerações menores, desviantes, capsulares, escarificadas na pele da velocidade embrutecedora dos dias. Reentrâncias do movimento dos corpos em uma política que acelere a esconjuração da aceleração do capital ao mesmo tempo que encontra uma saída, qualquer saída, mesmo que não humana, como o macaco de Kafka.

Ser selvagem na cidade, tornar a cidade selvagem. Tornar o aceleração dominante subordinado. Tornar selvagem o aceleração.

A máquina primitiva não ignora a troca, o comércio e a indústria, mas esconjura-os, localiza-os, esquadria-os, dá ao comerciante e ao ferreiro uma posição subordinada, para que os fluxos de troca e de produção não venham quebrar os códigos e substituí-los pelas suas quantidades abstratas ou fictícias (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 158).

A máquina primitiva não desconhece o capital, e, por não desconhecer, esconjura-o. Cria mecanismos de construção subjetiva que regula as funções, codificadas em prol de um controle dos movimentos. Com isso, não podemos pensar que se trata de sociedades que funcionem perfeitamente, utopias sociais ausentes de contradições, ao contrário, operam todo o tempo por dentro da crise (DELEUZE; GUATTARI, 2004). Mais do que estruturas, são máquinas sociais que funcionam avariadas, cheias de defeitos por todos os lados. Há um importante aspecto neste ponto: aprender a funcionar na crise. O capital entendeu logo cedo a funcionar na crise, se reinventar a partir da crise, mesmo que para provocar outra crise. Uma aceleração selvagem, o tipo psicossocial do kaingang, a inflexão selvagem de uma subjetividade criativa à crise, é uma inflexão instável da multidão dispersa. Uma intersecção heterogenética de semióticas que funciona de forma selvagem à semiótica do biocapitalismo cognitivo. A desconstrução do velocizado passa pela desativação tática de controle, sobretudo, do tempo. Subordinar o tempo da aceleração capitalista a outros tempos. Mais do que uma Robisonada, libertar Sexta-Feira da colonização do tempo. Se o biocapitalismo cognitivo é uma cronopolítica baseado no aniquilamento das fronteiras entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer, o tempo kaingang é o aceleração de estratégias de subversão do tempo, de reinvenção do aceleração da produção. É preciso pensar por dentro das intensidades, encontrar o inengendrado, os estados intensivos pré-pessoais. Como no engarrafamento de Cortázar, as máquinas e

peças coexistem num mesmo mecanismo de subjetivação, quando as máquinas estacam as pessoas se libertam de seus cintos de segurança, o não movimento as movimenta, o imobilismo as move. Mas não deixam de ser chamadas pelos nomes de suas máquinas, pelas identidades dos seus carros, pelo nome próprio do seu modelo automobilístico. Maquinicas. Produzir máquinas selvagens. Encontrar o kaingang no lado de fora de si mesmo. Produzir a cidade de nacos que demarca sua heterotopia de aceleração dispersa. O devir-índio da máquina territorial primitiva da multidão.

Admirável profundidade dos selvagens, que de *antemão* sabiam tudo isso, e procuravam, ao preço de uma terrível crueldade, impedir o surgimento de uma crueldade ainda mais terrível: *a lei escrita sobre o corpo é uma lembrança inesquecível* (CLASTRES, 2008, p.204).

O brasão da cidade

Nos espólios narrativos de Kafka¹¹³, um outro conto se destaca pelo acúmulo de conexões possíveis com o que estamos argumentando aqui. Uma cidade que mobiliza gerações em função da construção de uma torre. Uma torre tão alta quanto a ambição capitalística de tudo proscrever em um sentido único, a uma convergência única. Trata-se da construção da Torre de Babel. “Argumentava-se da seguinte maneira: o essencial do empreendimento todo é a ideia de construir uma torre que alcance o céu. Ao lado dela, tudo o mais é secundário” (KAFKA, 2002, p.108). Tudo o mais enfraquece de sentido ao lado do grande empreendimento de gerações, o grande sentido da existência da cidade, aquilo que a faz viva e produtiva. Uma vez consolidado esse sentimento, cimentado o desejo nos alicerces da grande torre, nada mais é tão importante. É preciso garantir o desejo de construção, o desejo de progresso. É preciso garantir que os homens permaneçam prisioneiros do desejo da torre mais alta, sua grandiloquência, sua megalomania, sua vontade de encostar sua cabeça no primeiro céu que encontrarem pela frente. É preciso antes da torre real, construir a torre interna em cada um, uma torre que cresce por dentro como uma erva daninha, como um tumor-ideia, reproduzida e replicada na educação dos jovens da cidade, replicada na diminuição da cidade real, declinando qualquer lateralidade que não

¹¹³ Conjunto de textos de Franz Kafka publicados postumamente. (Vide Bibliografia).

conduza direto ao ponto, a torre dos sonhos de cada um, aquilo que o faz mover-se pela manhã, certo, convicto que a cidade tem sentido, faz sentido. Uma torre solipsista antes de objetiva. Uma torre na imaginação antes do horizonte. “Uma vez apreendida na sua grandeza, essa ideia não pode mais desaparecer; enquanto existirem homens, existirá também o forte desejo de construir a torre até o fim” (KAFKA, 2002, p.108).

É possível construí-la no espaço de uma geração? O que nos garante que a próxima geração e os seus conhecimentos arquitetônicos não desprezarão o que já foi feito? Não arrasarão tudo que foi feito até agora? Por que gastar tanta energia? “Esses pensamentos tolhiam as energias e, mais do que com a construção da torre, as pessoas se preocupavam com a construção da cidade dos trabalhadores” (KAFKA, 2002, p.109). Começavam a se preocupar com o embelezamento dos seus alojamentos, cada nacionalidade queria ter o alojamento mais bonito, o que ocasionou disputas terríveis, lutas sangrentas, guerras. Nos intervalos das batalhas, também tiravam tempo para embelezar a cidade, investi-la de adornos, o que resultava em mais inveja e novas beligerâncias. Assim passou o tempo da primeira geração, a segunda seguiu o mesmo caminho, criando cada vez mais destrezas marciais. Ainda na segunda ou na terceira geração, o interesse pela torre foi arrefecendo, “(...) mas já estavam muito ligados entre si para abandonarem a cidade” (KAFKA, 2002, p.109). Não era mais pela torre, era a cidade que havia incorporado o desejo. Era a cidade que havia colado homens tão diferentes, de terras estranhas, no mesmo local. A cidade convergia olhares estrangeiros, “tudo o que nela surgiu de lendas e canções está repleto de nostalgia, pelo dia profetizado em que a cidade será destruída por um punho gigantesco com cinco golpes em rápida sucessão” (KAFKA, 2002, p.109). Nenhuma escatologia era capaz de descolar os homens da cidade e, por ironia ou memória do futuro, a cidade possuía um punho em seu brasão.

Máquina despótica bárbara

O sistema de crueldade que marcou as sociedades primitivas com um rígido sistema de codificação dos fluxos, organizando formas capilares de controle de cada gesto, órgão, construindo uma memória da dor em blocos de dívidas finitas, em arranjos contraproducentes, inscrevendo a terra como o corpo pleno onde se rebatem

as forças produtivas, se dissolvem com o punho gigantesco da máquina despótica bárbara. Longe de uma abordagem evolucionista da história e perto de um método materialista histórico de abordagem das máquinas sociais¹¹⁴, Deleuze e Guattari (2004) estruturam o capítulo III do *O Anti-Édipo*, fazendo suceder a máquina territorial primitiva, os selvagens, pela máquina despótica, os bárbaros. Uma horda de invasores vindos de todos os lados, essencialmente do deserto, arrasta as formações codificadas do *socius* primitivo para a construção da sociedade imperial. As sociedades contra o Estado (CLASTRES, 2008) encontram o corpo pleno do déspota.

Só que para compreender a formação bárbara é preciso relacioná-la, não com outras formações do mesmo gênero com que ela – temporal ou espiritualmente – compete segundo relações que ocultam o essencial, mas com a formação selvagem primitiva que ela suplanta de direito, e que continua a assediá-la. É assim que Marx define a produção asiática: uma unidade superior do estado instaura-se tendo por base comunidades rurais primitivas que conservam a propriedade do solo, enquanto que o Estado é o seu verdadeiro proprietário, por causa do movimento objetivo aparente que lhe atribui o sobre-produto, lhe devolve as forças produtivas nos grandes trabalhos, e o faz aparecer como a causa das condições coletivas da apropriação. O corpo pleno como *socius* deixou de ser a terra, é agora o corpo do déspota, o próprio déspota ou o seu deus (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.201).

O déspota é a única origem do poder, como um rio caudaloso, é no corpo do déspota que convergem todos os afluentes. As sociedades sem estado encontram o estado, a sobrecodificação dos códigos, uma ordem nova que subordina a máquina territorial primitiva incorporando-a nos grandes regimes de trabalho, na construção de pirâmides, torres, palacetes, muralhas, estradas, templos. Como um enxame, os bárbaros entram nas comunidades primitivas, ressignificando cada aspecto da vida, inscrevendo o corpo do déspota nas leis, nos códigos, exprimindo uma máquina estranha, uma máquina do estranho “(...) que se situa no deserto, impondo as mais duras e secas provas, e testemunhando tanto da resistência da antiga ordem como da autenticação da nova ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.199).

¹¹⁴ O paralelo da máquina despótica bárbara com o modo de produção asiático de Karl Marx guarda inúmeras semelhanças e características. Deleuze e Guattari fazem diversas citações diretas dos Grundrisse, de Karl Marx.

Com o déspota, toda uma horda o acompanha, uma “rede de perversos” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.200) que espalha sua glória e o ajuda a impor sua ordem por todo o império. Uma legião de escribas, doutores, padres, funcionários, forjando olhos e ouvidos estatais, garantindo a propagação do comando assimétrico e a verticalização das relações, redesenhando a máquina social não mais em uma filiação lateral, mas direta ao déspota.

A máquina social é que se modificou profundamente: em vez da máquina territorial há a “mega-máquina” de Estado, pirâmide funcional em cujo o cume está o déspota, motor imóvel, o aparelho burocrático na superfície lateral como órgão de transmissão e os camponeses na base como peças trabalhadoras. Os *stocks* são acumulados, os blocos de dívida tornam-se uma relação infinita sob a forma de tributo. A mais-valia de código é, toda ela, objeto de apropriação. Esta conversão atravessa todas as sínteses, as da produção com a máquina hidráulica, a máquina mineira, as da inscrição com a máquina de contar, a máquina de escrever, a máquina monumental, as do consumo, enfim, com a manutenção do déspota, da sua corte e da casta burocrática (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.201-202).

Um verdadeiro punho avassalador, com rápida sucessão de golpes terríveis, redefine todas as dimensões da vida. De forma rápida, destroem a antiga ordem e reconduzem a uma máquina do estranho. Vindos do deserto do oceano, das pradarias distantes, de montanhas longínquas e intransponíveis, falando outra língua, adorando outros deuses, com outros costumes, os bárbaros constroem outra paisagem. Sobrecodificam os códigos com uma mais-valia transcendental, ladrilhando as antigas inscrições por dentro do Estado. A máquina despótica bárbara redefine as máquinas territoriais dispersas, máquinas autônomas e semi-autônomas pré-existentes e as ajustam em um novo sistema de produção. Surgem os grandes trabalhos, as grandes mobilizações dos trabalhadores, mega-obras, capazes de reunir milhares de homens em empreendimentos que ultrapassam várias gerações. O excedente que era consumido em festas, rituais como elemento anti-produtivos, como barreira da acumulação, da sociedade contra o estado, é canalizado para a glória do déspota.

Como na *Muralha da China*, o Estado é a unidade superior transcendente que integra subconjuntos relativamente isolados que funcionam separadamente, aos quais determina um desenvolvimento por tijolos e um trabalho por construção de fragmentos. Objetos parciais dispersos agarrados ao corpo sem órgãos. Ninguém mostrou tão bem como Kafka que a lei não tem nada a ver como uma totalidade natural harmoniosa, imanente, mas que age como unidade formal eminente, e que *é enquanto tal que reina sobre os fragmentos e os bocados* (a muralha e a torre). O

Estado não é primitivo, mas é origem ou abstração, da essência abstrata originária que não se confunde com o começo (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.206).

Que arquitetura é essa que nasce da blocagem, da continuidade de fragmentos que se interpõem num fluxo contínuo e inconstante, ao lado de uma máquina despótica paranóica e rítmica? Nos vazios deixados pelos estrangeiros nômades, suas linhas de interrupção dos códigos e sobrecódigos que vemos se insinuar como um rastilho de pólvora o devir-bárbaro. Uma arquitetura estranha deixada nas pegadas amarelas de sol menores, mesmo onde o conjunto contíguo de forças tende a empurrar tudo na direção da muralha do medo, tende a empurrar todos no calabouço do mesmo, despejando paisagens para dentro e organizando o fora para fora, virtude mesquinha de homens pequenos em suas casas apequenadoras, com portas tão pequenas que é preciso curvar-se para entrar (NIETZSCHE, 2003). O senegalês é um devir-barbáro do comum, chega de fora e muda tudo, desorganiza as peças do tabuleiro, traz novas regras. Sua arquitetura é estranha, seus mapas mostram caminhos não vistos na sociedade da velocização, sua verdade é nômade, uma arma nova e bem montada, agrupada em blocos de intensidade que misturam metodologias. Filosofia, ciência e arte precisam misturar perspectivas. Não interessa suas fronteiras, interessa o que podem pensar. O que podem trazer de estrangeiro nas máquinas sociais, o que podem perguntar uma a outra no diálogo dos blocos, nos estilhaços das intensidades.

A lei paranoica dá lugar a uma lei-esquiza; a absolvição aparente dá lugar a moratória ilimitada; a transcendência do dever sobre o campo social dá lugar a uma imanência do desejo nômade através de todo esse campo. É dito claramente na Muralha da China, sem ser desenvolvido: há nômades que dão testemunho de outras leis, de um outro agenciamento, e que varrem tudo a sua passagem, da fronteira à capital, o imperador e sua guarda sendo escantoados por trás da janela ou por trás das grades (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 132).

Ao lado de cada máquina despótica, ao lado de cada lei paranóica, há uma máquina nômade, uma imanência do desejo, produzindo lucarnas escantoadas no ritmo de outras circulações. O senegalês é o naufrago coletivo de uma jangada que nos coloca a todos no mesmo barco. Um devir estrangeiro que não para de invadir o país do capital, rompendo seus muros vazados com arquiteturas novas. Uma lição possível sobre a máquina despótica bárbara é a potência dos invasores estranhos. Vindos de

fora, penetram, sem medo, rompendo cada esfera, interseccionando cada dimensão do comum com ventos soprados por outros possíveis. Se a máquina bárbara foi capaz de reinventar uma nova codificação dos fluxos, inscrevendo a circulação dos produtos na rede de tributos, organizando os costumes em leis imperiais, aproveitando o pré-existente na estrutura da transcendência do poder do déspota, também será capaz de entender como o bárbaro pode ser um agente nômade, um homem do comum capaz de produzir o comum no comum, fazer ventar mapas para pedagogias pedestres, sacudi-lás para que obtenham mais pressão.

Logo, o homem do comum é uma pessoa comum, que realiza uma tarefa extraordinária: abrir a propriedade privada ao acesso e o desfrute de todos; transformar a propriedade pública, controlada pela a autoridade estatal, em comum; e, em cada caso, descobrir mecanismos para administrar, desenvolver e sustentar a riqueza comum mediante a participação democrática. A tarefa do homem do comum, então, não é só prover acesso aos campos e rios, para que os pobres possam se alimentar, mas também criar meios para a livre troca de ideias, imagens, códigos, músicas e informações (NEGRI; HARDT, 2014, p. 140).

O homem do comum partilha singularidades. O senegalês que habita cada homem comum, que cruza o oceano de vícios do capital, perseguindo em cada cidade, uma ideia afogada, esmagada, estrangulada, é a inflexão de um devir-bárbaro, uma máquina cinética. Um devir-bárbaro que ajuda na desconstrução da velocização, fazendo emergir outras cidades no coração apertado do trabalho neo-escravo. O lado torpe da máquina despótica bárbara não é só a transcendência do poder e sua crise de autoridade e legitimidade da representação, mas o recalçamento das forças ao império do vazio. O senegalês é o devir-bárbaro e estrangeiro de um deslocamento constante da sociedade da circulação. Não só carrega consigo a vontade de trabalhar em outro lugar, mas leva o lugar a trabalhar outro lugar. São heterotopias que cruzam muralhas oceânicas. Precisamos descobrir o manancial de comum em cada refugiado e imigrante, em cada subjetividade criativa à crise, em cada virada subjetiva. Nossas histórias são comuns, embora de séculos e décadas diferentes, todos somos filhos de imigrantes, todos já fomos estrangeiros, todos seremos pais de bárbaros ameaçadores. A velocidade de uma outra cidade passa pela dimensão da superação do medo dos bárbaros que querem nascer em nossas fronteiras, da mesma forma que os selvagens fizeram nascer resistências ao homem global – a universalização cabal de uma velocidade homogeneizadora num mercado suicida.

No método literário delirante de Kafka, pontos topograficamente distantes são unidos. Não é raro encontrarmos portas de quartos minúsculos que abrem para lugares impossíveis, como se, ao agrupar espaços tão diferentes, queira nos dizer que o contíguo e o longínquo habitam no mesmo mundo, como arquiteturas fantásticas de Escher (1898 -1972). Que o impossível está em cada detalhe da vida e que mesmo eivados de morte por todos os lados, a qualquer momento uma portinhola de tempo estrangeiro (como o messias de Benjamin) pode ser aberta para o inusitado. Disseram, Deleuze e Guattari (2004), que a passagem do sistema da crueldade das sociedades primitivas foi sucedida pelo terror da sociedade imperial. A inscrição na carne substituída pela vigilância, o olho que se deliciava com o espetáculo da dor substituído pelo olho que previne, controla e adverte. Numa correspondência de acoplamentos imperfeitos, o poder soberano dos déspotas e seus amalgamentos trocou o corpo do apenado pela promessa da vingança. Há uma suspeita de biopolítica que construiu a intuição de Clastres (2008, p.198) quando, ao se aproximar de Kafka e os autores de *O Anti-Édipo*, afirma:

É, sem qualquer intermediário, o corpo como a sociedade designa como o único espaço propício a conter o sinal de um *tempo*, o traço de uma *passagem*, a determinação de um *destino*. Em qual segredo inicia o rito que, por um momento, toma completa posse do corpo do iniciado? Proximidade, cumplicidade do corpo e do segredo, do corpo e da verdade revelada pela iniciação: o reconhecimento disso leva a precisar a interrogação. Por que é necessário que o corpo individual seja o ponto de encontro do *éthos* tribal, por que o segredo só pode ser comunicado mediante a operação social do rito sobre o corpo dos jovens? O corpo mediatiza a aquisição de um saber, e esse saber é inscrito no corpo.

Uma colônia penal do tempo no corpo, especialmente se o tempo está aprisionado na passagem e o corpo num único destino. O lugar que o observador Clastres determina para o corpo no meio do social, cria uma relação necessária entre o novo que irrompe e a tradição que acolhe e quer dar sequência. O exato momento que o aprendizado do corpo dos jovens se traduz em memória. O corpo é memória. Por isso é disputado em cada palmo, controlado em cada eixo, acelerado em cada movimento. É preciso construir uma memória da dor e do terror para que não se afaste dos vetores, das marcas, dos rituais, do *éthos* da tribo. O bárbaro é um corpo sem marcas, desligado da terra que inscreve, deslocado do tempo da memória da dor. Por isso o bárbaro nos ameaça tanto, porque irrompe de um lugar fora das ideias, um devir

contra a história, uma tempestade do deserto que invade a cidade, tornando o estriado em liso, o sedentário em nômade, traficando heterotopias dispersas. Sim, a aglutinação das forças é uma dimensão do comum, é preciso organizar subjetividades antagônicas, reuni-las, partilhar singularidades. Mas a força maior, sua potência, está na dispersão onde surgem, o contíguo distante que fomentam em espaços outros da cidade. Ali, onde algo menor escaninha as ruas do desejo em infovias imateriais da imanência. A dispersão é um estrangeiro que nos espera em cada cômodo da subjetividade. Os bárbaros são um povo que falta.

À espera dos bárbaros

O que esperamos na ágora reunidos? É que os bárbaros chegam hoje. Por que tanta apatia no senado? Os senadores não legislam mais? É que os bárbaros chegam hoje. Que leis hão de fazer os senadores? Os bárbaros que chegam as farão. Por que o imperador se ergueu tão cedo e de coroa solene se assentou em seu trono, à porta magna da cidade? É que os bárbaros chegam hoje. O nosso imperador conta saudar o chefe deles. Tem pronto para dar-lhe um pergaminho no qual estão escritos muitos nomes e títulos. Por que hoje os dois cônsules e os pretores usam togas de púrpura, bordadas, e pulseiras com grandes ametistas e anéis com tais brilhantes e esmeraldas? Por que hoje empunham bastões tão preciosos de ouro e prata finamente cravejados? É que os bárbaros chegam hoje, tais coisas os deslumbram. Por que não vêm os dignos oradores derramar o seu verbo como sempre? É que os bárbaros chegam hoje e aborrecem arengas, eloquências. Por que subitamente esta inquietude? (Que seriedade nas fisionomias!) Por que tão rápido as ruas se esvaziam e todos voltam para casa preocupados? Porque é já noite, os bárbaros não vêm e gente recém-chegada das fronteiras diz que não há mais bárbaros. Sem bárbaros o que será de nós? Ah! eles eram uma solução (KAVÁFIS, 1982, p.76).

O poema de Kaváfis é um jogo de distâncias. Tudo muda com a possibilidade da chegada dos bárbaros. O tempo, a política, as leis, as relações, a história, os rituais, os adornos, os valores, as orações, os humores, os sentidos. Os bárbaros são a chance da mudança, a esperança de que algo vindo de fora possa mexer, balançar as estruturas de forma sísmica e irreformável. O que será de nós sem os bárbaros? É a última pergunta que o poema espalha como uma nuvem de areia. Se o velocizado pode ser considerado como uma espécie de figura transversal as expressões subjetivas da crise elaboradas por Negri e Hardt (2014), liberando velocidades reguladoras através da dívida infinita, da captura da atenção, da insegurança difusa, do esvaziamento dos possíveis, o bárbaro pode ser o espanto do fora. O senegalês, o devir-bárbaro, é uma

virada subjetiva possível. Resíduo de uma máquina social reconfigurada pela máquina social capitalista, que guarda mecanismos de resistência e criação de alternativas, faz surgir o estranhamento da máquina, no qual, de forma afirmativa e produtiva, encontra os limites da regulação. Virada em que se descobre o momento cairológico nos interstícios da velocização, indo mais além que a própria velocidade do capital, inserindo nas estepes a velocidade dos nomadismos, sejam eles de forma forçada ou não. Se o processo de globalização produz uma mobilidade humana regulada pelo dinheiro ou pelos extratos antiprodutivos associados a ele, nas guerras, no estado, na polícia, nos fluxos de imbecilidade, como afirmar alternativas extemporâneas? Não temos resposta possível, o que é preciso é criar os bárbaros, proliferar o estranho no seio da máquina, descobrir, como os construtores da *Muralha da China*, que eles já se instalaram do lado de cá. Ah! Eles são uma solução.

Gerry: “Acelerar pela estrada fora”

O som de pequenos sinos hipnoticamente repetidos. A música se chama *Spiegel im Spiegel* (espelho no espelho)¹¹⁵. Uma estrada deserta. Dois jovens em um carro. Os dois possuem o mesmo nome, Gerry. Um deles usa uma estrela amarela no peito. Uma estrela graúda, concentrada entre o peito e a boca do estômago. Antecâmara mortuária de uma falsa profecia. A história dando voltas simbólicas entre o século XXI e a noite e neblina¹¹⁶ do século XX. “É isto um jovem?” A câmera acompanha o carro oscilando entre aproximações e distanciamentos. Durante cerca de seis minutos, um deleite audiovisual que contrasta o minimalismo do som com a imensidão da paisagem. “Para onde vamos?”, “onde estamos?”, perguntas ocultas no *puzzle* de imagens e sons que o vazio narrativo produz já na primeira cena. Duas figuras marcadamente beckettianas. “Gerryzadas” por uma busca sem motivo, em uma estrada inóspita e solitária. Qual é o caminho? Não há história possível. São os jovens e o deserto. Unidos pelos nomes, “gerryzados” pela mesma tragédia. Os diálogos são fragmentários e obscurecedores.

¹¹⁵ Composição do músico erudito estoniano Arvo Part.

¹¹⁶ Referência ao filme de Alain Resnais, *Noite e Neblina* (1955). O filme traz uma abordagem de alerta aos riscos de repetição dos horrores dos campos de extermínio nazistas dez anos depois do término da segunda guerra mundial.

São pequenos fios de uma narrativa que não existe. Pequenos fragmentos, imagens, filamentos. “Acelerar pela estrada fora”. “Gerry, conquistou Tebas.”. No primeiro filme da *Trilogia da Morte* de Gus Van Sant (*Últimos Dias* e *Elefante* completam a tríade) a juventude vai ao deserto. Figuras tristes que contracenam com a desterritorialização plena do capitalismo contemporâneo. A terra não representa nenhuma marcação. Procuram belvederes, mirantes e só encontram alucinações. Não há nada ali. Não há caminho, não há estrada, não há diques, não há muralhas, não há torres, não há Estado, só há pegadas de animais, não possuem certezas. “Gerryzados” em um mar de sal, nômades forçados, não encontram sinais, pistas, por onde seguir. Andam em círculos ausentes, perdidos no cosmo de falésias, céu e areia. Caminham por dentro de um velho oeste americano (clara interlocução com a fotografia de John Ford), em direção à expansão do nada. Caminham já sem forças, lentamente. A morte é a única saída. A morte é um gesto de amizade. Gerry estrangula Gerry. A estrela amarela brilha novamente, o fascismo nunca nos deixou. A estrada reaparece. O comboio da velocidade surge no horizonte. Gerry sobrevive. Salvo por um carro de família. Tudo é absurdo e estranho, o pai, o menino, o carro, a civilização, a máquina social funcionando. “Acelerar pela estrada fora”.

Máquina capitalista: a idade do cinismo

Segundo Deleuze e Guattari (2014, p. 147), o gênio de Kafka foi ter entendido desde cedo “(...) que os homens e as mulheres fazem parte da máquina, não somente em seu trabalho, mas ainda mais em suas atividades adjacentes, seu descanso, seus amores, seus protestos, suas indignações, etc”. O que faz a máquina são as conexões, suas montagens e desmontagens, suas formas de operar, funcionar. Daí as duas grandes teses de Kafka: “a literatura como relógio que adianta, e como tarefa do povo” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.151). Por mais individual que seja a história de um personagem, é sempre uma enunciação coletiva, é sempre o caso particular de uma figuração de maquinações. “Gerryzar”, figuras subjetivas da crise e também o seu movimento contrário, desvelocizar figuras criativas à crise, “(...) *uma função geral que prolifera sobre ela mesma*, e que não cessa de segmentarizar, e de escoar sobre todos os segmentos” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.152). A ópera brasileira, *Um Homem Só*, de Camargo Guarniere, é um exemplo de máquina sinóptica. Ao mesmo

tempo tragédia pessoal e coletiva. A solidão moderna é coletiva, mas é vivida em cada homem que sofre sozinho. Uma replicação no indivíduo de uma força que atravessa toda a máquina social capitalista. O esgotamento e a mobilização constante do homem contemporâneo, suas mazelas íntimas são o espelho no espelho, reprodução individual infinita de enunciação coletiva. Nesse contexto, nada mais irônico que o apelido dado aos autores de massacres coletivos, explosões do niilismo contemporâneo, “lobos solitários”. Quando uma alcateia de acontecimentos comprovam a cada dia que as explosões individuais de violência vão muito além do discurso atomizado da anormalidade psíquica, configurando processos de adoecimentos sistêmicos. Nem ao menos Hobbes é chamado para conversar sobre a ideia redutora dos “lobos solitários”, embora sua sombra permaneça nos quilos de medo que alimentam o cotidiano dos securitizados. O homem está só, mas sua solidão arrasta uma multidão.

São exatamente configurações ou imagens produzidas pelos pontos-signos, pelos cortes-fluxos, pelas puras “figuras” do capitalismo. O capitalista como capital personificado, isto é, como função derivada do fluxo de capital, o trabalhador como força de trabalho personificada, função derivada do fluxo de trabalho. E assim o capitalismo preenche o seu campo de imanência com imagens: até a miséria, o desespero, a revolta e, por outro lado, a violência e a opressão do capital, se tornam imagens de miséria, de desespero, de revolta, de violência e de opressão. Mas a partir das figuras não figurativas ou dos cortes fluxos que as produzem, estas imagens só serão figurantes e reprodutivas se informarem um material humano cuja a forma específica de reprodução cai fora do campo social que, no entanto, a determina. As pessoas privadas são pois imagens de segunda ordem, imagens de imagens, isto é, simulacros, que recebem assim a capacidade de representar a imagem de primeira ordem das pessoas sociais (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.275-276).

Podemos dizer, de forma esquemática, que a máquina territorial selvagem operava através das conexões de produção, enquanto a máquina despótica bárbara, através da disjunção de inscrições a partir do corpo do déspota, o corpo iminente do déspota. “Mas a máquina capitalista, a civilizada, começa por se estabelecer sobre a conjunção” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.233). Rebate todos os fluxos descodificados sobre a produção, um produzir por produzir, uma produção infinita que sempre aumenta metas, mobiliza o trabalho de forma incessante, que coloca o próprio inconsciente para trabalhar. Como demonstrou Marx, no capitalismo, há o encontro de dois elementos principais, de um lado, o trabalhador livre, desterritorializado. De outro, o dinheiro descodificado, metamorfoseado em capital, capaz de comprar o

trabalho livre. Fluxo de produtores e fluxo de dinheiro. Nada garante esse encontro, poderia ter continuado a existir como reserva virtual, apenas como extrato de outras máquinas sociais e desejanças. No entanto, o cercamento dos campos, a descodificação dos instrumentos de produção, a formação de um exército de reserva de mão de obra, a privação dos meios de consumo, encontrou a desterritorialização da riqueza por abstração monetária, a descodificação do Estado pelas dívidas públicas e pelo capital financeiro, a descodificação dos meios de produção pelo capital industrial, formando as condições básicas para o nascimento do capitalismo (DELEUZE; GUATTARI, 2004).

“Mas o capitalismo só começa, a máquina capitalista só está pronta, quando o capital se apropria diretamente da produção” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 235), quando o capital se torna a produção de produções, a produção de registros, a produção de consumos, ou seja, quando se torna o corpo pleno social, subsunção real. É quando o controle sobre os fluxos descodificados, regidos pelo dinheiro, quantidade abstrata de equivalência de valor, se transforma em mais valia de fluxo quando o dinheiro regula não só o interesse, não só o campo molar, mas o desejo, os movimentos moleculares. Um grande cínico, capaz de tudo justificar. Capaz também de mobilizar o desejo. O dinheiro mobiliza e movimenta, uma vez que na máquina capitalista não estamos mais no sistema de crueldade, tampouco na era do terror de uma vida contra outra, mas na idade do cinismo, da transformação do déspota em vampiro.

Marx escreveu que o “capital é o trabalho morto que, como um vampiro, vive apenas sugando o trabalho vivo, e tanto mais viverá quanto mais trabalho sugar.” Mas, na realidade, o capital é ainda mais monstruoso do que isso. Porque ele é ativamente autocanibal. Ele se alimenta, não apenas do trabalho vivo, mas de si mesmo. Como David Harvey nos lembra, as predições de Marx sobre a “destruição violenta do capital, não por relações a ele externas, mas em vez disso como condição de sua própria autopreservação.” Quando a taxa de lucro declina, que a acumulação do capital se renove. A lição consiste em que o capitalismo não é nunca desfeito pela ação de suas próprias contradições internas. Na verdade, o capitalismo precisa e usa essas contradições; ele sucessivamente se regenera por meio das contradições, e realmente não poderia sobreviver sem elas (SHAVIRO, 2014, p.6)

O dinheiro é o velho decrépito que encontra sua obsessão na circulação das multidões, na vampirização do trabalho vivo. O sangue potente da multidão sendo sugado pelo parasitismo da grande desterritorialização dos fluxos, da regulação dos

processos maquínicos de mais-valia. O intelecto geral sendo absorvido gota a gota por formas de controle que, além de explorar, inibem a potencialização da produção com inúmeros recursos e mecanismos: privatização dos recursos e insumos, concentração de informações, aparelhamento do saber científico, desvalorização de saberes que não atendem a sanha imediata do mais valor, patentes, propriedade intelectual, epistemologias meritocráticas, produtivismos imbecilizantes, fluxo de besteiras. Uma mais-valia maquínica que se desenvolve por meio da automação, das novas tecnologias da informação e da comunicação, nas reengenharias produtivas, metodologicamente desenhadas nas redes e na logística, no capital recombinate, em sua forma de adaptar axiomáticas sempre que a contradição se torna insustentável.

No entanto, não significa que as outras máquinas sociais tenham deixado de existir. Que não existam mais, que foram totalmente varridas da história da grande marcha do progresso do capital. O grande feito da máquina capitalista, sobretudo depois da década 1970 em diante, foi conseguir atravessar todas as máquinas sociais existentes, tornando-as máquinas inautênticas, ressignificadas no sistema de valores do capital, ou seja, pelo sistema de equivalência universal, o dinheiro. Não existe mais um selvagem puro ou uma sociedade imperial intocada, o capital atravessa todas as máquinas sociais, tanto no âmbito molar quanto no molecular, seja pelo interesse ou pelo desejo. A volatilidade do capital, sua forma fluida, sem crenças, sem códigos rígidos, independente de qualquer moral, sem cheiro nem cor, permite que o dinheiro possa ser produzido em qualquer lugar, em qualquer contexto. O importante é extrair mais-valia, produzir valor, inovar financeiramente, tornar rentável, seja o redesenho de um chinelo ou uma comunidade inteira, o suco de uma fruta exótica ou uma classe que virou suco... Nesse sentido, a idade do cinismo, o despeito *blasé* por convenções, por costumes, a desfaçatez por códigos. Para a máquina capitalista, não há dinheiro sujo, não importa o mais valor gerado pela super exploração do trabalho na China, pelo tráfico de drogas, o dinheiro não tem moral, nem credo que não a si mesmo como referência, como corpo pleno. O que importa é como gerar mais valor, controlar o excedente, laminar esses fluxos vivos geradores de valor, controlar a própria definição de valor.

Porque, enquanto definirmos os regimes pré-capitalistas pela mais valia de código e o capitalismo por uma descodificação generalizada que a

converteria em mais-valia de *fluxo*, apresentamos as coisas de um modo simplista, como se a questão se arrumasse de uma vez para sempre nos alvares de um capitalismo que teria perdido todo o seu valor de código. Ora não é isto que acontece. Por um lado os códigos subsistem, ainda que como arcaísmos, mas desempenhando uma função perfeitamente atual e adaptada à situação no capital personificado (o capitalista, o trabalhador, o negociante, o banqueiro...). Mas, por outro lado, e mais profundamente, a máquina técnica supõe *fluxos* de tipo particular: *fluxos de códigos*, simultaneamente interiores e exteriores à máquina. E que constituem os elementos de uma tecnologia e até de uma ciência. São também esses *fluxos de códigos* que são moldados, codificados ou sobre-codificados nas sociedades pré-capitalistas, de modo a nunca se tornarem independentes (o ferreiro, o astrônomo...). Mas a descodificação generalizada dos *fluxos* no capitalismo libertou, desterritorializou, descodificou, os *fluxos de código*, exatamente como fez com os outros – máquina automática interiorizou-os sempre mais no seu corpo ou na sua estrutura como campo de forças, ao mesmo tempo que dependia de uma ciência e de uma tecnologia, de um trabalho dito cerebral distinto do trabalho manual do operário (evolução de origem técnica). Neste sentido, não foram as máquinas que fizeram o capitalismo mas é o capitalismo que, pelo contrário, faz as máquinas e introduz constantemente novos cortes pelos quais revoluciona os seus modos técnicos de produção (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.242).

A verdadeira axiomática do capital é a sua capacidade de reorganizar os códigos anteriores, das máquinas pré-existentes, modulando-as para os seus fins. E, além disso, não só insere essas formas de produção desterritorializando-as dos seus códigos, como também, insere elementos de anti-produção dentro da produção. Quando saturadas, essas axiomáticas são reconfiguradas, possibilitando o sistema avançar para axiomáticas sociais novas. A crise é interna à máquina capitalista. O capital é um modelo de produção que necessita da crise para poder avançar, precisa do rompimento de suas axiomáticas para poder transformar o excedente, a abundância da produção, em escassez programada.

É assim que se ligam os três segmentos da reprodução capitalista sempre alargada, que definem também os três aspectos da sua imanência: 1º) o que extrai a mais-valia humana a partir da relação diferencial entre fluxos descodificados de trabalho e de produção, e que se desloca do centro para a periferia, mantendo todavia no centro grandes zonas residuais; 2º) o que extrai mais-valia maquínica a partir de uma axiomática dos fluxos de código científico e técnico, nos setores de “ponta” do centro; 3º) o que absorve ou realiza essas duas formas de mais-valia de fluxo, assegurando a emissão dos dois e injetando perpetuamente anti-produção no aparelho produtor. Esquizofreniza-se tanto na periferia como no centro e no meio (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 247).

A curiosa inserção dos elementos de antiprodução por dentro do aparelho produtor, ou seja, um díptico entre forças produtivas e relações de produção e forças

antiprodutivas e relações de antiprodução, engendram um sistema contraditório de base na máquina capitalista: para poder produzir precisa conter, estancar, inibir a produção. Sua qualidade maior é a capacidade de produzir uma grande desterritorialização dos fluxos, redefinindo novas axiomáticas sociais onde esses fluxos descodificados passam a operar sob a égide da moeda e do mercado, ou seja, a captura do trabalho vivo, do intelecto geral, da vampirização do trabalho da multidão, que é também o seu próprio limite. O capital teme a desterritorialização que ele próprio produz. O temor é perder o controle de uma desterritorialização que produza uma fuga de intensidades que não seja mais capaz de reterritorializar, um aceleração que vá muito além dos seus processos de velocização. Um aceleração que não possa frear, que descarrile as velocidades de reterritorialização que é capaz de recombina nos fluxos de mais-valia maquínicos.

Mas haverá alguma via revolucionária? Retirar-se do mercado mundial, como Samir Amim aconselha aos países do Terceiro Mundo, renovando de um modo muito curioso a “solução econômica” fascista? Ou orientar-se no sentido contrário, intensificar ainda mais o movimento do mercado, a descodificação e a desterritorialização? Talvez que – e do ponto de vista de uma teoria e de uma prática dos fluxos altamente esquizofrênica – os fluxos ainda não estejam totalmente desterritorializados, descodificados. Aguentar-se no processo, ir mais longe, “acelerar o processo”, como dizia Nietzsche: na verdade, nós ainda não vimos nada (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.249).

“Acelerar estrada a fora”, “gerryzar”, ir mais longe, ao limite dos trilhos da história capitalista, aos limites de sua capacidade de reterritorializar os fluxos, encarar a potência das margens, a potência dos pobres como uma desvelocização dos processos capitalistas, o aceleração da descodificação. É dessa forma que entenderemos o que é um beira-trilho, um devir-alter-civilizado da máquina capitalista, resíduos de velocidades que escapam das territorializações da marcha do progresso, da velocidade dos futuros molares, das axiomáticas fascistas. O kaingang, o senegalês, o beira-trilho, são pontos-signos de um aceleracionismo, uma contra tendência à velocização capitalista, devir-selvagem, devir-bárbaro, devir-alter-civilizado, cortes de fluxo que desbloqueiam tendências no plano de imanência das cidades pós-industriais. Por isso, não são sujeitos, perderam o estado de identidades, são figuras subjetivas, reservas virtuais, tendências que necessitam ir mais longe de uma abordagem restritamente

molar. Heterotopias da geografia dos aceleramentos, emaranhado de linhas de efetuação e contraefetuação, que mobilizam velocidades antagonistas, irreverentes, velocidades do deserto. Velocidades dispersas da multidão dispersa.

Aceleracionismo: como usar o futuro

Se o século XX abriu suas alas ao culto à velocidade com a publicação do *Manifesto Futurista* de Marinetti (fevereiro de 1909), o século XXI aventou seus inícios com o *Manifesto Aceleracionista* de Alex Williams e Nick Srnicek (maio de 2013). Mais de cem anos e concepções de velocidade distintas os separam. Da apologia ao progresso, à guerra, às máquinas, à pressa, à virilidade, à coragem, à audácia, ao trabalho, cantados com louvor pelo futurismo, o aceleracionismo não guarda nenhuma continuidade. A apologia futurista da “velocidade onipresente”, a “beleza da velocidade”, “hinos ao homem que segura o volante”, redundando num flerte potencial e histórico com o fascismo italiano, fazem do *Manifesto Futurista* e do *Manifesto Aceleracionista* lados antagônicos de manejos do futuro.

“A grande exaltação molar do futurismo italiano, que confia na máquina para desenvolver as forças produtivas nacionais e produzir um novo homem nacional, sem pôr em causa as relações de produção” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.422), são o lado anverso de uma tentativa de levar às últimas consequências o “aceleramento do processo”, o “ir mais longe”, “acelerar estrada a fora”, que o *Manifesto Aceleracionista* nos desafia a pensar na esteira de Deleuze e Guattari (2004) e do cinema de Gus Van Sant. Fruto de um profícuo e polêmico debate contemporâneo, o *Manifesto Aceleracionista* inflexiona tentativas de alargar as estratégias e as ferramentas de enfrentamento da velocização do capital, por dentro, levando às últimas consequências seu potencial de desterritorialização.

Segundo Steven Shaviro (2014. p.1-2),

(...) o aceleracionismo se contrapõe, sobretudo, a teorias e propostas político-teóricas que sustentem ser possível colocar-se fora da relação do capital, como se houvesse alguma utopia pré ou pós-capitalista a que pudéssemos nos apegar, como um depósito de pureza. Recusa, assim, quaisquer proposições regressivas a naturezas redentoras, sejam naturezas humanas ou “naturais”, bem como a qualquer moralização das tecnologias

e técnicas, e das ciências, como malignas em si mesmas, que estejam ameaçando a natureza. Tais linhas que usualmente se resolvem em teorias decrescentistas ou catastrofistas terminam por reforçar a representação dominante num duplo movimento: 1) não só o discurso neoliberal, que costuma apelar à austeridade, à consciência/responsabilização individual pelos problemas do mundo e, por último, à contenção de gastos sociais; 2) como também o núcleo duro da economia neoclássica, uma ciência organizada ao redor do (falso) problema de como gerir recursos limitados para desejos ilimitados. Em vez disso, o aceleracionismo quer repor o lugar da economia a partir da abundância, redimensionando as coordenadas do problema para as lutas.

O aceleracionismo se afasta tanto das posições decrescentistas quanto catastrofistas, não se identificando nem com a pureza natural de utopias nostálgicas, nem com a diabolização das tecnologias e suas previsões escatológicas. Entende se tratar de um reforço de axiomas neoliberais e, por outro, do reforço do falso problema da escassez das teorias econômicas neoclássicas. Não há como enfrentar a velocidade do capital construindo ilhas de prosperidade ou naufragando na nau dos loucos que preferem imaginar o fim do mundo ao fim do capitalismo (VIVEIRO DE CASTRO, 2014). O aceleracionismo se posiciona na perspectiva das lutas, redimensionando a abordagem dos problemas no lado do excesso, da proliferação, da produtividade, do aceleração do ponto de não retorno do capital, na intensificação dos movimentos do mercado até o ponto que a axiomática social capitalista seja incapaz de estabilizar, codificar os fluxos, retomar a regulação.

Cunhado por Benjamin Noys, o termo aceleracionismo tem servido de referência para duas posições principais que embasam uma crítica imanente ao capital:

1) a posição marxista que o capital, ao liberar as energias das forças produtivas, aguça as contradições que, tensionadas pela luta, podem levar a sua abolição; 2) o esquema de Deleuze & Guattari que o capital contenha um potencial desterritorializante que, se por um lado, é produtivo e essencial para sua própria autorenovação ao longo das crises, por outro precisa ser mantido sob controle, evitando que o delírio arruíne os axiomas e termine por precipitar a esquizofrenia comunista (SHAVIRO, 2014).

Aguçar as energias produtivas tensionadas pelas lutas e fomentar ainda mais o potencial desterritorializante do capitalismo são as duas estratégias de desconstrução do velocizado por dentro da velocidade de seus futuros molares. O *Manifesto Aceleracionista* é uma disputa do futuro, uma forma de manejo do futuro na imanência do capital. A “saída” aceleracionista que encontramos nos 24 pontos que marcam o

*Manifesto Aceleracionista*¹¹⁷ é uma saída máquinica da imanência do capitalismo, seguindo o seu fluxo por dentro, em sua torrente. Abrindo vieses e velocidades que dão outros rumos ao grande futuro molar de ressonância futurista, como o desenvolvimentismo brasileiro da década de 1950 ou neo-desenvolvimentismo dos Programas de Aceleração do Crescimento (PAC I e PAC II) do Brasil Maior. Um velocizado à brasileira (estrato do mundo Mundobraz?)¹¹⁸ que sob as tintas neo-liberais e neo-extrativista acelera a construção subjetiva da velocidade nos trópicos, dando um caráter peculiar à crise da representatividade, ao medo urbano, à precarização da vida e aos fluxos imbecilizantes. Enfrentar essas variações com as armas do aceleracionismo, construindo estratégias figurais de tendências que passam pelas lutas urbanas e o forjamento de novas subjetividades, inventando técnicas de desarticulação das velocidades tóxicas e novos usos do espaço da cidade, significa o desmonte e a substituição da retórica futurista.

O futuro precisa ser construído. Ele foi demolido pelo capitalismo neoliberal e reduzido a uma promessa barata de grande iniquidade, conflito e caos. Esse colapso na ideia de futuro é sintomático do *status* histórico retrógrado de nossa época, mais do que, como os cínicos do espectro político nos querem fazer crer, um sinal de maturidade cética. O que o aceleracionismo estimula é um futuro que é mais moderno – uma modernidade alternativa que o neoliberalismo é inerentemente incapaz de gerar. O futuro deve ser aberto mais uma vez, ampliando nossos horizontes para as possibilidades universais do Lado de Fora (WILLIAMS; SRNICEK, 2014).

O beira-trilho é o resíduo de virtual que mora nas acelerações do progresso, como potência de futuro, como devir-pobre da multidão, como reserva de energia por dentro e na beira dos trilhos do trem da história, como o espelho sem reflexo do vampiro, como alter-civilizado. Encontrá-lo junto ao devir-estrangeiro ou bárbaro do

¹¹⁷ O Manifesto está organizado em 24 pontos que podem ser conferidos na íntegra no site da Universidade Nômade Brasil. Disponível: <<http://uninomade.net/tenda/manifesto-aceleracionista/>> Acesso em: 21.10.2016.

¹¹⁸ Conceito criado e desenvolvido por Giuseppe Cocco para entender o devir-Brasil do mundo e o devir-mundo do Brasil. Uma chave de leitura para compreender o fenômeno do bio-capitalismo cognitivo e as lutas globais de resistência, bem como suas inflexões locais. Para tanto, o autor usa ferramentas “descoloniais”, com aportes na antropologia imanentista de Viveiro de Castro e na obra antropológica de Oswald de Andrade, entre outros.

senegalês e o devir-selvagem do Kaingang, juntá-los em suas velocidades diferenciais por dentro das lutas urbanas, é a nossa possibilidade de acelerar o descarrilamento da imanência do capital, a nossa grande heterotopia da velocidade. A nossa possibilidade de usar o futuro, abrindo-o para o lado de fora, é a grande tarefa da multidão dispersa, em marcha, caminhante, suas heterotopias pedestres. Não só o inédito viável da pedagogia freirana que se pergunta sobre os desafios da educação na cidade (FREIRE, 1991), mas também os inéditos viários.

HETEROTOPIAS PEDESTRES: NOTAS DE RODAR PÉS

O desejo faz correr, corre e corta.

(DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.11)

- Andarilho, quem é você? Vejo-o que anda por sua estrada, sem desdém, sem amor, com olhar inescrutável; úmido e triste, como uma sonda que da profundidade volta insaciada para a luz – que buscava ela lá embaixo? -, com um peito que não suspira, com um lábio que esconde seu nojo, com uma mão que apreende apenas de vagar: quem é você? que fez você? Descanse aqui: este lugar é hospitaleiro para com todos – recupere-se! E quem quer que seja: que coisa lhe apetece agora? o que pode lhe servir de conforto? Apenas diga: o que eu tiver, lhe ofereço! – “Conforto? Conforto? Ó curioso, o que diz você! Mas, por favor, me dê - -“ O quê? O quê? Fale! – “Mais uma máscara! Uma segunda máscara!”...

(NIETZSCHE, 2004, p.189)

Interlúdio VII

Klamauk

Jean Tinguely inventou um automóvel. Na verdade, um anti-carro. Uma geringonça monstruosa. Capaz de seguir o cortejo do seu próprio funeral. Sinos, rodas dentadas, pedaços de instrumentos musicais, engrenagens, articulações estranhas, mecanismos improváveis. Tudo sob a base de um antigo trator. Chamou o carro de Klamauk, uma escultura móvel. Uma espécie de Golem da sociedade da super abundância. Para ele, Klamauk não era um carro alegórico, mas a alegoria de toda uma sociedade. Seus delírios foram encaixados no movimento da arte cinética. Espécie de Gepeto pós-moderno, sonhava com autômatos que encantassem crianças, chafarizes de Stravinsky, móveis barulhentos, obras críticas forjadas a ferro e movimento. Tinguely não parava de inventar, inventava com a mesma excessividade da sociedade que criticava. Sabia que precisava encher o mundo de máquinas tão malucas quanto o mundo em que vivia. Para não ser derrotado pelo seu próprio sucesso, inventou incansavelmente até os seus últimos dias. Sua vida foi montar o absurdo com pedaços de racionalidade. Foi um escultor de máquinas, nunca montou nada que não tivesse nos desmontado primeiro.

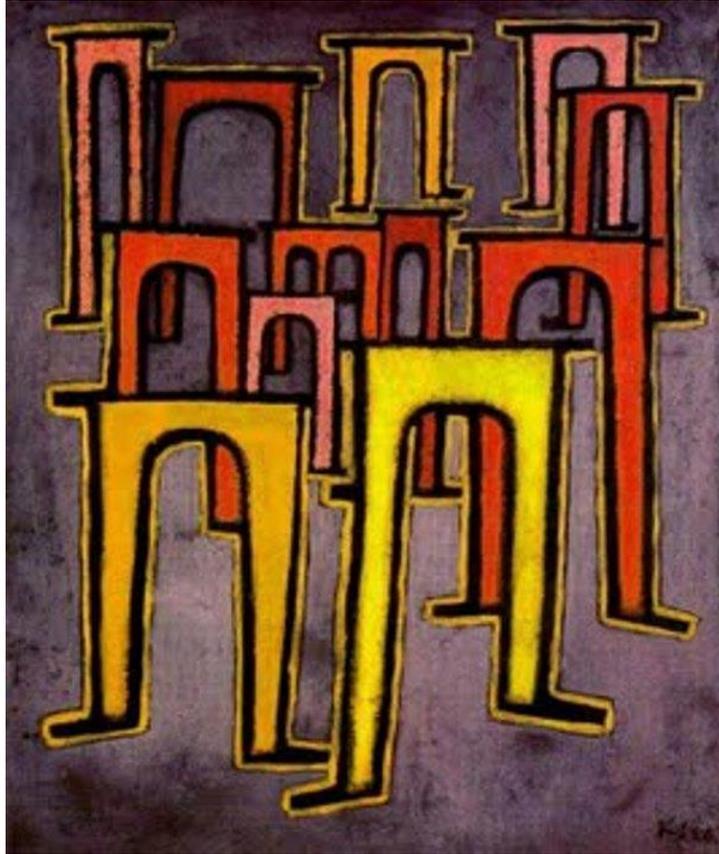


Figura 11 – Revolução do Viaduto, Paul Klee

Leituras erráticas, cidades excertas

Viveiro de Castro (2015) abre o livro *Metafísicas Canibais* fazendo uma confissão. Gostaria de ter escrito um outro livro, cujo o título teria sido “O Anti-Narciso”. Um livro que seguiria a genealogia maldita de *O Anti-Cristo* e de *O Anti-Édipo*. No entanto, confessa não ter conseguido fazê-lo. Por incapacidade ou por preguiça, não conseguiu escrevê-lo. Sua saída? Escrever uma resenha desse livro impossível, escrever comentários como se fosse de outro, como se o livro existisse e tivesse sido escrito por outro, elegendo o livro a categoria de obra imaginária (VIVEIRO DE CASTRO, 2015). Da mesma forma que a saída borgeana de Viveiro de Castro, a anti-velocização das heterotopias pedestres serão esboçadas como notas de rodapés. Notas de rodapés de um livro invisível, ou seriam notas de rodar pés em cidades invisíveis?

Borges sabia como fazer, sabia como comentar e resenhar livros invisíveis. Livros que jamais foram escritos, livros impossíveis ou imaginários. Livros tão irrealis quanto a realidade das notas de rodapés e prólogos que escrevia sobre eles. No conto “Pierre Menard, autor do Dom Quixote”, o autor/duplo de Borges cria uma técnica nova: “a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas” (BORGES, 2003, p.63). Uma técnica de aplicação infinita que levava a percorrer a *Odisséia* como se fosse a *Eneida*, a atribuir desencontros entre autores e livros, livros e autores, citações e pessoas, povoando de aventuras os livros mais pacíficos (BORGES, 2003). O que permite o anacronismo de Menard? Errar de novo e errar melhor! (BECKETT, 2008). Percorrer páginas e páginas a nado dissincrônico, com o olhar de um ladrão que espreita (*stalking*), que observa e estuda, que espera a hora certa de atacar, a noite certa, quando os homens dormem e a lua uiva de oportunidades. Porque forjar anacronismos e atribuir equivocidades é fazer funcionar máquinas sinópticas. Disso, Borges entendia como ninguém, foi o maior comentador de leituras inalcançáveis.

Tal como a técnica de anacronismos deliberados e atribuições errôneas de Menard/Borges, a técnica intencional dos situacionistas de usar mapas equívocos (mapa de Paris em Amsterdã, de Amsterdã em Londres) induzia a uma orientação confusa e, infinitamente, inalcançável. Do erro à errância, dos livros imaginários de Borges às cidades excertadas dos situacionistas, temos máquinas sinópticas cuja maior potência não está em sua atualização, no sonho da eficiência da coisa empírica, mas no manancial de virtualidade que é capaz de mobilizar por dentro dos seus erros planejados. A biblioteca de Babel dos livros imaginários de Borges e o mapa labiríntico das cidades de nacos (*Naked Citys*) dos situacionistas, são notas de rodar pés, pinturas da vida pós-moderna (Baudelaire virou pintor de rodapé), em que duas leituras/perspectivas se encontram numa cidade gris.

Juntas, formam o que chamamos de heterotopias pedestres, uma forma de aceleração do corpo na cidade, através de quatro notas de rodar pés acopladas assincronicamente: do esgotamento do olhar, da miniaturização, da perseguição (*stalker*), e dos passeios esquizos. Somados, formam um máquina cinética-pedagógica, pedestrias por-táteis da cidade, “*Festina lente*” (apressa-te lentamente) dos latinos, “acelerar estrada a fora” dos aceleracionistas, configurações de anti-posição à velocidade molar dos futuristas, configurações de antiposição à velocidade

molar da máquina cínica do capitalismo pós-fordista e suas linhas de montagens subjetivas. Se “a imagem que temos da cidade é sempre um tanto anacrônica” (BORGES, 1993, p.88), sair pela diagonal, duas vezes, é o X da questão. Para leituras erráticas, cidades excertas.

Nota de rodar pés I: do esgotamento do olhar

Pois o ouvido, o dançarino – o tem nos dedos dos pés!

(NIETZSCHE, 2003, p.267)

George Perec (2016) criou um método. Um método para enfrentar a ignorância da cidade. Não para alfabetizar-se sobre a cidade, mas para aprender a olhá-la como uma língua estrangeira, desentendê-la. Descodificar os fluxos da cidade, acelerar o olho na cidade até o ponto que possamos desterritorializá-lo de seus códigos. Levar o olho para além dos condicionamentos mercadológicos e espetacularizantes da cidade. Romper com o olho niilista da cidade. Para isso, realizou um experimento. Como o narrador do conto “O Homem das Multidões”, de Poe, Perec prostrou-se como uma estátua sedestre em bares, cafés e bancos de praça durante três dias consecutivos, em outubro de 1974. Tentou olhar e escrever sobre tudo que via. Esgotar a visão, olhar tudo que se passava na *Place Saint-Sulpice*, esgotar esse lugar parasiense. Olhar o máximo possível.

Carros, pessoas, o movimento das nuvens, letras em mochilas, o voo das pombas. O ritmo métrico da regularidade dos ônibus, a circulação de animais. Turistas, trabalhadores, negociantes, táxis, bolsas, pessoas carregando coisas. Olha e anota tudo, como um *vouyer* urbano. Tenta narrar tudo sem se ater em escolhas, olha para o mais minúsculo, olha para o mais banal. Encontrar a infindável riqueza das coisas mais insignificantes. Romper com as grandes representações da cidade. Descobrir pelo esgotamento do olhar detalhes anômalos, coisas estranhas nas coisas mais familiares. Levar o corpo ao seu limite, romper com a estabilidade dos sentidos. Entrar na cidade de olhos bem abertos, atento a tudo. “Várias dezenas, várias centenas de ações

simultâneas, de microacontecimentos, cada um dos quais implicando posturas, atos motores, dispêndio de energia específicos” (PEREC, 2016, p.20).

Um anti-balé. A cidade é um anti-balé. Para esgotar os olhos na cidade, é preciso aprender a dançar com os olhos. Olhos dançarinos. Exaustos de tanto dançar. Uma dança macabra, como a dança da morte do medievo, como a dança butô, violência e erotismo (OHNO, 2016). Ainda assim, uma dança. Olhos dançarinos. Olhos esgotados de tanto dançar. Um olho que dança é um olho que sabe desfocar. Um olho rítmico e arrítmico, um olho em movimento harmonioso e aberrante. Um olho que acompanha os pés. Olhos com pés. Os olhos deixam pegadas? Olhos que caminham: “levar os olhos para passear” (PESSOA, 2003). Olhos deslocados. Olhos do fora. Olhos esgotados pelo fora. O olho mecânico de Vertov, o cine-olho. Olho de Alice na cidade, o olhar que não pode ser esquecido pela barulheira da modernidade com pressa. Um olho veloz, sem ser velocizado. Olhos de Ulisses, olhos da viagem, olhos que retornam ao desconhecido. Olhos pedestres. Acelerar o olho até não aguentar mais. Levar o olho até as últimas consequências, ao limite do suportável. Desespetacularizar o olho. Libertar os pés da visão. Olhar háptico. Olhar que toca. A pele do olho é um espelho poroso. “Mal consigo ver a igreja, mas, por outro lado, vejo quase todo o café (e eu mesmo escrevendo) no reflexo das próprias vidraças” (PEREC, 2016, p.38). O olho que vê também se vê. Vê que possui um corpo que escreve, uma cabeça pesquisante, múltipla de sentidos.

Percebe que não se pode dar privilégio ao olho, fazer coro ao paradigma da visão que domina a filosofia ocidental (PALLASMAA, 2005), atribuindo ao olho uma primazia sobre os demais sentidos, mas o contrário, trair o olho. Levá-lo até as últimas consequências do visível, desacostumá-lo dos olhares pacíficos. Forçá-lo a ver. Fazê-lo ver até não poder mais, ir além do cansaço. “O esgotado é muito mais que o cansado” (DELEUZE, 2010, p.67). O olho como um instrumento de guerra (NIETZSCHE, 2004). O olho é uma máquina de guerra. Roubar do olho seu controle, seus clichês, sua honestidade apressada, suas certezas visuais. Ver como um cão andaluz, um olho vazado. Um olho rasgado pelo excesso de visão. Caminhar com os olhos, olhar com os pés. Aprender a olhar com o corpo inteiro. Uma pedestria precisa do bater de asas das pálpebras, regular seus instantes de sombra para quebrar a continuidade do olho velocizado, midiaticizado. Do olho endividado por imagens

prontas, eternamente prontas. Do olho que teme a noite, teme sair de casa, olhos securitizados. Olhos mortos, com quilos de passado sobre suas retinas, olhos que só representam ver, preparados para ver pouco. Uma pedestria necessita de um olho nômade. Do olho que toca com os pés as imagens e caminha com os olhos da rua. Um olho canibal, que vê a cidade como um banquete. Um olho insaciável, incapaz de satisfazer sua fome, que precisa esgotar sua fome de esquinas. Um olho selvagem. Um olho bárbaro. Um olho alter-civilizado. Um olhar pobre, sedento de tudo, que deseja em demasia. Olhos demasiados. Olhos insones. Olhos arregalados.

O olho esgotado é um olho que não viu o suficiente, mesmo exausto percebe que há coisas por ver, que se impacienta em ver mais “limites evidentes de um tal propósito: mesmo me fixando com o limite único de olhar, não vejo o que ocorre a alguns metros de mim: não observo, por exemplo, que os carros estacionam” (PEREC, 2016, p.87). O olho focal esgota suas possibilidades. Mas, e o olho periférico? Os olhos da pele? O olho do corpo? (PALLASMAA, 2005). O esgotamento do olhar necessita de uma pedestria. Tornar os olhos por-táteis. Vestir as sandálias de Perseu e aprender a olhar de corpo inteiro para a cidade. Olhar enviesado, investidas diagonais do olhar. Aprender a olhar pelo reflexo, olhar através dos espelhos do sabor, do odor, do toque, dos ruídos e do silêncio. Caçar sorrisos de desconhecidas nos reflexos do metrô, como nos jogos de amor e despedida de Cortázar¹¹⁹. Criar esgotamentos dos sentidos na cidade. Despetrificar a medusa que mora na casa das retinas. “A visão periférica nos integra com o espaço, enquanto a visão focada nos arranca para a fora do espaço, nos tornando meros espectadores” (PALLASMAA, 2005, p.13). Aprender a colocar as *Orillas*¹²⁰ da cidade dentro do espaço do corpo. A pedestria é o encontro do corpo com a polifonia sensorial da cidade (BACHELARD, 1971). Uma arte de andar na cidade. Uma arte de esgotar o possível na cidade. “Uma forma de andar é tanto um ritornelo como uma canção ou uma pequena visão colorida (...)” (DELEUZE,

¹¹⁹ No conto “Manuscrito encontrado num bolso”, o personagem de Cortázar joga um jogo pessoal nos subterrâneos do metrô. Tenta encontrar a mulher de sua vida em encontros aleatórios entre os destinos advinhados e as escolhas imprevisíveis dos rumos diários. Espécie de Orfeu contemporâneo, joga os dados do acaso nos reflexos femininos das janelas em movimento. Movimenta o sub-solo das paixões embotadas na correria do dia a dia em uma grande cidade.

¹²⁰ Segundo Sarlo (2008), um lugar indeciso entre cidade e campo, inventado por Borges e seus olhares sobre os subúrbios de Buenos Aires.

2010, p.84). Andar a exaustão, movimentar nas diagonais e retas, por paralelas, hesitar, fazer movimentos imprevisíveis. Só heterotopias pedestres são capazes de tamanha mobilidade plástica. “Essa consideração do espaço dá um novo sentido e um novo objeto ao esgotamento: esgotar as potencialidades de um espaço qualquer” (DELEUZE, 2010, p.84).

Eu confronto a cidade com o meu corpo; minhas pernas medem o comprimento da arcada e a largura da praça; meus olhos fixos inconscientemente projetam meu corpo na fachada da catedral, onde ele perambula sobre molduras e curvas, sentindo o tamanho de recuos e projeções; meu peso encontra a massa da porta da catedral e minha mão agarra a maçaneta enquanto mergulho na escuridão do interior. Eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio da minha experiência corporal. A cidade e o meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim (PALLASMAA, 2005, p. 37-38).

Pallasmaa (2005) contrapõe a cidade dos olhos à cidade tátil. Uma cidade projetada essencialmente para visão, que nos mantém afastado, nos colocando como meros espectadores da cidade. Em contraponto a uma cidade sensorial, da qual participamos com o corpo em seus espaços, que a percebemos com todos os sentidos. Para extenuarmos as potencialidades do espaço, necessitamos não só atravessar com o corpo a cidade, mas atravessar a cidade no corpo. Mastigar a cidade, extrair seus diferentes sabores. “A origem mais arcaica do espaço da arquitetura é a cavidade oral” (PALLASMAA, 2005, p. 56). Aprender através de seus ruídos. “Cada cidade tem seu eco, o qual depende do padrão e da escala de suas ruas e dos estilos e materiais dominantes de sua arquitetura” (PALLASMAA, 2005, p.48). Sentir o cheiro do tempo silencioso. “Frequentemente, a memória mais persistente de um espaço é seu cheiro” (PALLASMAA, 2005, p.51). Sentir a cidade à flor da pele. “A pele lê a textura, o peso, a densidade e a temperatura da matéria” (PALLASMAA, 2005, p.53). Exaurir corporalmente a cidade, esgotar o corpo humano e o corpo urbano, levá-los até as últimas consequências, acelerá-los aos limites da desterritorialização mantendo suas diferenças. Desenvolver um olhar háptico, “(...) um tocar característico do olhar” (DELEUZE, 2005, p.23). Desenvolver um olhar envolvente, esgotá-lo no envolvimento de uma velocidade abismal. O olho do corpo. O olho da cidade. Um par de luvas para os olhos. Um par de monóculos para cada mão. Uma luneta elástica.

A primeira nota de rodar pés para heterotopias pedestres é o esgotamento de um espaço qualquer.

Nota de rodar pés II: da miniaturização (visitar Liliput diariamente)

Quando fiquei de pé, olhei ao redor e devo confessar que jamais me vi diante de perspectiva tão interessante.

(SWIFT, 2003, p.51)

“*Boîte-en-Valise*”, a caixa-valise de Marcel Duchamp (1887 - 1968), é o objeto que resume a arte portátil. A famosa caixa-valise de Duchamp, que continha suas principais obras miniaturizadas, era o símbolo onde se reconheceram os primeiros Shandys¹²¹. Fundada nos anos 20 e desfundada por Aleister Crowley (1875 – 1947), também na Era do Rádio, a Sociedade Portátil ultrapassa e muito a sua breve existência. Foi um movimento de artistas diversos, escritores, músicos, pintores, escultores, pensadores que compartilhavam da estranha sina e paixão estética da mobilidade constante. Errantes, exilados, vagabundos. Apesar da história abreviada, a sociedade dos Shandys, deixou ecos e engenhocas que ressoam ainda hoje. Tanto a caixa de Duchamp e suas ideias sobre a leveza e mobilidade da arte, como a máquina de pesar livros de Walter Benjamin (Máquina Benjamin), partilhavam da mesma preocupação: definir quais obras julgavam ser insuportáveis e, portanto, intransportáveis (VILA-MATAS, 2015).

Para o método dos Shandys ser aplicável, era preciso possuir uma sensibilidade apurada para as coisas pequenas. Era preciso aguçar a sensibilidade para o menor, diminuir o olhar. Tal como Walter Benjamin, interessar-se por velhos brinquedos,

¹²¹ A origem do termo Shandy é explicada, em uma nota de rodapé, por Enrique Vila-Matas: “Shandy, en el dialecto de algunas zonas del condado de Yorkshire (Donde Laurence Sterne, el autor del Tristram Shandy, vivió gran parte de su vida), significa indistintamente alegre, voluble y chiflado” (VILA-MATAS, 2015, p.11). “Shandy, no dialeto de algumas zonas do condado de Yorkshire (Onde Laurence Sterne, o autor de Tristram Shandy, viveu grande parte de sua vida), significa indistintamente alegre, volúvel, louco” (Tradução nossa).

selos de correio, fotos de cartão postal, pequenos globos de vidro. Uma sensibilidade microscópica. Somente assim, carregadores de coisas miúdas, pequenas paixões, poderiam transportá-las, pois “(...) miniaturizar era fazer portátil, e esta é a forma ideal de possuir coisas para um vagabundo e um exilado” (VILAS-MATAS, 2015, p.13)¹²². Era preciso diminuir para tornar carregável, e só o que era carregável valia a pena.

Miniaturizar também permitia uma outra grande qualidade para os Shandys, a ocultação. Tornar o mais valioso invisível não só correspondia a miniaturização das obras de Duchamp e a validação da leveza da Máquina Benjamin, mas encontrar uma saída minimalista para a própria arte. Como um museu itinerante (ou seria imaginário como André Malraux sugere?), a arte se resume na forma latina *solvitur ambulando*, resolver andando. Fazer do corpo uma lupa para conhecer a cidade, aprender a miniaturizar o mundo, “(...) fazendo isso, é preciso compreender que na miniatura os valores se condensam e enriquecem. Não basta uma dialética platônica do grande e do pequeno para conhecer as virtudes dinâmicas da miniatura” (BACHELARD, 1998, p. 159). Para atingir a grandeza do pequeno, é preciso experimentar outra lógica, visitar a fada das migalhas de Charles Nodier (CAMARANI, 2006), tornar-se amante dos espaços, gerar uma “topofilia” (BACHELARD, 1998, p.158).

Eram precisos dois requisitos indispensáveis para poder ingressar na Sociedade Secreta dos Shandys: possuir obras leves e carregáveis, que coubessem em uma maleta; permanecer solteiro ou funcionar como uma máquina solteira. Além desses, não menos importantes, recomendava-se que um portátil deveria ser inovador, possuir uma sexualidade extrema, ausência de grandes propósitos, nomadismo infatigável, convivência com duplos, simpatia pela negritude e cultivar a arte da insolência (VILAS-MATAS, 2015).

Uma máquina de movimentos. Uma máquina de pequenos movimentos. Os artistas portáteis resumiam leveza e rapidez. Sua arte da insolência estava no método.

¹²² “(...) miniaturizar es hacer portátil, y que está es la forma ideal de poseer cosas para um vagabundo o un exilado” (VILAS-MATAS, 2015, p.13) (Tradução nossa).

O método de visitar Liliput¹²³ todos os dias. Como o Homem Montanha de Swift¹²⁴, olhavam as convenções, as estruturas pesadas, as amarras culturais das instituições com uma diferença de escala. “Trata-se da diminuição” (LARROSA, 2004, p.265). Tornar-se um portátil significava voar baixo, diminuir o olho até a fronteira do visível. Olhar para Liliput é um esforço de sensibilidade e de mobilidade, um aguçamento e uma arruaça. Olhar todos os dias, um exercício de heterotopia pedestre. Andar de corpo inteiro, mesmo que o inteiro seja menor.

“Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.35). Toda uma outra história se agita nela. Olhar para Liliput todos os dias desenvolve o gosto pela instabilidade da superfície, pelo esforço da distinção de pormenores, pelo desenvolvimento da minúcia dos passos, da densidade dos caminhos e suas estreitezas. Olhar Liliput é um exercício, é a portabilidade da diminuição dos espaços e seu adensamento. Viver em Liliput diariamente é fazer um uso menor do próprio corpo na cidade, acelerar o corpo até a última escala do visível, desproporcioná-lo até a última métrica. Gulliver relata que comia por 1728 homens em Liliput (SWIFT, 2003). Comia por uma multidão. Descobrir a multidão que sobe ao peito, a multidão que vive nas pequenas heterotopias, uma multidão voraz. Não a multidão que povoa o corpo do Leviatã, submetida a cabeça transcendente do soberano. Mas a multidão imanente dos corpos acelerados pela luta. Fazer crescer o olhar em coisas pequenas, descobrir os homúnculos que falam ao ouvido de um gigante. Os Shandys descobriram isso quando inventaram suas valises, quando inventaram uma forma de transportar os seus mundos, tornar o seu mundo transportável. Inventaram cidades que se pareciam com ampulhetas para desertarem o tempo em acampamentos nômades.

Um outro exercício importante para os Shandys era o método de encontrar artistas portáteis. Reconhecê-los nas ruas, nos becos, nas cidades estrangeiras. Reconhecer esses entusiastas das miniaturas. Perceber as multidões que os habitam e

¹²³ O reino microscópico da primeira das viagens de Gulliver. *As Viagens de Gulliver*, Jonathan Swift (1726).

¹²⁴ Expressão usada pelos liliputianos para se referir ao tamanho desproporcional de Gulliver em relação a eles (SWIFT, 2003).

convidá-los para somar suas insolências. Aprimorar suas artes de viver. Traficar um “portatilismo” agudo, frenético, perverso, desesperador (VILAS-MATAS, 2015). Alcançar seus passos microscópicos, esgotar seus passos pequenos, fazer a trilha das formigas e dos fantasmas, do menor e do invisível. Colecionar seus passos, agrupá-los num álbum de trajetórias, itinerâncias, levar a melancolia na garupa.

Walter Benjamin jogou com a ideia de fazer um mapa de sua vida. Imaginava gris e portátil, com um sistema de sinais coloridos, marcado por livrarias e cafés, hotéis de uma noite, casas de amigos. O mapa da sua vida era uma bússola para o tempo, uma máquina impossível. Benjamin não foi um cartógrafo, mas um colecionador. É possível taxonomizar paisagens? É possível minituarizá-las? É possível transportá-las? Torná-las portáteis? Para Benjamin, sim. Conseguiu reunir seus lugares em pequenas miniaturas de si. Carregava seu mundo portátil para onde fosse, desde que coubesse dentro dele. Sua grande lição foi fazer-se transportável, portava a si mesmo como um feliz habitante da república do vento. Não foi um homem, foi um álbum de ventografias.

A segunda nota de rodar pés para heterotopias pedestres é uma estratégia de sair da caixa de Pandora contemporânea e entrar na caixa de Duchamp extemporânea. Caminhar como um por-tátil, pedestria.

Nota de rodar pés III: Stalker (da perseguição)

A intenção do filme era fazer com que o espectador sentisse que tudo estava acontecendo aqui e agora, que a Zona está aqui, junto a nós.

(TARKOVSKI, 1990, p. 241-242).

A lenda do Judeu Errante, o sapateiro condenado por Jesus a caminhar sem rumo por toda a eternidade, parece se atualizar nos andarilhos de *Stalker* (1979), de Andrei Tarkovski. A imagem de um homem condenado a vagar pelo mundo, um caminhante infeliz e imortal, sem ao menos o privilégio da morte, sofrendo da dor de caminhar sozinho, é especular aos três personagens do diretor russo. A lenda imemorial do transumante expiatório dialoga com a versão cinematográfica na medida

em que compõe uma atmosfera de mistério e esperança. A períclope da penitência pela errância, ganha uma trindade exploratória, o cientista (ou professor), o escritor (ou artista), o *stalker* (espécie de guia de intensidades) são três formas de errância, três relações com o espaço. As inquietações e frustrações da razão, os dilemas e sofrimentos da arte, as dúvidas da fé, são triangulações da angústia e da busca por caminhos, perdições (“Cains” contemporâneos condenados a pagar o preço de seus crimes em uma acumulação de caminhos sem fim).

Baseado em um romance Soviético do início da década de 1970¹²⁵, *Stalker* possui seu núcleo narrativo ao entorno de um território estranho, que atrai os mais diferentes homens e suas buscas pessoais. Lugar inóspito, isolado por barreiras, protegido por cercas e por exércitos, a “Zona” atrai aqueles que desejam encontrar respostas às suas questões mais íntimas. A “Zona” é o território do desejo. Especializados em conduzir os que insistem em se aventurar neste local proibido, como coiotes na fronteira entre o México e os EUA, os stalkers são os únicos que conhecem os caminhos para chegar na “Zona”. Conduzem os homens e suas travessias. Mesmo sabendo dos mistérios impenetráveis da “Zona”, os stalkers se colocam a serviço de todos aqueles que necessitam entrar no quarto do seu próprio desejo e descobrir o que os faz movimentarem-se nessa geografia improvável. “A zona é um complexo sistema... de armadilhas, se querem... todas são mortais. Não sei o que se passa aqui quando não tem ninguém. Mas quando aparecem pessoas tudo começa a mexer”, comenta o stalker. Um território que se molda ao tipo de itinerância dos perseguidores. Um lugar que se reorganiza a partir dos desejos das pessoas que o visitam. Novas armadilhas surgem, tudo se torna imprevisível. “Os lugares seguros se tornam intransitáveis”. Um stalker percebe essas mudanças em cada incursão que faz na “Zona”. Os caminhos são imprevisíveis nos labirintos do desejo de cada perseguidor que acompanha. Sabe que, embora tendo estado na “Zona” muitas vezes, não se pode voltar pelos mesmos caminhos.

¹²⁵ Roadside Picnic (Piquenique à Beira da Estrada), romance de ficção científica onde a terra é constantemente visitada por civilizações extra-terrestres. Os espaços visitados pelos alienígenas acabam por atrair milhares de peregrinos devido a crença que existam objetos deixados pelos estranhos visitantes.

Em contraste com a cidade descolorida de onde partem para transgredir a fronteira, a “Zona” é um lugar verde e úmido. Cheia de pântanos e ruínas, abandonada a uma natureza indefinida entre a catástrofe e o renascimento da vida. Carros destruídos, postes tombados, pequenos objetos, compartilham o espaço com plantas, algas, chuva, árvores antigas. A “Zona” é um lugar indefinido entre a inocência e a barbárie, entre a natureza e a civilização, entre o paraíso e o pós-apocalipse. O passado-futuro da humanidade em cada porta, túnel, janela, corredor, duto, quarto e floresta que o stalker atravessa com os seus convidados da fé, da razão e da intuição, como um Virgílio a conduzir dois Dantes despojados de Beatriz.

Stalker é uma tremenda caminhada, uma caminhada que conduz a uma imagem síntese. Os pedestres, stalkers, são caminhantes melancólicos. Possuem a cabeça levemente inclinada em direção aos pés. Olham para baixo, miram seus passos. A “Zona” não é mais que as suas escolhas, os caminhos que resolveram trilhar. Trata-se de um filme sobre a “dignidade humana” (TARKOVSKI, 1990, p.238). “O milagre está fora do empírico”, repete uma personagem de Stalker, “lembre-se de como São Pedro quase se afogou”. O condutor, stalker, versado na arte da pedestria, descobre de forma redentora que sua maior travessia é carregar a melancolia sobre os seus ombros. Sua filha de pernas paralíticas. Sua filha que não anda. Ter o pescoço entrelaçado pelos pés da melancolia. Descobrir “a cidade nômade que vive dentro da cidade sedentária” (CARERI, 2015, p.), ou seja, a “Zona”, está aqui e agora, na mesma cidade e no mesmo corpo.

Os perseguidores de Tarkovski incorporam diversas incursões que marcaram a arte no século XX. Da busca dos “espaços banais” dos dadaístas à deriva construtiva-lúdica dos situacionistas, passando pela escrita automática e as “amnésias urbanas” dos surrealistas e as leituras subjetivas da cidade pela internacional letrista, os perseguidores de Tarkovski encontram o território do inconsciente no ato de caminhar. Um inconsciente maquínico da cidade. A “Zona” deve ser percorrida a pé. Ser atravessada com o próprio corpo. Não há mais um espaço coletivo ou individual. Na zona, caminha-se como um cego, com braços estendidos como se a qualquer instante se pudesse abraçar o futuro. Topar com o futuro. Esbarrar no futuro. Não no futuro molar dos futuristas, mas no ponto de indeterminação, que faz de cada agora, uma portinhola de narrativas, um mapa de escolhas no tempo-cidade. Com os “pés

descalços no caos” (CARERI, 2015, p.155), realizam o que Francesco Careri chamou de “Transurbância” (CARERI, 2015, p.155), percorrer a cidade difusa, a cidade que escapa a qualquer planejamento, territórios desgarrados da intencionalidade. Vazios urbanos que insistem em rivalizar com os lugares cheios. Heterotopias geradas no seio da cidade de controle. Territórios nômades deslocados da ordem. Territórios que migram sempre que a ordem tenta capturá-los. Arquipélagos fractais, heterotopias flutuantes.

Os vazios do arquipélago constituem o último lugar em que é possível perder-se dentro da cidade, o último lugar em que se pode sentir-se fora do controle e em espaços dilatados e estranhos, um parque espontâneo que não é nem a reproposição ambientalista de uma falsa natureza rústica nem a exploração consumista do tempo livre. São um espaço público de vocação nômade, que vive e se transforma tão rapidamente que, de fato, supera o ritmo de projeção das administrações (CARERI, 2015, p.159).

Espaços que se transformam a uma velocidade superior a qualquer controle. Como o grupo “stalker” de Roma¹²⁶, andar a “zonzo” (expressão italiana que significa andar sem rumo) nesses espaços de velocidades heterotópicas, acelerar atos cognitivos por dentro dos espaços da diferença. Levar os espaços a ritmos que escapam das planificações molares. *New Babylon* de Constant (BERENSTEIN, 2003), espaços erigidos para a passagem, corredores vazios para a errância nômade e suas acelerações urbanas. Andar a zonzo para topar com o outro. Como no conto, “*outro céu*”¹²⁷ (CORTÁZAR, 2011), cometer o absurdo de andar a esmo na noite da cidade. Procurando o inesperado em alguma galeria onde o céu é mais próximo. Descobrir galerias que começam em Buenos Aires e levam a Paris. Arquiteturas impossíveis, arquiteturas de Escher. Passagens do tempo por dentro de espaços formidáveis, onde o céu é de vidro e as vidas são reais. Passagens onde Flâneur deu os seus primeiros passos tímidos e onde os stalkers de Tarkovski/Cortázar/Poe realizam todas as suas fantasias infantis. Porque perseguir uma ideia na cidade é uma odisséia suburbana.

¹²⁶ Grupo de pesquisadores italianos que realizam experimentos de pesquisa, misturando arte e ciência, através de caminhadas estéticas pelos vazios urbanos da cidade de Roma (Careri, 2015).

¹²⁷ Nesse conto, o protagonista descobre um portal que conecta duas cidades distintas em tempos distintos, uma passagem que liga a Buenos Aires da primeira metade do século XX, a Paris do final do século XIX.

Porque vestir os pés-olhos com o caos é descalçar certezas. Porque os mapas da cidade são narrativas e andar é escrever histórias com os pés. Porque não há dança sem passos. Porque para uma pedestria é preciso ir.

A terceira nota de rodar pés para heterotopias pedestres é o reaprendizado de pisotear o mundo.

Nota de rodar pés IV: dos passeios esquizos (método Mead-Gambardella)

Ingressar no silêncio que era a cidade às oito de uma noite enevoada de novembro, pôr os pés na calçada irregular de concreto, evitando pisar nas fendas onde crescia o mato e ir em frente, mãos no bolso, através dos silêncios, era o que o senhor Leonard Mead mais gostava de fazer.

(BRADBURY, 1979, p.18)

Uma figura solitária caminhando em uma cidade vazia. O ano é 2053, e as pessoas perderam o hábito de sair às ruas, perderam o hábito de andar. As casas emitem poucas luzes, parecendo mais túmulos do que habitações. Leonard Mead é um escritor, possui o estranho hábito de caminhar sozinho. Deseja respirar e ver. De mãos no bolso, como um noctâmbulo de Hopper ou uma cidade de Goeldi, o personagem do conto “O Pedestre”, de Ray Bradbury, vive num futuro distópico. Em anos de deambulações diurnas e notívagas, jamais cruzou com outro caminhante. Vive em uma sociedade anti-peripatética. Uma sociedade coagida a não caminhar. Mead tornou-se “uma máquina minunciosa” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.8). Anda com cuidado, evitando ser denunciado por ruídos. Tornou-se um notívago por precaução, considera mais seguro sair à noite. Aprendeu a apreciar as ruas desertas e enluradas, ruas empelcadas pela delicadeza da solidão. Observa as luzes azuladas emitidas pelas janelas, os pequenos vultos que se insinuam na escuridão dos interiores. Imagina o que assistem, o que olham atrás dos vidros e das frustrações cotidianas. O noticiário dos medos, os programas de bastidores. Mead conversa com as casas, pergunta o que estão vendo. Para diante de encruzilhadas, revolve esquinas sem esbarrar com uma única alma. Repentinamente, em uma noite qualquer, sua caminhada é cisalhada pela abordagem de uma viatura policial:

(...) o que está fazendo na rua?

- Andando – disse Leonard Mead.

- Andando!

- Só andando – disse simplesmente, mas seu rosto ficou gelado.

- Andando, só andando, apenas andando?

- Sim, senhor.

- Andando para onde? Por quê?

- Para tomar ar. Para ver.

- Seu endereço!

- Saint James Street, número onze, sul.

- E o senhor tem ar em sua casa, não é? O senhor tem um *condicionador* de ar, não tem, senhor Mead?

- Tenho.

- E o senhor tem uma *tela* em sua casa para assistir?

- Não.

- Não? – houve um silêncio cheio de estalidos, que por si só valia como uma acusação.

- O senhor é casado, senhor Mead?

- Não.

- Não é casado – disse a voz policial por trás do fecho de luz. A lua estava alta e clara entre as estrelas, e as casas estavam cinzentas e silenciosas.

- Ninguém me quis – disse Leonard Mead com um sorriso.

- Não fale sem ser solicitado!

Leonard Mead esperou na noite fria.

- Só andando, senhor Mead?

- É.

- Mas o senhor não explicou com que finalidade.

- Já expliquei: tomar ar, ver, e apenas andar.

- O senhor faz isso muitas vezes?

- Todas as noites, há anos.

(BRADBURY, 1979, p.21).

Naquela noite, Leonard Mead foi preso. Andava sem finalidade, não tinha esposa, “tela” e nem trabalho. Simplesmente andava por aí há anos. Há anos querendo respirar, ver, andar. Foi conduzido para o “Centro Psiquiátrico de Pesquisa de Tendências Regressivas” (BRADBURY, 1979, p.22). Leonard Mead circulava pela

exterioridade dos congestionamentos simbólicos do seu tempo. Esgotava seu dia com passos que entravam noite a dentro. Sensível o suficiente para ser portátil e perigoso. Um stalker a percorrer as ruas como zonas desconhecidas, a cidade como um território do inconsciente. Um andarilho esquivo, perseguidor de belezas no deserto urbano. “O passeio do esquizofrênico: é um modelo muito melhor que o neurótico deitado no divã. Um pouco de ar livre, uma relação com o exterior” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 7). Mead perseguia a exterioridade, por isso desconcertava o poder. Um homem disperso. Um sujeito gris, um anjo exterminador de teleologias. A hagiografia de Mead é a guerra cosmogônica da criação dos usos da cidade. O modo de usar a cidade de forma lúdica e estética, o deleite de estar dentro e fora de si mesmo ao andar a zonzo em suas zonas esparsas. Um cosmopolita da solidão dos passos.

Como Bradbury, Paolo Sorrentino, também inventou um ex-escritor andarilho. No filme *A Grande Beleza* (2013), o personagem Jep Gambardella é um perseguidor, um pedestre. Persegue o sublime nas ruas, nos edifícios à noite, nos jardins urbanos, nas ruínas de tempos remotos e pessoas recentes, em festas sem sentido. Rodeado pela náusea sartreana do blasé existencial da burguesia romana, Gambardella é um crítico mordaz e ácido. Desfila sua perspicácia pelo castelo de cartas da sociedade, auscultando frequências inaudíveis, máscaras etiquetadas, esvaziamentos contíguos. Escapa para a exterioridade em passeios inúteis, caminhando a esmo por cenários clichês. Gambardella inventa passeios esquizes sobre a cidade, caminha no tempo de sua vida, investigando epifanias fugazes no torvelinho de vozes, músicas, roupas, viagens, pessoas, bebidas. Caminha no deserto de uma amпуheta a colecionar beduínos e oceanos perdidos. Desliza antiprodutivamente pela vida, escreveu um livro só, vive do passado na cidade do futuro do pretérito. Seus passeios esquizes cruzam com estojos de chaves que abrem obras de arte, com mulheres exuberantes e desinteressantes, com fotografias cotidianas, com a busca pela salvação, por crianças brincando em labirintos. O que vê desconcerta sua sinfonia de lacunas, encontra o belo no desencaixe dos aparelhos humanos. Como Mead, Gambardella também é uma máquina minuciosa.

Não é nem uma experiência alucinatória, nem um pensamento delirante, mas um sentimento, uma série de emoções e de sentimentos como consumo de quantidades intensivas que constituem o material das alucinações e dos delírios subsequentes. A emoção intensiva, o afeto, é tanto a raiz comum como o princípio de diferenciação dos delírios e das alucinações. Dir-se-ia assim que nessas transformações, passagens e migrações intensas, nessa grande deriva que percorre o tempo nos dois sentidos, tudo se mistura - países, raças, famílias, nomes familiares, nomes divinos, nomes domésticos, nomes históricos, geográficos e até pequenos acontecimentos (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p.88).

Gambardella é o próprio “genius loci, uma modesta divindade” (SAVATER, 2013, p.11). Seus passeios transcorrem o torreão circunscrito da adoração do lugar, o espírito do lugar. Inconsciente produtivo imediato, o passeio esquizo conversa com o potencial de subjetivação de cada máquina-bairro, máquina-rua, máquina-lugar. A emoção intensiva dos passeios de Gambardella acumula relações epifânicas no mais ordinário. “Qual de vós já passou a noite em claro ouvindo o segredo da rua? Qual de vós já sentiu o mistério, o sono, o vício, as ideias de cada bairro?” (RIO, 2007, p.23). O maior mérito dos passeios esquizos é compreender a trapaça. Dar-se conta da potência do truque. Ir ao encontro da causalidade da mágica. Dialogar com as esquinas do possível como um sacerdote joga suas runas, despachar suas oferendas a rosa dos ventos, desprender seus cabelos da decoração do cenário da tormenta. Inventar máquinas de comoção. Inventar máquinas de locomoção. Inventar máquinas passionais. Inventar máquinas de passeio. Inventar os passos, passeio esquizos. Inventar a si mesmo como uma máquina cinética.

A quarta nota de rodar pés para heterotopias pedestres, é aprender a passear como um esquizo, perseguir epifanias fugazes.

Apé: caminhar é um enigma

Eu sei de um labirinto grego que é uma linha única, reta.

(BORGES, 2003, p.157)

“Édipo torna-se o tirano de Tebas ao resolver o enigma da esfinge: qual é a criatura que caminha com quatro pés pela manhã, dois ao meio dia e três à noite? Ele

derrota a Esfinge ao dar a resposta correta: o ser humano” (STALLYBRAS, 2016, p. 81). É o homem que engatinha quando bebê, que aprende a andar com dois pés quando adulto e apoia-se, quando velho, numa espécie de terceiro pé, a bengala. A despeito da famosa resposta de Édipo, o enigma da Esfinge chama a atenção para uma obviedade quase esquecida: “(...) o simples mas profundo mistério do caminhar. A esfinge nos obriga a ver a *singularidade* do caminhar” (STALLYBRAS, 2016, p.81).

Caminhar é um aprendizado lento e gradual. Um aprendizado moroso e cheio de percalços. A conquista do equilíbrio se dá sobre a base de um aprendizado que não é eterno e que perdemos ao longo dos anos. Tal como os significados etmológicos da pedagogia, é pela mão de alguém que desenvolvemos nossos primeiros passos. Que somos conduzidos, apoiados em nossas primeiras tentativas de ficar em pé, de movermos sem nos arrastarmos pelo chão. “Se a resposta ao enigma da Esfinge aponta para a estranheza de um animal que aprende e desaprende como caminhar sobre dois pés, há ainda mais estranheza no monstro que põe o enigma e no homem que o decifra” (STALLYBRAS, 2016, p.82). Com pés e cauda de leão, rosto de mulher e asas de pássaro, a Esfinge está mais e menos presa ao chão do que os humanos, “mais, porque anda sobre quatro pés; menos, porque as asas indicam que pode voar” (STALLYBRAS, 2016, p.82). Para a Esfinge, caminhar não é natural. O enigma é proposto por um monstro que não caminha direito. Que não pode caminhar direito.

É igualmente estranho que o enigma seja respondido por um homem que nunca devia ter andado direito. De fato, Édipo vem de uma família cujos os nomes sugerem que eram todos mancos ou que sofriam de algum tipo de desequilíbrio. “Lábdaco”, o nome do avô, significa “postura desequilibrada, falta de simetria, entre os dois lados do corpo, defeito em um dos pés”. “Laio”, o nome do pai, sugere alguém assimétrico e desajeitado, um “canhoto”. E “Édipo” seu próprio nome, significa “pés inchados”, estado em que ficara por ter sido deliberadamente mutilado ao nascer. Laio, o pai, tinha sido informado por um oráculo de que seria assassinado pelo filho. Por isso ordenou que Édipo fosse imobilizado e imediatamente após ao nascimento: seus pés foram perfurados e pregados ao solo. O enigma de uma criatura que anda sobre dois pés é, pois, resolvido por um homem que tem dificuldades em andar sobre dois pés” (STALLYBRAS, 2016, p.82-83).

Tanto quem propôs o enigma quanto quem o resolveu, ambos possuíam uma relação de estranheza com o caminhar. Para ambos, caminhar era um problema. A Esfinge, devido à sua condição corporal zoomórfica. Édipo, devido ao estigma de seu

destino. Se foi a Esfinge a criadora da xarada humana-pedestre, foi Édipo que melhor incorporou a inevitabilidade dos passos. “Ele é, por excelência, o homem que se fez a si próprio, que realizou o seu destino sem apoio – sem a mão auxiliar da família e sem qualquer favor” (STALLYBRAS, 2016, p.84). Caminhou sozinho em busca da sua própria tragédia. Chegou a Tebas como um errante e cumpriu cada passo do seu inevitável estigma. “Tendo superado o trauma do seu nascimento, Édipo é *dipous*, bípede” (STALLYBRAS, 2016, p.85). Uma vez ciente de tudo que havia realizado e sob o desespero do parricídio e do incesto, retira sua própria visão e sua consequente capacidade de andar sem apoio, “é banido da cidade e erra como um vagabundo, cego e em trapos, dependendo da mão de Antígona, sua irmã mais nova. (...) Antígona será sua terceira perna” (STALLYBRAS, 2016, p.85).

Édipo é a versão arquetípica da perda da arte de andar. É o homem desequilibrado pela culpa e pelo tempo enclausurado. Fadado desde o começo a repetir o futuro. Os pés inchados de Édipo, desde o princípio, continham todos os tendões de Aquiles. O anti-velocizado, ao contrário de Édipo, não caminha em direção à inevitável flecha envenenada do destino. Pratica heterotopias pedestres, como a arte da pedestria e seus exercícios de rodarilhagem pela cidade, caminha esgotando um espaço qualquer, caminha com a leveza de um homem por-tátil, caminha como quem reaprende a pisotear o mundo, caminha como quem persegue epifanias fugazes.

Esgotar o medo do espaço, tornar-se transportável, pisotear o passado e fabricar o sublime nas esquinas do vento, são esculturas móveis, máquinas-cinéticas-pedagógicas de produções heterotópicas. Atravessar a cidade na companhia de selvagens, bárbaros e alter-civilizados, constitui-se em uma prática de criação incessante de percepções, afetos, locomoções. Acelerar o tempo do urbano até o ponto que as figuras fundas possam desprender seus itinerários das molduras de um capitalismo vampiresco e recheado de pedagogias do medo, circulações sitiadas, reclames vendidos e cadáveres noticiados. Perseguir mais o individuante e os seus dinamismos que o individuado e os seus conformismos. Aprender a desrespeitar os oráculos derrotistas,

(...) realizando movimentos de ataque e proteção, vontade e decisão, viagens e mutação; borboleteando intelectualmente e titubeando entre blocos de saber-poder e subjetividades; suspendendo o que encontra, para desenhar traços imprevistos e excêntricos de possibilidades; desmoronando e traindo o sistemático; proliferando o processual e andarilhando num tabuleiro de experimentações fictícias, que sobrepujam qualquer retidão (CORAZZA, 2013, p. 42-43).

Aprender a andarilhar como tipos psicossociais criativos à crise. Andarilhar como um kaingang andarilha em sua cidade. Andarilhar como um senegalês andarilha em sua cidade. Andarilhar como um beira-trilho andarilha em sua cidade. Andarilhar por dentro de heterotopias da velocidade desregrada das axiomáticas do capital. Acelerar novas andaduras do tempo.

Dir-se-ia que o pensamento só pode apreender o tempo através de várias andaduras, que compõem precisamente uma conduta, como se passasse de uma andadura a outra, seguindo ocorrências determináveis. E mais ainda, passar-se-á de uma conduta a outra, em meios [milieux] e em épocas diferentes, que colocam em entrelace o tempo da história e o pensamento do tempo. Em suma, condutas múltiplas do tempo, cada uma reunindo várias andaduras. Em cada conduta, certas andaduras tornan-se estranhas, aberrantes, quase patológicas. Mas é possível que na conduta seguinte sejam normalizadas ou encontrem um novo ritmo que não tinham anteriormente (DELEUZE, 2016, p. 395).

Por vezes tropeçando, titubeando, trombando, mas ainda sim buscando novas andaduras, “que mobilizem as faculdades da alma, inspirando-as com outros ritmos: não apenas a memória, mas a percepção, a imaginação, o entendimento. Que nova aberração sairá disto?” (DELEUZE, 2016, p. 396). Descobrir novas andaduras significa criar e reconhecer heterotopias pedestres. Descobrir novas andaduras significa andar guiado pelo mapa de um contrabandista, recheado de rotas alternativas ao poder, linhas de composição das fugas, escapular das fronteiras. Descobrir novas andaduras significa reconhecer a importância dos pés dos retirantes de Portinari ou dos concentracionários de Primo Levi, para ambos uma questão de vida ou morte. Descobrir novas andaduras significa descobrir “onde às vezes termina a rua” (RIO, 2013, p.165). Descobrir novas andaduras significa descobrir o sentido da expressão *apé* em Tupi: caminho.



Figura 12 – Cidade Gris, Marcio Taschetc

CIDADE DE MERZS¹²⁸

Queremos não só definir um acontecimento mas também capturar a centelha que vai incendiar a pradaria.

(NEGRI; HARDT, 2016, p.14)

(ler escutando *Senhor Cidadão*, de Tom Zé)

Mesmo distante da cidade de Marzio, ainda permanecia próximo à Rua dos Relojoeiros. O fascínio exercido pela diminuta máquina do fotógrafo permanecia comigo. Caminhei por um longo tempo pelo centro da cidade, observando as vitrines como fantasmagorias de uma cópia. Ainda não conseguia entender o que me havia feito sentir essa estranha sensação de irrealidade que a cidade do construtor me causou. Algo parecia deslocado em sua máquina sinóptica. Algo parecia faltar ou transbordar sua ausência no limiar de seus detalhes. Marzio deixava escapar alguma coisa que eu ainda não havia compreendido. Ao mesmo tempo em que me sentia totalmente imerso em sua realidade profunda, a cidade me arrebatava com a potência de sua ausência. Um sentimento de falta em meio a uma abundância desmesurada e invisível. Continuei caminhando pela cidade, estranhamente perdido em meio a um lugar tão familiar. Passo Fundo não era mais a mesma. Algo novo havia se passado em seu interior. Caminhei pela Rua General Neto em direção á gare desativada. Estava em busca de uma das tantas ruínas da cidade. Testemunhas materiais de delírios do passado. Diante do largo da gare comecei a imaginar as almas que trafegaram, trabalharam, se despediram naquele lugar. Lugar de passagem. Lugar do progresso. Hoje uma pálida imagem em meio a uma paisagem de chuva. Será que no limiar de suas vidas suspeitaram da existência de cidades mínimas? Sentei por um longo tempo em dos cantos da velha estação observando o ir e vir de carros como vaga-lumes de lata, dialogando com os sons e brilhos da cidade maior. Será que

¹²⁸ Expressão criada por Kurt Schwitters (1887 -1948), artista plástico alemão. A palavra deriva de Kommerz (comércio em alemão) e era utilizada pelo artista para designar todas as suas obras, poemas, pinturas, colagens indistintamente. Seus trabalhos são compostos de elementos residuais, restos e espólios de diferentes materiais.

poderiam almejar suas paixões nos territórios minimalistas de uma obsessão? A cidade de Marzio possuía um segredo que nem o próprio construtor havia suspeitado. Em seu delírio pessoal por controle, planejamento, previsibilidade, sistematicidade, a cidade escapava ao seu domínio. A cidade sempre vencida o seu desejo de totalidade. Por isso, sua absoluta loucura. Sua obsessão constante. Marzio sabia que a cidade jamais seria sua e por isso não parava de reconstruí-la. Como um artifício de Hume a cidade misturava ficção e natureza humana, criando um complexo inventivo e indômito. “Como se pode inventar a extensão artificial que ultrapasse a parcialidade da natureza humana?” Dentro da cidade de Marzio, algo larvar se movimentava. Algo que fugia do programa pensado para sua cidade e que ao mesmo tempo era o máximo de realidade possível. Comecei a lembrar de estranhos pontos gris na superfície da cidade minimalista. Pontos dispersos em todas as latitudes e longitudes. Escalas do imprevisível que pareciam não se conectar com o restante da construção. Não apresentavam formas definidas, somente um longínquo cinza como um copo de neblina iluminado por uma luz sépia. Comecei a entender o que vi. A cidade de Marzio abrigava uma outra. Mas não era uma espécie de duplo, uma imagem especular de uma cidade dentro da outra, como bonecas russas. As cidades que emergiam dos pontos gris eram o avesso das intenções de Marzio. Espaços residuais, espólios, arquiteturas disformes. Um por cima das outras, inapropriadas, feitas de restos e sobras. Cavidades que surgiam em todos os lados e pontas. Tramas e colagens de objetos sem a mínima relação. Usando o que havia de disponível. Lembrei de uma pergunta de Hume mais uma vez: “Um dardo lançado contra a porta bastará para assegurar a propriedade de uma cidade abandonada, ou será preciso tocá-la com a mão, para estabelecer uma relação suficiente?” Era isso, dentro da cidade de Marzio havia a cidade de Merzs. Núcleos autopoéticos que escapavam ao controle do construtor, diferenciando-se e estabelecendo o seu próprio valor. Formas efêmeras e heterogenéticas, que afastavam-se do seu desejo de eternidade, máquinas de retroação e de reconversão ontológicas da cidade. Uma inconfundível propensão de juntar coisas, fazer relações inusitadas. Páginas e páginas de histórias secretas em plena luz do dia. Cacos de espaço e tempo colados em sombras espalhadas pelas ruas. As coisas estavam ficando mais nítidas mesmo que distantes. Desci em direção ao bairro do Bosque, sabia que ali encontraria algo semelhante ao que tinha vivido na construção de Marzio. Uma vaga lembrança me conduzia a um ponto específico desse

bairro. A chuva caía fina e silenciosa encharcando as pedras das ruas com uma luminosidade amarela. Lembrei de Jaques-Droz e seus três autômatos. Nessa altura já havia compreendido que estava em um jogo e que tudo não passava disso, embora o jogo sendo o motor da vida. Fiquei imaginando os três autômatos se movendo pela cidade, cada um em seu programa. Cada um em seu sonho de eficiência. O desenhista pintando a cidade aos pedaços, juntando suas formas em contornos abstratos. Em seu sonho de máquina, do desejo do pontilhado dos trilhos, as curvas das vielas e as linhas desatinadas das inúmeras periferias. O escrivão reescrevendo as histórias nunca contadas, os diários perdidos e as palavras não ditas. Condenado a escrever em uma língua estrangeira. A musicista solitária, eternamente jovem e previsível. Repetindo sempre os mesmos movimentos em sua respiração falsa. Imaginei os três a minha frente tentando se localizar com um mapa da cidade de Marzio em meio a Passo Fundo real. As três máquinas formavam um cortejo mecânico. Sujeitos performáticos, porém tristes. O que fariam quando descobrissem que o mapa os conduz a uma das mais recorrentes mentiras, que a cartografia é somente um simulacro, um duplo do vazio? Comecei a compreender que aqueles pontos que fugiam dos ímpetus do construtor eram como heterotopias, estratégias da diferença. Pequenos espaços vibrantes que funcionavam como resquícios de um mundo esquecido. Só funcionando em seu conjunto disperso e embaralhado na cidade maior. Essa cidade absurda e movediça, plena de arestas e bifurcações escondidas, abrigava o mais sinistro e sublime. Quando cheguei nos limiares do Bosque encontrei o que havia previsto. Um istmo se abria em meu interior, como um selo de singularidade que avizinhava o inusitado. Estava confuso, a chuva corria mais pesada nas encostas das casas. Com o corpo úmido, já não disintinguia o que era chuva, suor, lágrimas, sangue, tudo se liquefazia, tudo transpirava. A cidade transpirava em mim, a cidade circulava em mim, corria entre as minhas artérias, pulsava como uma tonelada de corações apressados dentro do meu peito. Uma romaria dispersa foi se formando diante dos meus olhos, já havia visto aquela cena na portinhola de Marzio, mas agora era diferente, era menos real. Estava no jogo, nas entranhas da máquina cinética de Marzio. Penetrei na multidão como um perseguidor, não sabia o que buscava, estava no meio de regras ocultas, buscava um destino, uma saída, queria entender como a máquina funciona, suas engrenagens, seu modo de operar, de fazer cortes, seus segredos. A multidão acelerava os seus passos, cantava cada vez mais alto suas

preces, mas cantava desordenadamente, uma confusão de vozes, tons, entonações. Não deixava de ser um canto, mas um canto improvável, com gritos e murmúrios. “COM QUANTOS QUILOS DE MEDO, COM QUANTOS QUILOS DE MEDO, SE FAZ UMA TRADIÇÃO?” Um menino me ofereceu um espelho, insistiu com um olhar doce, com um sorriso irônico. Não passava de um caco de vidro, mas ainda assim era um espelho. Titubei, hesitei, segurei minha mão duas ou três vezes antes de aceitar aquele pedaço de reflexo na mão dele. Percebi que todos na multidão possuíam espelhos quebrados em suas mãos. O desfile entrou no Bosque, a chuva cada vez mais tórrida acompanhava o cortejo como se fosse uma devota a mais. Tudo parecia fazer parte daquele momento. “QUE VIDA AMARGA”, “COM QUANTAS MORTES NO PEITO SE FAZ A SERIEDADE?”, cantava a multidão apaixonada, terrivelmente apaixonada. “OH! SENHOR CIDADÃO, EU QUERO SABER?” Uma turba feroz de gente de todo o tipo ganhava as ruas e a noite com a profusão de uma vida inconstante. Um coro infernal de vozes que se golpeavam ao entorno de uma marcha, com os pés molhados de barro, descalços, como selvagens, bárbaros a incendiar cada cidade que traziam em seus espelhos e sob seus pés. Como um coro de almas em procissão desceram a alameda escorregadia, mulheres, crianças, velhos, homens preocupados, ocupados, decupados, desceram cantando, dançando, pulando. Em meio a eles, distingi três esboços, três rascunhos humanos, três contornos de homens. Os reconheci de imediato. Era a eles que buscava sem saber. Eram eles que estavam a todo o momento ao meu lado na cidade de Marzio e na cidade que cada um guarda no lado de fora de si. Eram eles que me liquefaziam em meio ao séquito como uma calda de fogo. Como uma rastro de imprecisão olhei mais de perto o que me queimava as certezas, o que assassinava a primeira cidade que demorava a anoitecer em mim. Aproximei meus olhos deles como de quem crê ser possível exercer uma taxonomia do fogo. O primeiro sujeito era gris. E jorrava suas cinzas molhadas sobre os espelhos dos transeuntes. Corolário de uma cremação, suas cinzas ainda eram quentes como os sonhos que acalentamos na vigília. Caminhava sobre um esqueleto mondriânico da cidade, era sem dúvida o melhor de todos os jogadores, aprendeu a renascer em cada gota de tempo que queimava nas ruas. Sabia que a memória do fogo não se resume em suas cinzas. O segundo sujeito era um velho decrepito, pisava no mesmo tabuleiro urbano, com pernas e pés curtidos pelas paralelas de uma vida exangue, sentia-se em casa no meio da multidão, alimentava-se dela como um carrapato. Mas

não era estranho a ela, tinha uma intimidade avassaladora, encenava sua coreografia com passos de um exímio dançarino. O velho dançava com sua própria sombra, tentando abocanhar com os seus dentes apodrecidos as cinzas ao vento. Sempre que conseguia dava grunhidos de satisfação, enchendo a própria boca com os restos das gerações. Era um homem triste, não por ter envelhecido precocemente, mas por jamais ter sido jovem o suficiente. O terceiro homem era imprevisível como os outros, talvez até mais. Parecia não ter rosto, pelo menos não um só. Caminhava olhando fixo para o movimento, embriagado pelos olhos da multidão. Olhava tudo, como se roubasse intimidade da ausência e soubesse que roubar perspectivas era uma forma de traficar pequenos mundos. Era um homem comum, diferente dos demais parecia mais leve, não carregava em suas costas o peso de um funeral do passado e tampouco o futuro como promessa. Corria o tempo todo na frente do velho decrépito, atrapalhando sua sanha em comer o pó gris dos relógios, dos restos de casas pequenas, da fumaça das máquinas. Era um homem alegre, insuportavelmente alegre. Muito mais alegre do que feliz. Suportava o tempo sem perder a desconfiança de suas mentiras. Só depois de muita observação que pude perceber que os três jogavam um jogo próprio, ao mesmo tempo inseridos e estranhos aos demais. Eram oponentes de um jogo cujo o tabuleiro era a cidade. O sujeito gris, o velho decrépito, o homem comum eram oponentes de um jogo invisível, jogado dentro da multidão e com ela. Um jogo sedutor, jogado na cidade, sensualizado pela superfície da pele urbana. Jogo, sedução, movimento. “OH, VIDA AMARGA!, SENHOR, CIDADÃO, ME DIGA POR QUE VOCÊ ANDA TÃO TRISTE?”, ressoava na garganta da turba. Enquanto observava o enredo de disputas dos três homens não havia percebido que passáramos os limites do Bosque e estávamos entrando em uma grande praça. Não lembrava daquela praça, parecia fugir da máquina sinóptica de Marzio, parecia de outra natureza urbana, uma cidade escondida na cidade, um mistério dentro do mistério. Era ampla como deve ser uma praça que receba multidões, não conseguia enxergar o seu fim mesmo mirando-a de longe e do alto da escadaria que me conduzia até ela. Tinha centenas, milhares de quilômetros. “uma praça desse tamanho é uma praça ou um deserto?” No seu interior, uma coluna de estátuas pedestres, entremeadas por obeliscos alinhados em cento e trinta e sete colunas, conduziam a uma espécie de templo dedicado à passagem. Arquitetura ao nomadismo, dispondo diversos menires, tracejando caminhos errantes como estradas do paleolítico. A procissão caminhava

épica entre os mégalitos impávidos. Percebi que todos sem excessão levantavam suas mãos ao alto em sinal de veneração e depositavam seus espelhos na base de um menir enorme no centro do templo. O menir era composto por dois braços levantados, talhados em pedra. A multidão gritava “KA” repetidas vezes, enquanto deixava suas imagens caminhando. Um culto laico de peregrinos adoradores da eterna errância. Na base do menir um círculo de fogo com a palavra karnac parecia queimar internamente em cada olhar. Nesse momento o homem de gris se aproximou e falou pausadamente: “De todas as digressões possíveis, a taxonomia, a classificação, o ordenamento e a distinção do fogo parece ser a mais intrigante. Primeiro, pelo fascínio e o mistério imemorial que guarda. Segundo, pela errância das formas e pelo calor da inconstância que acalenta. Próximo do primeiro homem e do último, próximo da distância e do aconchego, próximo da tragédia e do amor. Se o fogo é fátuo ou preso em uma tocha, se ilumina ou queima, se incendeia ou contrai a escuridão, não importa. O fogo é um modo de usar o tempo sem queimá-lo, de acender ao vento sem soprá-lo para longe de si. Como ser lindo e exuberante, fugaz e explosivo, passageiro e terno, como fogos de artifícios? Por isso de todas as taxonomias é a mais plena de sentido, seus arquivos já foram para sempre queimados e nisto consiste o seu maior brilho”. Entendi que a arquitetura e a cidade eram uma invenção dos viajantes e que a energia daquele ritual não estava no templo, mas no movimento dos andarilhos, nisto consistia o sol que resplandecia em seu centro. A máquina de Marzio era uma galeria de passos fundos. Seu segredo estava na cinética dos pés. Pés que queimam na velocidade da luz.



Figura 13 - Merzbau, Kurt Schwitters

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer – O Poder Soberano e a Vida Nua I**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

_____. **Infância e História**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

_____. **O Que é o Contemporâneo? e Outros Ensaio**s. Chapecó: Ed. Argos, 2013.

_____. **A Comunidade que Vem**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013.

_____. **El Misterio del Mal**. Buenos Aires: Ed. Adriana Hidalgo, 2013.

AUGÉ, Marc. **Por uma Antropologia da Mobilidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

AUSTER, Paul. **Sunset Park**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.

BALLARD, J.G. **Crash**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2007.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Lisboa: Ed. Relógio d'água, 2006.

_____. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2009.

_____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

BECKETT, Samuel. **O despoavodor**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

_____. **As Passagens**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

BORGES, Jorge Luiz. **O Aleph**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2010.

_____. **O Livro de Areia**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2011.

_____. **O Livro dos Seres Imaginários**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2011.

_____. **Ficções**. São Paulo: Ed. Globo, 2003.

BERARDI, Franco. **A Fábrica da Infelicidade**. Rio de Janeiro: Ed. D&PA, 2005.

_____. **Félix**. Buenos Aires: Ed. Cactus, 2013.

BERENSTEIN, Paola. **Apologia da Deriva**. Rio de Janeiro: Ed. Casa da Palavra, 2003.

_____. **Corpos e Cenários Urbanos**. Salvador: Ed. Edufba, 2006.

BRADBURY, Ray. **Os Frutos Dourados do Sol**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1979.

CALDEIRA, Tereza. **Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed.34/Edusp, 2000.

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1990.

_____. **Coleção de Areia**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2010.

CAMPANELLA, Tommaso. **A Cidade do Sol**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

CARERI, Francesco. **WALKSCAPES**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2013.

CASTRO, Edgar. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.

CAVA, Bruno. **A Multidão foi ao Deserto**. São Paulo; Ed. Annablume, 2013.

_____. **Commonwealth: Amor e Pós-capitalismo (resenha)**. Petrópolis: Revista Lugar Comum, Mai-dez, 2010.

CAVALLETTI, Andrea. **Mitología de la Realidad (La Ciudad Biopolítica)**. Buenos Aires: Ed. Adriana Hidalgo, 2010.

CERTAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. São Paulo: Ed. Cosacnaify, 2008.

_____. **Arqueologia da Violência**. São Paulo: Ed. Cosacnaify, 2011.

COCCO, Giuseppe. **Trabalho e Cidadania**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

_____. **Mundobraz**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2009.

_____. **Korpobraz**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2014.

_____. **Deve haver uma maneira de reconhecer a derrota sem sermos derrotados**. São Paulo: Revista Cult, abr. 2014. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/04/deve-haver-uma-maneira-de-reconhecer-a-derrota-sem-sermos-derrotados/>> Acesso em 21 mai 2015.

_____. **Uma filosofia prática**. São Paulo: Revista Cult, abr. 2014 Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/uma-filosofia-pratica/>> Acesso em: 13.06.2015

COCCO, Giuseppe e ALBAGLI. **Revolução 2.0 e a Crise do Capitalismo Global**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2012.

COCCO, Giuseppe, SILVA, Gerardo e GALVÃO, Alexandre. **Capitalismo Cognitivo**. Rio de Janeiro: Ed. DPA, 2003.

CORAZZA, Sandra. **O que se Transcria em Educação?** Porto Alegre: Ed. Supernova, 2013.

_____. **O Drama do Currículo: Pesquisa e Vitalismo de Criação**. Caxias do Sul, ANPED SUL, 2012. <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/128/786>>. Acesso em 05 jun 2015.

CORTÁZAR, Júlio. **Todos os Fogos, o Fogo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

_____. **O Jogo da Amarelinha**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2014.

_____. **Bestiário**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2013.

_____. **A autoestrada do sul & outras histórias**. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2013.

DALMOLIN, Bernadete. **Esperança Equilibrista**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.

DEICHER, Susanne. **Mondrian**. Lisboa: Ed. Taschen, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Ilha Deserta**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2006.

_____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 2004.

_____. **A Imagem-Tempo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005.

_____. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 2004.

_____. **Empirismo e Subjetividade**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. **Sobre o Teatro**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2010.

_____. **Nietzsche**. Lisboa: Ed. Biblioteca Básica de Filosofia, 1994.

_____. **Foucault**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005.

_____. **Dois Regimes Loucos**. São Paulo: Ed. 34, 2016.

_____. **La Subjetivación**. Buenos Aires: Ed. Cactus, 2015.

DELEUZE, Gilles e Félix GUATTARI. **O Anti-Édipo**. Lisboa: Ed. Assírio e Alvim, 2004.

_____. **Mil Platôs Vol. I.** São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. **Mil Platôs Vol. III.** São Paulo: Ed. 34, 2004.

_____. **Mil Platôs Vol. V.** São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____. **O Que é a Filosofia?.** São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. **Kafka Por uma literatura menor.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O Que Vemos, O Que Nos Olha.** São Paulo: Ed. 34, 2010.

DOBLIN, Alfred. **Berlin Alexanderplatz.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Duplo.** São Paulo: Ed. 34, 2011.

DREYFUS, H. & RABINOW, P. **Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica).** Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1995.

FUMAGALLI, Andreas e MEZZADRA, Sandra. **A Crise da Economia Global.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2011.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta.** São Paulo: Ed. Annablume, 2011.

FONSECA, Rubem. **Romance Negro.** São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, As Heterotopias.** São Paulo: Ed. N-1, 2014.

_____. **Ditos e Escritos III.** São Paulo: Ed. Forense, 2013.

_____. **Em Defesa da Sociedade.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

_____. **Segurança, Território e População.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

_____. **O Poder Psiquiátrico**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

_____. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. São Paulo: Ed. Graal, 2010.

_____. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.

FUÃO, Fernando Delfino de Freitas. **Cidades Fantasmas**. *Arquitextos*, São Paulo, 03.025, Vitruvius, jun 2002 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.025/777>>. Acesso em 26 set 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

_____. **As três Ecologias**. Campinas: Ed. Papirus, 2001.

_____. **Líneas de Fuga**. Buenos Aires: Ed. Cactus, 2013.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010.

HARDT, Michael. **Gilles Deleuze um Aprendizado em Filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2014.

HUME, David. **Investigações sobre o Entendimento Humano e sobre os Princípios da Moral**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.

KAFKA, FRANZ. **Contemplação e O Foguista**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

_____. **Narrativas do Espólio**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2002.

_____. **Contos, fábulas e aforismos**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1993.

KAVÁFIS, Konstantinos. **Poemas**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1982.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1999.

KOWARICK, Lúcio. **Escritos Urbanos**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. **A Espoliação Urbana**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1980.

KLEE, Paul. **Sobre a Arte Moderna e Outros Ensaios**. São Paulo: Ed. Zahar, 2001.

LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2013.

LAPOUJADE, David. **Potências do Tempo**. São Paulo: Ed. N-1, 2013.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2004.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.

LAZZARATO, Maurizio. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. Maurizio. **Signos, Máquinas, Subjetividades**. São Paulo: Ed. Sesc/N-1, 2014.

_____. Maurizio e NEGRI, Antônio. **Trabalho Imaterial: formas de vida e produção da subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LE CORBUSIER. **Urbanismo**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

LEFBVRE, Henri. **Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

_____. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LEPETIT, Bernard. **Por uma Nova História Urbana**. São Paulo: Ed. Edusp, 2001.

LEVI, Primo. **Os Afogados e os Sobreviventes**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.

_____. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **A Cidade Sitiada**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998.

_____. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2009.

LOVECRAFT, H.G. **A Tumba**. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2014.

LUDD, Ned. **Apocalipse Motorizado**. Rio de Janeiro: Ed. Baderna, 2010.

LUHMANN, Niklas. **A Realidade dos Meios de Comunicação**. São Paulo: Ed. Paulus, 2005.

MACLUHAN, Marshal. *Understanding Media: The extensions of man*. Montreal: Ed. Sphere Books, 1964.

MARAZZI, Christian. **O lugar das Meias: A virada linguística da economia e seus efeitos sobre a política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ed. Edusp, 1974.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2011.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.

NEGRI, Antonio. **Para uma Definição Ontológica de Multidão**. Rio de Janeiro: Revista Lugar Comum, 2013, p. 15-26. <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120823Para%20uma%20defini%C3%A7%C3%A3o%20ontol%C3%B3gica%20da%20multid%C3%A3o%20-%20Antonio%20Negri.pdf> Acesso em 03 Mai 2015.

_____. **Rem Koolhaas: Junkspace e MetrÓpole Biopolítica**. Rio de Janeiro: Revista Global Brasil, set. 2014. <<http://uninomade.net/tenda/rem-koolhaas-junkspace-e-metropole-biopolitica/>> Acesso em 05 Mai 2015.

_____. **Cinco Lições sobre Império**. Rio de Janeiro: Ed. DPA, 2003.

_____. **De Volta**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. **Multidão: Guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro, Record, 2005.

_____. **Declaração: Isto Não é um Manifesto**. São Paulo: Ed. Sesc/N-1, 2014.

_____. **Bem Estar Comum**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2004.

_____. **Gaia Ciência**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2004.

_____. **Fragmentsos Finais**. Brasília: Ed. UNB, 2002.

_____. **Além do bem e do Mal**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2004.

_____. **O Anticristo**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2007.

OHNO, Kazuo. **Treino em Poemas**. São Paulo: Ed. N-1, 2016.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PARTSCH, Susanna. **KLEE**. Colônia: Ed. Taschen, 2007.

PELBART, Peter. **O Averso do Niilismo**. São Paulo: Ed. N-1, 2014.

_____. **Vida Capital**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2016.

_____. **A vida modo de usar**. São Paulo: Cia das letras, 2009.

PIGLIA, Ricardo. **O Último Leitor**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2006.

_____. **La Ciudad Ausente**. Buenos Aires: Ed. Debolsillo, 2013.

POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2003.

_____. **Melhores Contos de Edgar Allan Poe**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1984.

RENNER, Rolf Günter. **Edward Hopper**. Colônia: Ed. Taschen, 2003.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. São Paulo: Ed. Forense, 2011.

RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

ROCHA, Ana Luiza da e ECKERT, Cornélia. **Etnografia de Rua**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013.

ROGGERO, Gigi. **Teses Sobre o Comum**. Rio de Janeiro: Revista Lugar Comum, 2014, p. 11-30. <Cihhttp://uninomade.net/wp-content/files_mf/112508140126Cinco%20teses%20sobre%20o%20comum%20-%20Gigi%20Roggero.pdf>. Acesso em 15 mai 2015.

ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade?**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

RUFFATO, Luiz. **Eles Eram Muitos Cavalos**. São Paulo: Ed. Record, 2011.

RUFINONI, Priscila Rossinetti. **Oswaldo Goeldi: iluminação, ilustração**. São Paulo: Ed. Cosaic Naify, 2006.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Ed. Edusp, 2011.

_____. **Por uma Economia Política da Cidade**. São Paulo: Ed. Edusp, 2009.

_____. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Ed. Edusp, 2008.

SARLO, Beatriz. **La Ciudad Vista**. Buenos Ayres: Ed. Siglo Veintiuno, 2010.

_____. **Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Ed. Olympo, 2005.

_____. **Jorge Luis Borges, um escritor na periferia**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2008.

SAVATER, Fernando. **Lugares Mágicos**. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2013.

SCHWEBLIN, Samanta. **Pássaros na Boca**. São Paulo: Ed. Benvirá, 2012.

SENNET, Richard. **A Corrosão do Caráter: Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008.

SIMONDON, Gilbert. **La Individuación**. Buenos Aires: Ed. Cactus, 2014.

SLOTERDIJK, Peter. **A Mobilização Infinita**. Lisboa: Relógio d'água, 2002.

_____. **No mesmo barco**. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 1999.

_____. **Regras para o parque humano**. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2000.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

STALLYBRAS, Peter. **O casaco de Marx**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2016.

SWIFT, Jonathan. **As Viagens de Gulliver**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2003.

SZANIECKI, Barbara. **Outros Monstros Possíveis**. São Paulo: Ed. Annablume, 2014.

_____. **Estética da Multidão**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2007.

TAVARES, Gonçalo. **A Máquina de Joseph Walser**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1990.

VERÍSSIMO, Érico. **Noite**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2009.

VELHO, Otávio Guilherme. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1973.

VILA-MATAS. **Historia abreviada de la literatura portátil**. Avellaneda: Ed. Debolsillo, 2015.

VIRILIO, Paul. **Estética da Desaparição**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2015.

_____. **O Espaço Crítico**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008.

_____. **La inseguridad del territorio**. Buenos Aires: Ed. La Marca, 1999.

_____. **Velocidad y Política**. Buenos Aires: Ed. La Marca, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A Inconstância da Alma Selvagem**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2011.

_____. **Metafísicas Canibais**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2015.

_____. **Há Mundo Por Vir?** São Paulo: Ed. Cultura e Barbárie, 2015.

VIRNO, Paolo. **Gramática da Multidão**. São Paulo: Ed. Annablume, 2013.

_____. **Virtuosismo e revolução**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008.

WILLIAMS, Alex e SRNICEK, Nick. **Manifesto Aceleracionista**. Disponível no site: <<http://uninomade.net/tenda/manifesto-aceleracionista/>> Acesso: 21. Out 2016.

WILDE, Oscar. **Intenções: quatro ensaios sobre estética**. Lisboa: Ed. Cotovia, 2006.

ZORDAN, Paola. **Das Maneiras de Escrever uma Pesquisa**, p. 120. Artigo revista digital LAV – VOL. 7, n.2, p. 117-130. – mai./ago.2014. Disponível em: http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-.2.2/index.php/revislav/article/view/15109/pdf_1. Acesso em 05 jun 2015.

_____. **A' CORDA**. In: Wagner Ferraz. (Org.). Experimentações performáticas. Porto Alegre: INDEPin, 2014b, p. 38-53.

_____. Virgem vulva Mãe. Mito e Figura. In: 24º Encontro da Associação Nacional de Pesquisa em Artes Plásticas. Compartilhamentos, redes e conexões. Santa Maria, 2015. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2015/comites/cpa/paola_zordan.pdf>. Acesso em: 20.10.2016

Filmografia

A GRANDE Beleza. Direção: Paolo Sorrentino. Produção Indigo Film, Medusa Film, Babe Film, Pathé e France 2 Cinéma, Itália/França, cor, duração 142 min, 2013. Título original: La Grande Bellezza

ASAS do desejo. Direção: Wim Wenders, Coprodução franco-alemã da Road Movies de Berlim e Argos Films, Paris, p&b/cor, duração 127 min, 1987. Título original: Der Himmel über Berlin

DESERTO vermelho. Direção: Michelângelo Antonioni, produção Rizzoli (USA) Roma, cor, duração 120 min, 1964. Título original: Il Derserto Rosso.

GERRY. Direção: Gus Van Sant, produção New Way, Los Angeles, cor, duração 96 min, 2002.

NOITE e Neblina. Direção: Alain Resnais, produção Argos Films, Paris, p&b, duração 0h32min, 1955. Título original: Nuit et Brouillard.

RELATOS Selvagens. Direção: Damián Szifron, produção Warner Bros, Los Angeles, cor, 122 duração , 2014. Título original: Relatos Salvajes.

STALKER. Direção: Andrei Tarkovski, produção Mosfilm, Moscou, União Soviética/Alemanha Oriental, p&b/cor, duração 163 min, 1979.

TAXI driver. Direção: Martin Scorsese, produção Columbia Pictures, Culver City, cor, duração 113 min, 1976.

WEEKEND à Française. Direção: Jean-Luc Godard, produção Argos Films, Paris, cor, duração 105 min, 1967.